1955

JUNHO - N.457

EU SEI TUDO

7 CRUZEIROS



VERDADE SÔBRE O HIPNOTISMO ★ SE MISS
RASIL DESPERTASSE EM 101.955 ★ DISTRAIA-SE COM
SEU CÉRÉBRO ★ EINSTEIN DEIXOU TESTAMENTO

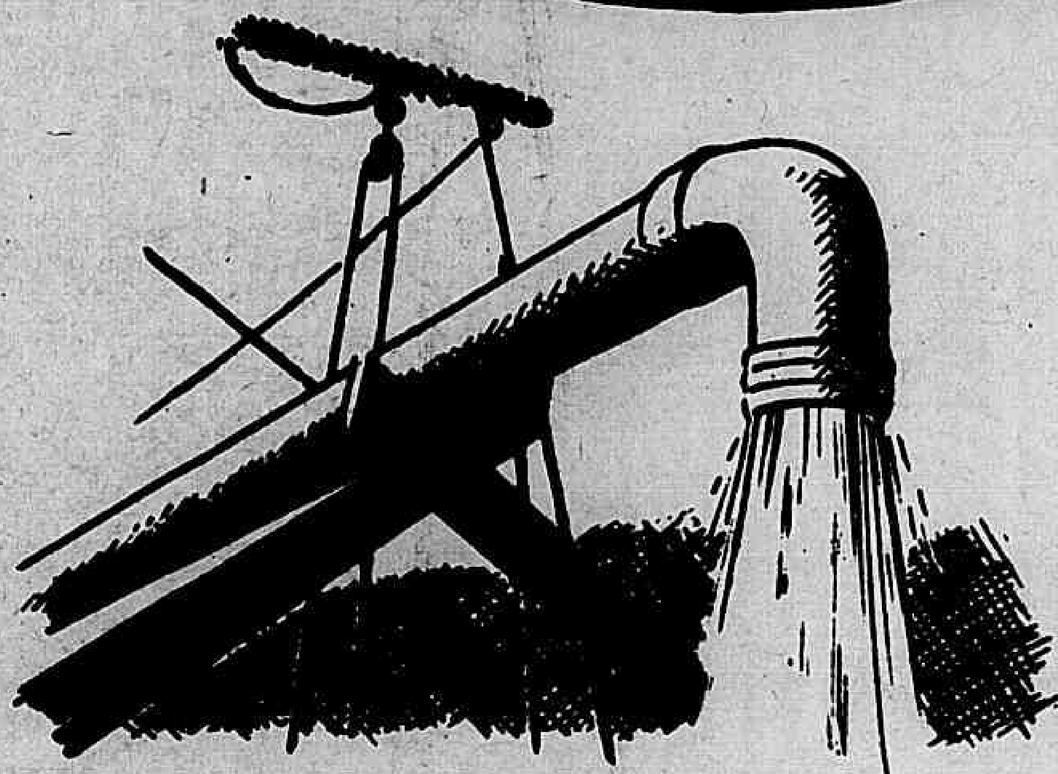




INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46-48 - SETE DE SETEMBRO 199-201

Perfuração de poços
Sondagens geológicas e geofísicas
Bombas-Sondas

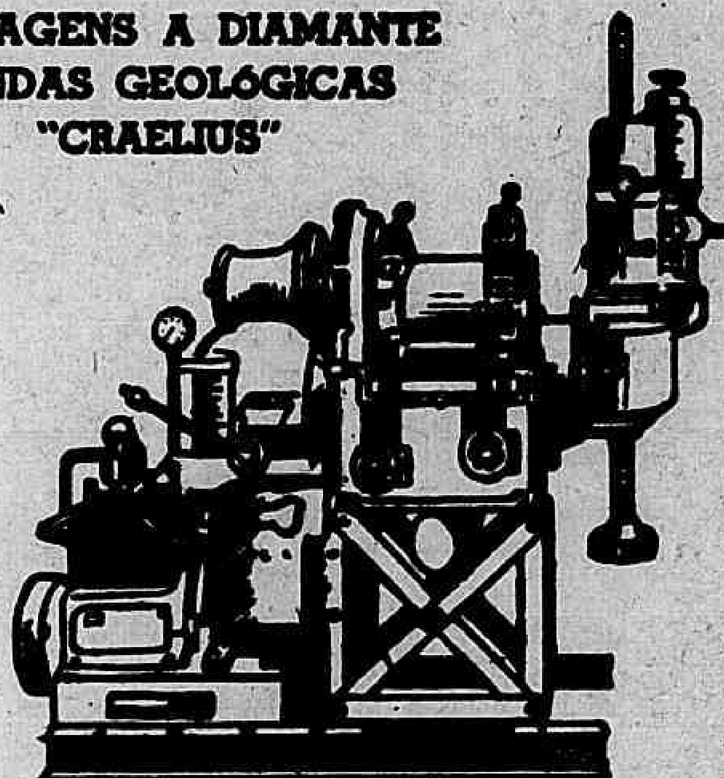
AS MELHORES MÁQUINAS E OS MELHORES SERVIÇOS!



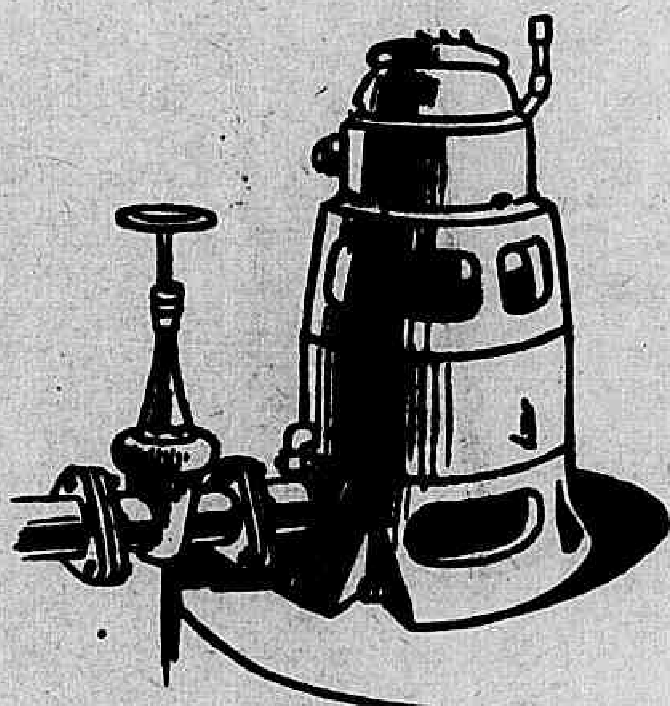
ÁGUA CRISTALINA E ABUNDANTE

Utilizando o moderno método «CRAELIUS», realizamos aberturas de poços profundos para captação de água do sub-solo. Nossa equipe de técnicos, que já perfurou numerosos poços em todo o Brasil, está à disposição de Prefeituras, Hospitais, Escolas, Quartéis, Fábricas, Usinas, Hotéis e particulares.

SONDAGENS A DIAMANTE SONDAS GEOLÓGICAS "CRAELIUS"



Contratos para sondagens rotativas na pesquisa de minérios e em todos os ramos da engenharia. Dispomos de diversos tipos das melhores sondas, projetadas e fabricadas pela «SVENSKA DIAMANTBERGBORRINGS AB», de Estocolmo, Suécia.



BOMBAS PARA POÇOS PROFUNDOS

Para entrega imediata, possuímos em estoque diversos tipos de Bombas para uso em poços profundos, com capacidades diversas.

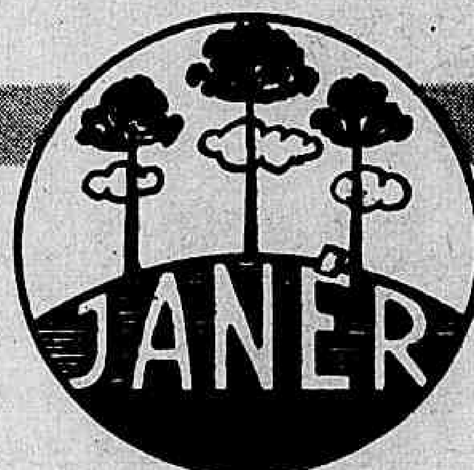


PESQUISAS GEOFÍSICAS

Pesquisas sísmicas para determinação da profundidade até a rocha firme no planejamento de Usinas Hidrelétricas (barragens, túneis e canais).

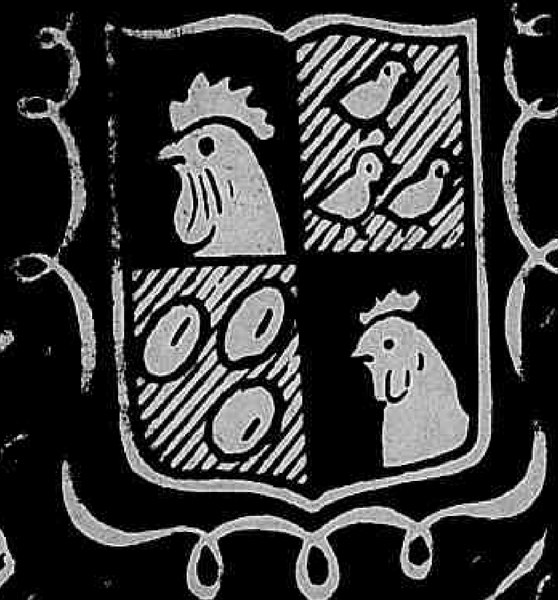
CIA. T. JANÉR

COMÉRCIO E INDÚSTRIA
SEÇÃO DE ENGENHARIA
Av. Rio Branco, 85 — 11º — Caixa Postal, 960 — Tel. 23-5931 — Rio



Escreva-nos ou dirija-se a um dos nossos endereços. Forneceremos informes detalhados e lhe ajudaremos a solucionar seus problemas.

São Paulo	Santos	Recife	Curitiba	Belo Horizonte	Pôrto Alegre	Belém
Av. Anhangabaú, 96-11º — C. Postal, 3593 Telefone 37-1571	R. Martim Afonso, 34 Telefone 2-8793	Av. Barbosa Lima, 149-2º — Caixa Postal, 328 Telefone 9541	R. Tibagi, 380/384 Caixa Postal, 868 Telefone 4546	R. Caetés, 1042/1054 Caixa Postal, 615 Telefone 2-0976	R. Ramiro Barcelos, 116/120 — C. P. 1490 Telefone 8415	Ed. Aliança do Pará R. Sto. Antônio, 103 C. P. 479 — Tel. 4353



GRANJA GUANABARA

INSPECIONADA PELA DEFESA SANITARIA ANIMAL DO MIN. DA AGRIC.
RECOMENDADA PELA SECRET. DA AGRIC. DO E. DO RIO
FORNECEDORA DA SECRET. DA AGRIC. DA PREFEITURA DO D. F.

CRIADORES DE

"NEW HAMPSHIRE" A RAÇA PRODÍGIO
«PLYMOUTH ROCK BARRED»
«LIGHT SUSSEX» (INGLÊSA)
«LEGHORN» (HANSON'S E KAUDER'S)
PERÚS GIGANTE "BROAD-BRESTED-BRONZE"

VENDEMOS

PINTOS de 1 DIA a Cr$ 8,00
GARANTIDAMENTE SADIOS, VIGOROSOS E PRECOCES

OVOS DE INCUBAÇÃO	dz Cr$. 45,00
FRANGUINHAS DE 8 SEMANAS	a " 40,00
" " 12 "	a " 60,00
FRANGAS EM INÍCIO POSTURA	a " 100,00

REMETEMOS pintos e ovos via aérea.
Descontos para quantidades.

CONSULTE-NOS sôbre seus problemas avícolas com prazer lhe daremos a n/solução; suas perguntas não nos incomodarão.



SÃO BENTO
ESTR. RIO PETROPOLIS • ESCRITÓRIO: RIO - R. ROSARIO 68 [illegible] TEL. [illegible]99



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: — L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em São Paulo: — Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 7,00. Número atrasado — Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

HOLOCAUSTO

Conto de
NORMAN DAVIS



UM leão magro roía um osso. Perdera sua fereza das selvas, e não parecia sentir o menor desejo de comer a loura cabeça de mme. Joram, que, centenas de vêzes, ante a estupefação do público, a introduzira em sua bocarra. Estava domesticado; o animal sabia isso muito bem e resignava-se a aceitar a vida como o obrigavam a levá-la.

Com a fera amestrada fazia singular contraste "A Bela Susana", que era a rainha do picadeiro, famosa por suas proezas eqüestres. A formosa artista, muito moça ainda, mantinha-se sempre de bom-humor, embora isso, em geral, era a expensas de outras pessoas, principalmente Brown, "O Homem Forte", que dela se enamorara perdidamente, e da "Viúva Gorda", que sentia pela amazona um ódio não menos profundo.

Susana contava a seu favor com a mocidade e a beleza, e sabia de sobra tirar vantagens dessas qualidades. Um dia incitava o pobre Homem Forte, que quase desmaiava

O circo Bantam & Joram, em seu desfile de jaulas e carretas coloridas, cruzava o bairro de West Country

em sua presença e, no outro, nem sequer lhe concedia um olhar, preferindo sorrir enigmàticamente para o palhaço, figura sempre nova e divertida quando se achava na pista, mas que era o ser mais aborrecido e monótono na vida privada.

Bantam, o diretor, e Brown, O Homem Forte, fizeram irrupção na carreta onde Susana se achava sentada, fumando um cigarro aromático, com as pernas estiradas, em posição bem pouco acadêmica. Bantam parecia mal-humorado e batia intermitentemente nas botas de cano alto com um chicote..

— Trazemos más notícias — disse sem rodeios — A reputação de nossos espetáculos está prestes a afundar e tropeçaremos com grandes dificuldades, se não lograr evitar o temporal.

— Oh! — exclamou Susana com fingida gravidade. — Que aconteceu? Terá emagrecido a Viúva Gorda?

— Emagrecer? — exclamou Bantam. — Não há perigo! Continua gorda como uma vaca de exposição, embora nos custe uma fortuna alimentá-la. Mas realmente é um bom número. O público gosta de ver suas pernas e nunca deixa de rir, quando ela aparece com aquêle andar de foca. Não. Não se trata da Viúva Gorda... É o Homem Forte.



Brown, o Homem Forte, não parava de caminhar dentro do exíguo espaço da carreta, apalpando sem cessar os bíceps poderosos, como para ter a certeza de que continuavam em boa forma.

— Estou pensando que Brown conseguiu de você uma ajudazinha para outra proposta — disse, altivamente, a Rainha do Picadeiro. — Se é isso que se trata, perde seu tempo. Não quero casar... e já disse mais de cem vêzes. E se fôsse uma dessas mocinhas que desejam casar, trataria de procurar um príncipe ou um poeta... Um ser delicado, espiritual e não um homem que me quebrasse as costelas quando me abraçasse...

Bantam bateu mais uma vez com o chicote contra o cano da bota.

— Escute, Susana. Vamos deixar de falatório e falemos de negócio. Você sabe que o Homem Forte aceita qualquer um que o desafie para lutar, em tôdas as cidades onde nos exibimos. Até agora, Brown tem vencido quase com um só braço. Porém, nesta cidade, onde estaremos até o fim da semana, há um lutador, campeão profissional de boxe, chamado Vashem, uma espécie de búfalo humano, tão forte que teria deixado em ridículo o próprio Sansão, antes de lhe cortarem a cabeleira.

— E daí?

— Você não compreende — gritou Bantam — que se Vashem lutar com Brown a reputação de Homem Forte ficará perdida para sempre?

— Mas quem lhe disse que Vashem vai desafiar Brown?

— Soube, há menos de meia hora, por alguém que o conhece bem. "Dê meus cumprimentos ao Homem Forte — disse-me essa pessoa. — E diga-lhe que se alimente bem, porque, quando Vashem o tiver surrado, vai precisar de uma boa cama num hospital ou mesmo uma mesa no necrotério...

— Não há de ser assim tão terrível como o pintaram! — exclamou Susana. — Eu mesma, se não fôsse mulher, lutaria contra êle e o deixaria for: de combate.

A seguir, olhando fixamente para Brown, acrescentou:

— Eu derrotarei êsse Vashem sem trocar um só golpe. Vocês dois não passam de uns toleirões. Agora deixem-me... e falem com a Viúva Gorda.

Bantam se retirou, mastigando imprecações, porém o Homem Forte ficou ainda ali, parado e parecendo preocupado com os próprios músculos.

— Por que não foi com Bantam? Desejo ficar só — insistiu Susana.

— Ouvi, sim... — respondeu Brown, cujas faces se incendiaram. — Mas não posso. Eu a amo, Susana. Já tenho guardado um bom dinheirinho... e queria que você fôsse minha espôsa.

— Impossível, meu amigo. Completamente impossível. Além do mais você está parecendo apenas um homem forte... de



mentira, já que se assusta com um fanfarrão da espécie de Vashem.

— Talvez possa mesmo derrotá-lo — murmurou Brown. — Lutarei com êle!

— Você? Não tenho muita confiança. Melhor será deixá-lo para mim. Eu acabarei logo com êle.

— Você, Susana? Que quer dizer com isso?

— Não importa o que eu queira dizer. Aproxime-se...

O Homem Forte, atônito, fêz o que lhe era mandado.

— Beije-me, se quiser — disse Susana graciosamente. — Mas não quebre o meu pescoço.

O Homem Forte estendeu suas mãos enormes, segurando Susana pelos ombros e puxando-a para si. Então, com um gemido de satisfação, beijou os lábios carminados.

— Agora, deixe-me! — ordenou meigamente a amazona, sentindo as próprias faces quentes.

E o Homem Forte, com o fogo dos lábios de Susana em seus próprios lábios, saiu apressadamente do carroção, sentindo-se capaz de derrubar com um dedo a quantos Vashem aparecessem.

JÁ instaladas as lonas do circo, após o longo desfile ao som de ruidosas clarinadas, a Rainha da Pista começou a cuidar com arte especial do seu make-up. Depois de consultar uma última vez o espelho, aquêle velho espelho do carroção, que sempre lhe dizia que era bonita, saiu, descendo os poucos degraus carcomidos.

A Viúva Gorda, que estivera espreitando a saída de Susana por uma fenda da porta, abriu-a, então, completamente, para dar passagem ao seu corpo extraordinário.

Srta. Susana! — chamou. — Está muito bonita, hoje... É, mesmo, a mulher mais bonita que já vi!

— E você — replicou Susana — parece meia dúzia de mulheres gordas, amarradas juntas... Uma espécie de hipopótamo e elefante.

E antes de que a mulher gorda pudesse responder com a sua habitual série de ameaças e impropérios, deixou o acampamento, encaminhando-se ràpidamente para a rua principal. Pouco havia andado quando foi vista por um homem vestido com uma roupa de quadradinhos, indivíduo forte, alto, de pele vermelha e pescoço de touro. O desconhecido olhou muito interessado para Susana, desceu a aba do chapéu, corrigiu o nó da gravata espalhafatosa e piscou-lhe um ôlho. Porém, a Rainha do Picadeiro passou junto dêle, como se não o tivesse visto.

Sem saber por que, Susana teve a intuição de que aquêle homem não podia ser outro senão o próprio Vashem. Então, decidiu encurtar o passo e, ao atravessar a rua, deixou cair um raminho de violetas artificiais, com que enfeitara a blusa.

Era a armadilha. O homem de pescoço taurino, que não perdera de vista a silhueta encantadora, aproximou-se velozmente, apanhou as flores e correu atrás dela.

— A senhorita perdeu êste ramo — disse êle, logo que chegou ao seu lado, exibindo as flores.

Susana voltou-se e, sorrindo, agradeceu.

— Desculpe o incômodo que lhe causei — disse em seguida, depois de prender novamente o ramo no lugar próprio.

— Nada, nada... Não foi nenhum incômodo... A senhorita vai ao circo esta noite... se não é indiscrição?

— Sim — respondeu ela, voltando a sorrir. — Não tenho outro remédio, pois que faço parte da companhia.

— Ah! Quanto me alegro! Vou dar um pouco mais de vida a êsse circo, esta noite — acrescentou, mastigando um pedaço de fósforo. — Vou derrubar o Homem Forte e deixá-lo inutilizado até a próxima temporada. Êle diz que nunca foi vencido. Pois bem: esta noite cairá sob a fôrça dos meus punhos... ou não me chamo Vashem!

— Creio que o senhor não fará isso... se eu lhe pedir — disse Susana, oprimindo-lhe ligeiramente um braço e levantando para êle um olhar cheio de promessas.

Vashem ficou surpreendido com a resposta. Mas, ao cravar o olhar nos olhos da amazona, ficou subjugado pela meiga expressão e apenas pode balbuciar:

— Eu... Sim... É claro... Nem tudo, afinal, é lutar, neste mundo. Estou disposto a pôr um só dedo sôbre o Homem Forte, se a senhorita assim o deseja... desde que...

— Prometa-me que não o desafiará esta noite — interrompeu ansiosamente Susana.

— Mas...

— Prometa-me... e não se arrependerá.

— Está bem... Concordo, para esta noite. Mas, diga-me: O Homem Forte é muito seu amigo?

— Muito, não — mentiu Susana, com sua voz mais doce.

— Quer dizer... É apenas para não estragar as exibições que me pede êsse favor?

— Justamente.

Vashem pareceu visìvelmente aliviado, e imediatamente propôs.

— Então, não teria inconveniente em cear, esta noite, comigo, depois do espetáculo?

— Com o senhor?... Não... Ao contrário. Mas não vá buscar-se no acampamento. Estarei no "Town Hall" às onze em ponto.

— Sem falta?

— Sem falta.

E oferecendo-lhe a mão, ràpidamente, afastou-se.

VASHEM estava de bom-humor quando se instalou numa das cadeiras de pista, lançando grandes bocanadas de fumaça do seu charuto.

A serragem da pista emanava um cheiro acre de amoníaco, enquanto a alegre charanga, com honras de orquestra, deixava ouvir suas árias vivazes, entremeadas de algumas marteladas e rugidos de leões.

Bantam, o excelente anunciador, era todo sorrisos e exclamações. Tão depressa deixava escapar uma graçola como descarregava uma chicotada sôbre algum dos animais que corriam circularmente no picadeiro.

Sua maneira de elogiar aos artistas que apresentava ao "distinto público" era simplesmente inimitável. Com habilidade sem igual, levantava a mão, clareada com



farinha e deslumbrante pela coleção de jóias falsas que ostentava, detendo a música, quando algum artista arriscava a vida; sua atitude, nesses momentos, era tão dramática, que o público nem sequer respirava, esmagado pela emoção.

Prolongado aplauso marcou o aparecimento da Bela Suzana no picadeiro, e Vashem aplaudiu também com todo entusiasmo. Viu Susana de pé sôbre a garupa de dois cavalos, galopando em redor da pista, em grande velocidade. Viu quando ela saltou, através de um arco, para cair com simplicidade assombrosa sôbre outro animal, correndo em sentido contrário. Parecia nada haver, em matéria de equitação, que ela não fizesse com elegância e facilidade. Vashem se pavoneou de orgulho, observando sua esplêndida silhueta, vendo-a vestida com a malha justa e um saiote ligeiro, que deixava em exposição a perfeição de sua escultórica figura.

Quando menos se esperava, o empresário levantou a mão direita e a charanga emudeceu. A Bela Susana — segundo anunciou — ia realizar a prova mais arriscada que qualquer artista jamais ousara executar. Depois de balançar-se violentamente sôbre os três trapézios, pendurados do teto, executaria um duplo salto mortal e, velozmente, cairia sôbre um cavalo correndo como um trem expresso. Sim, era inacreditável! Parém, a Bela Susana realizaria o milagre!

Vashem conteve a respiração, tanto quanto os demais espectadores. Mas não fechou os olhos, como muitos fizeram. Ao contrário, abriu-os mais ainda para ver a gentil figurinha saltando de um trapézio para outro, com as pernas juntas, perseguida pelas luzes fortes dos faróis multicores. Ao chegar ao terceiro trapézio, gritou desesperadamente, como se fôsse atacada de loucura, a ponto de todos os espectadores acreditarem que o coração se lhes saltava pela bôca. Certamente falhara alguma coisa e não era possível evitar um terrível acidente. Vashem se ergueu a meio, tremendo dos pés à cabeça, quando a Bela Susana largou a barra do trapézio. Viu uma espécie de bôlsa de carne girar vertiginosamente no espaço e, um segundo depois, a formosa trapezista caía sôbre a garupa de um cavalo, que corria cadenciadamente, para depois inclinar-se graciosamente numa reverência e brindando o público com um beijo lançado com a ponta dos dedos.

Vashem caiu no banco tão emocionado que não participou da ovação clamorosa que o público tributou à intrépida e linda criatura. Tratou de enxugar o suor que lhe cobria a fronte, dizendo entre dentes:

— Arre! Isto sim, é coragem! Aí está uma mulherzinha que daria uma boa companheira para mim!

Minutos depois rugiu no picadeiro o Homem Forte. Sua indumentária se reduzia a uma malha e a uma pele de tigre, pele legítima e que outrora pertencera a um dos tigres da coleção de feras do Circo Bantam e Joram. Os braços e as pernas do Homem Forte eram uma sucessão de músculos nodosos. Lançava ao ar balas de canhão, como se fôssem caramelos e as recebia nos poderosos antebraços. Fazia passar sôbre o próprio abdome a Viúva Gorda, sentada num carrinho de mão, sem que em seu rosto se percebesse outra coisa senão regozijo. Levantava pesos colossais, que esburacavam o chão ao cair. Sôbre uma mesa foi colocado um barril e sôbre êste sentaram-se quatro funcionários do circo, com as pernas cruzadas. Numa extremidade da mesa foi atada uma correia e, agachando-se, o Homem Forte tomou a correia com os dentes, levantou o barril e o balançou de um lado para outro, sem perder um só dente e sem parecer fazer qualquer esfôrço.

Logo a seguir o empresário, com o olhar nervosamente espreitando Vashem, anunciou que o "Homem Forte" estava disposto a trocar socos com qualquer espectador que desejasse enfrentá-lo.

Logo subiram gritos de **"Vamos, Vashem! Chegou a hora, Vashem! Dez contra um, em Vashem!"**

O Homem Forte cruzara os braços sôbre o peito peludo e parecia não estar impressionado, embora quem o visse de perto notasse que êsse esfôrço por manter-se calmo custava ao artista uma respiração ofegante e abundante suor, além dos olhares rápidos e nervosos que atirava a Vashem.

Continua no fim da revista)

A INSPIRAÇÃO CONTRA A FRONTEIRA PASSIONALISTA

RESOLVE O ESTILO TÔDAS AS ANSIEDADES DO ESCRITOR?

Por DE MATTOS PINTO

AS gerações nascentes se julgam mais aptas a eliminar os obstáculos e a satisfazer os imperativos da época, melhor do que os seus precursores. E avançam ousadamente contra a fronteira passionalista, até que esbarram na muralha das palavras.

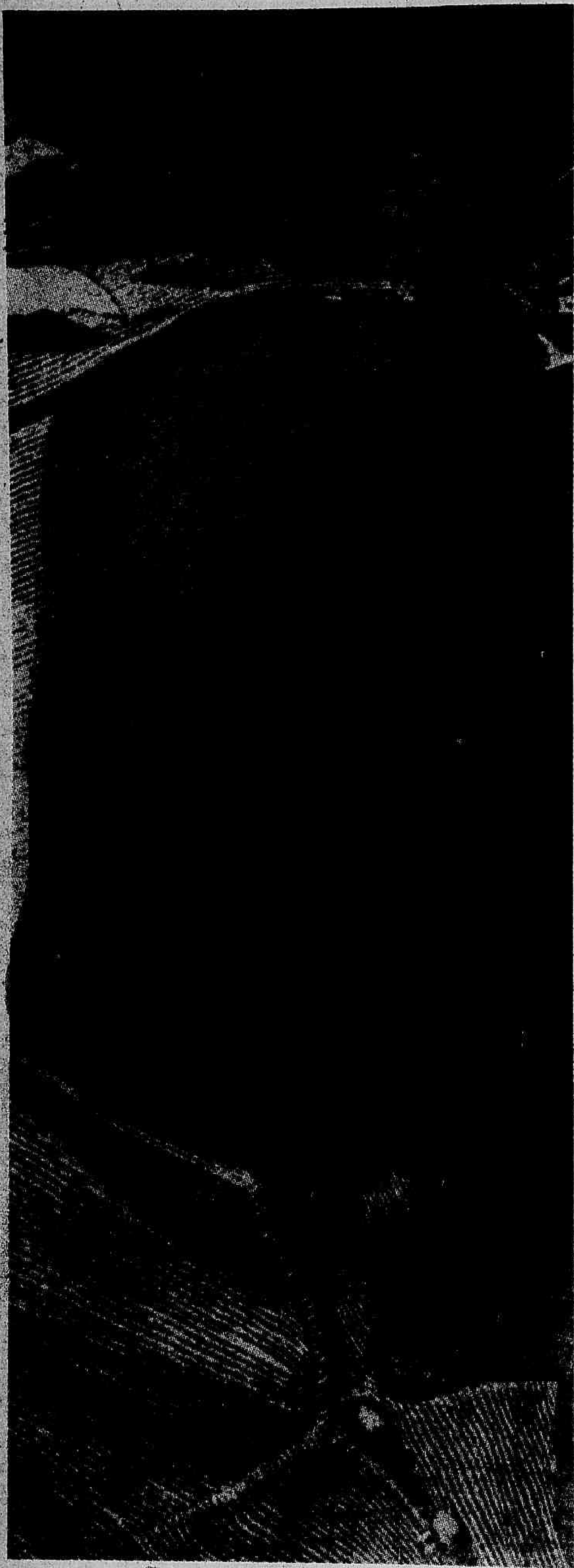
Formulam doutrinas e semeiam mensagens para chegar a algumas verdades essenciais. E salta o traiçoeiro problema de saber se o estilo resolve tôdas as ansiedades do escritor, se o sortilégio da inspiração depende mais do material linguístico, ou se alguma coisa mais obscura e inconsciente provoca as crises literárias. Mais do que qualquer outro ciclo de civilização, o século XX passará a ser a era da fusão das culturas, cujo ideal busca a unidade do espírito no tempo, sem a qual a sociedade se transvia nas encruzilhadas doutrinárias e as opiniões refluem umas sôbre as outras sem iluminar nenhum objetivo.

Sumiram-se os clássicos e os românticos gritaram seu alvorôço, para logo lançarem-se os naturalistas na sua fúria de fotografar a visibilidade das coisas e os simbolistas a impugnarem as aparências do realismo.

Os parnasianos empenharam-se na guerra entre a idéia e a forma, até que os surrealistas soltaram também seu brado de revolta. E, agora, os essencialistas e os apóstolos do



Johann Wolfgang von Goethe, o maior poeta germânico, cuja obra superou o choque entre o classicismo e o romantismo. Amou a ciência e a arte com igual paixão, a antigüidade clássica e as ciências naturais, encarnando o espírito da universalidade humana na Alemanha. (Retrato de Goethe, aos trinta anos, por J. H. Lips, em 1779.)



Admiramos em Dante Alighieri não o seu estilo sintético e a sua fidelidade gramatical, mas, sim, a maneira de pensar as emoções, determinando o estilo de sua mentalidade.

existencialismo ocupam o cenário da literatura no afã de interpretar a universalidade da vida.

MILHARES DE PALAVRAS E A UNIDADE DO ESPÍRITO — Os trabalhos filológicos sôbre a língua dos povos revelaram um mundo infinito de psicologia, expondo-nos como, apesar das variedades dos idiomas, a beleza persiste através dos dicionários e das gramáticas. Que restaria da arte literária, se a obra do escritor dependesse da sua roupagem verbal, limitada a uma fronteira racial? Cada povo produziria seu ideal artístico e cada arte exigiria uma língua particular, de onde jamais poderia se evadir para se comunicar com outras raças. Em vez da ampla compreensão universal, o homem não passaria de um prisioneiro do idioma e a palavra destruiria o entendimento da criatura pela criatura.

O espírito humano, costumava lembrar Francis Bacon, uma vez familiarizado com certas concepções que lhe agradam e lisonjeiam seus preconceitos, obstina-se em recusar os fatos que contradizem suas idéias prediletas. A maioria da humanidade ainda não alcançou a altitude mental, onde a inteligência compreende sem se deformar e necessita sempre das fórmulas amáveis, dos métodos suasórios e de lenta sugestão.

Se o indivíduo forjasse qualquer estilo conforme sua ociosa fantasia, a criação artificial e mecânica da expressão literária manipularia tôdas as famílias de escritores. Nada mais falso e hoje já se fala na química da imaginação, numa barreira neurológica íntima, que obsta a padronização das imagens por tôdas as pessoas. E os analistas pretendem explicar o trabalho mental pela fisiologia, identificando os parnasianos e os simbolistas como tipos essencialmente antípodas de personalidades nervosas. E demonstrou-se ainda mais, que a língua não se forma arbitràriamente, que os vocábulos vivem como os sêres e se transformam, emigram de fronteiras raciais e imigram de climas literários, conservam-se nacionais ou passam a internacionais. Mas os transmudamentos não apagam a essência do homem, no que o mesmo oculta de mais sensível e perdura através das formas. A sobrevivência do pensamento

de uma raça entre as variações do estilo, liberta-nos para a admiração das literaturas transmitidas com os recuos e avanços do tempo. Erasmo de Rotterdam observou no princípio do século XVI, que a escrita grega de Bizâncio continha alterações no valor primitivo da língua. Erasmo enriqueceu a observação com documentos históricos, propôs uma pronúncia do grego que deveria ter sido aquela dos antigos e na qual cada letra possuía um som próprio. Sendo de fácil ensino, a proposta entrou nas escolas. Mas a pronúncia se modificou ainda, cada povo alterando os sons estranhos e dando às letras gregas um valor análogo às letras do alfabeto nacional. Verifica-se, assim, que numa mesma língua, os vocábulos variam de povo para povo, de acôrdo com a sua estrutura racial. Ninguém dirá, porém, que a literatura grega se transforme de nacionalidade para nacionalidade, através das traduções.

Há nas obras literárias qualquer coisa de espiritual, que não muda com as nações e não se deforma com os idiomas, um fator artístico que se conserva imutável e que imprime para a eternidade do tempo, a suprema beleza das criações da arte. As divergências entre o pensamento e a expressão verbal encontrou seu analista em Voltaire, no axioma onde acusa o adjetivo de ser inimigo do substantivo. Sentiu Arthur Schopenhauer que não se molda a língua com artifícios e que o homem não saberia alterar o idioma sem modificar a estrutura do próprio espírito. Milhões de palavras traduzem, em centenas de idiomas exóticos, a identidade da espécie humana, sob a máscara das culturas primitivas e das civilizações refinadas.

Reconhece Edward Wagenknecht ser muito complicada a relação entre a arte e a vida para ser expressa numa só fórmula. Cada poeta e cada romancista utiliza a energia transfiguratória da palavra para modernizar a sua obra dentro da transitoriedade da sua geração.

A EBULIÇÃO SOCIAL FERMENTA AS INQUIETAÇÕES ESTILÍSTICAS — A inércia do pensamento interfere nas mudanças sociais, retarda as inovações estéticas e transtorna a substituição dos arcaísmos escolásticos, que congestionam o tráfego das opiniões. Para Arthur Schopenhauer, a personalidade do grande homem como Thomas Carlyle e como Friedrich Nietzsche expressam produto autônomo,



François-René Chateaubriand, um dos maiores estilistas da literatura, cujo sortilégio verbal ainda encanta o mundo. Dotado de uma imaginação rica em imagens e fértil em situações romanescas, sobrepôs o sonho às prosaicas realidades. Cultivou a fantasia e exaltou, numa linguagem colorida, tôdas as formas da beleza. (Busto de Chateaubriand, da autoria do escultor Laudowski.)

que não se explica pela hereditariedade, nem pelo meio.

Hippolyte Taine, Herbert Spencer e Grant Allem entreviam como principal fator das supremas inteligências, a raça e certas condições exteriores. Por outro



frase do século XVIII reflete a alma, a vida e a evolução dos hábitos da França, traduzindo o entusiasmo da inteligência, que se expande na vanguarda dos costumes.

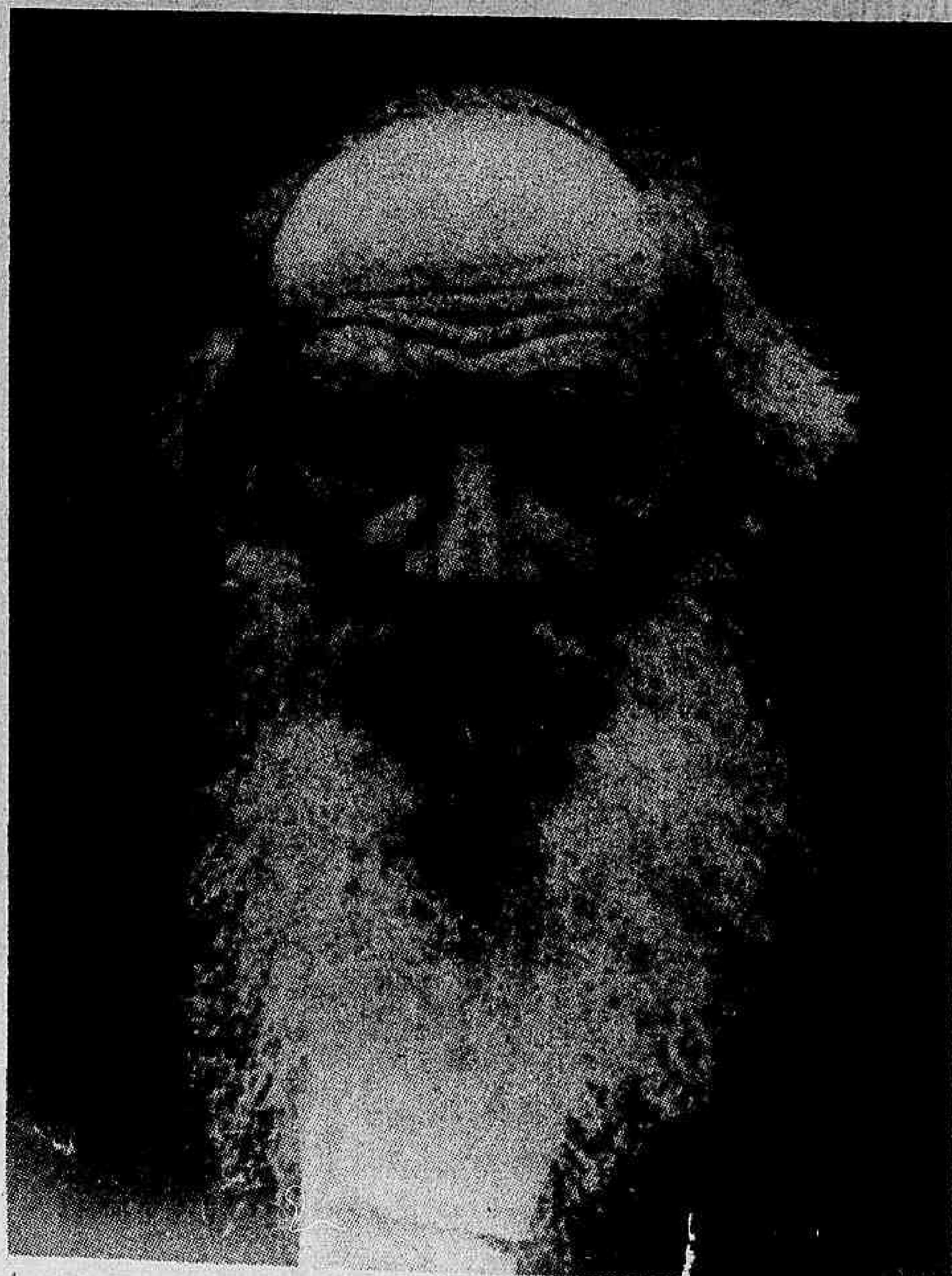
Na época da Enciclopédia, Gustave Lanson divisa a expressão literária francesa resumida na frase, que purifica quase em idéia e cuja síntese se reveste de notável limpidez. Assim, com Montesquieu e Voltaire impera nova graça literária, que não podemos qualificar de ática, nem florentina, graça menos plástica e menos severa, mais complexa e original. Os fatôres sociais dirigiam o curso da vida literária e a frase amoldava-se à ânsia de raciocinar ferinamente. Durante o regime do terror revolucionário, a literatura recebeu o assédio da eloqüência popular, irrequieta e violenta nos seus objetivos imediatos.

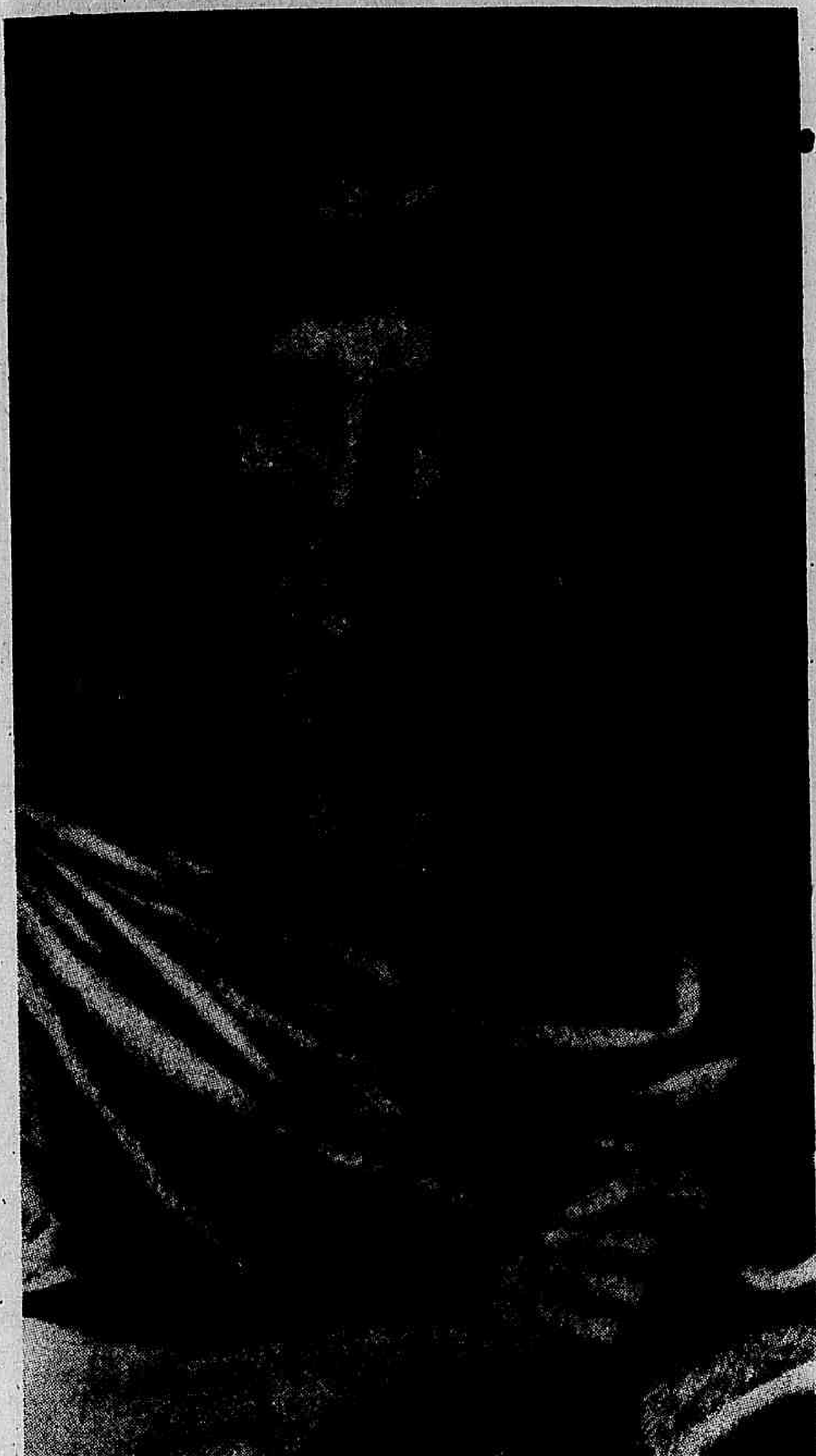
Exigia a igualdade social, que a frase pulsasse fora das conveniências, que o vocábulo vibrasse livre e irreverente como a época reformadora. Georges Cabanis desenhou o panorama intelectual, recordando ocmo o povo se insubordinava contra

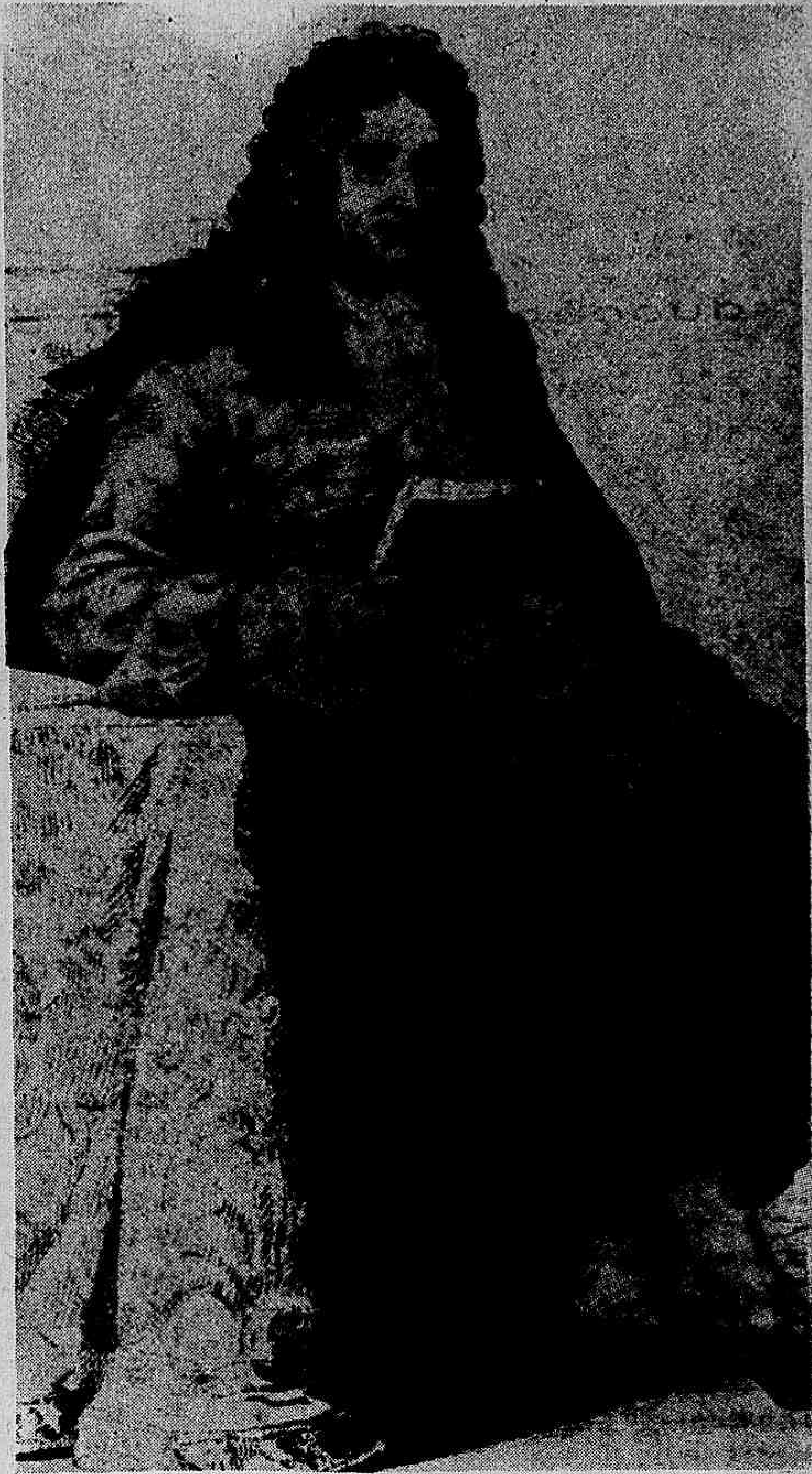
Quando assistimos o gôsto volúvel e informe do povo apreciar simultâneamente o idealismo ciclópico de Tolstói (em baixo) e o populismo de Charles Dickens (ao alto), compreendemos como êsses escritores, tão divergentes entre si, apaixonam a vibratilidade das massas

lado, Kolfgang Goethe entendia que o espírito de família se resume num dos seus membros e o gênio da nacionalidade se harmoniza numa das suas figuras, ou em alguns dos seus indivíduos. A época de Luís XIV em que viveram Pierre Corneille, Jean Racine e Jean-Poquelin Molière, retrocede-nos ao século do imperador romano Augusto, sob cuja expansão imperial floresceram Vergílio, Horácio e Ovídio. E para Goethe, Luís XIV e Voltaire encarnam o rei e o escritor francês por excelência. Que impõe êsses homens à admiração do futuro? Na aparência, o prestígio vem da forma como expressaram seus pensamentos. Porém, só na aparência, pois o estilo não se resume na perfeita expressão literária e sim no dom de sugerir a emoção.

Interrogam alguns doutrinadores, se em cada século prevalece uma forma idiomática particular. Para Gustave Lanson, a







A época de Luís XIV, em que viveram Jean Racine (à direita) e Jean-Poquelin Molière (à esquerda), retrocede-nos ao século do imperador romano Augusto, sob cuja imperial expansão floresceram os grandes escritores e poetas latinos Vergílio, Horácio e Ovídio.

a língua polida dos salões. A plebe descobrira um idioma próprio, enquanto a inspiração crepitava insolente e ardente através da poesia e do panfleto. Georges Cabanis dá relêvo essencial à literatura revolucionária, romântica e realística, como sintomas de um estado de espírito social.

As frases da história literária, subdividida pela filosofia da crítica, representam pontos de referência na agitação do pensamento circulando numa sociedade instável. A ebulição social fermenta as novas inquietações estéticas, cabendo aos escritores potentes forjar os novos tipos de linguagem. Diluíra-se com a Revolução Francesa a era do mundanismo literário, quando os salões monopolizavam os escritores e as damas aristocráticas animavam as reputações. As formas arcaicas fraturavam-se sob o pêso de outras preocupações. Através das revoltas sociais, artistas ortodoxos e heresiarcas marcham lado a lado, muitas vêzes sem notar que seus mundos se distanciam no tempo e deslocam-se no espírito.

Variam os estilos e com o mesmo a latitude da harmonia. E quando morre a efervescência, podemos admirar La Mothe Fenelon sem prescrever Montaigne, amar Molière sem excluir La Rochefoucauld. Voltaire sugere todo um século caracterìsticamente grande e belo, sem ofuscar as anunciações reivindicadoras de Jean-Jac-



Daniel Defoe se imortalizou no romance unindo o realismo e a ficção no personagem "Robinson Crusoé", uma pintura insuperável do caráter humano na solidão da natureza. O escritor inglês viveu uma existência atribulada, revelando indômita energia na luta pelas suas convicções. (Daniel Defoe baseado numa descrição da sua figura em 1703.)

ques Rousseau. E tôda a arte consiste no milagre de saber sugerir a heterogeneidade da vida, quando o criador escreve por fantasia, mas para evocar em outrém reminiscências e sentimentos diversos.

Quando assistimos o gôsto volúvel e informe do povo, apreciar simultâneamente o romantismo fluvial de Victor Hugo, as aventuras esgrimísticas de Alexandre Dumas, a irreverência de Alphonse Daudet, a sentimentalidade de Alphonse de Lamartine, as idealizações ciclópicas de Lyev Tolstói e o populismo de Charles Dickens, logo compreendemos como êsses escritores tão divergentes entre si, apaixonam a vibratilidade das massas populares. Todos se utilizaram da emoção para seduzir o povo, cada um preferindo o ângulo distinto da sua individualidade. A palavra semeia o sortilégio emocional, mas, realmente, não pensamos com palavras e com com símbolos. O pensamento respira sensação e idéia, lógica e intuição, dependendo a intensidade da tradução verbal da qualidade interior do artista.

O tempo arma traições aos escritores verbalistas, cuja única energia se forja nas fluorescências idiomáticas, no sortilégio das estilizações culturalistas. Tôda vez que floresce um estilo novo, estua por trás da muralha das palavras um fermento social, que estimula e seleciona os vocábulos. Só uma vitalidade mais resistente do que a textura estilística, explica a atração espiritual de figuras tão antípodas como John Milton e Daniel Defoe, tão distanciadas como François Chateaubriand e Paul Borget, falando a épocas estranhas entre si, a ouvintes espirituais preocupados com ainda mais estranhos problemas. A poluição das existencialidades por teorismos incontroláveis desloca a inspiração da sua vitalidade sadia.



Jean-Paul Sartre, renovador da doutrina existencialista, cujas fontes de inspiração remontam aos filósofos Husserl e Heidegger, Bergson e Kierkegaard. Renova o existencialismo literário, interpretando as coincidências psicológicas e fisiológicas da vida, as ansiedades do espírito e do corpo, as torturas da hora que passa, valorizando a existência pela própria existência. Na opinião abalizada de Jean-Paul Sartre, o existencialismo representa um novo Humanismo.

As escolas literárias exaurem-se pelo excesso de teorizadores sôbre poetas e romancistas, dramaturgos e líricos, impotentes em traduzir em obras de arte as exigências dos formulários.

ANTIGOS E MODERNOS NAS TRAIÇÕES DO TEMPO — A tendência de muitos romancistas em confundir a literatura com a vida e de supor que nada mais há além do estilo, limita o poder criador. Sempre que evocamos o destino, sentimos a impossibilidade de defini-lo, pois iríamos fixar a instabilidade da sua natureza e uniformizar seus variáveis aspectos, petrificando sua perpétua ondulação. Se falarmos no domínio imponderável das emoções, onde circulam os instáveis sentimentos, outra não deverá ser a nossa intuição. O universo da afetividade, o mais sortilégico dos mundos desconhecidos, renasce sempre jovem e inédito para as gerações. Meditando nisso, Hippolyte Taine prevenia como os homens só compreendem as paixões que sentem. Descobriu Arthur Schopenhauer que tôda idéia cessa de viver para nosso espírito, quando começa a existir para os outros. Também refletindo sôbre as inquietações psicológicas, Alfred Musset falava na imortal renascença da dor através dos transeuntes humanos.

André Rousseaux empresta à obras literárias climas diversos, despertando belezas improvisadas em almas contraditórias. O sortilégio renovador do sentimento, inexgotável nas suas fontes de inspiração, garante a perpetuidade da beleza e do gênio, aos assaltos inconoclásticos dos teorismos.

Já havia denunciado Laurent Pichat as idéias sectaristas do seu tempo, onde nenhuma doutrina dispunha de solidez e onde se abandonava o domínio dos fatos para se elevar às regiões superiores e depois se questionava pela futilidade das fórmulas. O milagre de William Shakespeare baseia-se no simbolismo das paixões identificadas num personagem, despojando-o das roupagens mitológicas da sua época e conservando-lhe os atributos da carne. Enriqueceu as criações da sua tragédia com um flexível estilo e com uma desordem natural, que evoca o ritmo da vida. Como uma aparição mágica, William Shakespeare encarnou a beleza no seio do tumulto, sem jamais haver fugido do ambiente humano. Figurou tôdas as tempestades passionalistas, sem recorrer à cenografia dos sistemas literários.

A arte dissocia-se do humano, quando formula valores puramente culturalistas, oriundos das montanhas da erudição. Nada mais excelente que cada tempo possa estimular as gerações futuras com algo de originalidade. Porém, se o movimento renovador não traz consigo o hausto inventivo e a radiação da inteligência criadora, projetando-se além das fronteiras dos acampamentos estéticos, não há prodígio de exotismo que valorize as suas investidas. A arte que existe à fôrça de extravagâncias, a literatura que vive de prestidigitações verbais e a originalidade que se nutre nos malabarismos da oratória, eis os sintomas da fraqueza de uma época. A nova literatura se encontra em face de um período histórico, repleto de especulações, onde cada dia a realidade se transforma de sentido e confunde as filosofias.

Confessava Ferdinand Brunetière que o artista precisa partir da realidade, pois a mesma contém o próprio fundo das cousas, o estôfo das obras de arte e de imaginação. Outrora, Catulle Mendés enunciou palavras desoladoras sôbre a impossibilidade de renovamento espiritual, que periòdicamente arrebata o mundo. Evocou o furioso desejo de novidade que nos flagela e a sua vã tortura, prisioneiros dos recomeços e das ressurreições cíclicas. Não sòmente a natureza física obedece ao retôrno estrito e previsto das estações, mas o artista escraviza-se aos sonhos refeitos. Ameaçou-nos com a interdição do desconhecido e com o fantasma das periódicas renascenças. Há uma batalha cíclica de todos os escritores contra a rotina dos vícios e dos heroísmos em que o artista tenta se evadir da insipidez fatal do destino. Os mais altos espíritos investem contra a padronização essencial da humanidade. Admiramos em Dante Alighieri e John Milton, em Jules Michelet e Denis Diderot, em Voltaire e Blaise Pascal, não o seu estilo sintático e a sua fidelidade gramatical, mas, sim, a sua maneira de pensar as emoções, determinando o estilo da sua mentalidade. Advertia-nos

Ludwig Benloew que a raça humana nem por ser una e múltipla, com a diversidade de clima e de solo, de condições sociais e étnicas, deixa de apresentar em qualquer parte as mesmas paixões e os mesmos talentos.

Eis porque a verdadeira arte não se exila na raça e invade a humanidade inteira. Só há um estilo que define o grande pintor como Eugène Delacroix e Peter Rubens, o grande romancista como Honoré de Balzac e Marcel Proust, o grande filósofo como Plotino e como Henri Bergson, o sortilégio interior e sua inspiração. Só escapa das traições do tempo quem subordina a palavra ao espírito. As novas gerações dispõem-se a refugar todos os teorismos marginais, cuja tirania mitonistas humilha a vida e a gloriosa sensação de viver.

A IMUTABILIDADE DA NATUREZA HUMANA PROVOCA AS CRISES DA LITERATURA — A viagem de uma doutrina entre os temperamentos literários de uma geração, uns radiosos de sonho e outros crepusculares de despeitos, articula todo um drama psicológico e social.

Quando marcha uma nova teorização estética, na poesia e no drama, os ambiciosos da literatura se atropelam mùtuamente para chegar primeiro ao novo veio aurífero. Pilham-se as reputações mortas e saqueiam-se as notoriedades vigentes, na conquista de um lugar ao sol na nova escola literária. Parnasianos e simbolistas odiaram-se com a mesma fúria com que agora se danificam surrealistas e existencialistas. Periòdicamente, a antropofagia teorizante devora as glórias consagradas e instaura novos tipos de fama. Depois de fermentar os escritores, os modelos acabam por se petrificar e paralisam a transformação do espírito, estagnando a mobilidade do pensamento. Do mesmo modo que há crises políticas ou financeiras, comentava Ferdinand Brunetière, há crises literárias, que se reconhecem pelo simples sintoma de que as escolas se deslocam e os esforços se dispersam. As crises da literatura se anunciam pela fertilidade dos sistemas literários, ou em linguagem mais lúcida, pela pobreza dos criadores e pela facundia dos projetos. Nessas épocas, homens como Denis Diderot e Gotthold Lessing excitam tôda uma geração. Nada mais estimulante, que cada século apresente às gerações vindouras um pouco de originalidade, mas se o movimento não surge prestigiado pela criação, não há escola literária que o imortalize. A literatura que vive de palavras e perdura à fôrça de extravagâncias culturalistas, traz consigo o próprio destino da ruína e da desolação.

Não basta fotografar e filtrar as cousas, mas recompor a unidade psicológica e reconstituir o movimento espiritual. Asseverava J. Milsand que só concedemos fé ao saber e no julgamento, que desde François Malherne e Boileau-Despréaux, Richelieu e seus acadêmicos, as almas renunciaram solenemente aos encantos da inspiração. Deveremos crer nisto? Intoxicada pela mecânica, saciada pela eletricidade e desvirtuada pela logística da ciência, a imaginação perdeu a sua graça criadora? Bem ao contrário, a arte de amanhã recorrerá ainda mais à ciência, do que o escritor da era helênica e dos períodos clássicos. E o artista do futuro se revelará tanto mais sensível e tanto mais humano, quanto mais intensificar o seu contacto com o mundo vivo, descoberto pela física e pela fisiologia. Poderemos recusar ao cientista o dom da arte? Previu Henry Jouin, que todos podem ser artistas e que a ciência não exclue a arte. O espírito científico trouxe novo **humus** à vitalidade do humanismo, dilatando a visibilidade ao extrovertido e aos invertidos. Lembremo-nos de Platão, símbolo da antiguidade, que se elevou à mais alta sabedoria pela fôrça da imaginação. Também evoquemos Michel de Montaigne, o clássico perenemente jovem, no qual a solidez da erudição não desfez a sedução das idéias.

As figuras de Blaise Pascal e de René Descartes, Leclerc de Buffon e Georges Cuvier, Claude Bernard e Henri Bergson, Ernest Renan e Anatole France, subsistirão como representantes da ciência e da filosofia, aliadas aos sortilégios do estilo. Muitos pensadores solitários, aparentemente absorvidos em seu isolamento e alérgicos às tempestades políticas, atuaram como poderosos fermentos que despertam a cultura adormecida. Segismund Freud revelou a

 39º Ano — Nº 1 — Junho — 1955

riqueza do inconsciente com a psicanálise e Nicola Pende descobriu a intimidade das glândulas com as diretrizes psicológicas. Assaltada por idéias violentas, que alteraram o sentido do homem e do mundo, a literatura não sabe como aplicar na poesia e no romance, as novas aquisições intelectuais. Um problema difícil e repentino se colocou diante do romancista, perturbando suas reflexões. Interroga René Lalou se o homem clássico e adulto representa verdadeiramente a totalidade psicológica do homem, ou se não trabalhamos com uma convenção abstrata e simplificada, construída apenas com certos elementos da realidade visível. Do interior do homem vulgar e tradicional, surge outra humanidade imprevisível e das três dimensões clássicas do mundo newtoniano se projetam novas formas de pensar e de sentir a relatividade das cousas. Depois de tantos ciclos doutrinários, concluímos que a imutabilidade da natureza humana provoca as crises da literatura, mais do que a rigidez das escolas.

A inspiração literária se revolta contra a monotonia das paixões, que impõem o retrocesso analítico dos mesmos caracteres. Só a sociedade com as suas transformações materialistas e espiritualistas impulsionam o escritor além da rotina. Numa época como a nossa, em que o elemento social esmaga os ódios particulares, devemos descobrir uma arte que possa se evadir da fronteira passionalista. Insurgindo-se contra as orgias verbais dos abstracionistas, cuja fuga da realidade trai a impotência de absorver as dificuldades do mundo exterior, Jean Paul Sartre armou-se com o existencialismo e ousa revolucionar a teoria e a prática da literatura, como já o tentaram os românticos e os naturalistas, os parnasianos e os simbolistas, os futuristas e os surrealistas.

Tôdas as investidas estéticas esbarram no círculo fechado dos mesmos vícios e de idênticas virtudes. A sociedade acumula conhecimentos e anseia expandir-se em outros territórios mentais, entrevistos pela dedução e pela intuição filosófica. E choca-se contra a fronteira passionalista, cuja rigidez paralisa o avanço das doutrinas. Além das crises literárias, a imutabilidade da natureza humana comprime a filosofia, cujas verdades deixam de penetrar na massa popular, eternamente escravizada pelas variantes do ódio e do amor, da inveja e da glória, da cupidez e da egolatria.

O fundo passionalista do homem projeta-se sôbre tôda a estrutura social, em cuja base jaz o famoso princípio da luta pela vida. E a literatura só se refundirá quando a ciência eliminar o maior inimigo do progresso espiritual — a imutabilidade da natureza humana, contra a qual nada podem os assaltos dos existencialistas e do existencialismo.



A SALVAÇÃO NA PLANTA DOS PÉS

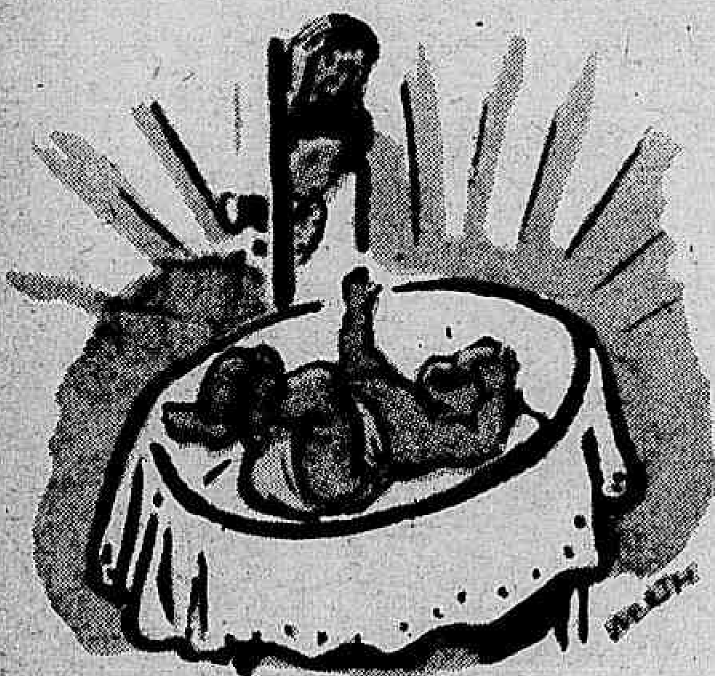


O calçado pneumático que esse soldado inglês enche com o ar dos próprios pulmões não lhe permitirá caminhar são e salvo sôbre a água, mas sôbre... minas — o que é muito mais importante. A descoberta é simples, mas preciosa. Com êle poderá atravessar os campos minados em condições de relativa segurança.

ÊSTE MUNDO ATÔMICO

ESPANHA — O prefeito de uma aldeia espanhola, encravada nos montes asturianos, parodiando o que já foi feito por um seu colega francês, que "proibiu a descida de Marcianos" em território sob sua jurisdição, acaba de fazer coisa parecida. Não proibiu a "descida" dos marcianos em sua aldeia, mas apenas exige que, "se tal queiram fazer, terão que, primeiro, abandonar armas e fardamentos, descendo com "manos limpias e sin malas intenciones"...

ESTADOS UNIDOS — Em Atlanta, James C. Taylor, que em 1953 batizou um filho com o nome de Atômico, acaba de procurar o registro civil para registrar mais um herdeiro, ao qual, porém, sendo homem progressista, decidiu chamar de... Hidrogênico!



ITÁLIA — Giulio Soldatti, de Ímola, uma aldeiazinha de zona bolonhesa é homem que não suporta a sogra e por isso decidiu livrar-se dela de maneira simples e definitiva: — "Obrigar a infeliz a tragar uma "bomba-atômica" de sua fabricação! A polícia levou o "inventor" para o Hospício.

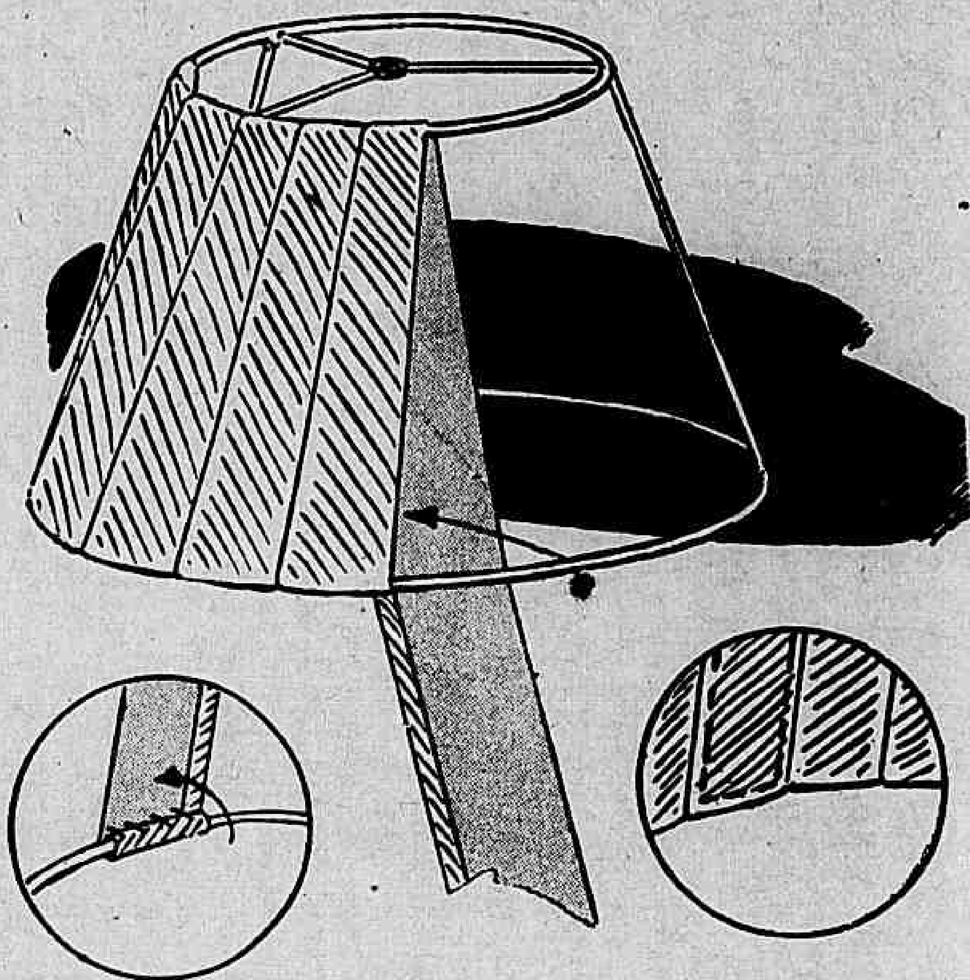
ESTADOS UNIDOS — Um esperto comerciante está fabricando pequeninas bombas-atômicas para enfeitar blusas e chapéus de senhores, usando como material... areia cristalizada apanhada na cratera aberta pela última explosão experimental em Novo México.

PARA REMODELAR O ABAJUR

RECOBRIR um velho abajur, substituindo a fazenda antiga, sem muita despesa, é coisa que pode ser feita em casa, com facilidade. Um bom exemplo é o que apresenta o clichê.

Cortar um pano em fita contínua, com cêrca de dez centímetros de largura, fazendo-se num dos lados uma dobra costurada.

A seguir passar a tira de pano, como indica o desenho, "montando-se um pouco na parte superior (quando de menor diâmetro que a inferior). O acabamento pode ser feito, observando-se os detalhes indicados nos dois círculos.





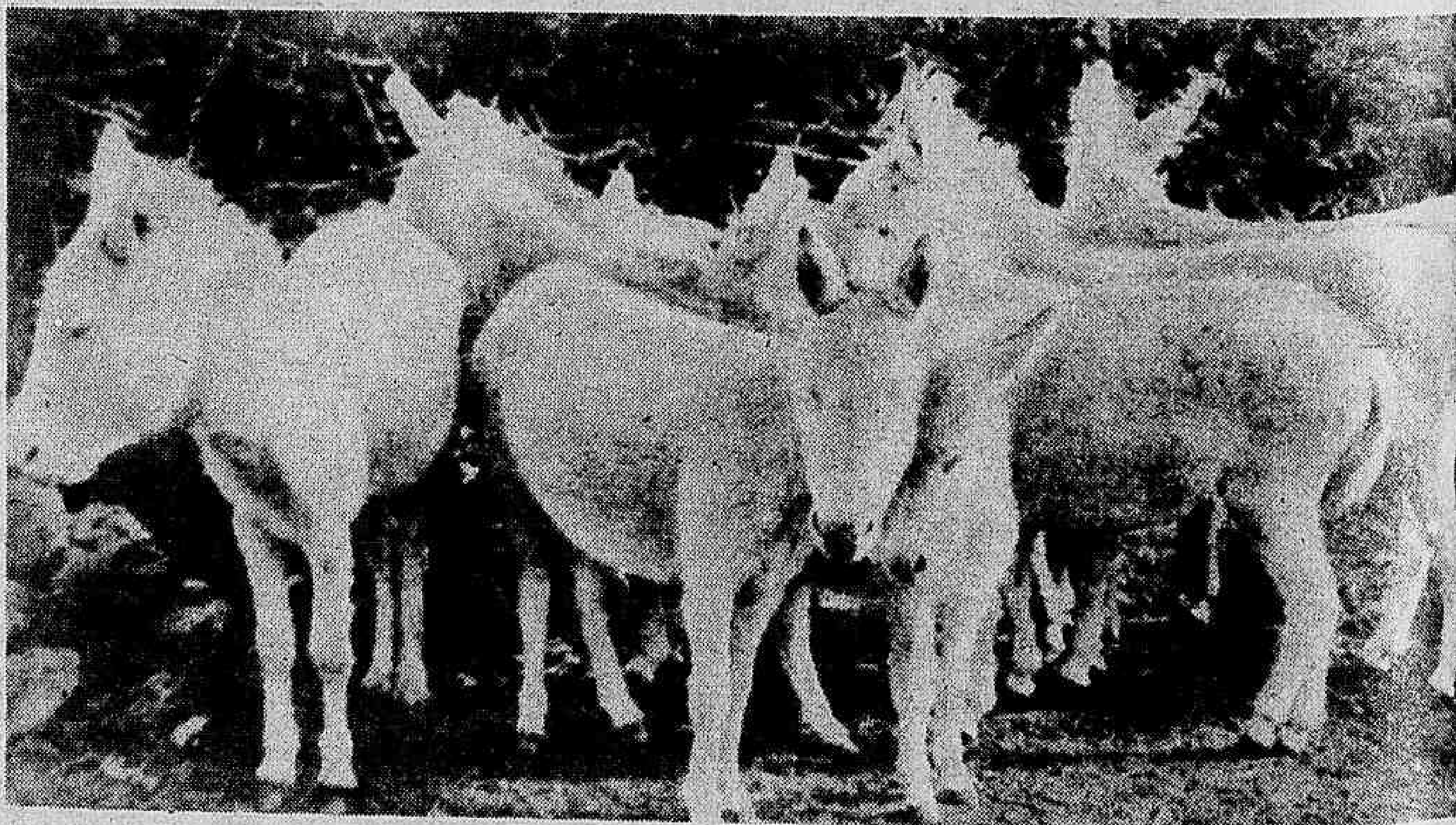
NO ANO 2000

Segundo Aldous Huxley, a humanidade do ano 2000 será pouco combativa e mais acessivel às ideais gerais, a um humanitarismo mais sincero. Porém será de caráter mais débil — como ocorre com as pessoas que têm demasiadas considerações e vivem com múltiplas torturas e inibições interiores.

Os psiquiatras serão milionários.

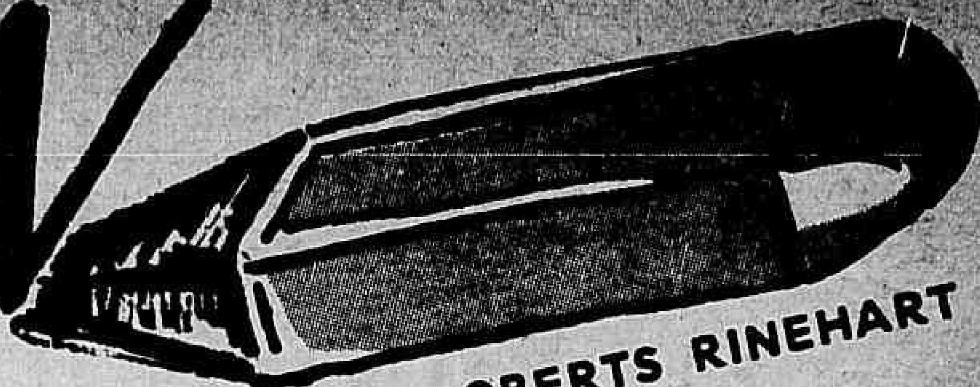


NA TERRA DOS ASNOS BRANCOS...



ASNOS de pêlo baio, ruano, negro, etc., não nascem em todos os paises, sendo uns famosos por sua resistência, outros por sua paciência, bondade, etc. Mas há uma só terra onde nascem os asnos de pêlo totalmente branco: é na ilha Asinara, que provàvelmente tomou nome dêsses animais nascidos nessa pequena ilha mediterrânea. Destinados mais a "fazer figura" que mesmo para trabalhar, êsses animais, de porte abaixo do normal, levam uma existência livre e feliz.

O BATON



POR MARY ROBERTS RINEHART

Todo conto misterioso de mrs. Rinehart é recebido pelos leitores como entretenimento certo e desafiando os mais argutos decifradores de casos criminais. Êste é mais um dêles e aqui fica à disposição dos "Sherlocks".

DEPOIS do inquérito, presidido pelo "coroner", fui diretamente para casa. Minha mãe havia saído com o automóvel, com êsse ar acabrunhado e doente que assumira desde a morte de Elinor. Não que tivesse qualquer estima particular por Elinor. Tinha o seu modo de viver e considerar as coisas, sabendo dividir as pessoas em **normais** e **anormais**. Para ela, as normais eram as que pagavam suas contas no dia primeiro de cada mês, iam à igreja, jamais apareciam, por êste ou aquêle motivo, nas colunas sociais dos jornais e



consideravam o casamento como o **sine qua non** de tôda mulher com mais de vinte anos.

Minha prima Elinor Hammond tinha infringido quase tôdas essas leis. Tinha procurado sempre viver a sua vida alegremente, despertando cada manhã com um único pensamente e que era o de saber como mais divertido poderia tornar êsse novo dia para o qual abria os olhos; enfeitando o seu alongado e lindo corpo com ousados vestidos — que minha mãe criticava infalìvelmente com têrmos amargos — ia chamar o pobre Fred, sempre cansado e sempre paciente, no quarto de vestir.

— Vamos convidar alguns amigos para o coquetel, Fred.

— Como quiser, querida.

Era assim, quase sempre. Tudo o que Elinor dizia ou propunha estava bem, muito bem para Fred. Era o marido mais cordato e paciente dêste mundo. Eu recordava, agora, caminhando de regresso a casa, o seu rosto durante o inquérito. Parecia estar alheio a tudo o que o rodeava, como se dormisse de olhos abertos.



Quem matou Elinor? Margaret era sua mais perigosa inimiga...

— Sabe de algum motivo capaz de levar a sua... a sra. Hammond a acabar com a própria vida?

— Não, nenhum.

— Não haveria alguma coisa em seu estado de saúde que lhe causasse ansiedade?

— Posso dizer, apenas, que ela andou consultando o dr. Barclay.

Depois, como procurasse explicar melhor o drama, acrescentou, hesitante:

— Ela estava cansada. Tenho a impressão de que ela precisava parar um pouco, repousar...

O fato se resumia nisto: Elinor caíra — ou saltara — da janela da sala-de-espera do consultório do dr. Barclay, num décimo andar e o "coroner" não parecia inclinado a acreditar que ela tivesse realmente saltado. O médico não chegara a ver a sua cliente, nesse dia. Apenas a enfermeira.



Ela andou consultando secretamente o doutor Barclay.

— Não havia outra qualquer pessoa na sala-de-espera — afirmara ela. — O doutor estava muito ocupado com um cliente. A senhora Hammond sentou na sala-de-espera e retirou o chapéu. A seguir apanhou uma revista na mesinha central. Depois de a ter confortàvelmente instalada, retirei-me para o escritório, a fim de copiar algumas receitas. Não tornei a ver a sra. Harmmond até que...

A enfermeira era razoàvelmente bonita e impressionava pela palidez do seu rosto.

— Diga-nos o que aconteceu a seguir — pediu o "coroner" gentilmente.

— Ouvi o outro paciente deixar a sala de consulta, uns cinco minutos depois. Há uma porta dividindo as duas salas. Quando o doutor tocou a campainha, dando sinal para fazer entrar a nova consulente, voltei à sala-de-espera, a fim de conduzir a senhora Hammond. Ela ali não estava mais. Vi, sim, o seu chapéu, porém a bôlsa também havia desaparecido. Quase a seguir, ouvi gritos que vinham da rua e fui olhar pela janela.

— Como lhe pareceu o estado mental da senhora Hammond, naquela manhã, miss Comings? — perguntou o "coroner". — Parecia triste, ansiosa, deprimida?

— Creio que me pareceu muito alegre — respondeu a enfermeira.

— A janela estava aberta por trás dela?

— Sim, estava. Eu nunca poderia imaginar que...

O "coroner" fêz um gesto rápido, despedindo a testemunha. Era claro que ela havia dito tudo quanto sabia.

A senhora Thompson sabia alguma coisa que não desejava ou tinha receio de dizer...

Quando o dr. Barclay foi chamado, fiquei surpreendida. Esperava ver surgir um homem idoso, porém, ao contrário, êle poderia ter trinta e poucos anos e seu aspecto era excelente. Conhecendo muito bem Elinor, isso me desagradou um pouco. Com exceção de Fred, que não ligava muito às aparências, Elinor tinha um fraco pelos homens bonitos e elegantes.

Atrás de mim, ouvi minha mãe pigarrear sem qualquer escrúpulo, enquanto murmurava:

— Então... é isto? — e, depois de uma curta pausa, acrescentou: — Ela estava precisando de um psiquiatra como eu de uma terceira perna!

Porém, o médico pouco mais disse do que já tinha sido contado. Não vira Elinor aquela manhã. Quando tocou a campainha e não viu surgir nenhum cliente, nem sequer a enfermeira, levantou-se e foi até a sala-de-espera. Miss Coming estava curvada sôbre a janela, olhando para a rua. Logo a seguir começou a gritar. Felizmente, mrs. Thompson chegou naquele instante e encarregou-se dela. O médico, por sua vez, descera até a rua, mas a ambulância não tardou a chegar.

Foi franco e conciso até êsse instante. Interrogado, a seguir, sôbre os motivos que haviam levado mrs. Hammond a consultá-lo, hesitou ligeiramente antes de dizer:

— Tenho inúmeras clientes como mrs. Hammond — explicou. — Mulheres que vivem subjugadas pelos nervos. Mrs. Hammond sofria dos nervos há muitos anos.

— Só isso? Não teria ela mencionado outras dificuldades?

O médico sorriu forçadamente.

— Todos nós temos nossas dificuldades e perturbações — disse êle. — Algumas imaginárias, outras aumentadas e outras, finalmente, verdadeiras. Mas, desejo afirmar que mrs. Hammond era pessoa normal, normal como poucas podem ser apontadas. Eu lhe recomendara que viajasse um pouco, procurando repousar. Acredito que estava disposta a seguir êste meu conselho.

Sua voz era pausada e profissional. Se Elinor se sentira atraída por êle, tive a impressão de que êsse tinha sido mais um caso unipessoal.

— Não viu nela nada que revelasse sua intenção de praticar o suicídio?

— Não. Nada... em nenhum momento.

Isto foi tudo o que o "coroner" pôde arrancar do dr. Barclay. Como insistisse sôbre certo detalhe, que Elinor tivesse **imaginado** ou **aumentado**, o médico entrou pelo terreno doutrinário sem nada dizer de positivo. Suas relações com as clientes, segundo explicou, eram confidenciais. Em todo caso, se conhecesse alguma coisa de valor, capaz de ajudar o inquérito, diria imediatamente. Porém isso era coisa que êle próprio não conhecia. Mamãe piscou um ôlho para mim, quando o dr. Barclay terminou.

E era muito dedicada a Fred...

— Provàvelmente andavam de namôro... A mim é que não enganam!

O médico, depois de interrogado, veio sentar-se ao nosso lado e pude observá-lo com atenção, quando a testemunha seguinte foi chamada. Era esta mrs. Thompson, que cuidara da enfermeira. Era

Estaria a enfermeira procurando escudar alguém...

criatura gorda e com ares matronais. Começou por dizer que não era cliente do médico.

— Limpo o seu consultório uma vez por semana — disse ela. — Nesse dia, desejando um pequeno adiantamento do meu dinheiro, fui ao consultório, a fim de falar com o dr. Barclay.

Não entrara no escritório imediatamente. Tinha apenas olhado e visto Elinor, decidindo esperar no **hall**. Tinha visto, pouco depois, a última cliente, uma mulher alta, deixar a sala de consulta e dirigir-se para o elevador. Um minuto depois, ou pouco mais, tinha ouvido os gritos da enfermeira.

— Ela estava curvada com metade do corpo para fora da janela e gritando. Então o doutor apareceu e tirou-a da janela, deitando-a num divã. Ela parecia ter perdido os sentidos, e não dizia o que tinha acontecido.

Interrogada sôbre quanto tempo estivera no **hall**, respondeu que "imaginava ter sido um quarto de hora ou mesmo uma hora". Estava certa de que nenhum outro cliente tinha entrado no consultório durante êsse tempo. Caso contrário, ela teria visto.

— A senhora encontrou qualquer coisa pertencente a mrs. Hammond, no consultório?

— Sim, senhor. Encontrei uma bôlsa.

A bôlsa, segundo parece, tinha sido deixada atrás do radiador, junto da janela. Elinor, segundo pareceu esclarecido, tinha colocado o chapéu sôbre a mesinha e deixado a bôlsa cair atrás do radiador, antes de saltar. De qualquer maneira, nada disso formava sentido para mim.

O veredito foi "suicídio por causa desconhecida". A janela foi examinada minuciosamente, mas havendo um radiador diante dela, a opinião geral foi a de que uma queda casual era impossível. Ninguém falou em assassinato. Aliás, em face das declarações das testemunhas, isso parecia impossível.

Fred ouviu o veredito com olhar parado, como se estivesse em local muito diverso, completamente isolado do mundo. Sua irmã, Margaret, sentada ao seu lado, levantou-se aparentando impaciência.

Quanto ao dr. Barclay continuou algum tempo sentado, como se também não tivesse ouvido as palavras do "coroner". Depois levantou-se e saiu da sala.

Enquanto ajudava minha mãe a subir para o automóvel, vi o médico, em seu próprio automóvel, afastar-se do local, tendo no rosto a mesma expressão estranha e parada e o olhar vago.

Eu me encontrava num verdadeiro estado de fúria quando caminhei para casa. Sempre gostara de Elinor; mesmo quando ela "**pegara Fred, a dois dedos do meu nariz**", no deselegante dizer de minha mãe, isso não alterara a minha amizade por minha prima.

A verdade era que Fred jamais se mostrara interessado por mim, depois que conheceu Elinor. Êle a amara desde o início e seu rosto, muito pálido durante o inquérito, servia apenas para aumentar o mistério.



— Loucos! — pensei. Nunca Elinor teria saltado pela janela, mesmo que estivesse em sérias dificuldades.

Jamais ligara qualquer importância ao que dela pudessem pensar ou dizer.

Recordame ainda da última vez em que a vira.

Alguém oferecia uma reunião pré-carnavalesca e Elinor, simples-

mente, colocara um grande "A" de cetím vermelho, coisa muito espalhafatosa, cobrindo tôda a frente de sua saia de rendas brancas. (O "A" pode ser o símbolo universal do **assentimento: ACEITO**! Mas, também, era usado pelos puritanos, da Virgínia, para marcar as **adúlteras**.)

Minha mãe quase sofreu um desmaio quando viu.

— Espero, Elinor — disse ela, procurando conter sua indignação — que essa enorme letra não signifique aquilo que aparenta!

Elinor, porém, respondera, rindo muito:

— Que acha, tia Ema? Não venha me dizer que nunca namorou em sua vida!

— Como você o faz, certamente que não! — replicou minha mãe, voltando-lhe as costas.

Elinor se mostrara bastante alegre, àquela noite, e positivamente a pequenina escaramuça com minha mãe tinha sido uma delícia para ela. Talvez fôsse por isso mesmo que eu gostava dela. Podia ouvir as censuras de minha mãe sem perder o bom-humor. Não sendo sua filha, estava sempre em nossa casa, como se tal fôsse, e com seu gênio invariàvelmente alegre emprestara mais luz e contentamento ao meu pequeno mundo.

Mamãe tomava chá quando cheguei. Endireitou-se na cadeira e observou-me com evidente desconfiança.

— Não compreendo por que você se preocupa com isso, Luísa. O que está feito está feito! Afinal, ela tornou miserável a vida do pobre Fred.



— Não... Ela fêz dêle um homem feliz... e agora está morta! — respondi. — Além do mais, não acredito que ela se jogou daquela janela!

— Então... caiu?

— Também não acredito que tenha caído.

— Tolice! Em que está pensando?

Porém eu já tivera mais do que poderia suportar. Calei-me e subi a escada, recolhendo-me ao meu quarto. Meu pensamento rodava, rodava. Alguém matara Elinor e agora estava livre de qualquer punição. Pensando bem... quem a odiaria a tal ponto? Quem poderia ter razão para matá-la? Alguma espôsa enciumada? Talvez...

Eu podia ver os aposentos de Hammond da minha janela e pensar que Fred ali devia estar, só, com sua dor, era coisa superior às minhas fôrças. Não que eu o amasse, segundo as iniciais esperanças de minha mãe. Depois de trocar de roupa desci e fui para a mesa, mas não pude comer. Felizmente, surgiram, como de hábito, três senhoras para o jôgo de "bridge" com minha mãe e, aproveitando a oportunidade que me deixava livre de sua atenção, saí de casa, pela porta da cozinha. Annie, a cozinheira, preparava sanduíches e bolinhos e recomendei-lhe, caso perguntassem por mim, informasse que eu fôra dormir.

A residência de Fred ficava apenas a dois quarteirões, no centro de grande terreno, como a nossa. Quando penetrava pela entrada própria para automóveis, vi um homem parado, ali mesmo, olhando para a casa. Notei que minha chegada o surpreendeu, porque voltou-se, rápido, encarando-me. Era o dr. Barclay.

Êle, porém, não me reconheceu. Tocou levemente a aba do chapéu e tratou de sair para a calçada, onde, instantes depois, ouvi quando se afastava, no automóvel. Mas, se estivera no interior da casa, Fred nada disse a respeito. Toquei a campainha e êle próprio abriu a porta. Pareceu aliviado, ao me ver:

— Pensei que fôsse a polícia outra vez! — explicou. — Pode entrar... Já mandei a criada dormir.

Fomos para a biblioteca, que parecia não ter sido espanada nem varrida um mês inteiro, pelo menos. Era um dos defeitos de Elinor. Sua casa tinha sempre êsse aspecto: sempre cheia de gente e de fumaça de cigarros, além de copos com restos de bebidas. Mas, ao menos, tinha vida. Agora — nem isso! Assim, foi uma surprêsa ver sua bôlsa sôbre a mesa. Fred seguiu meu olhar e explicou que a polícia tinha restituído o objeto àquele mesmo dia.

— Posso ver o que tem dentro, Fred?

— Certamente — disse êle, com voz morosa. — Não há nenhum bilhete aí dentro, se é isso que espera encontrar.

Abri a bôlsa, que estava desarrumada, como sempre: pó-de-arroz, "rouge", "pancake", bôlsinha para níqueis, um compartimento com **zipper**, onde encontrei algumas contas, um livrinho de apontamentos, um lenço com manchas de baton, um vidrinho de perfume e algumas amostras de fazendas, sendo que uma delas com um cartãozinho pregado com alfinête e a anotação: **"Encontrar coisa que combine com isto"**.

Fred olhava-me, em silêncio, com os seus olhos vermelhos e sonolentos.

— Como disse a você... Nada!

Inspecionei a bôlsa uma segunda vez, mas não pude encontrar o único objeto que nela não podia faltar. Fechei a bôlsa e tornei a colocá-la sôbre a mesa.

Fred estava olhando, nesse momento, para uma fotografia de Elinor, numa moldura de prata.

— Tudo isso a polícia já examinou — disse êle. — Por que, ao menos, não a deixam em paz? Ela era linda, hein Lou?

— Muito... — respondi.

— Muita gente falava dela. Margaret, por exemplo, dizia que ela era leviana e extravagante... (Deteve-se e lançou um olhar para a mesa, entulhada de envelopes contendo contas ainda não abertos.) Talvez fôsse... Mas que importava isso para mim?

— Você sabe que ela não casou por dinheiro e sim por amor, Fred. Ela era muito dedicada a você...

Êle me pagou com um pálido sorriso, como um menino a quem tranquilizamos numa hora de dúvida.

— Era, sim, Lou... — falou. — Eu não era só o seu marido. Era também como um pai. Ela me contava tudo... Não sei por que foi consultar êsse médico do inferno...

(Continua no fim da revista)

A VERDADE SÔBRE O HIPNOTISMO

DIVERTIMENTO DE CHARLATÃO OU CONQUISTA DA CIÊNCIA MÉDICA?

TORTURADO por profundo desespêro um homem procurou famoso psiquiatra de Lausanne. Sua tragédia era a alcoolatria inveterada; por mais que tentasse não conseguia livrar-se dela. O médico tratou o enfêrmo utilizando o hipnotismo, que, dentro de pouco tempo, proporcionou-lhe a cura completa.

Indagou-se, então, se o hipnotismo era apenas um divertimento para palcos ou uma ciência psicológica de real amplitude, no campo da psicoterapia. É isto o que se procura esclarecer neste interessante artigo, baseado em opinião de especialistas, e na própria experiência. O hipnotismo, cuja existência é incontestável, consiste essencialmente em um estado de inconsciência artificialmente provocada por uma ação sôbre o sistema nervoso, e apresenta três caracteres fundamentais:

a) Abolição total, ou melhor: suspensão total de certas faculdades mentais — julgamento, auto-contrôle, vontade, etc. O indivíduo, completamente fora da realidade, perde todo senso crítico e autonomia de decisão, para "obedecer automàticamente ao que lhe é sugerido"; **b**) uma intensificação extraordinária "dos mecanismos au-

Um hipnotizador em ação. Para melhor estudar o fenômeno da hipnose, tendo já, em números passados, tratado dêsse assunto, apresentamos, na presente edição, uma série de experiências realizadas pelo dr. Morlaas, da Clínica Charcot, de Paris, e de outro magnetizador de renome, o dr. Durville, que vemos acima. Os resultados dessas experiências tendem a provar que sòmente os nevropatas ou os indivíduos muito impressionáveis podem ser realmente hipnotizados, principalmente de maneira imediata.

DUAS TÉCNICAS DO HIPNOTISMO: AÇÃO DIRETA SÔBRE O MENTAL







Fazer oscilar o paciente é experiência muito simples, pela qual começam em geral as sessões de hipnotismo. Se o paciente é sugestionável, a tentativa é logo coroada de êxito e isso facilita as experiências seguintes. O dr. Morlaas agiu por sugestão verbal direta, impondo as mãos nos ombros da paciente, explicando-lhe que não poderia deixar de, à sua ordem, cair para a frente. Depois, retirando as mãos, ordenou-lhe que caísse. Ela pensou estar inclinada ligeiramente, porém — na realidade — oscilou vigorosamente.

Calcando a mão sôbre a mesa, o paciente não a poderá mais retirar, apenas porque o dr. Morlaas, que o hipnotizou, sugeriu-lhe que sua mão pesava cada vez mais e por êsse motivo não poderia ser levantada da mesa em que a apoiava.

tomáticos", psíquicos e nervosos; c) e, por último, já na vigília, esquece inteiramente o que fêz quando em estado de hipnose, continuando, entretanto, a executar as sugestões recebidas do hipnotizador.



A hipnose opera uma dissociação entre as diferentes zonas nervosas que dirigem o conjunto da vida psíquica; estas zonas, por um lado correspondem aos chamados elementos originais da personalidade (julgamento, vontade); e, por outro lado, controlam os mecanismos fundamentais, ou sejam, os atos reflexos e as representações provocadas por sugestões de idéias.

Paralisa a atividade em uns, ao passo que suscita a atividade em outros, escapando destarte a qualquer possibilidade de registro pela memória consciente. Eis o grande esquema pelo qual se procura dar uma

Para provocar sono hipnótico, o dr. Morlaas senta a paciente numa cadeira baixa, pedindo-lhe que relaxe os músculos... porque vai dormir. O autor destas linhas acredita que ela não dormiu. O fotógrafo afirma que sim. Interrogada, a mulher declarou que estêve sempre conveniente, mas perdeu a noção dos contornos da própria cadeira em que se achava sentada.

AÇÃO DIRETA SÔBRE O FÍSICO





Processos suaves são preferidos pelo doutor Durville, para provocar o sono hipnótico, que alcança esgotando os recursos nervosos do paciente com ação física. Para provocar essa dissociação, não usa qualquer sugestão verbal, permanecendo sempre em completo silêncio. Faz primeiro massagem na fronte e glóbulos oculares, retardando a chegada do sangue ao cérebro do paciente, que começa a sentir vertigem. Coloca, então, os dedos reunidos sôbre o plano dos olhos, a fim de provocar um estrabismo convergente superior, o que provoca imediata e grande fadiga ocular. Depois calca, sem insistir sôbre as artérias carótidas. Com isso, a paciente tomba em grande modorra. Percebeu, então, que os olhos do hipnotizador se tornavam seu ponto de mira e que só isso lhe interessava. O dr. Dorville passou então as mãos bem junto dos olhos abertos da paciente sem que esta pestanejasse ou desviasse o olhar. Estava indiferente a qualquer outra solicitação sensorial, mas não adormeceu. O meio torpor em que o médico consegue fazer mergulhar seus pacientes é tudo quanto pode obter no curso de uma primeira sessão, com um indivíduo normal.





explicação psicológica da hipnose. Filosòficamente, ela se explica pela existência de dois elementos do psiquismo que os sábios chamam de **psicoplasticidade e credibilidade**. Chama-se psicoplasticidade êste inamovível desejo que tem o inconsciente de **ser guiado**, conduzido, dirigido (o que demonstram as fôrças do instinto gregário, a psicologia das multidões, etc.) daí decorrendo a credibilidade.

Sabe-se que, no estado primitivo, o espírito é, antes de qualquer coisa, crédulo. Crer no que vê, no que entende, no que lhe dizem, constitui a primeira de suas atividades. O ato de duvidar sòmente aparece num mais avançado estágio da evolução intelectual. Concluindo que a hipnose suprime as faculdades mentais superiores, ao mesmo tempo que ativa as primárias, é fácil dizer-se que a base da hipnose está na "sugestibilidade".

O CONSENTIMENTO DO PACIENTE É INDISPENSÁVEL

É verdade que a hipnotizabilidade se torna contagiosa por mera sugestão, no sentido de que uma certa pessoa viu uma outra dormindo e acreditou no fato. O consentimento se faz necessário, em todos os casos. E tanto assim é que o hipnotizador de palco, antes de dominar os espec-

tadores voluntários, costumam manter um grupo de comparsas, pagos para se submeter à operação inicial; os espetaculares resultados obtidos com êstes determinam nos assistentes de boa-fé, uma credibilidade tão grande que, ao subir à cena, já são prêsas fáceis das fôrças ocultas do hipnotizador, a não ser que sejam refratários ao fenômeno.

A maior parte das pessoas é refratária mesmo aos estados intermediários da hipnose que procura manter o indivíduo entre o sono e a vigília, no qual o paciente, com todo o aspecto geral de uma pessoa consciente, é dócil às sugestões, e até perde, parcialmente, o autocontrôle. Os nervosos, os psicopatas, os neuropatas, enfim, os espíritos impressionáveis, são geralmente mais susceptíveis do que os outros. O dr. Bèrillon, grande autoridade no assunto, afirmou que "evidentemente a neurastenia, sinal de fraqueza de vontade e de caráter, revela um temperamento assaz hipnotizável.

Ainda segundo o dr. Bérillon, "a predisposição psicofisiológica não é de todo suficiente. É necessário que o paciente se abstenha o mais possível de chá, café, vinho puro, fumo e carne. E, se o consentimento não se fizer bem explícito, tanto do ponto de vista mental quanto orgânico, nada se conseguirá de positivo!"

A necessidade de consentimento íntimo continua a desempenhar importante papel, mesmo durante o decorrer da hipnose. Na realidade, segundo os especialistas, ninguém consegue fazer um hipnotizado praticar atos que a sua consciência moral condena. Um famoso experimentador conta que certa vez, hipnotizou oito mulheres, cinco das quais eram absoluta-



Aparentemente assassino e ladrão. Êste homem é, na realidade, inofensivo. Mas, adormecido pelo dr. Thorsen, hipnotizador dinamarquês, não hesitou em penetrar numa joalheria, simular uma tentativa de assassinato e a quebrar vitrinas, para roubar o que elas continham. Saindo, depois, nem sequer foi despertado pelos gritos da multidão que se agrupara na rua. Esse paciente tinha sido longamente



mente corretas, ao passo que as outras três possuíam moralidade duvidosa. De início, sugeriu a tôdas elas que cometessem um pequeno furto. Nenhuma das cinco obedeceu; duas das três caíram num longo estado de hesitação e sòmente uma cometeu o ato designado. Quando o hipnotizador ordenou que levantassem o vestido diante dêle, as cinco primeiras se recusaram, enquanto que as três restantes o fizeram imediatamente. Qualquer hipnotizador de palco dirá que é coisa difícil fazer tombar, pelo hipnotismo, a virtude de uma mulher.



treinado pelo médico, que lhe inspirava total confiança. O doutor Thorsen explica o êxito de sua experiência pelo fato do subconsciente do paciente estar ligado à vontade do hipnotizador e, portanto, sente que, de fato, trata-se apenas de um simúlacro. Assim, contràriamente à crença muito difundidade, aliás, é impossível obrigar uma pessoa a praticar atos que sejam reprovados por sua consciência.



Apenas cinco por cento das pessoas são passíveis de hipnotização; e muitas destas resistem perfeitamente à primeira experiência, fazendo-se mister um certo período de treinamento.

O simples fato de haver adormecido uma vez constitui a etapa inicial de uma educação psiconervosa que, mais e mais, se acentua, até a capitulação total. Quanto aos histéricos, que, indubitàvelmente, são os únicos indivíduos completamente susceptíveis à hipnose, sabe-se que chegam ao extremo de adormecer quase sem sugestão.

O FLUIDO MAGNÉTICO NÃO EXISTE !

Em matéria de hipnose, o "fluido", o magnetismo pessoal, não desempenha qualquer papel — se é que existe, realmente!

É certo que, quanto mais influência pessoal exerça o operador sôbre o paciente, mais prováveis serão os resultados. Mas esta influência não difere, em si, da que exerce quase que automàticamente, um médico sôbre seu cliente, ou um professor sôbre o aluno.

Agora, pergunta-se: **como é provocada a hipnose?**

Os processos nunca variam. Para realizar a inibição, a paralisia das faculdades superiores, deve-se, em primeiro lugar, neutralizar suas atividades e provocar, simultâneamente, uma grande fadiga neurodinâmica. O resultado será duplamente vantajoso se se conseguir que o paciente concentre o olhar e tôda sua atenção em um objeto brilhante, como, por exemplo, um espelho, uma bola de vidro ou de metal.

Braid, cirurgião inglês, hipnotizou sua espôsa e um criado suspendendo a uns 30 ou 40 centímetros acima de suas frontes, uma lâmina de metal resplandecente.

Segundo certos especialistas, basta o olhar do hipnotizador para desempenhar êste papel.

Evidentemente, Braid sabia o que fazia, elevando a lâmina a um nível acima dos olhos do paciente; é que o fato de se olhar de baixo para cima, sem se mover a cabeça, provoca imediatamente um grande cansaço.

Além dessa doce técnica da fadiga visual, existe a do jato de luz incandescente, cujo fim é determinar o amortecimento nervoso a partir de uma ação do nervo ótico.

Um outro processo, muitas vêzes empregado, é aquêle em que se apóia a ponta dos dedos sôbre as pálpebras fechadas, ou aquêle que procura fixar o olhar do paciente em um ponto extremamente próximo dos olhos, como a ponta do nariz, por exemplo.

Porém, a fadiga visual parece ser o melhor meio para provocar a hipnose. Isto porque, de todos os sentidos, é a visão a que mais contribui com excitações para a vida psíquica. Alguns especialistas, entretanto, têm apresentado outros métodos que podem substituir êste último, ou com êle combinar.

Há, ainda, a chamada fadiga auditiva (obtida por meio de um som monótono e invariável); os meios psíquicos (que consistem na repetição de frases estimulantes aos ouvidos do paciente: dorme... dorme...); a sugestão é preponderante, nesses casos, o que explica, em parte, os grandes êxitos obtidos pelos hipnotizadores de **music-hall** sôbre um público simples e impressionável; pode-se falar, também, dos meios tóxicos (provocação artificial do sono, utilizando suporíferos) e, finalmente, temos os processos físicos (que podem ser demonstrados simplesmente colocando-se o paciente em uma "cadeira-trepidante", etc.).

Nos tempos áureos do hipnotismo, o que vale dizer; em fins do século passado, os médicos descobriram em seus pacientes "zonas hipnógenas", ou seja, algumas partes do corpo sôbre as quais seria bastante uma simples pressão para levar o indivíduo ao sono hipnótico; essas zonas estariam situadas em certos pontos da carótida, e em diversas regiões da fronte.

A técnica chamada clássica para fazer o paciente voltar ao estado normal consiste sòmente em dar um pequeno sôpro sôbre os olhos.

É êsse, pois, o processo comum pelo qual se obtém o fenômeno da hipnose.

Ela pode apresentar diferentes nuances, mais ou menos afastadas do estado de vigília, e que os cientistas classificaram, outrora, em duas séries: o **grande hipnotismo** e o **pequeno hipnotismo**. O grande hipnotismo só pode ser provocado, realmente, nas pessoas altamente histéricas, sendo que o organismo dos mesmos reproduz, de maneira geral, todos os sintomas e manifestações patológicas de qualquer doença, seja ela qual fôr.

OS ESTADOS CLÁSSICOS DA HIPNOSE

Os três estados clássicos do grande hipnotismo são a letargia, a catalepsia, e o sonambulismo (não confundi-los com a letargia, a catalepsia e o sonambulismo naturais).

A letargia hipnótica difere profundamente da letargia comum; ao contrário do que acontece com esta, não se assemelha de todo à morte. O paciente parece completamente adormecido; suas funções físicas são enfraquecidas, o que se traduz por uma irresistível tendência para o resfriamento; porém, o pulso continua normal. Nota-se uma aparente insensibilidade à tôda dor, podendo o paciente ser picado, e até queimado, sem que apresente qualquer reação. Entretanto, reagirá espetacularmente às excitações de ordem infinitesimal. Por exemplo: ao se friccionar, muito de leve, um dos nervos, imediatamente todos os músculos distribuídos ao longo dêste nervo contrair-se-ão, automàticamente, e



A HIPNOSE COLETIVA — Pode ser obtida por sugestões verbais ou o emprêgo de objetos luminosos ou brilhantes. O hipnotizador húngaro dr. Franz Polgar, nos EE.UU., conseguiu adormecer de uma só vez todos os alunos de uma escola ginasial. O contágio desempenha papel destacado nessas experiências. Vendo alguns camaradas adormecer, os demais se sentem invadidos por invisível sonolência. O sono hipnótico, em geral, transforma-se em sono normal. O paciente desperta espontâneamente ao fim de algum tempo.

assim ficarão, a despeito de todos os esforços que se faça mecânicamente para distendê-los. O braço de uma mulher moça, contraído, cede, normalmente à uma tração de cinco quilos; já em letargia hipnótica resistiria à trações de mais de vinte quilos.

O cataléptico hipnótico, que sempre mantém os olhos abertos e a vista fixa num

determinado ponto, é absolutamente impassível. Como o letárgico, é dotado de inteira insensibilidade à dor. Não sabe quem é, com quem se encontra, e onde está; no entanto, responde quando se lhe faz uma pergunta. Crê em tudo o que lhe dizem e realiza, automàticamente, tudo o que lhe ordenam. Afirmem, por exemplo, que êle se encontra na Câmara dos Deputados, no meio de um roseiral, ou à beira de um abismo e êle narrará prontamente a sessão parlamentar que acredite assistindo, fará o gesto de colhêr e aspirar o perfume das rosas, e recuará aterrorizado.

A idéia sugerida se transforma, automàticamente, em imagens que êle aceita como sendo reais. Como no cataléptico do tipo clássico (não hipnótico) seus músculos conservam, por longo tempo e aparentemente sem fadiga tôdasas posições em que forem colocados, e por incômodas que sejam (a inclinação acentuada do busto, para trás, por exemplo).

Finalmente, se nêle fôr amoldada muscularmente uma atitude traduzindo um dado estado psicológico, a expressão de seu rosto sincronizará imediatamente com a posição adotada: se se refizer que estenda os punhos cerrados, êle assumirá, logo, um ar colérico; o simples fato de tocar-se em seus lábios com as pontas dos dedos, como se lhe fôsse aplicado um beijo, êle responderá com um terno sorriso. Pode-se falar de um tipo particular de cataléptico: o chamado **cataléptico fascinado**, cujo olhar, uma vez atraído pelo do hipnotizador, não mais o abandona, passando mesmo a imitá-lo em tôdas as suas atitudes.

Dentro em pouco o cataléptico torna-se inteiramente maleável, possibilitando que o hipnotizador nêle suscite as mais diversas representações, emoções e movimentos.

E agora o aspecto mais interessante do fenômeno; o hipnotizado registra na memória tôdas as ordens recebidas do hipnotizador durante o sono, e sem que sinta passará a executá-las, na vigília, com a maior espontaneidade, como se estivesse agindo naturalmente. É justamente esta disposição que permite utilizar o hipnotismo na terapêutica.

Menos interessante do que a catalepsia, o sonambulismo hipnótico é muito mais fácil de se obter. Por seu aspecto exterior, seus atos e palavras, o sonambulismo hipnótico pode perfeitamente iludir aquêles que não o conheçam suficientemente para notar a pequena alteração de sua voz. Mas, psìquicamente, revela uma personalidade distinta do seu verdadeiro eu, pois fala de si como se fôsse de uma outra pessoa; fìsicamente, sua fôrça muscular e a acuidade dos sentidos se revelam muito superiores ao que é realmente, quando no estado normal; enquanto que a memória se desenvolve de maneira admirável.

Régnier e Grandchamp, famosos médicos franceses, contam que em 1896 uma mulher, em estado de sonambulismo hipnótico, reproduziu, por mais de uma hora, tôda uma conferência sôbre o hipnotismo ouvida uma só vez cêrca de cinco semanas antes, e da qual não havia tomado qualquer nota; e isto sem cometer um único engano ou mesmo hesitar no encadeamento das idéias e na construção das frases; de volta ao estado normal não foi capaz de fazer corretamente o menor comentário...

Eis, pois, o esbôço esquemático dos três estados clássicos do hipnotismo. Pràticamente, êles nem sempre são assim tão estritamente caracterizados. É certo que existem inúmeras formas de estados intermediários, cuja definição varia de acôrdo com o paciente. Há, por exemplo, catalépticos que continuam sensíveis, e sonâmbulos que, ao contrário daqueles, ficam insensíveis; muitos hipnotizados, mesmo sem haver perdido a consciência, são tão sugestibilizáveis que perdem todo livre arbítrio; e há até indivíduos que adormecem artificialmente, sem que se provoque nêles outra coisa que não seja um sono muito semelhante ao sono natural.

AS POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS SÃO REAIS — Êste sono é obtido através da **fascinação** e da **sugestão**, métodos empregados atualmente num hospital de Paris **para curar as dores dos "membros fantasmas"**, que atormentam os amputados. O médico começa por fixar o olhar nos olhos dos doentes, até que nêles se produza uma espécie de relaxação muito semelhante à provocada pelo sono verdadeiro, conseguindo assim um efeito benéfico sôbre o sistema nervoso.

(Continua no fim da revista)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Flor ajoelhou também.

— Sabes uma coisa? — interrogou a princesa. — Quando te vi pela primeira vez, admirei-me de não sentir o meu coração impelir-me para ti! E, no entanto, és bonita e tens o tipo espanhol que eu julgava ir encontrar em minha filha... Olha para aquela fronte, olha!...

E carinhosamente afastou os cabelos que semi-ocultavam o rosto da filha.

Depois, prosseguiu:

— Vê, repara nisto — e indicava os temporais de Aurora — isto é Nevers! Quando a vi e aquêle homem me disse: "Aí tem sua filha!" o meu coração não hesitou. Parecia-me que era a voz de Nevers, descendo repentinamente do céu e dizendo também: "É tua filha!"

E o seu olhar ávido percorria as feições da filha. Depois, continuou:

— Provas!... Dão-me vontade de rir com as provas!... Deus pôs o nosso nome no rosto desta criança! Não é em Lagardère que eu acredito, é no meu coração!...

A princesa falara baixinho, no entanto,

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Pelipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em 1699, em uma estalagem próxima ao castelo Peyrolles, secretário de Gonzaga, reune-se sequiosos para assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, junto às muralhas e vê o secretário dizer ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, a primeira anuncia, que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assustava Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam Cocardasse e Passepoil. Na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato

ao nome de Lagardère, Aurora teve um pequeno estremecimento.

— Ela vai acordar! — disse Flor.

A princesa ergueu-se e a sua atitude exprimia uma espécie de terror. Quando viu a filha abrir os olhos, recuou.

— Não lhe digas imediatamente que estou aqui! — pediu a princesa em voz comovida. — Prepara-a a pouco e pouco; é necessário tomar grandes precauções.

Aurora estendeu os braços e endireitou-se lentamente sôbre o divã. Nos seus olhos desenhou-se uma grande surprêsa ao examinar o aposento.

— Ah! Estás aqui, Flor?... Agora me recordo... Não sonhei?...

E Aurora levou a mão à fronte como se procurasse coordenar idéias.

— ... Então sempre é certo que vi minha mãe?...

— Sim — respondeu a cigana.

A princesa, que tinha retrocedido até próximo do oratório, sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas. O primeiro pensamento da filha fôra para ela!... E deu graças a Deus, por lhe conceder aquela inefável ventura!

— Mas, por que me sinto eu tão mal? — perguntou Aurora. — Cada movimento que faço é uma dôr e até a respiração me parece despedaçar o peito!... Em Madrid, depois de uma grave doença que tive no convento da Encarnação, quando o delírio e a febre passaram, recordo-me que me

---

de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga tendo ao lado a princesa de Gonzaga, ouve junto de si uma voz anunciar: **«Aqui estou»**. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém. Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora no correr da festa do regente. Mas, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha. Tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère. Pouco depois prendem Lagardère e os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue ao Regente. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. Esta não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, é interceptado por Gonzaga, que lhe diz que Aurora já está em seu poder... e, também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda a sôldo de Gonzaga anuncia que matou Lagardère. Porém, o corpo desaparece e surge o corcunda anunciando que o cavalheiro fôra atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, cuida de suas chagas. No dia seguinte, no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Na mesma tarde Gonzaga afirma aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny! Logo o corcunda aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flôres envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flôres. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flôres à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos, que acusam o corcunda de possuir artes mágicas. Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. No final o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda assina... Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viúva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, que agora tudo compreendia, tenta defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga relata ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostre incrédulo e não esconda a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Os três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o cobarde aliado de Gonzaga penetra na prisão. Dominar o factotum, fazer o mesmo com dois guardas, atraídos de propósito e fugir do velho presídio foi coisa fácil, embora marcada por episódios de luta e de riso. Livres, Chaverny, Cocardasse e Passepoil agiriam em favor de Lagardere. No Palácio da princesa de Gonzaga, esta aprendia a melhor conhecer a filha e a Lagardère, ouvindo o que sôbre ambos contavam Bernichon e a boa Francisca.

sucedia o mesmo. Sentia a cabeça vazia e um pêso enorme sôbre o coração. Sempre que queria pensar, tinha vertigens e parecia que a cabeça ia estalar!

— Tiveste febre e estiveste muito doente! — respondeu dona Cruz.

E ao mesmo tempo olhou para a princesa, como se lhe dissesse: "Está a falar de si! Venha"!...

No entanto, Aurora de Caylus continuou no mesmo sítio, tìmidamente, e adorando de longe e de mãos postas a filha querida.

— Não sei explicar o que sinto — prosseguiu Aurora. — O meu pensamento parece adormecido e o meu espírito dir-se-ia estar em profundas trevas. Por mais esforços que faça não consigo coordenar idéias! Que confusão!

E a cabeça fraca, debilitada por aquêle esfôrço, decaiu sôbre a almofada, enquanto perguntava:

— Minha mãe estará zangada comigo?

Ao dizer isto os olhos brilharam e quase teve consciência clara da sua situação; aquilo, porém, não durou mais do que um momento.

A princesa estremeceu violentamente ao ouvir as últimas palavras da filha. Com um gesto imperioso conteve a resposta de Flor. Aproximou-se rápida e deu um longo beijo na fronte de Aurora. Esta sorria tão feliz como a criança que tôdas as manhãs recebe a carícia esperada.

— Não — murmurou. — Sonhei contigo e no meu sonho vi-te chorar! Por que está Flor aqui? Flor não tem mãe! Ah! Quantas coisas podem acontecer numa noite! Vem cá, querida mãe, quero ver-te!... vem para o meu lado...

A princesa, rindo e chorando ao mesmo tempo, sentou-se no divã e abraçou a filha.

Como exprimir o que a viúva de Nevers sentia nesse momento? Poderão encontrar-se, seja em que língua fôr, palavras bastante eloqüentes para expressar o amor de mãe?...

A princesa recuperara o seu tesouro. Tinha a filha sôbre os joelhos, débil de corpo e espírito: era uma criança, uma verdadeira criança, a pobre filha que os seus braços apertavam com ternura infinita.

Flor chorava...

Aurora tinha a cabeça encostada ao peito da mãe e disse-lhe:

— Parece-me que os pensamentos esvoaçam em tôrno de mim, mas não consigo apanhá-los... Creio que és tu quem não quer que eu veja claro... Há em mim qualquer coisa de inexplicável que nunca senti e creio que devia estar diante de ti, doutra maneira, mãe...

— Estás sôbre o meu coração, filha da minha alma! Não te preocupes seja com o que fôr! Repousa tranqüilamente sôbre o meu peito e sê feliz com a ventura que proporcionas a tua mãe.

Mas Aurora fêz um esfôrço supremo e um grito dilacerante fugiu-lhe do peito:

— Henrique! Henrique!... Onde está Henrique?...

Pôs-se de pé e o seu olhar não largava o da mãe. Flor pegou-lhe nas mãos, mas foi repelida com violência. A princesa soluçava convulsivamente.

— Respondam-me! — insistiu Aurora. — Onde está Henrique?... Que foi feito dêle?...

— Só pensei em ti, filha da minha alma! — balbuciou a princesa.

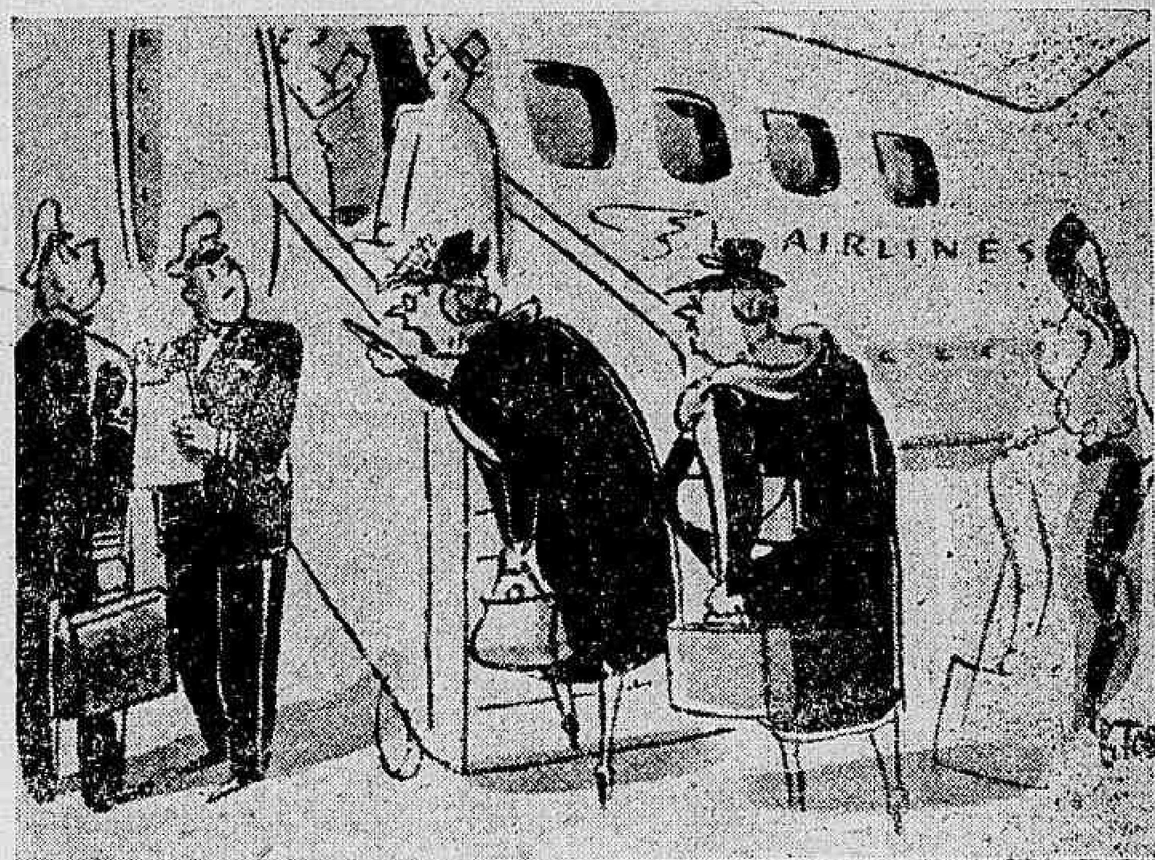
Aurora voltou-se bruscamente para dona Cruz.

— Mataram-no?... — perguntou, erguendo a cabeça e fitando nela o seu olhar febril.

Dona Cruz não respondeu. Aurora olhou então para a mãe, que se ajoelhou, murmurando:

— Minha filha, partes-me o coração! Compadece-te de mim!





— E nada de querer voar mais depressa do que o som, meninos! Nós queremos conversar!

— Mataram-no? — repetiu Aurora.

— Êle, sempre êle! — gemeu a princesa.

— Não querem dizer-me se êle morreu! — pensou Aurora, em voz alta, de olhos fitos no chão.

A princesa estendeu os braços para a filha e depois caiu para trás, desmaiada.



Aurora segurava as mãos da mãe; tinha o rosto vermelho e o olhar cheio de pavor.

— Acredito, minha mãe — dizia ela — que não tivesse feito nada contra êle e muito folgo com isso, se realmente gosta de mim. É que se realmente tivesse feito fôsse o que fôsse contra êle...

— Aurora!... — interrompeu dona Cruz, colocando-lhe a mão sôbre os lábios.

— Falo — interrompeu Aurora de Nevers com uma dignidade altiva — mas não ameaço. Minha mãe e eu conhecemo-nos apenas há algumas horas; é bom que os nossos corações se olhem frente a frente. Minha mãe é princesa, eu sou uma pobre rapariga; isto dá-me o direito de lhe falar com tôda a franqueza. Se minha mãe fôsse pobre, fraca, abandonada, estaria a falar-lhe de joelhos...

Aurora beijou as mãos da princesa, que a contemplava cheia de admiração. Que formosa ela era, enquanto a angústia profunda que lhe torturava o coração, sem lhe baixar o orgulho, lhe aureolava o rosto de virgem!

Virgem, sim, mas virgem-espôsa, com tôda a fôrça e majestade da mulher.

— Para mim não existe mais ninguém no mundo, minha filha! — disse a princesa. — Sem ti, sou a mulher mais fraca, mais abandonada e a mais pobre que há na terra. Julga-me se quiseres; porém, julga-me com a ternura que se deve ter pelos que sofrem!

Aurora olhou para a porta.

— Queres deixar-me?... — exclamou a princesa cheia de terror.

— Assim é preciso! Qualquer coisa no meu íntimo me diz que Henrique necessita de mim e me chama!

— Henrique!... Sempre Henrique! — murmurou a princesa desalentada. — Tudo para êle, nada para tua mãe!

Aurora fitou-a com o seu olhar ardente.

— Se êle estivesse aqui, senhora — replicou, com doçura — e minha mãe estivesse longe, em perigo de morte, só lhe falaria de si!

— Isso é verdade? — exclamou a princesa, encantada. — Então amas-me tanto como a êle?

Aurora lançou-se nos braços dela, murmurando:

— Ainda o não tinha compreendido, minha mãe...

A princesa cobriu-a de beijos.

— Escuta — disse a princesa — eu sei o que é amar! O meu pobre e querido espôso que me está ouvindo lá no céu, e cuja recordação enche por completo êste meu retiro, deve sorrir, ao lado de Deus ao ler na minha alma! Sim, amo-te mais do que amei a Nevers, por que em ti se juntam o meu amor de mulher e de mãe! Em ti adoro a filha e o espôso querido!... Aurora, esperança da minha vida, meu amor, escuta-me! Para que me queiras mais ainda, estimarei êsse homem! Se o repelisse, não poderias gostar de mim. Pois bem: abrir-lhe-ei os meus braços!

De repente, empalideceu, por que o seu olhar acabava de cair sôbre Flor. A cigana passara para um gabinete, cuja porta se encontrava por detrás do divã, e desaparecera.

— Abrir-lhe-á os braços, minha mãe? — repetiu Aurora.

A princesa estava silenciosa e o seu coração batia com violência. Aurora arrancou-se dos seus braços.

— Ah! Não sabe mentir! — exclamou. — Êle morreu! Pelo menos, julga-o morto!

Mas, antes da princesa — que se deixara cair numa cadeira — ter tempo para responder, dona Cruz apareceu de novo e barrou a passagem a Aurora, que se precipitara para a porta. Flor estava vestida para sair.

— Tens confiança em mim, irmãzinha? — disse ela. — As tuas fôrças trairiam a tua coragem. O que querias fazer, fa-lo-ei eu!

E depois, dirigindo-se à princesa, acrescentou:

— Queira dar ordem para prepararem a sua carruagem!

— Onde vais, minha irmã? — perguntou Aurora, trêmula.

— Onde a senhora princesa me disser que devo ir, para o salvar! — respondeu dona Cruz, em voz firme.

CONDENADO À MORTE

Flor esperava junto da porta. Mãe e filha estavam diante uma da outra. A princesa acabara de mandar preparar a carruagem.

— Aurora — disse a princesa — não esperei o conselho da tua amiga para fazer o que devia. Não lhe quero mal, mas Flor pôde supor que eu prolongava o sono da tua inteligência para te impedir que procedesses...

D. Cruz aproximou-se involuntàriamente.

— Ontem — prosseguiu a princesa — era inimiga dêsse homem. Sabes por quê? Roubara-me minha filha e as aparências diziam-me: "Nevers morreu sob as suas estocadas!"

A figura de Aurora endireitou-se, mas os olhos baixaram-se. Tornou-se tão pálida que a mãe deu um passo para a amparar. Aurora disse-lhe:

— Continue, minha mãe, escutou-a! Pelo seu rosto noto que já reconheceu a verdade.

— Li o teu livro, minha filha — retorquiu a mãe. — Foi um eloqüente advogado. O homem que conservou tão puro um coração de vinte anos sob o seu teto, não pode ser um assassino. O homem que me restituiu minha filha tal como eu a sonhara, na ambição do meu amor maternal, deve ter uma consciência sem mancha!

— Obrigada por êle, minha mãe. Não tem mais provas?

— Sim, tenho o testemunho de uma honrada mulher e de seu neto. Henrique de Lagardère...

— Meu marido, minha mãe...

— Teu marido, minha filha — pronunciou a princesa, baixando a voz — não feriu Felipe de Nevers, defendeu-o!

Aurora lançou-se ao pescoço da mãe e, perdendo sùbitamente a sua frieza, cobriu-lhe a fronte e as faces de beijos ardentes.

— São para êle... — disse Aurora de Caylus, sorrindo tristemente.

— São para ti! — exclamou Aurora, levando as mãos da mãe aos lábios — para ti, a quem, enfim, encontro! São para ti, a quem amo e a quem êle amará também!... E que fizeste?...

— O Regente — respondeu a princesa — tem em seu poder a carta que põe a claro a inocência de Lagardère.

— Obrigada! — exclamou Aurora. — No entanto, por que não está êle aqui?

A princesa fêz sinal a Flor para se aproximar.

— Vai, minha querida filha — disse-lhe, beijando-a na testa — a carruagem está pronta. És tu quem vai buscar a resposta à pergunta de minha filha. Parte e regressa depressa... esperamos-te!

Dona Cruz afastou-se a correr.

— Então, minha filha — perguntou a princesa a Aurora, conduzindo-a para junto do sofá — já mortifiquei bastante êste orgulho de dama nobre que reprovavas sem o conhecer? Tenho obedecido às ordens de **mademoiselle** de Nevers?...

— Minha mãe é uma santa... — principiou Aurora.

Sentaram-se. A princesa de Gonzaga interrompeu-a:

— Sou muito tua amiga, nada mais! Há pouco tinha mêdo de ti, agora, nada receio; tenho um talismã.

— Qual é? — perguntou a filha, sorrindo.

A princesa contemplou-a durante um momento em silêncio e em seguida respondeu:

— Amar o teu marido, para que tu me queiras muito!

Aurora precipitou-se nos braços da mãe.

★

Entretanto, dona Cruz atravessara o salão da princesa à antecâmara, quando um grande barulho lhe chegou aos ouvidos. Travava-se acesa discussão na

★



— Ei! Há vinte minutos que já acabamos!

escada. Uma voz que ela julgou reconhecer, gritava com os criados e camareiras da princesa de Gonzaga. Êstes, que pareciam um batalhão agrupado do outro lado da porta, defendiam a entrada do santuário.

Dona Cruz parou para escutar.

— Vão dizer imediatamente à senhora princesa que o marquês de Chaverny, seu primo, precisa falar-lhe imediatamente.

— Chaverny! — repetiu dona Cruz admirada.

Entretanto, a criadagem parecia consultar-se com o olhar. Deviam ter acabado por reconhecer, apesar da estranheza do seu vestuário e da poeira e caliça que lhe cobriam os sapatos, o senhor marquês de Chaverny, primo de Gonzaga.

Parece, porém, que o jovem marquês achou que a deliberação levava muito tempo, pois Flor ouviu o ruído de luta e o barulho que produz o corpo de um homem descendo degraus a rebolar. Depois, a porta abriu-se bruscamente e surgiu, de costas, o marquês, vestindo o soberbo casaco de Peyrolles. Chaverny fechou a porta na cara daqueles que se opunham à sua entrada, e deu volta à fechadura. Ao voltar-se, avistou dona Cruz. Antes dela poder recuar ou defender-se, Chaverny pegou-lhe nas mãos e beijou-as rindo.

— Meu anjo! — disse-lhe, enquanto Flor procurava desprender-se, meio satisfeita, meio confusa. — Sonhei consigo tôda a noite. O acaso quis que eu esta manhã esteja demasiadamente ocupado para lhe fazer uma declaração em forma. Assim, pondo de parte os preliminares, caio a seus pés e ofereço-lhe o meu coração e a minha mão!

E, de fato, ajoelhou-se no meio da antecâmara. A cigana não esperava uma coisa destas e estava tão embaraçada como êle.

— Eu também estou com muita pressa — disse, esforçando-se por se conservar séria — deixe-me passar, peço-lhe!

— Será a marquesinha mais encantadora da terra — disse Chaverny, erguendo-se. — Fica combinado. Não suponha que digo isto sem pensar. Refleti em tôdas estas coisas durante o caminho!

— E o meu consentimento? — perguntou dona Cruz.

— Também pensei nisso. Se não consentir... rapto-a! Bem, mas não merece a pena falarmos num assunto que está resolvido. Trago notícias muito importantes e preciso falar com a senhora princesa de Gonzaga.

— A princesa está com a filha — replicou dona Cruz — não recebe.

— Com a filha? — exclamou o marquês. — Aurora de Nevers! A minha noiva de ontem, uma encantadora criança, é verdade; no entanto, é a si a quem eu amo e visto a princesa estar com a filha, mais uma razão para eu entrar.

— Impossível! — pretendeu dizer a cigana.

— Não há impossíveis para os cavaleiros franceses! — pronunciou Chaverny, com gravidade.

E pegando em dona Cruz, roubou-lhe meia dúzia de beijos e afastou-a.

— Não sei o caminho, mas o deus das aventuras há de guiar-me! Então um homem que traz uma mensagem escrita com sangue não há de passar por tôda a parte?...

— Uma mensagem escrita com sangue? — repetiu dona Cruz, já muito séria.

Chaverny entrara no salão. Dona Cruz correu atrás dêle mas não pôde impedir que êle abrisse a porta do oratório e penetrasse de improviso nos aposentos da princesa.

Uma vez ali, os seus modos mudaram um pouco.

— Senhora, minha nobre prima — disse, conservando-se respeitosamente inclinado no limiar da porta — nunca tive ocasião de lhe apresentar as minhas homenagens. Sou o marquês de Chaverny, primo de Nevers por parte de minha mãe, de Chaneilles...

Ao ouvir o nome de Chaverny, Aurora, assustada, abraçou ainda mais a mãe. Dona Cruz entrara a seguir ao marquês.

— E que vem aqui fazer, senhor? — perguntou a princesa com ar severo.

— Venho expiar as culpas de um estouvado que conheço... — respondeu o marquês, voltando para Aurora um olhar suplicante — de um louco que usa um nome muito parecido com o meu e em vez de apresentar a **mademoiselle** de Nevers as minhas desculpas, que não poderiam ser aceitas, resgata o seu perdão trazendo-lhe uma mensagem.

E pôs um joelho em terra diante de Aurora.

— Uma mensagem de quem? — perguntou a princesa franzindo as sobrancelhas.

Aurora, trêmula e mudando de côr, adivinhara.

— Uma mensagem do cavaleiro Henrique de Lagardère — respondeu Chaverny.

Ao mesmo tempo tirou da algibeira o lenço onde Henrique traçara algumas palavras escritas com sangue, Aurora tentou erguer-se, mas caiu desfalecida em cima do sofá.

— A missiva tem uma aparência lúgubre — explicou o marquês à princesa, enquanto dona Cruz amparava a amiga — mas não se assuste. Quando não há tinta nem papel para escrever...

— Êle vive!... — murmurou Aurora com um profundo suspiro, enquanto os seus lindos olhos cheios de lágrimas se erguiam ao céu, agradecendo a Deus.

Depois, recebeu das mãos de Chaverny o lenço tinto de sangue e levou-o aos lábios apaixonadamente.

A princesa desviou a cabeça. Devia ser a última revolta da sua altivez.

Aurora tentou ler, mas as lágrimas cegavam-na e como o pano absorvera a tinta, os caracteres eram quase indecifráveis.

A princesa, Flor e Chaverny quiseram auxiliá-la, mas aquêles hieroglifos nada lhes diziam. Estava tudo tão confuso.

— Eu leio! — disse Aurora enxugando os olhos com o próprio lenço.

Aproximou-se da janela e leu realmente:

"À senhora princesa de Gonzaga: Permita-me ver ainda Aurora, uma vez, antes de morrer!"

Aurora ficou um momento imóvel e gelada. Depois perguntou a Chaverny:

— Onde está êle?

— Na prisão do Châtelet.

— Foi condenado?

— Ignoro-o. O que sei é que está no segredo.

Aurora arrancou-se dos braços da mãe que a abraçara e disse:

— Vou ao Châtelet!

— Tem junto de si sua mãe, minha filha — murmurou a princesa, em cuja voz se notava meiga censura — sua mãe que de ora avante será para si um guia e um amparo! O seu coração ainda não falou, porque se falasse, diria: "Minha mãe, leve-me à prisão do Châtelet!"

— Como?... Consentiria?... — balbuciou Aurora.

— O marido de minha filha é meu filho também — respondeu a princesa. — Se êle sucumbir, chorá-lo-ei, mas se puder salvá-lo, salvar-se-á!

E dirigiu-se imediatamente para a porta. Aurora fê-la deter-se para lhe beijar as mãos e dizer por entre lágrimas:

— Que Deus lhe pague, minha mãe!



A sessão do Tribunal de Justiça fôra menos demorada do que o almôço. Das três testemunhas que deviam depor, duas — Cocardasse e Passepoil — tinham fugido e, portanto, só se ouviram as declarações de Peyrolles.

Foram tão precisas as suas afirmações e tão convincentes na sua acusação contra Lagardère, que os debates se simplificaram de forma extraordinária.

Terminada a sessão e proferida a sentença, o marquês de Segré perguntou que horas eram.

— Duas, senhor presidente — respondeu um dos conselheiros.





— Hoje é sábado, querido. Queres dormir mais duas horas ou varrer a casa?

— A baronesa está à minha espera!, Que maçada esta, de sessões!...

E dirigindo-se a um dos criados mandou ver se a liteira já estava pronta.

Quando se preparava para sair, chegou um oficial de justiça dizendo que duas senhoras desejavam falar-lhe.

— Que desapareçam! Não recebo ninguém!... Que aparência têm?...

— Vêm cobertas com grandes véus...

— Traje de causa perdida!... E como vieram?

— Numa carruagem com as armas do príncipe de Gonzaga.

— Ah! Diabo!... — exclamou de Segré. — Êsse Gonzaga não parecia estar muito à vontade diante do tribunal, mas desde que o senhor Regente... Bem, mande entrar! Já lá vou!...

E momentos depois entrava na sala onde duas senhoras, que êle não conhecia, o aguardavam.

— A quem tenho a honra de falar? — perguntou, dirigindo-se-lhes.

— Senhor presidente — respondeu a mais velha — sou a viúva de Filipe de Lorena, duque de Nevers.

— Como?... — disse Segré, surpreendido. — Eu julgava que a viuva de Nevers desposara o príncipe de Gonzaga!

— Sou realmente a princesa de Gonzaga — respondeu Aurora, com uma espécie de repugnância.

O presidente fêz três ou quatro vênias profundas e precipitou-se para a antecâmara, mandando trazer cadeiras imediatamente.

— Não é preciso, senhor marquês, não se incomode — disse a princesa. — Minha filha e eu estamos aqui para...

— Ah! Ignorava que o príncipe de Gonzaga...

— Minha filha é Aurora de Nevers! — pronunciou gravemente a princesa.

O presidente fêz uns olhos muito meigos e cumprimentou de novo.

— ... nós vimos — prosseguiu a princesa — trazer à Justiça os necessários esclarecimentos...

— Permita-me dizer-lhe, ilustre senhora — interrompeu novamente o marquês — que a nossa profissão sutiliza o espírito, se assim se pode dizer, de uma forma notável. Causamos admiração a muita gente porque de uma palavra tiramos a frase, pela frase já sabemos o livro... Ora, eu adivinho que vem trazer-me novas provas de culpabilidade daquele miserável...

— Senhor! — disseram ao mesmo tempo mãe e filha.

— Mas não é preciso, o desgraçado não tornará a assassinar ninguém...

— Então, não recebeu carta nenhuma de Sua Alteza? — perguntou a princesa em voz surda.

Aurora, prestes a desfalecer, amparou-se à mãe.

— Absolutamente nada, senhora princesa — respondeu o marquês — mas não era preciso. O caso está arrumado e muito bem! Há já cêrca de meia hora que foi lida a sentença...

— E não recebeu notícia nenhuma do Regente? — insistiu a princesa aterrada, ao sentir que Aurora, a seu lado, tremia e palpitava.

— Que mais desejava?... Que êle fôsse executado na Praça de Grêve?... Sua Alteza não gosta dêsse gênero de execução, salvo em casos muito especiais...

— Então êle foi condenado à morte? — balbuciou Aurora.

— E que mais se lhe poderia fazer, encantadora senhora?...

Aurora, entretanto, caiu meio desfalecida sôbre uma cadeira.

— Que tem sua filha?... — interrogou o marquês. — Ah! Compreendo, as senhoritas não devem ouvir estas coisas, espero que me desculpará! Se me dá licença, saio...

"Encantado por ter tido ocasião de fornecer pessoalmente êstes pormenores e queira ter a bondade de comunicar ao príncipe que está tudo terminado irrevogàvelmente. Não se poderá recorrer da sentença e ainda esta noite... Bem, beijo-lhe as mãos, senhora princesa...

E cumprimentando, saiu do salão.

A princesa ficou de olhos fitos na porta por onde o marquês saíra. Aurora estendeu os braços para essa mesma porta — que conduzia ao tribunal e à saída dos magistrados — e gritou numa voz que parecia pertencer a outra pessoa:

— Êle vem aí!... Reconheço-lhe os passos!...

(Continua no próximo número)

Meu primeiro TIGRE

Conto de HARRY DURKIN



QUANDO pela primeira vez estive em Assam, minha cabeça estava cheia de idéias sôbre a caçada na Ásia. Agora reconheço que a maioria delas era falsa. Foi Rapunji, meu pequeno e forte cicerone, que apontou-me o verdadeiro caminho. A despeito da minha experiência Rapunji fêz-me ver o quanto eu era primário no assunto; sòmente depois de duas semanas de aprendizem é que pude notar as diferenças entre o sistema africano e asiático de caçada, na floresta.

Depois de uma longa e penosa caminhada através da planície aberta, chegamos às intricadas florestas das colinas de Khasi, que pareciam tão abruptas quanto o Himalaia. Logo no meu primeiro dia de viagem, senti uma profunda fadiga. As pernas enrijeceram e ficaram tão doloridas que fizeram com que eu perdesse, lamentàvelmente, duas ótimas pontarias. Rapunji, não obstante ser forte e musculoso, balançou a cabeça demonstrando certa preocupação.

HARRY DURKIN AQUI DESCREVE AS EMOÇÕES QUE LHE VALERAM O SEU PRIMEIRO TIGRE E CONFESSA: — "SEI QUE OS MAIORES CAÇADORES COMETEM ERROS. HÁ UM, PORÉM, QUE JAMAIS REPETIREI: CONFUNDIR UM TIGRE REAL COM UM LEÃO!"

Naturalmente devia estar indagando dos motivos que me haviam levado a tão infernal modo de vida.

Ao fim da segunda semana de caminhada, manifestei meu desejo de apanhar um tigre. Rapunji, com tôda a sua polidez nativa, emitiu seu parecer a respeito.

Existem dois modos populares de se dar caçada a êsses terríveis animais. O primeiro dêles consiste na construção de uma plataforma em cima de uma alta e firme árvore; estando imune do perigo qualquer um pode matar um tigre, razão porque considero esta maneira como própria para as férias de moças. O outro modo pouco difere do anterior; apenas se substitui a plataforma pelas costas de um elefante, cujo andar pode trazer enjôo.

Um terceiro método, que não é recomendável para férias, vem a ser o emprêgo de um búfalo morto, como isca. Feito isso, constrói-se uma "boma" ou cêrca de arbustos espinhosos, colocada a cinco metros de onde se encontra o búfalo; e espera-se pela noite a dentro até que seja possível fazer pontaria bem entre os olhos da terrível fera que, mais cedo ou mais tarde, virá a busca da prêsa.

E finalmente há o perigosíssimo sistema da perseguição; neste o caçador, a pé, rasteja o animal até que êle se ponha em posição de ser alvejado. Os caçadores que escolhem êsse tipo de caçada, ou são muito experimentados, ou demasiadamente temerários.

Sem indagar os motivos eu e Rapunji estabelecemos que daríamos a caça ao nosso tigre perseguindo-o, a pé, fôssem quais fôssem as conseqüências. Porém, o jovem nativo "shikari" não parava de advertir-me dos perigos, demonstrando absoluta falta de confiança em meu pequeno rifle.

— Êste rifle — disse-lhe eu — já matou mais de cinqüenta leões. O leão e o tigre são muito semelhantes, possuem o mesmo tamanho e mesma vulnerabilidade a uma bala de aço cuja velocidade atinge meia milha por segundo.

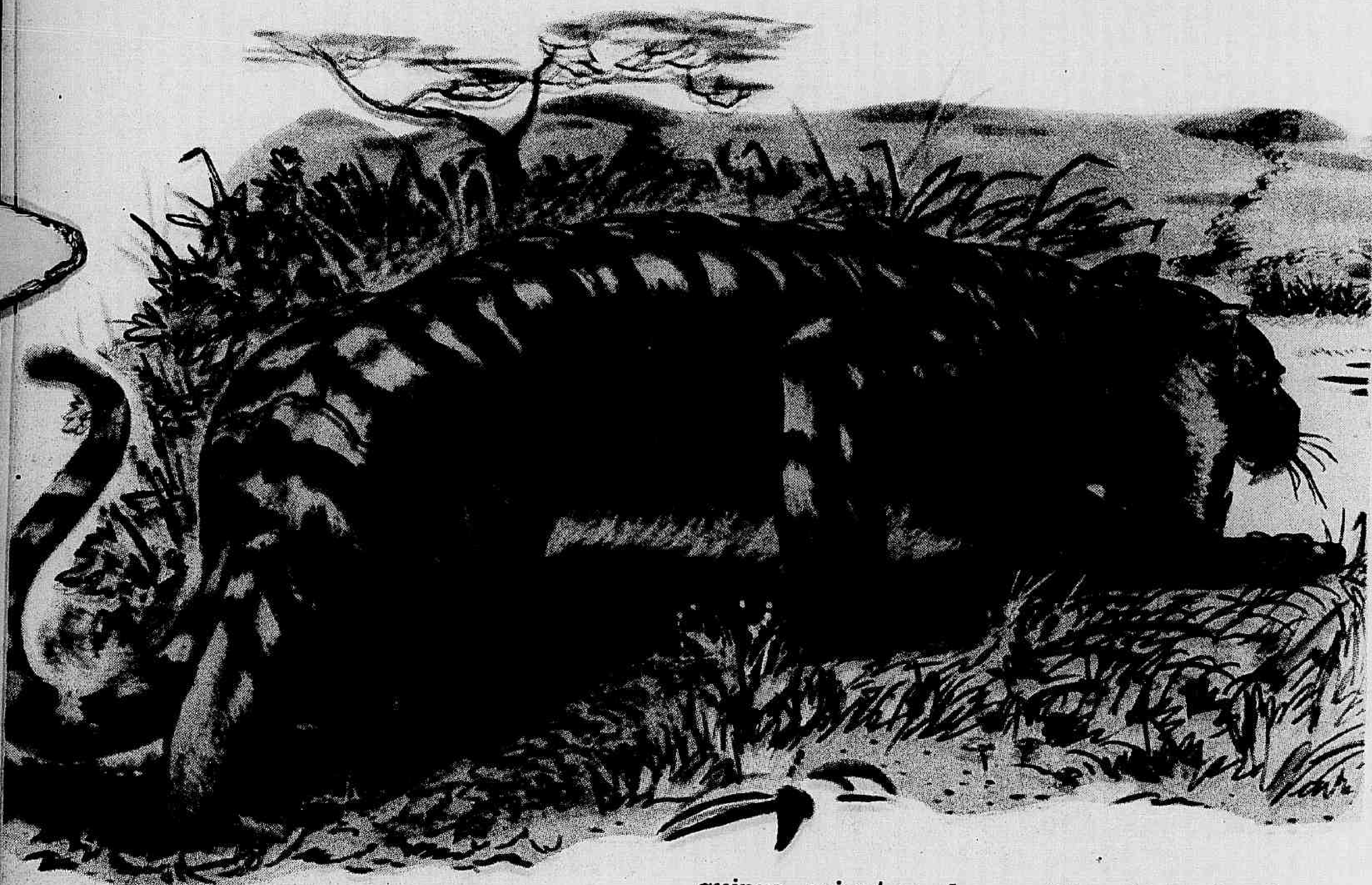
É certo que Rapunji nada compreendia do que lhe estava dizendo, mas, quando nada, serviu para aliviar um pouco o seu espírito. Na realidade, acho que nem





mesmo eu sabia se estava falando com convicção.

De qualquer maneira, dois dias se escoaram antes de que encontrássemos o nosso tão esperado tigre. Um nativo proveniente de uma vila próxima, numa desesperada corrida, irrompeu bem em cima de nosso acampamento; ofegante, e com os olhos exorbitados, contava a história, enquanto engolia sôfregamente a preciosa cerveja australiana que levamos.



— Um tigre, senhor; um matador de gado! — disse meu guia. — Assaltou o povoado esta noite. Seu rastro ainda está fresco!

Dentro em pouco começamos a rastejá-lo. Sua pista, marcada por enormes sulcos, se dirigia diretamente para uma selvagem e verde floresta que cobre uma imensa planície; Rapunji e eu seguimos, sem qualquer outra companhia, pois, não me agradava a idéia de que um bando de nativos puzesse a perder o meu primeiro tigre.

Durante a maior parte da tarde, nada houve de anormal. Mas, depois de afastarmo-nos duas milhas do local do assalto, deparamos com o covil temporário do tigre; ali deitara-se para fazer a digestão. O lugar em que permanecera estava mais quente do que o "humus" ambiente, o que provava que escapou, apenas pressentiu a nossa aproximação. Porém, o seu odor impregnava o ar. Embora o meu olfato não se pudesse comparar com o do nativo, verifiquei, evidentemente, um forte cheiro na relva, depois de aproximadamente uns quinze minutos da partida do animal. Esta foi a primeira notável diferença que notei entre o tigre e o leão.

Sabedores de que o tigre se encontrava a menos de uma milha de distância, procuramos aumentar nossa velocidade, pois desejávamos, de um modo ou de outro, apanhá-lo, antes que escurecesse.

Depois de algum tempo, a pista deixou a floresta e penetrou numa área descampada e plana, onde a relva chegava à altura da cabeça de um homem. O cicerone advertiu-me de que tivesse o máximo de cautela. Na verdade, o perigo era iminente, uma vez que a visibilidade não ia além de três metros, e aquela relva ama-

relada cobriria o tigre até que escancarasse a bôca, junto de nós.

"Um tigre escondido na relva
Pode fazer-te uma traição!"

Recitou Rapunji. Eu ri para lhe ser agradável; nada no mundo poderia desviar minha atenção de um inopinado encontro com o tigre e de suas imprevisíveis conseqüências; pensava exatamente como se



fôsse um pilôto artilheiro. Após atravessar a planície, nossa prêsa começou a subir pelas escarpas da montanha. Rapungi revelou que os tigres do norte da Índia trepam tão hàbilmente quanto os cabritos monteses. Extremamente cansados, atingimos o tôpo da montanha que devia estar à mil metros de altitude.

Cruzava então um pinheiral quando meus olhos foram repentinamente atraídos para o chão. Rapungi estava vigiando a área que ficava atrás de mim; neste instante deu um terrível brado de advertência. Ao ouvi-lo, agachei-me, instintivamente, apontando o rifle em tôdas as direções.

Era o tigre que surgia diante de nós, como uma terrível ameaça. Não estava muito distante. À sombra de pequenos pinheiros, na borda da clareira, êle nos fulminava com seu olhar ameaçador. Estou certo de que êle nos atacaria imediatamente se não notasse que estávamos alertados. Resvalou para uma outra posição; então pude ver o astuto felino, e eu atiraria se não temesse errar a pontaria, visto que a distância ia além de 30 jardas. De repente, um horrível grito me surpreendeu; o animal deu um grande salto e já escapava quando disparei. Reconheci, estupefato, que meus 20 anos de experiência haviam sido inúteis, pelo menos naquela oportunidade.

A bala foi alojar-se no tronco de uma árvore a quase um metro acima da cabeça do tigre, que desapareceu imediatamente. A princípio, fiquei enfurecido, mas depois considerei que o mesmo já havia acontecido a homens muito melhores do que eu. O primeiro contacto com um tigre traz sempre alguma complicação.

Sòmente então tive a oportunidade de saber o quanto um tigre difere de um leão. Conheci um veterano caçador de tigres que, ao primeiro encontro com um leão, foi tão bem sucedido que passou a considerar o rei das selvas como um dos melhores animais para caçadas.

Mal tive tempo para lamentar-me quando o animal reapareceu diante de nós. Encontrava-se do outro lado do leito sêco de um rio. Semelhante a uma estátua, lá, permanecia êle próximo a um grupo de pinheiros; após alguns momentos caminhou lentamente, desaparecendo por entre o arvoredo. Seguimo-lo, por algum tempo. Mais adiante verificamos que os seus rastros haviam desaparecido, provàvelmente encobertos por um trecho de montanha que se tinha desprendido e rolado escarpa a baixo. Nisto Rapunji sentou confortàvelmente, como se nada houvesse acontecido. Adverti-o, dizendo que teríamos que fazer uma volta, a fim de apanhar a pista do outro lado. Rapunji balançou a cabeça.

— Não, senhor; não encontraremos a sua pista! — Olhei para êle com certo espanto, e êle continuou: — O tigre está aqui, diante de nós; poderá ser alvejado, agora!

Sentei-me e acendi um cigarro.

— Conheço muito bem estas montanhas — retomou Rapunji. — Daqui é que fa-

zíamos sinais luminosos quando combatíamos os inglêses. Os nossos abrigos eram as cavernas rochosas, onde os animais constroem seus covis.

A seguir apontou para a bôca de uma imensa caverna não muito longe de onde estávamos sentados.

— Tenho a impressão de que o tigre está lá dentro! — falou.

Ao ouvir isto, pus-me de pé e aprontei o rifle.

— Tenho pegado muitos leões em lugares como êste — disse eu. Antes de tudo tínhamos que jogar algumas pedras; êles rosnavam e saíam para atacar; então ficávamos de prontidão.

Assim falando, levantei-me e apanhei diversas pedras e lancei uma após outra na bôca da caverna. Nem um rugido, nem mesmo um simples ruído me foi dado perceber. Rapungi olhou para mim, com certa curiosidade, e depois de balançar a cabeça, pacientemente, disse:

— Penso que o seu leão é um animal estúpido; pois os nossos tigres não reagem a pedradas! Só atacam quando querem matar.

E, sem perda de tempo, ergueu-se, puxou de longo punhal e anunciou:

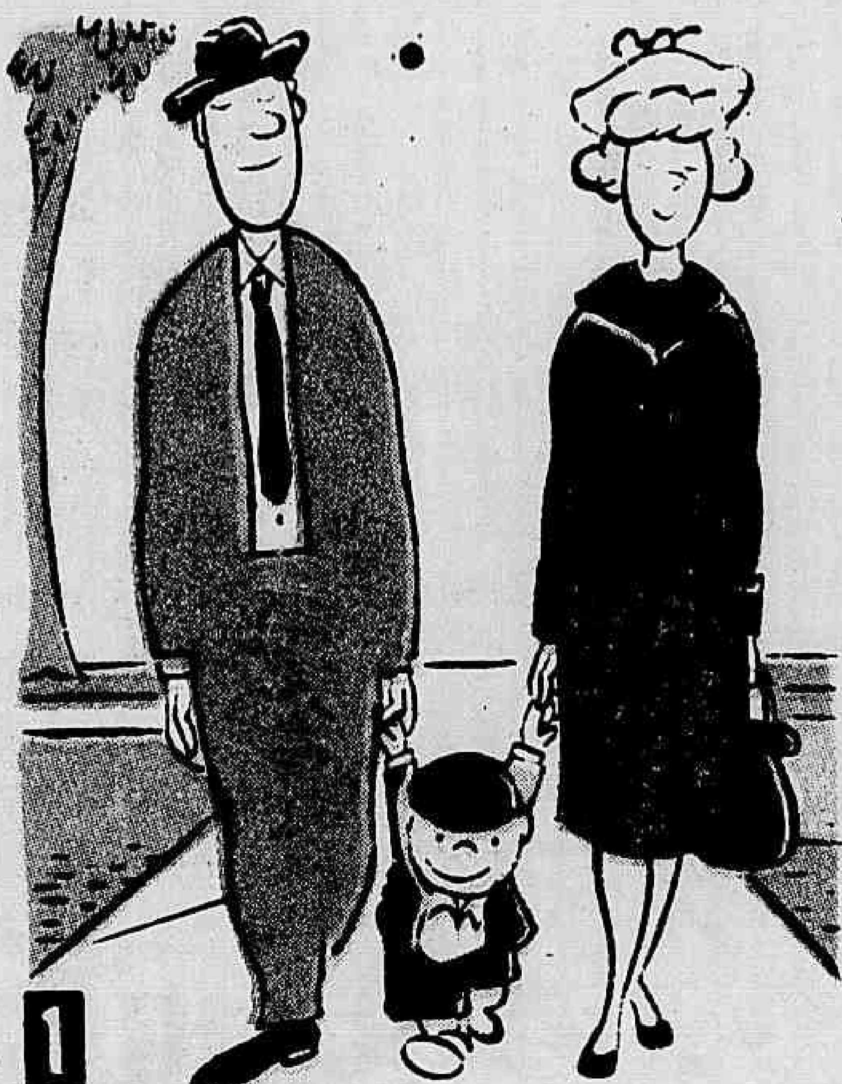
— Devemos entrar na caverna, em busca dêsse tigre!

Entrei. Naturalmente que o tigre merecia muita consideração. E nem sequer posso negar o mêdo que naquele momento me assaltou. Logo que cheguei à entrada da caverna Rapunji pediu-me para esperar um instante, enquanto êle próprio guardaria as outras entradas. Segui-o por um áspero terreno até chegarmos à bôca de um baixo túnel; era a porta negra da caverna. Perguntei a meu companheiro como sabia êle que o tigre não havia fugido ao pressentir que ainda continuava sendo perseguido.

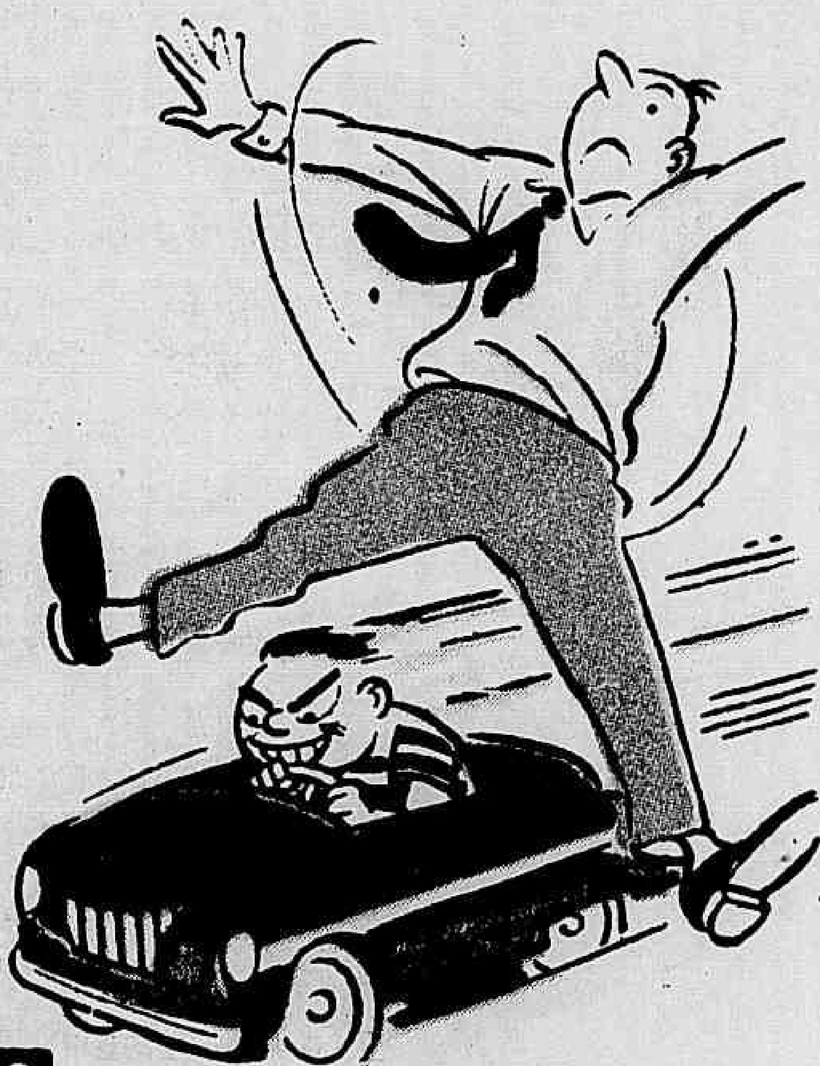
— Êle não nos espera — respondeu-me. — Ademais, não imagina que bloqueamos ambas as entradas.

PSIQUIATRAS!

Por DON TOBIN



O psiquiatra recomendou



tôda liberdade para



nosso filho crescer livremente.



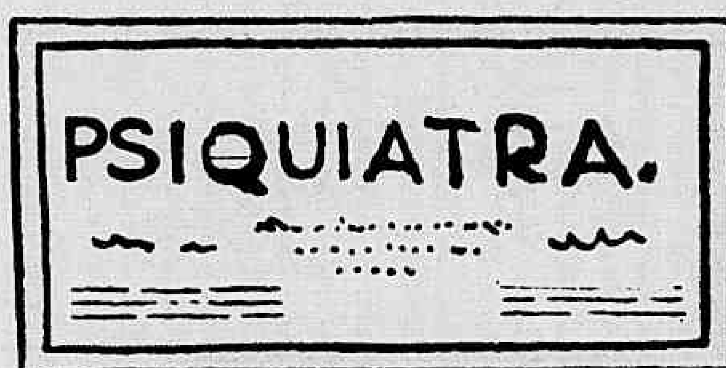
sem repressões ou



inibições e assim tornar-se



uma pessoa sadia e normal





como seus pais.

A entrada da caverna não tinha mais de quatro pés de altura. Prossegui na escuridão, parando a cada momento para examinar, sondar as sombras e escutar.

Por enquanto, eu caminhava abaixado, mas, um pouco adiante, o teto tornou-se mais alto, de modo que pude andar naturalmente.

Estava já cansado daquilo tudo; tinha a impressão de que há muito tempo me encontrava ali, metido naquela gruta; mas, na verdade, não fazia mais do que alguns minutos; era a ilusão, provocada, talvez, pela inquietante expectativa.

Soltei, por um momento, o rifle, a fim de limpar o suor que me escorria abundantemente pela fronte. Inteiramente desanimado, convenci-me de que o nosso tigre não mais se achava na caverna. Mal acabava de pensar, ouvi um rumor. Era êle! Sua pesada respiração encheu meus ouvidos, como uma terrível advertência. Parecia estar deitado. Aprontei a arma, nervosamente, procurando vislumbrar as chamadas "lâmpadas verdes" de que falara Rapunji.

Sòmente então comecei a compreender porque Rapunji era, realmente, um notável caçador. É que **raciocinava exatamente como se fôra um animal perseguido!** Sem mais demora, começou a cortar longos galhos de pinheiros. Construiu duas grandes tochas, e colocou-as na bôca do túnel. Ao ver o que fazia, indaguei se não ficava muito escuro.

— Se o tigre estiver muito afastado — respondeu-me — o senhor verá duas lâmpadas verdes, uma ao lado da outra; então pode fazer pontaria um pouco abaixo delas.

Porém, nada vi. Sòmente o som de sua áspera respiração continuava a encher o túnel. Mas, de repente, observei que o tigre batia em retirada.

— Bem, isto significa que êle está fugindo de mim — pensei.

(Continua no fim da revista)

PARA TIRAR QUALQUER DÚVIDA

DURANTE uma visita a Londres, Mark Twain foi convidado a um banquete de críticos literários. Um dos eruditos comensais iniciou uma discussão a respeito da velha controvérsia da identidade de Shakespeare. Ao terminar uma exposição, pediu ao famoso humorista norte-americano que declarasse sua opinião.

— Não prestei maior atenção ao assunto — confessou Mark Twain.

— Mas, sem dúvida, o senhor tem alguma idéia a respeito — insistiu o erudito inglês.

— Não senhor. Mas aguardarei chegar ao céu e então perguntarei a Shakespeare quem escreveu suas obras — prometeu Mark Twain, esperando assim livrar-se do vizinho de mesa.

— Não creio que encontre Shakespeare no céu! — declarou o inglês.

— Neste caso — respondeu Mark Twain, um tanto aborrecido pela impertinência do crítico — pergunte o senhor mesmo a êle!



E' A LEI...

Por DICK HYMAN



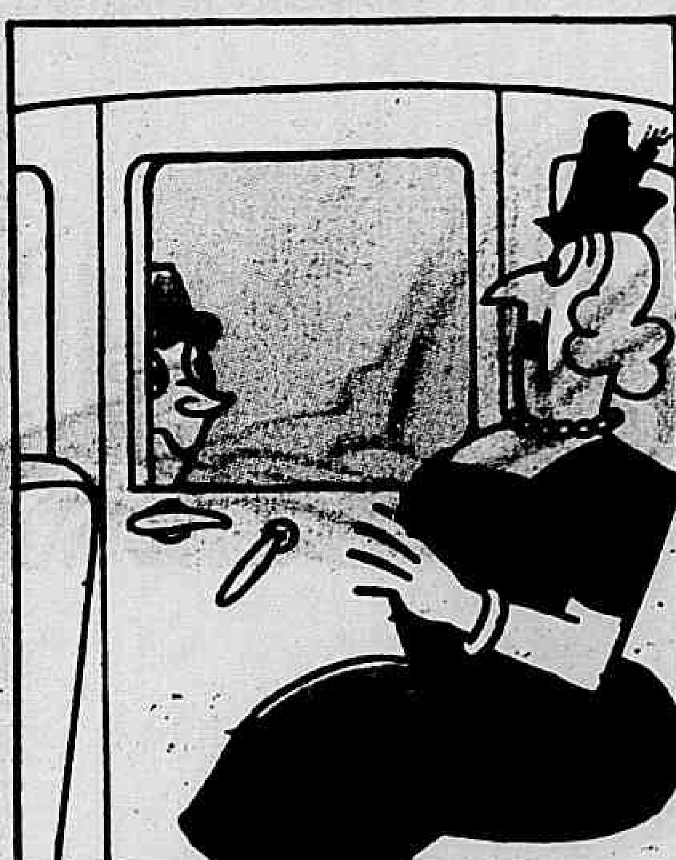
Em Rochester, New York, é proibido carregar galinhas vivas nos ônibus.



Em Tylerton, Mississippi, é contra a lei barbear-se na rua principal.



Em Nice, França, é ilegal penetrar em qualquer propriedade com a intenção de perturbar o trabalho das abelhas.



Em quase tôdas as cidades inglêsas é absolutamente contra a leia lei andar espionando o interior de um auto ocupado.

ERA NATURAL

O barco onde o almirante Nelson encontrou a morte é visitado pelo público. Os curiosos percorrem o tombadilho, conduzidos por um guia. Êste, assinalando uma placa comemorativa, aparafusada ao solo e de um relêvo de mais de dez centímetros, explica:

— Foi aqui que Nelson caiu.

— Não é de admirar! — explica um dos turistas. — Eu acabo de tropeçar nisso aí... e por um tris não me mata também!



A VANTAGEM E' FALAR...

MINHA mulher é capaz de falar de qualquer assunto durante cinco horas seguidas.

— Isso não é nada! A minha é capaz de falar cinco horas seguidas **sem assunto**.



VEJA, meu caro, como o meu filho é forte. Não tem ainda 5 anos e pode levantar 15 quilos!

— Isso não é vantagem. O meu não tem mais que cinco meses e há noites em que levanta tôda a casa.

SE *Miss* BRASIL DESPERTASSE NO ANO 101.955...

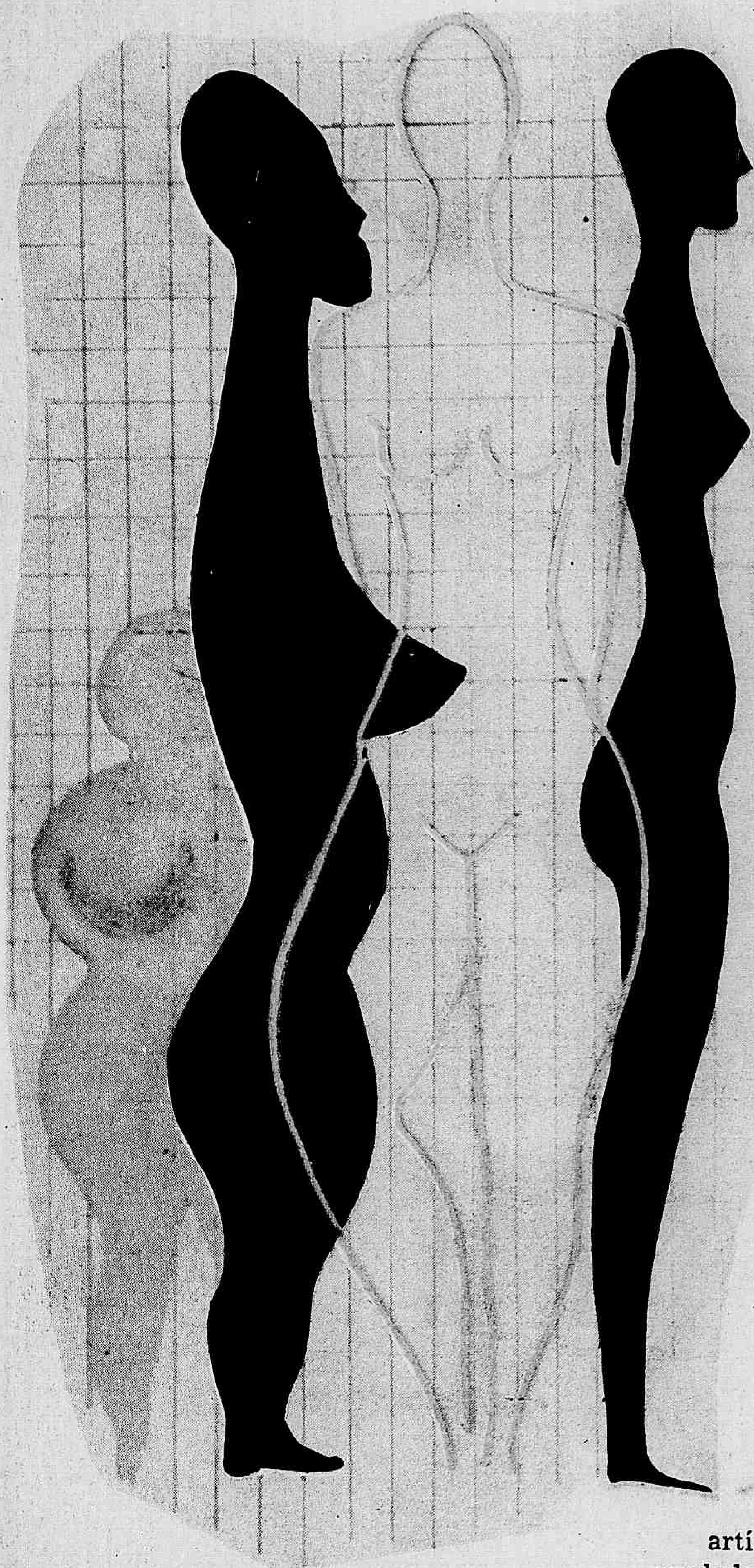
A CAMBIANTE FIGURA FEMININA, SEGUNDO ESTÁ RECORDADA NAS GRANDES OBRAS DE ARTE ★ UM DEDO DO PÉ CONDENADO ★ AS "PIN-UP" DO FUTURO SERÃO CALVAS!



A mulher sempre dominou o campo visual do homem, que, desde os albôres da humanidade, se sentiu atraído e fascinado pela companheira que lhe foi destinada. Adão, nosso pai-venerável, que não temia os perigos inumeráveis de que vivia cercado, deixou de sentir o solo que pisava, e, por longo tempo ficou paralisado e extasiado diante da coisa sem dúvida horrorosa e mal acabada que surgiu de uma só de suas costelas!

Convenhamos que Adão não era, por sua vez, nenhum "bonitão", segundo o conceito da mulher atual. E como o homem nada consegue pesar, calcular ou avaliar sem comparar (o que é tristíssima falha dos nossos sentidos) aceitou o mostrengo como os holandeses se extasiavam diante das imensas mulheres pintadas por Rubens, apesar dos seus cento e muitos quilos e hoje nos alvoroçamos diante de uma Marilyn Monroe, que não alcança os cinqüenta.

De qualquer maneira, desde os tempos pré-histó-



encolher, arredondar, fantasiar as formas femininas algumas vêzes de maneira espantosa e revoltante.

Os individualistas tradicionais, os artistas dos diferentes períodos, raramente viram a mulher por um mesmo prisma de beleza e sedução, o que nos valeu essa infinita sucessão de formas, que foram, tôdas elas, colocadas em pedestais, para perpetuar na tela, no bronze, no mármore ou na madeira o supremo ideal de beleza.

Tudo isso, naturalmente, devemos a que os artistas sempre trabalharam sob sutis influências, em boa parte desconhecidas por êles próprios, porque estavam no próprio ar e no ambiente em que viviam e guiavam suas mãos.

Religião, moral, climas econômicos e filosóficos, dêsses diferentes períodos, tiveram sua influência, algumas vêzes esmagadora, na concepção do ideal feminino do artista. E não devemos desprezar a autoridade da moda, que teve também influência — e muito grande — na mentalidade do artista.

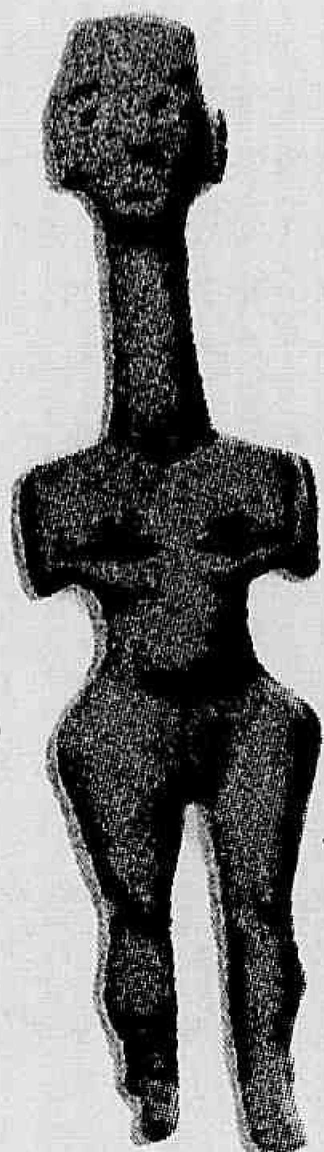
Com muita razão, portanto, Mark Twain disse, certa vez:

— **"Nenhuma mulher conseguirá apresentar-se bem, fugindo aos imperativos da moda."**

Com tôdas essas influências dominando o seu trabalho, não pode causar espanto que o ideal artístico das formas femininas tenha mudado de século para século. Assim, por exemplo, para iniciarmos esta seqüência representativa da influência da moda na forma feminina, temos a **Deusa-Serpente,** da ilha de Creta, reconhecida como origem da civilização egiana. Nela a cintura surgia sempre exageradamente pequena porque usava um cinturão de ouro muito apertado. A **Deusa-Serpente** (como a **Vênus de**

ricos, foi a mulher a fonte de inspiração mais procurada pelos artistas, que representaram as formas femininas, dando-lhes muito de suas preferências e ideais, para tanto distorcendo-lhe o corpo segundo suas próprias preferências e anseios.

Tais variações foram e continuam sendo enormes, o que teve como resultado esticar,





Willendorf, mais antiga), era um símbolo da fertilidade, porém sua figurinha já se apresentava mais refinada.

Dela passamos para a mulher segundo a escul-



tura egípcia, muito mais estilizada e que se conservou mais ou menos uniforme durante várias centúrias.

A estátua de **Teye** caminha com gracioso equilíbrio, pisando uniformemente sôbre os dois pés. Suas linhas são mais alongadas e suaves, compondo

uma figurinha elástica e de graça quase felina, apesar da flagrante desproporção das cadeiras em relação ao resto do corpo. A incessante uniformidade de curvas gentis, irrepreensíveis, desde os ombros até às cadeiras, dá à concepção escultural egípcia dignidade e elegância.

A **Vênus de Milo** é um dos mais familiares exemplos da arte clássica dos gregos. Revela-nos a tendência dos artistas gregos para a humanização dos deuses e, ao mesmo tempo, para a glorificação da Humanidade. A Vênus é representada como a perfeição da maturidade, da dignidade e da simplicidade. É uma figura idealizada, pelo fato de ser de estatura heróica, mas não é estilizada. O mesmo podemos dizer da Vitória, de Samotrácia (306, antes de Cristo) e que é outro grande exemplo da Idade Helênica.

Através de tôda a Idade-Média feudal — que pode ser chamada de "Era da Feminilidade Romântica", e também por todo o século XV, as mulheres de nascimento nobre foram sempre colocadas num pedestal e adoradas sem restrições. O ritual do amor, nas côrtes, o cavalheirismo, a galanteria e os torneios, tudo, enfim, estava genuìnamente ligado à idealização da mulher e sua proteção. As mulheres, representadas nas tapeçarias, assim como nas pinturas e esculturas mostram muito bem êsse ideal. Sua forma é delicada e suave; o que também é revelado nos seus vestuários como nas atitudes.



Entretanto, a ornamentação nos vestuários tem parte tão saliente que obscurece quase totalmente a forma física, ao contrário do que ocorre com os mosaicos bizantinos.

A Renascença, porém, retorna aos **standards** do classicismo, aumentando-lhes o realismo. Êsse período marca a apresentação, talvez um tanto exagerada, do indivíduo e seu mundo com a ressurreição da cultura clássica. Foi uma idade de pesquisas científicas e grandes invenções, que muito alargaram o horizonte intelectual do homem; uma idade, também, de descobrimentos e de trabalho, que largaram o seu horizonte físico.

Por isso a arte da Renascença está bem apetrechada para nos servir à curiosidade, porque foi, acima de tudo, uma idade de pesquisas incentivadas pela febre de curiosidade que assaltou o homem e que o levou a um notável avanço em todos os terrenos.

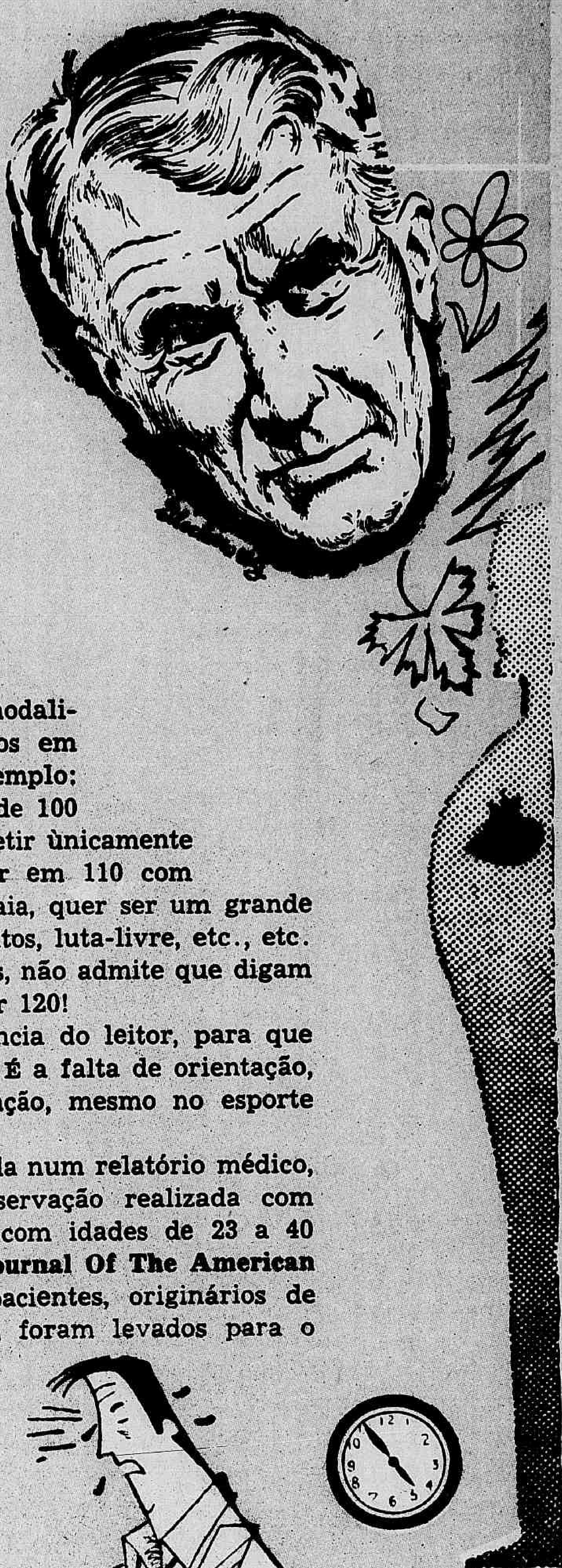
A própria exuberância das pinturas de Rubens revelam essa Renascença. Sua interpretação do mitológico **Julgamento de Paris** representa êsse aspecto. Suas telas foram tôdas uma representação de abundância, nas coisas e nos sêres. Seu principal modêlo para o quadro acima citado foi sua segunda espôsa, Helena Fourment, que não podia esconder a exuberância de suas formas mesmo quando posava com os vestuários da época, como ocorre com o retrato em que aparece com o seu filho mais velho. Foi Thomas Craven quem disse, referindo-se a Rubens:

— "Sua concepção de exuberância e riqueza jamais poderia ser expressada sob a forma de mulheres magras. **Êle precisava de grandeza, saúde e corpos bem desenvolvidos no mundo das três dimensões; de tudo, enfim, que fôsse o oposto ao acanhado, ao prisioneiro das dietas.**"

No período chamado Rococó tivemos a emergência da frágil feminilidade.

(Continua no fim da revista)

MOÇOS QUE SOFREM DO CORAÇÃO VELHOS ANTES DE TEMPO!



TODO indivíduo que venha a sofrer do coração antes de haver atingido os quarenta anos aparenta ter, quase sempre, mais 10 anos do que realmente têm.

Êsse mal, muito antigo, tem sido agravado, nos últimos quinze a vinte anos, com a "mania esportiva", cujo resultado veio a ser uma série condenável — e lamentável — de **excessos esportivos**, principalmente nos países, como o nosso em que as competições depressa chegam ao calor dos desafios. São incontáveis os rapazes aptos para os esportes e que, conseguindo brilhar numa determinada modalidade, não admitem que possam ser batidos em outras especialidades esportivas. Por exemplo: um indivíduo se revela excelente corredor de 100 metros. Pois bem, em vez de treinar e competir ùnicamente em 100 metros rasos, quer também brilhar em 110 com barreiras, 200, rasos, sem contar que, na praia, quer ser um grande cortador do volibol e ainda exibir-se em saltos, luta-livre, etc., etc. E, se encontra alguém que levanta 100 quilos, não admite que digam que êle não faz o mesmo e procura levantar 120!

Isso é comum e apelamos para a consciência do leitor, para que diga se é ou não verdade o que afirmamos. É a falta de orientação, de compreensão da utilidade da especialização, mesmo no esporte ou melhor: principalmente no esporte.

E essa é a causa da triste verdade, apontada num relatório médico, organizado após paciente e cuidadosa observação realizada com diferentes grupos de enfermos do coração com idades de 23 a 40 anos, e apresentado recentemente no **The Journal Of The American Medical Association**. Um grupo de 100 pacientes, originários de diferentes partes do grande país do norte, foram levados para o General Hospital, em Massachussetts, e a Escola de Medicina da Universidade de Harvard, em Boston.



Além de aparentarem ter mais idade do que realmente tinham, mais de 40 dêsses enfermos do coração eram de menor estatura e mais gordo do que o normal das criaturas da mesma idade.

Apresentavam um corpo mesomórfico (muscular) com exagerada profundidade do tórax (medida do peito para as costas), embora não passassem mais, em média, que o grupo constituído por indivíduos sadios.

Em geral, os ataques de coração, nesse grupo de pacientes, ocorriam durante o período do dia em que a maior parte das pessoas se encontra no trabalho, isto é, das 7,30 da manhã às 7 da noite. Porém isto não quer dizer — segundo declaram os médicos — que haja uma causa direta e uma efetiva relação entre o esfôrço e o distúrbio do coração, mas permite concluir que qualquer atividade pode influir para um número maior de ataques do coração.

Êsses ataques ocorrem com mais freqüência no inverno e no início da primavera. Cêrca de dois terços (76½ por cento) dos pacientes apresentam sintomas do mal muito antes de surgir os primeiros ataques graves. Em 95% dos casos, as dores sôbre o coração ou sob a caixa torácica surgem pouco antes dos ataques sérios.

Tem, pois, a mocidade, o dever de fazer-se examinar pelos especialistas, desde cedo, a fim de ouvir seus conselhos, moderando-se em seus entusiasmos esportivos, que, sendo muito úteis, podem transformar-se em verdadeiro flagelo, quando há exageros...

MEIO ÁCIDO – MEIO DOCE...

PARA AS MULHERES

COLIN Tenant, filho mais velho de lord Glenconner, e o mais recente candidato à mão da Princesa Margaret, recebeu uma carta anônima encorajando-o a desposar a irmã da rainha. E terminava com êste provérbio: "Veja a ourela e compre o tecido; veja a mãe e case com a filha..."

O amor é, talvez, ser egoísta juntos. — Marcel Achard.

No "Bristol Evening Post" êste anùnciozinho: "Senhora distinta, melancólica, deseja comprar papagaio sábio e tagarela, para distrair suas longas noites de solidão."

Uma mulher em que não se acredita, acaba perdendo o gôsto de dizer a verdade. — Sacha Guitry.

Assim o autor dedicou seu último romance: "À minha espôsa, cuja ausência permitiu que eu escrevesse, enfim, êste livro..."

"Ah, minha querida! Recomendo-lhe o meu médico. É um homem encantador. Quando o chamo, êle começa por perguntar: — Então? Que doença gostaria de ter?"

PARA OS HOMENS

É uma criatura a quem muito amei... — "Muito?" — Oh! Quase um milhão e meio.

Bem sabemos o quanto elas sofrem para ser belas. E sabemos, infelizmente, que são belas para nos fazer sofrer.

Uma frase e um conselho de Erik Satie (antes do recente inquérito norte-americano sôbre o câncer dos fumantes): "Fume, meu amigo! Senão outro fumará em seu lugar!"

De que morreu êle? Ninguém sabe? É razoável... Ninguém jamais soube de que vivia!

Segundo as mais recentes estatísticas, o número de mulheres condenadas ao celibato na Alemanha, na Inglaterra e nos países escandinavos seria de mais de doze milhões devido à desproporção crescente entre os nascimentos de homens e mulheres — e também à penúria de casa para morar.

Uma definição de Agatha Christie, autor de romances e muito apreciado pelos nossos leitores: — "É a mulher a quem o assassinato rendeu mais dinheiro, depois de Lucrécia Bórgia."

★

FELICIDADE

PERGUNTARAM a Benedetto Croce, o grande filósofo italiano, se achava que a filosofia tornaria felizes os homens.

— Mas acontece que a felicidade não é o objetivo da vida — respondeu. — Creio que o objetivo da vida no homem é a busca da felicidade e, se alguma vez a Humanidade vier a conseguir a felicidade, então soarão as trombetas do Juízo Final.



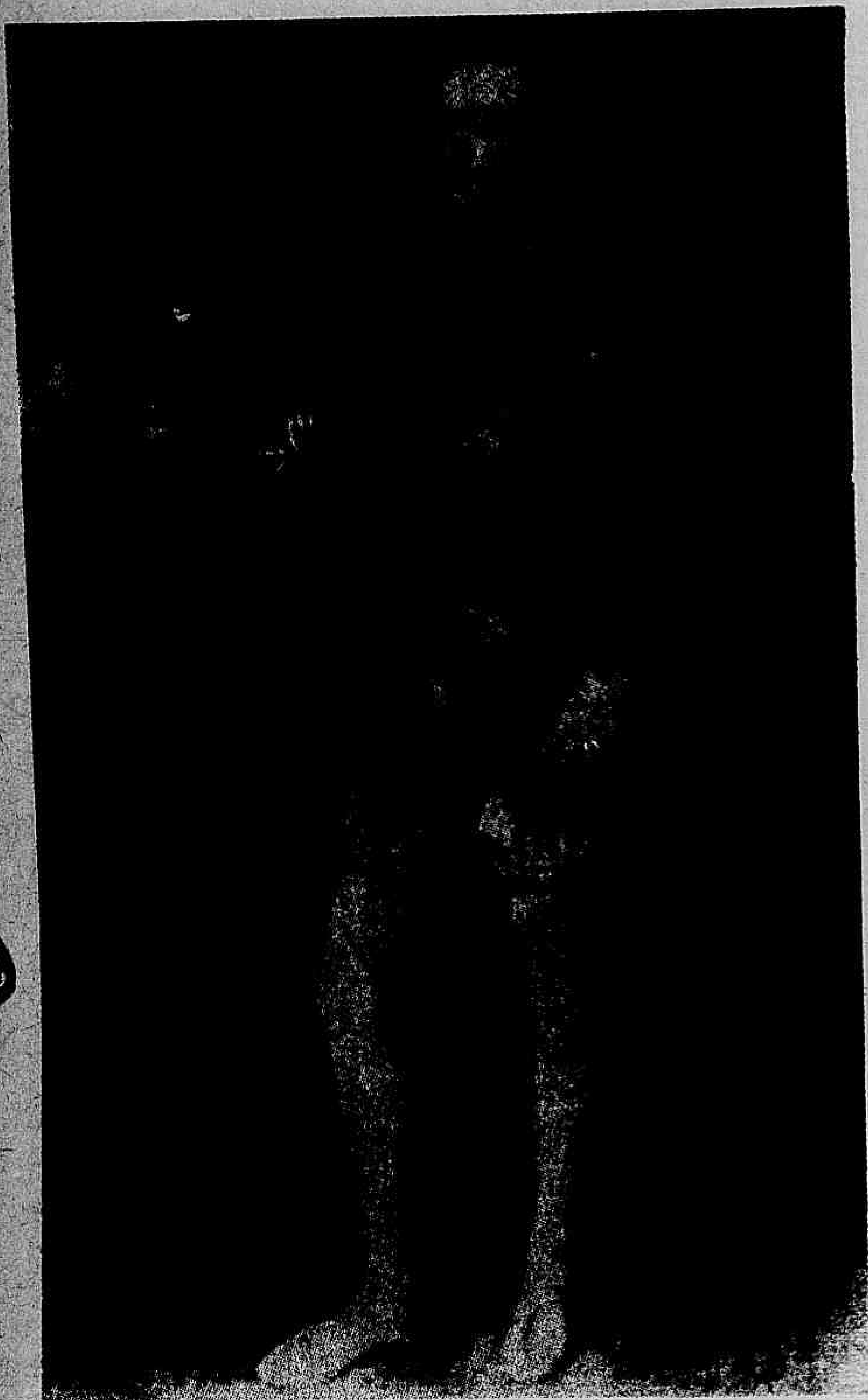
A página de História que oferecemos a seguir, não visa retratar a estranha e tenebrosa figura de um Grande Rei; conta, apenas, um episódio daquela mefistofélica existência, que teve o nome de Felipe II, de Espanha, onde se procura — como tem sido feito com os anteriores episódios históricos aqui narrados, descobrir através dos fatos o motivo psicológico que os determinou, procurando enfim descer aos abismos do coração humano em busca de solução para enigmas e mistérios que desafiam, em todos os tempos a curiosidade geral.

VINGANÇA DE RIVAL



EM 1578, o dia 31 de março foi uma segunda-feira, e segunda-feira de Páscoa. Ao anoitecer, a cidade de Madrid foi sobressaltada pela sensacional notícia de um crime misterioso. Aparecera, assassinadc na rua x um fidalgo chamado Escovedo, personagem dos mais nomeados da côrte de Felipe II. Anos antes, o rei, perturbado pelos sonhos ambiciosos de seu irmão natural, o célebre D. João da Áustria, tinha instado com Escovedo, a fim de que entrasse, como secretário ao serviço daquele príncipe e assim exercesse sôbre êle influência moderadora e vigilante. Mas Escovedo, leal, de temperamento ardente e caráter firme, não aceitou o papel que lhe queriam impor. Permitiu-se, ao contrário, ser levado pelos quiméricos planos de D. João, os quais visavam a invasão da Inglaterra e ao seu casamento com a então cativa rainha da Escócia, e para cuja realização o brilhante general já encetara negociações com os parentes franceses de Maria Stuart, os Guises. Escovedo abraçou tão calorosamente o partido de seu amo que dirigiu a

Felipe II um ofício violento em defesa do mesmo, ofício elaborado em linguagem tão desrespeitosa ou inflamada que o monarca,



Felipe II, de Espanha, por Ticiano.

saindo fora de sua habitual frieza e serenidade, caracterizou-o como documento sanguinário, **sangrento**.

Durante os últimos nove meses Escovedo, que viera à corte, apertava com o rei para fornecer homens e dinheiro a fim de facilitar a D. João subjugar os revoltosos dos Países-Baixos, onde era governador. Finalmente, chegaram cartas do príncipe, anunciando a vitória sôbre os rebeldes mandando regressar o seu secretário. Uma semana depois, Escovedo foi encontrado morto numa rua de Madrid, não muito distante da sua residência.

A polícia tomou as habituais providências para descobrir os assassinos. As portas da cidade foram fechadas e buscas foram efetuadas em tôdas as casas, o que não alcançou resultado. Havia uma outra pista por onde se deveria seguir. Horas antes do assassinato de Escovedo fora enforcada na praça pública de Madrid uma mulher escrava, pertencente à casa dêsse secretário, **por haver tentado envenenar o seu senhor, semanas atrás!** Segundo a acusação, a escrava de Escovedo havia preparado uma sopa para o seu senhor. Escovedo, entretanto, ao prová-la logo sentira gôsto denunciador de ingredientes venenosos. A mulher morreu protestando a sua inocência; e, na verdade, os fatos subseqüentes revelam, segundo parece, um gravíssimo êrro judicial no suplício dessa infeliz mulher. Com efeito, era mais provável que tivessem a mesma origem os atentados mal ou bem sucedidos contra a vida de Escovedo. O atentado pelo qual pagou com a vida a pobre escrava, não foi a primeira tentativa. Na mesma ocasião em que se preparava para beber a sopa envenenada, o secretário de D. João já sofria de uma estranha doença, que o atacara depois de um jantar na residência de Antônio Perez, secretário e ministro confidencial de Felipe II.

Ao tempo em que Escovedo foi morto por mão secreta nas ruas de Madrid, a fortuna parecia favorecer extraordinàriamente Antônio Perez. Filho de um respeitável oficial público, subira aos trinta e seis anos para o principal pôsto no gabinete do rei. De porte lhano e afável, hábil no expediente dos negócios e sem escrúpulos para o serviço do seu amo, era justamente o ministro estimado por Felipe II.

Os dois secretários, Perez e Escovedo, tinham sido íntimos. Além de sua amizade particular estavam unidos pelas obrigações dos cargos. Todos os negócios dos Países-Baixos passavam pelas mãos de Perez. Tinham que proceder com prudente resolução entre o impaciente D. João da Áustria e o frio e desconfiado Felipe II. D. João confiava menos em Perez do que em Escovedo, e escrevia ao secretário real com a liberdade de amigo, contando que êste retirasse dessa correspondência tanto quanto fôsse prudente esconder dos olhos do rei Felipe.

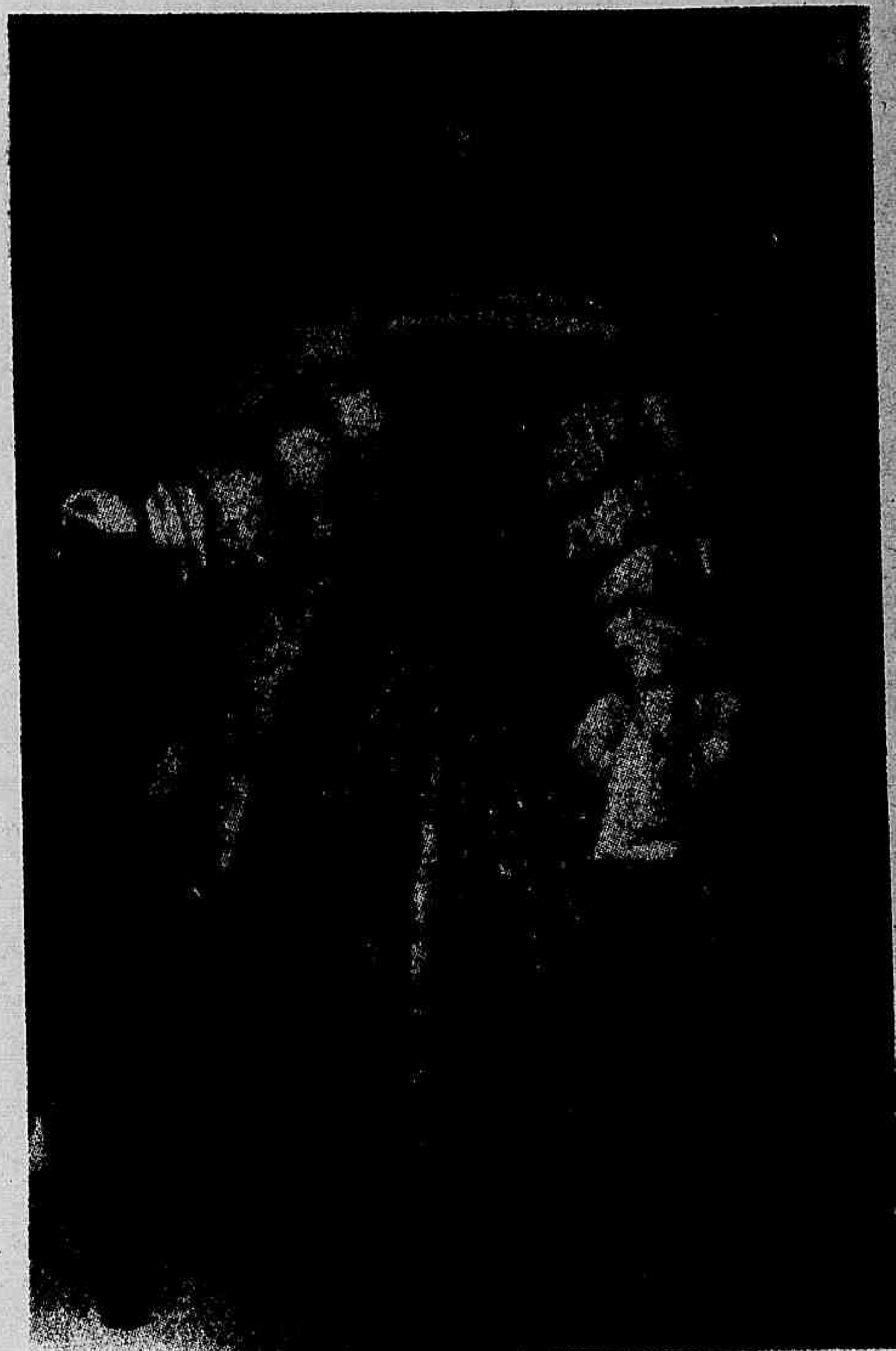
Quando Escovedo foi assassinado, Antônio Perez estava em Alcalá, onde fôra passar a semana da Páscoa. Na sua volta a Madrid, o procedimento da viúva Escovedo revelou a Antônio Perez a suspeita de que êle próprio era alvo.

O motivo alegado pela viúva Escovedo com respeito ao crime foi êste: sustentava que o homem assassinado descobrira uma ligação amorosa entre Antônio Perez e a princesa de Éboli, viúva do afamado Ruy Gomes, que ocupara um lugar mais alto do que Perez na amizade e confiança de Felipe II. Escovedo, em sua maneira de falar, mais do que era permitido a amizade dos dois secretários, censurara a princesa e ameaçara denunciá-la, assim como a Perez, ao rei, se não quebrassem aquela intimidade. Em vingança, a princesa pedira ao seu amante que tirasse a vida a Escovedo.

Poderia a infeliz viúva Escovedo ter ou não razão; poderiam ter tal realidade êsses motivos que determinassem Antônio Perez a eliminar um amigo indiscreto. Mas o principal "alcaide", chefe da polícia espanhola, aprendera provàvelmente que nem sempre é conveniente inquirir muito de perto dos atos do ministro de um déspota, e prudentemente absteve-se de dar seguimento à devassa.



Felipe II esperou, vigiando atentamente.



A princesa de Éboli, quadro da Escola de Sanchez Coelho.

Ficaram reservadas as acusações apresentadas pela família Escovedo contra Perez, e aos oficiais de justiça foi dada outra orientação.

A princesa de Éboli, despertada pela sensação do perigo, fêz nesse momento um apêlo pessoal ao rei. Na sua missiva, depois de ter censurado Felipe da sua atitude sêca para com ela, põe em relêvo a engenhosa versão da acusação contra Perez e ela própria.

— "Sei que êles chegaram a ponto de dizer que Perez matou Escovedo por minha causa, porque êle devia à minha casa tais favores que foi obrigado a fazê-lo, quando lhe foi pedido."

A princesa sabia perfeitamente que não eram as obrigações de Perez à casa de Éboli o móvel verdadeiro do criminoso

procedimento, mas, sim, as secretas relações entre ambos; porém, a evidente ansiedade de enganar Felipe, naquele ponto, derrama o primeiro vislumbre de luz no mistério da morte de Escovedo.

D. João da Áustria. Quadro de Sanchez Coelho.

O apêlo da princesa produziu efeito. O rei deu ordem aos dois, acusadora e acusado, a que se reconciliassem. Mas tanto Perez quanto a princesa de Éboli recusaram aceitar a paz aparente e insistiram na completa retirada da acusação. Finalmente, Felipe planejou uma deliberação decisiva. Mandou chamar em Roma o seu velho servidor, cardeal Granville, para vir tomar conta do ministério, cujas funções tinham sido até então desempenhadas por Antônio Perez. Em 28 de julho de 1579, o cardeal chegou a Madrid. Às onze horas daquela mesma noite o "alcaide" da côrte procurou Perez e informou-o de que o rei, descontente com a recusa em se reconciliar com a sua acusadora, lhe ordenara que o conduzisse à prisão.

Pela mesma hora uma cena notável se passava perto da casa da princesa de Éboli. Felipe II, deixando o seu palácio, quase a meia-noite, com uma escolta armada, dirigiu-se ao pórtico da igreja de Santa Maria, de onde se podia ver a residência de Éboli e ali esperou, vigiando ansiosamente, enquanto os seus agentes entravam na casa e traziam prêsa a princesa. O rei esperou até a ver levada por uma guarda reforçada, a caminho da tenebrosa fortaleza do Pinto. "Depois voltou — diz Antônio Perez na sua memória ou relatório — para o palácio e passeou no próprio dormitório até às cinco horas da manhã, em grande agitação.

Seria lícito supor que a investigação do processo Escovedo ia ter agora seguimento. Ao contrário. Os dois prisioneiros foram julgados, não por causa do assassínio, mas pela desobediência a uma ordem real. Dez anos tinham ainda que passar antes de que se ouvisse outra vez falar na misteriosa morte do secretário de D. João da Áustria.

A prisão de Antônio Perez consternou a côrte de Espanha. Foi esta, realmente, muito em abono de Perez, que, em conseqüência da rapidez da sua elevação e do talento com que a conquistara, soubera grangear muitos amigos dedicados, alguns dos quais não duvidaram e tiveram a coragem de censurar o procedimento rigoroso do rei.

Felipe II se deu pressa em explicar a sua severidade. Mandou o cardeal de Toledo visitar a espôsa de Perez e assegurar-lhe que a prisão do marido era devida ùnicamente a questões de gabinete. Escreveu em igual teor aos parentes da princesa, os poderosos duques de Medina Sidônia e do Infantado. O confessor do rei foi ter com Perez e disse-lhe sorridente:

— A sua prisão não o conduz à morte.



Antônio Perez, quadro de autoria de Sanchez Coelho.

Mas Perez, com o verdadeiro instinto de cortesão, sentiu que estava perdido. Caiu doente, pelo que o rei se compadeceu ao ponto de o deixar voltar para sua própria casa, acompanhado de um guarda. Novamente lhe foi apresentada uma fórmula de pacto de paz com a sua acusadora, ao qual o caído e desgraçado secretário não opôs recusa. No fim de

alguns meses, até o guarda foi retirado e foi concedido a Perez licença de sair e de receber visitas dos amigos.

Por algum tempo o gato deixou o rato em liberdade. Foi dado um descanso de dois anos, para fazer esquecer a primeira queda de Perez, e depois enterrar as garras com maior cuidado.

A princesa de Éboli solicitou sua liberdade no ano de 1581. Ela também perdera a saúde, e também não obteve o perdão, mas a comutação da sentença no exílio em sua casa de campo de Pastrana, onde morreu onze anos depois.

Em maio de 1582, Rodrigo Vasquez, presidente do conselho de fazenda, por uma ordem verbal do rei, começou a coordenar um inquérito secreto sôbre a conduta de Antônio Perez como ministro.

Enquanto se procedia a êste secreto inquérito o sepulto crime de seis anos antes começou de novo a vir à luz. Entre os parentes do assassinado Escovedo havia um capitão do exército espanhol, chamado Quintana. No mês de junho de 1584, num sítio qualquer que não está designado na narrativa do acontecimento, encontrou-se aquêle oficial com um tal Enriquez, que era então porta-bandeira, vivendo em Zaragoza, capital de Aragão, acabara por sentir contra seu antigo amo o mais azêdo e tenebroso ódio. Sob a influência dêsses sentimentos, foi induzido por Quintana a fazer-lhe uma confissão que veio esclarecer, senão explicar inteiramente, o caso do assassínio de Escovedo.

A declaração de Enriquez foi a seguir reduzida a têrmo, em forma de depoimento jurado.

"— Estando um dia espreguiçando no quarto de Diego Martinez, criado de Antônio Perez (assim principia) Diego perguntou se eu conhecia na minha terra natal alguém que quisesse dar uma punhalada em determinada pessoa. Acrescentou que o pagamento dêsse serviço seria bom e que, se seguisse a morte ao golpe vibrado, não haveria risco algum.

Enriquez prontamente se encarregou da



Rodrigo Vasquez visita na prisao a família de Antônio Perez.

encomenda. Tinham sido feitas três tentativas para envenenar Escovedo, duas das quais falharam completamente, e da terceira sòmente resultara êle ficar doente. Durante a sua doença, Enriquez incitou um amigo seu, chamado Rúbio, a insinuar-se na amizade do cozinheiro do infeliz Escovedo. Fôra Rúbio também o envenenador da sopa que levara ao suplício a infeliz viúva. Naquele tempo Escovedo estava sempre em guarda, tornando-se, portanto, perigoso o processo de envenenamento.

"Em conseqüência — confessa o pagem — fui à minha própria terra procurar um amigo íntimo, e adquirir um punhal de lâmina muito fina, que é arma muito melhor do que a pistola para matar um homem."

Enriquez alistou seu irmão, Miguel. Du-

rante a sua ausência o criado Diego arranjou dois outros homens, Juan de Mesa e Insausti. Êstes, com o envenenador Rúbio, formavam um partido de seis homens, todos armados de punhais, que estiveram esperando por Escovedo noites seguidas, nos arredores da residência do secretário de D. João da Áustria, parte rondando e parte emboscada.

Logo que tudo ficou organizado, Perez partiu para Alcalá, a fim de estar ao abrigo de suspeita. O próprio Enriquez não tomou parte no ato de matar Escovedo. Na noite de segunda-feira de Pascáa, êle fazia parte do grupo que vigiava na praça de S. Tiago. O golpe fatal foi vibrado por Insausti.

Os assassinos estiveram cuidadosamente ocultos em Madrid, enquanto não esfriava a busca policial; depois foram mandados para fora da cidade, uns com dinheiro e outros em diversas comissões. Juan de Mesa, convém notar, recebeu um emprêgo nos estados da princesa de Éboli. Enriquez fugiu para Nápoles. Apenas o criado Diego ficou ao serviço de Antônio Perez.

Decorridos seis anos desde que se cometera o crime, ainda quatro dos seis assassinos estavam vivos. Enriquez vigiava com horror e mêdo a vingança silenciosa que parecia ter alcançado os seus camaradas; um após outro, primeiro o Insausti e depois seu próprio irmão, Miguel. Imaginou reconhecer a mão do seu antigo amo distribuindo êsses insidiosos golpes, e resolveu denunciá-lo.

Em 23 de junho de 1584, Enriquez dirigiu uma carta ao rei Felipe, na qual lhe pedia um salvo-conduto e oferecia-se para deixar-se degolar, no mesmo instante como traidor, se não provasse que Antônio Perez tinha ordenado o assassínio de Escovedo.

Bastante singular foi que, depois da carta enviada, chegasse a Enriquez a notícia da vinda a Zaragoza de um oficial chamado Chinchilla, com más intenções contra êle. Pensaria o desgraçado possuído de terror que o seu antigo amo tinha ainda bastante poder na côrte para saber o conteúdo da carta concernente a êle e entregue nas mãos do rei? Talvez por que Enriquez fugiu imediatamente para Lerida, dali dirigindo uma segunda carta a Felipe II, repetindo-lhe a denúncia.

O capitão Quintana, que o tinha levado à confissão, escreveu também ao rei solicitando humilde e encarecidamente justiça a favor dos parentes de Escovedo.

Tais cartas nem sequer tiveram resposta. Felipe II não era homem para esquecer; porém, nem se apressava nem deixava os assuntos de parte. Para o momento julgou oportuno deixar esquecida numa gaveta a acusação de assassínio, prosseguindo sossegadamente com o processo de corrupção.

No mês de janeiro de 1585, dois anos depois, o tribunal de inquérito, entregou o relatório final. Perez foi julgado culpado de corrupção em vários artigos, sendo sentenciado a dois anos de prisão numa fortaleza e dez de banimento da côrte.

Mas a parte mais notável da sentença é aquela em que se ordena a Perez restituir várias quantias e determinados artigos no valor total de doze milhões de maravedis (cêrca de 220.000 cruzeiros). Desta quantia, apenas 7 milhões eram devidos ao rei. O resto estava distribuído em artigos separados; dois milhões de maravedis recebidos à conta da princesa de Éboli; oito colchas novas, bordadas a ouro e prata sôbre veludo escarlate, recebidas dela — "sendo concedida permissão ao dito Perez de proceder contra dita princesa pela paga que êle pretende ter-lhes feito por elas" — dois brilhantes no valor de 200 ducados, quatro peças de prata lavrada, avaliadas em 44.370 maravedis, e um anel coroado com uma granada, tudo recebido da mesma princesa — "para que — prossegue a sentença — tôdas as somas ou objetos aí mencionados sejam entregues aos filhos e herdeiros do príncipe Ruy Gomes". Também foi ordenada especial restituição de um esquentador de prata recebido de D. João da Áustria.

Pondo de lado êsse esquentador, vê-se que a sentença se divide em duas partes: as quantias que Perez recebeu indevidamente quando ministro estão avaliadas em globo para sua restituição ao tesouro real; os presentes recebidos da princesa de Éboli estão confusamente explicados; e a restituição dos mesmos, feita aos herdeiros do marido, a princesa nada aproveita da restituição, sendo esta parte da sentença mais contra ela do que contra êle.

Para melhor compreender êsses fatos, devemos recordar que Felipe julgava ser, segundo seu modo de ver, justo. Pensando que uma ofensia feita a êle era como uma ofensa feita a Deus, julgava-se justificado recorrendo a qualquer meio para castigar o delinqüente. Raramente empregava uma vingança pessoal. Esperava até convencer-se verdadeiramente de que era seu dever castigar. Então castigava sem remorso.

Cumpriu-se a primeira parte da sentença. Perez foi levado para a fortaleza de Turruegano, onde ficou dois anos.

Neste intervalo, dois fatos importantes surgiram nesse quase esquecido processo de Escovedo. No verão de 1585, tendo Felipe II ido a Aragão, Rodrigo Vasquez, que presidira o tribunal de inquérito aproveitou a oportunidade de examinar particularmente no processo a página Enriquez de quem êle obtivera o testemunho já citado. Mas quando D. Pedro Escovedo, filho do assassinado, assim encorajado, renovou seu pedido de justiça, que tinha abandonado seis anos antes, viu-se privado do seu lugar no conselho de finanças e prêso.

Ainda não chegara o momento. Para a família de Escovedo, esperando anos e anos a vingança do chefe assassinado, deveria parecer que a mesma jamais chegaria. Não conheciam Felipe II, que gostava de imitar, no seu proceder, o vagoroso trabalho da Providência, que também muitas vêzes modera a perseguição sem nunca perder de vista o fim.

O segundo fato foi Felipe II enviar uma ordem a Antônio Perez, na prisão, para que êste mandasse entregar todos os seus papéis, incluindo tôda a correspondência trocada entre êle o rei. Ninguém melhor do que Antônio Perez sabia a que se referia esta ordem. Recusou obedecer. Foram então encarcerados a mulher e os filhos do prisioneiro. O confessor real vinha diàriamente ver a mulher de Perez e procurava amedrontá-la com ameaças de prisão a pão e água para o resto da vida, se não entregasse os papéis do marido.

A intrépida dama permaneceu firme até que recebeu um bilhete, escrito pelo punho do marido e com o seu próprio sangue, autorizando-a a ceder. Na seguinte vez em que apareceu o confessor, alegrou-se ao ver dois grandes baús, fechados e selados, que a pobre senhora lhe entregou em nome de seu marido. O confessor fêz conduzir apressadamente os baús para o palácio, onde a ninguém foi permitido ver o conteúdo senão ao próprio rei.

Felipe deveria ter revistado o conteúdo dos baús com o coração bem agitado. Achou nêles muitos documentos, regozijando-se com isso. Mas não podia ter guardado de memória tôdas as pequeninas notas que se haviam passado entre êle e o seu secretário. Antônio Perez tinha tomado as suas precauções. O rei, triunfante, não suspeitou de que antes da sra. Perez ter deixado sair aquêles preciosos baús, Diego Martinez, o criado fiel, tinha revistado os seus conteúdos, tirando alguns papéis que estavam destinados a provocar, mais tarde, grande sensação.



O golpe foi vibrado por Insauste.

O criado não teve tempo de voltar para o seu retiro em Aragão, tendo sido prêso em novembro de 1587, por ordem de Rodrigo Vasquez. Durante êste tempo, Antônio Perez ignorava as revelações feitas por Enriquez. Sabendo da prisão do seu criado, ficou perturbado e escreveu ansiosamente ao rei para pedir a sua liberdade. Pediu confiado em que seu pedido seria

atendido. Mas, informado de como estavam realmente as coisas, e tendo a certeza de que Diego não o trairia, escreveu de novo ao rei para solicitar que o caso fôsse levado a julgamento. A carta dêle requer que isto seja feito, "para evitar conseqüências que seriam igualmente prejudiciais ao prisioneiro, ao serviço de Deus e ao vosso."

Felipe II não deu sinal de si, até o dia em que recebeu no seu gabinete os dois baús fechados. Havia impedido ou castigado tôdas as tentativas de trazer em justiça os assassinos de Escovedo; perseguira o seu antigo favorito, mas tinha escolhido todos os motivos de perseguição exceto êste. Agora, porém, dez anos depois, resolvera-se.

Todavia, o infeliz prêso não podia calcular a mudança havida. Escreve a Felipe II, relatando inocentemente os esforços dos seus perseguidores, e as medidas que estava tomando para os bater. Ao mesmo tempo pede ao seu antigo amo, em têrmos sentidos, que tenha compaixão:

"— Pela Paixão de Nosso Senhor, peço mil vêzes a Vossa Majestade, que esteja bem disposto a meu favor, que tenha piedade da minha inocência, e que tome em boa conta os meus leais serviços, e os de meu pai. Peço-vos que tenhais dó de um criado abandonado e sejais o juiz que me faça justiça e a todos nós! Pelo amor de Deus, Senhor, queira Vossa Majestade vir ajudar-me com alguma manifestação da sua bondade: preciso tanto dela como da vida."

No mês de agôsto de 1589, Antônio Perez foi, pela primeira vez, interrogado pela sua parte no crime cometido onze anos antes. Negou tudo. Todavia, como magistrado investigador, Vasquez declara que a investigação contra êle estava justificada, e D. Pedro Escovedo apresenta a sua queixa formal no tribunal de Castela.

Estava tudo pronto para o julgamento final. Mas faltava achar segura prova contra o acusado, exceto a do pagem Enriquez, evidentemente uma testemunha suspeita. Nesta conjetura, o confessor real volta ao cenário. Foi ver Perez, assegurando-lhe que tão sòmente a caridade cristã o demovera a ir oferecer-lhe o seu conselho, ainda que não tivesse sido pedido. E continuou:

— "Devo dizer-lhe com tôda lealdade que o senhor tem uma absoluta defesa logo que a declare, e deve confessar inteiramente tudo quanto se lhe perguntar, e assim livrar-se-á da dolorosa situação em que se colocou."

Mas Perez seguiu mais ainda do que o conselho. A solução que lhe ocorreu foi a de fazer uma transação com o seu adversário; por outras palavras comprar a vingança de D. Pedro, filho de Escovedo. Êste percebera a incerteza do pleito e concordou, portanto, em aceitar a quantia de 20.000 ducados, lavrando um auto de formal desistência da acusação.

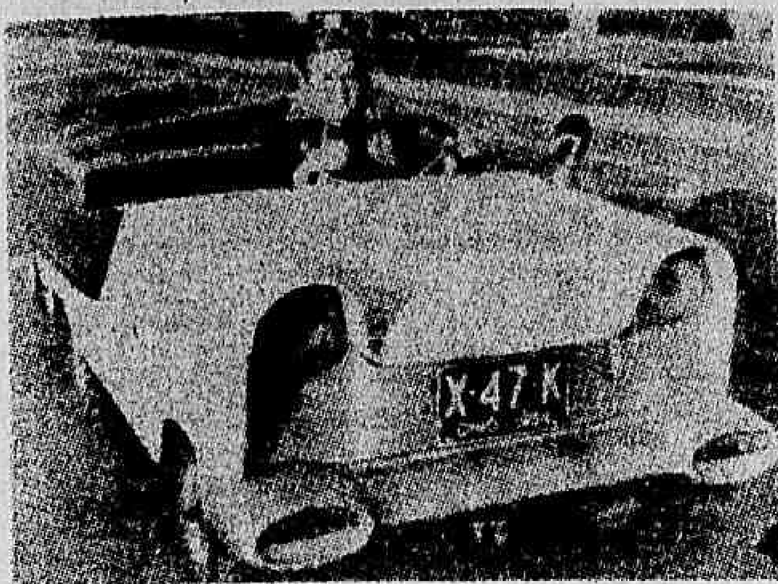
Isto poderia justificar a libertação de Perez, mas Rodrigo Vasquez não estava disposto a deixar fugir tão fàcilmente a sua prêsa. Dirigiu uma carta ao rei na qual pela primeira vez se refere abertamente ao interêsse do monarca neste complicado negócio. Informa Felipe II de que corre o boato de que foi êle quem mandou executar o assassínio e que era necessário, para manter sua autoridade real, que tudo se aclarasse; pedia, finalmente, uma ordem escrita e elaborada nestes têrmos:

— "Diga ao Perez que ela sabe como eu lhe ordenei que matasse Escovedo, e por que motivos, dos quais deve estar bem conhecer, e convindo para meu uso ela terá de os declarar."

Felipe II imaginava ter o direito de mandar matar os seus súditos sem julgamento, se assim lhe fôsse preciso para o bem do Estado. Tal procedimento não envolvia, portanto, culpa da parte dêle nem daqueles que executavam as suas ordens. Deve lembrar-se que o rei pusera a prêmio, pùblicamente, a cabeça do príncipe de Orange. E silenciosamente processou, condenou e executou seu próprio filho. Comparando com semelhantes personagens, Escovedo era uma vítima insignificante.

Além disso, Felipe II, cuidadosamente, ocultara a parte que tivera na morte de Escovedo. Tinha permitido que a acusação contra Perez se estabelecesse e nunca consentira que aquêle a pudesse abertamente confessar ou refutar. Porém, agora, quando finalmente desaparecia a acusação, quando nada impedia que o caso ficasse para sempre liquidado, era o próprio Fe-

SE NÃO É O MENOR.



Sim, pode não ser o menor; mas que é o mais lindo automòvelzinho isto ninguém vai negar. Foi construído por um funcionário público de Ohio (como os daqui devia ter pouco que fazer na repartição... e ganhar salário com «penachos») para sua filhinha. Tem 2 metros e 18 centímetros de comprimento, 93 centímetros de largura, 66 centímetros de altura e pesa 162 quilos. Seu motor, Clinton, de 3 HP, com «clutch» centrífuga desenvolve 25 milhas horárias.



QUAL A TEMPERATURA? — Um termômetro, colocado na parte exterior de um automóvel dirá ao motorista a resposta exata. É novidade em acessório, que vem obtendo grande aceitação. Colocado no interior de uma «gaveta» plástica, que lhe aumenta o tamanho e os números, e, colocado, por meio de um pegador, no vidro lateral.



ONDE A PREOCUPAÇÃO MAIOR É PROTEGER E DAR CONFÔRTO AO POVO — Eis aí outra novidade adotada pelo govêrno sueco em benefício do povo. Aí está um cavalheiro que tem automóvel... mas não tem garage, mas pode apear de seu automóvel e deixá-lo sem qualquer preocupação sôbre a rua coberta de neve. Isto porque simplesmente ligou tôda a caixa do motor a um esquentador elétrico, que funciona à simples colocação de uma pequena moeda e pode ser encontrado nos locais de estacionamento para automóveis. Querendo poderá alugar um dêsses esquentadores por todo um ano, a um preço equivalente a 80 cruzeiros!

lipe II que saía a campo e insistia com Antônio Perez para que êle, pùblicamente, proclamasse ter mandado matar Escovedo por ordem de seu amo!

Os cortesãos estavam aterrados. Havia aqui um mistério dentro de outro mistério. O problema da morte de Escovedo parecia estar resolvido; e aparecia outro, mais complexo, o problema das relações entre Felipe e Antônio Perez. O rei deu ordens requeridas, mas em têrmos tais que claramente descobriam um laço adrede armado ao desgraçado Perez.

— "Podeis dizer a Antônio Perez que êle deve estar ciente das provas que eu possuo de lhe ter dado ordens para a morte de Escovedo, e dos motivos que êle me disse existir para tomar esta resolução; e que é de suma importância para satisfação minha e para a minha consciência que se saiba se essas causas **eram ou não suficientes**. Eu ordeno-lhe que as relate com tôdas as particularidades e que **estabeleça as provas** do que êle acusou na minha presença sôbre êste assunto."

A despótica referência à sua consciência é característico de Felipe II. Persuadira-se de que quando Perez o induzira a dar a ordem de morte para Escovedo, o tinha envolvido numa mentira. A exigência de provas era um requinte de hipocrisia, pois o rei imaginava que todos os documentos relativos a êsse drama tinham voltado para o seu poder, com a entrega dos baús selados.

A vítima viu o abismo que se abria sob seus pés e teimosamente ficou silencioso. Em 22 de fevereiro de 1590, Antônio Perez, antigo primeiro-ministro e favorito do rei, foi torturado.

A fria e desapaixonada narrativa, feita pelos juízes do "julgamento", contém a particularidade da agonia do desgraçado. Perez foi despido até meio corpo, os braços cruzados e o carrasco apertou-lhe a corda à roda do peito e braços com um torniquete. Em cada volta que dava, o torturado gritava horrìvelmente. As angustiosas palavras ainda ressoam vivas como foram ouvidas pelos oficiais do tribunal: — "Ah! Senhor, pelo amor de Deus! Quebraram-me uma das mãos, por Deus! Senhor Juan Gomes, e dizeis-vos cristão. Irmão, matai-me antes! Senhor Juan Gomes pelas chagas de Cristo, Nosso Salvador, deixai-os que me matem de um só golpe! Mandai sustar... Direi quanto quiserem! Por amor de Deus!"

Finalmente, Felipe chegava ao fim que ansiosamente esperava durante anos. Antônio Perez confessou tôda a culpa na morte de Escovedo, respondendo a tôdas as perguntas do seu soberano. Como se haviam perdido quase todos os papéis, êle podia, apenas, estabelecer o simples fato que o rei lhe tinha dado aquela ordem. Mas vinha, então, a terrível réplica que Felipe II pacientemente preparara: — Vós éreis o meu ministro e confidente. Foi sôbre o vosso conselho que dei uma ordem a qual só a absoluta (Conclui no fim da revista)



PARA O SEU BANHEIRO

POUCOS móveis serão mais úteis do que êsse que acima apresentamos aos nossos leitores. Tem excelente porta-toalhas assim como porta-chinelos. Na parte superior do armário, depósito para sabonete, água de colônia, pente, escôva, etc. O próprio armário tanto serve para toalhas dobradas (sêcas) como para pequenos utensílios.

5 HP . . . CEM QUILÔMETROS

O engenheiro Jim Root, de Kansas City, construiu êsse automóvel que pode fazer 100 quilômetros horários, com apenas 5 H.P. As rodas foram aproveitadas de motocicletas, a carrosseria é feita de plástico e o motor fica entre as rodas traseiras. Seu peso total é de noventa e dois quilos, exatamente.





DISCO VOADOR ITALIANO



PARA provar que um avião absolutamente redondo pode voar, Piero Gnesi, engenheiro aeronáutico de Pisa, Itália, construiu o modêlo acima. Afirma que o simples disco de madeira de balsa, coberto com papel pode voar e muito bem, a uma velocidade de 87 milhas horárias. Gasolina especial abastece seu minúsculo motor e o vôo é controlado de terra, por meio de fios. Gnesi, que foi campeão da Europa, quando rapazola, de aviões de brinquedo, planadores ou com motor, tem esperança de chegar ao "disco voador", com êsse seu modêlo.

ANÚNCIO ATÔMICO

UM jornal de Marselha publicou um pequeno anúncio com os seguintes dizeres: "Vende-se plano para construção de bomba atômica a baixo preço. Garante-se o seu funcionamento. Cartas para a caixa dêste jornal".

O anúncio saiu apenas um dia. . .



PENSAMENTO...

A ambição parece sempre começar onde devia acabar — **E. Werthelmer**



PROVÉRBIOS

A paciência é a chave da alegria. (Turco)

— Amor, tosse e fumo, dificilmente se escondem. (Italiano)

— Antes na estrada num carro velho do que no mar num navio novo. (Holandês)

CURIOSIDADES DE NOSSA TERRA

CUTIAS PLANTADORAS DE BABAÇU

Por JOSÉ LOUZEIRO

SE fôsse a palmeira babaçu uma planta de origem estrangeira, para aqui transplantada, como o café ou a cana de açúcar, nós, brasileiros, já estaríamos habituados aos seus motivos históricos, reconhecendo como necessário o seu desempenho no panorama econômico-financeiro do país.

Trata-se, porém, de um vegetal próprio da nossa terra e que, aos poucos — tardiamente — começa a ser reconhecido no mundo botânico como um dos espécimes de maior utilidade à indústria, dada a quantidade inestimável de matérias-primas que podem ser extraídas dos seus frutos.

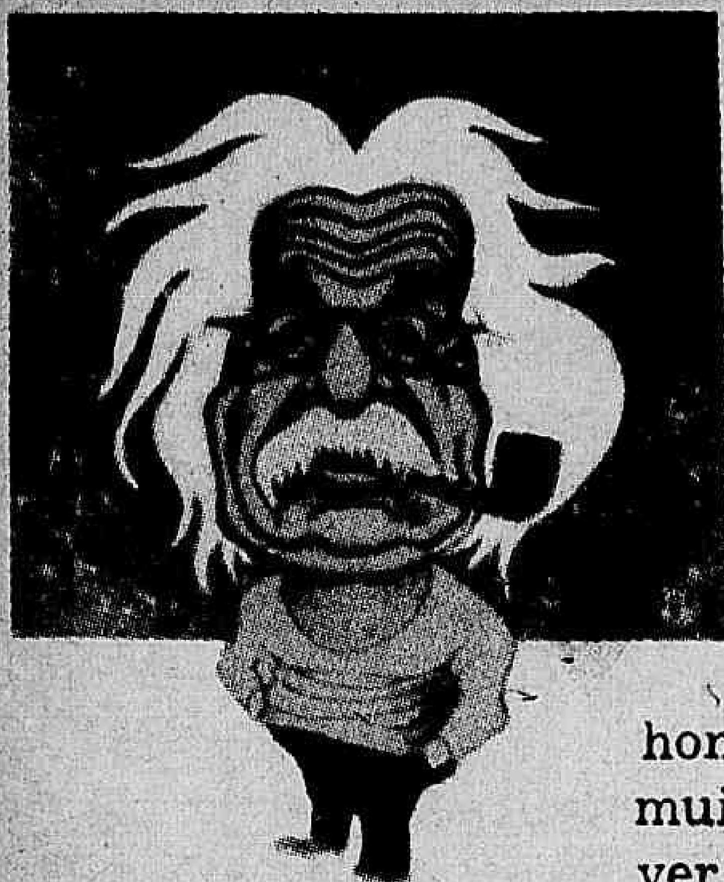
Campo especializado para um cultivo eficaz o babaçu não o possui: nasce e cresce no seio das matas, embaraçado nas sebes de arbustos estéreis, sem o menor cuidado oficial. Entretanto, o que motivou êste artigo não foi nem o descaso das autoridades competentes para com esta palmeira tão preciosa, nem a estatística de produção das amêndoas, invertida em valor monetário.

Ocupamo-nos aqui, por tratar-se de detalhe assaz interessante, dum fator da mais alta importância, isto é: o plantio do côco, o que, numa totalidade equivalente a 95 por cento, aproximadamente, é realizado por um mamífero da família dos cavídeos, denominado **cutia**. Em alguns Estados do nordeste brasileiro, notadamente na parte centro-oeste do Maranhão, encontram-se os maiores babaçuais do Brasil. Nessa região também abunda êsse pequeno animal.

A sua figura, esguia e ágil, assemelha-se a um grande rato, de pêlo avermelhado, liso e brilhoso e, como um rato, habita em tocas, comumente cavadas junto às touceiras de vagem ou tronco de jutaizeiros vetustos. A sua alimentação predileta, à falta das douradas espigas de milho, é a substância esbranquiçada que se encontra no entrecasco do côco babaçu. Acontece, porém, que a cutia nunca aproveita totalmente essa apreciável substância, contida em cada côco que encontra, por quanto, sendo animal criado num meio onde escasseiam os alimentos, tem ela o instinto da preservação, motivo por que cada côco roído ela o enterra, no intuito de guardá-lo para um segundo repasto.

Porém, a cutia, que tem bom senso de economia, não tem boa memória e por isso o côco enterrado não é mais removido e assim permanece até que caiam as chuvas e tenha início o fenômeno da germinação, que se processa dentro de um espaço de tempo considerável, em virtude da grande consistência do fruto. Como acabamos de ver, a exemplo da seringueira da Amazônia, que nasce no emaranhado das balsas, cresce e frutifica a palmeira babaçu do nordeste, plantada por cutias.





O VELHO TITÃ EINSTEIN...

O mundo inteiro chora a perda de dois grandes homens aos quais muito ficou a dever. Fleming, o benemérito descobridor da penicilina, e Einstein, cujo gênio nos deu uma prodigiosa simplificação do universo, cujas conseqüências se não fizeram sentir, ainda, completamente.

Para os que lamentam a perda do velho titã, diremos que imensa foi ela, realmente. Porém, resta o consôlo de nos haver deixado o seu testamento, aberto para o exame de outros sábios, que, sem sombra de dúvida, dêle extrairão ensinamentos do mais alto valor para continuar a sua obra objetiva e simples no caminho da solução dos derradeiros mistérios que nos cercam.

A obra se apresenta sob a forma de um magro volume de capa amarela, tendo como título "The Meaning of Relativity". O seu preço é igual ao de qualquer romance ordinário: 3,50 dólares. A primeira edição remonta a 1923 e, em 1953 tinham sido vendidos, só na América do Norte, 20.000 exemplares, que, nas condições correntes dos editôres, devem ter rendido ao professor Einstein entre 7 a 8 mil dólares. Entretanto, a edição mais recente, a quarta, foi recebida com entusiasmo redobrado, dado que ao terceiro dia de sua edição, mais de 2.000 exemplares tinham sido vendidos. Isto, sem dúvida, por esta edição apresentar um "Apêndice II", verdadeira "Sinfonia Heróica" da ciência e o esfôrço mais genial e também o mais ousado jamais tentado para submeter todos os fatos do vasto universo à mesma lei.

A conclusão dêsse prodigioso trabalho está marcado, porém, por uma nota de pungente melancolia.

— Estamos — confessa Einstein — separados por uma barreira ainda intransponível da possibilidade de confrontar a teoria com a experiência.

Só a sua intuição científica lhe dava a convicção de estar no caminho certo e que os quatro abracadabras recolhidos ao têrmo de sua imensa síntese, constituíam a pintura fidelíssima do cosmos. A fragilidade humana contra a qual a ciência nada pode tornou impossível que Albert Einstein morresse sabendo se era, de fato, o harmonizador do mundo ou um velho sábio que se enganou em seus cálculos.

Einstein surgiu em público, pela última vez, no dia 14 de março de 1954, dia do seu aniversário. Os fotógrafos lhe pediram um grande sorriso e êle os atendeu com a sua inesgotável gentileza de adulto diante de crianças. Mas, por ordem de seus médicos, ficou de pé apenas cinco minutos e um secretário o roubou logo em seguida ao fervor perigoso dos seus admiradores. Era evidente, já então, que não teria fôrças suficientes para retocar e concluir a sua "generalização da gravitação", a fim de ser submetida a uma prova de fato. Deixou ao mundo as suas equações e ao futuro — que não lhe pertence mais — o cuidado de as verificar.

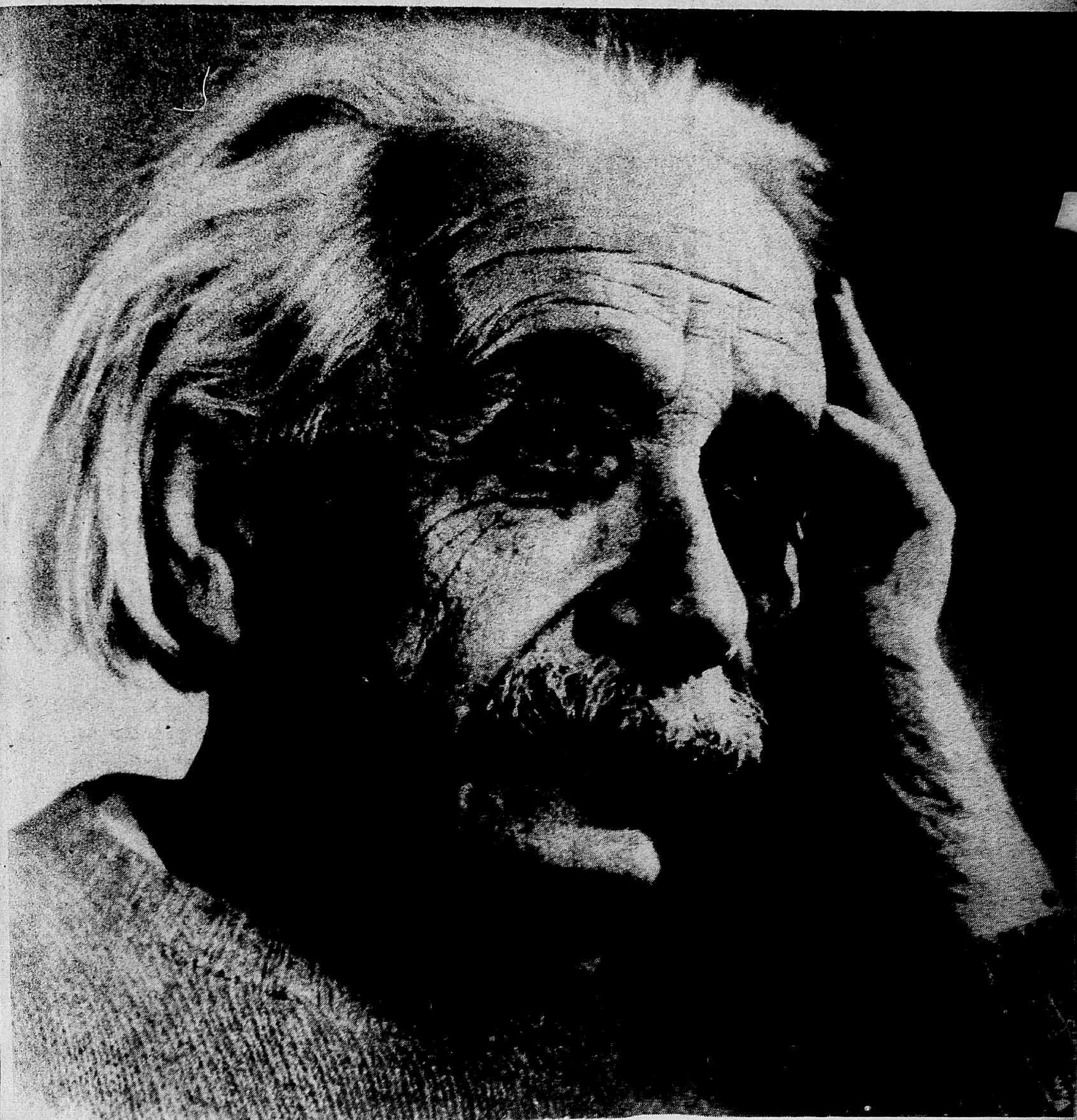
Êle mesmo explicou por quê. O instrumento de que dispunha era inferior à tarefa que tentava realizar. Tratava-se, na ocorrência, dêsse prodigioso meio de exploração da natureza que são as matemáticas. Por mais estranho que possa ser, sua imensidade, sua complicação, sua majestade não são suficientes. A soma dos trabalhos dos melhores cérebros humanos, desde Pitágoras e mesmo além, é muito fraca para permitir a prova dos nove da lei física, a mais geral que seja e, assim, a mais simples já avançada. E o gigante se inclinou:

— Esbarro — disse êle — contra dificuldades matemáticas invencíveis.

E imaginamos o que podia haver de curiosidade frustrada e mesmo de amargura por trás dessa serenidade.

DEIXOU SEU TESTAMENTO

UM PEQUENO EMPREGADO DE 26 ANOS — Para explicar a situação em que se encontrava, Einstein recorreu a um precedente. No início do século XVII, o astrônomo austríaco Kepler formulou três leis sôbre os movimentos dos planêtas que constituíam a base da teoria clássica da gravitação. Como todos sabem, Kepler era um dos melhores matemáticos do seu tempo e, mesmo assim, viu-se impotente para juntar a prova do que afirmava. Cêrca de cem anos passaram antes de que Newton conseguisse realizar aquilo que Kepler não havia alcançado, dando ao conhecimento



humano o sistema do mundo que serviu de base para o progresso científico da idade pré-atômica.

— Mas teve, primeiro — insiste Einstein — que inventar o cálculo integral.

E foi uma espécie de cálculo integral que faltou, agora, ao pai da relatividade científica. Como um artista que fabrica seus próprios utensílios, Einstein poderia forjar o instrumento matemático que lhe faltava. Mas o tempo e a idade se aliaram contra êle. Aos setenta e cinco anos, êle próprio sabia que lhe faltariam os longos anos necessários sem dúvida e principalmente a intuição matemática — privilégio, quase sempre, dos cérebros jovens. A precocidade de Pascal não é uma exceção, mas uma regra. Newton tinha vinte e três anos quando encontrou seu teorema de base e o próprio Einstein era um insignificante empregadinho de vinte e seis anos, no Escritório Suíço de Patentes de Invenção, quando publicou as quatro páginas de cálculos que dariam aos homens uma concepção de espaço e de tempo diferente daquela sôbre a qual viviam desde milênios. Quase meio século depois de haver revolucionado o mundo, encontrou no número de seus anos a fronteira do seu gênio.

UM dia, Albert Einstein tocava violino e seu amigo Arthur Rubinstein o acompanhava ao piano. De início, a coisa andou muito bem. Porém, ao chegar a uma parte da peça musical, o matemático não conseguiu manter o "tempo" com o piano. Rubinstein gentilmente procurou dissimular, mas acabou parando de tocar e, voltando-se para seu amigo, disse, sêcamente: — "Albert! Não sabes contar? Um, dois, três, quatro! UM, DOIS, TRÊS, QUATRO!"

A obra de Einstein é uma genial simplificação do universo. Antes dêle, o espaço e o tempo, a matéria e a energia, a inércia e a gravitação eram entidades separadas às quais se aplicavam leis científicas distintas. A partir de 1915, com a teoria geral da relatividade, todos êsses fantasmas de côres diferentes foram agrupados sob a mesma redoma. O tempo se identificara com o comprimento, a largura e a altura para transformar-se numa quarta dimensão de um espaço novo. A matéria era energia condensada e a energia matéria fluida como as bombas atômicas de que nos tem dado amostras barulhentas. Verificações experimentais das medidas astronômicas provariam a concordância entre essas noções de aparência irreal e o mundo concreto. Einstein havia revelado o verdadeiro universo, dissimulado — antes dêle — pelo universo intrincado e fictício de nossos sentidos.

DEUS NÃO JOGA OS DADOS — Restava-lhe operar uma reconciliação, e êle a empreendeu com a fôrça e a audácia de sua soberba maturidade. A partir de 1929, os cabeçalhos dos jornais anunciaram que o professor Albert Einstein suprimira a última antinomia ainda existente no domínio da física: a da gravitação e do electromagnetismo. O mundo se entusiasmou. Estava terminada a grandiosa síntese. A fôrça que move a agulha da bússola e que aciona o rotor de um dínamo tinha essência idêntica à que fazia cair um corpo, levantava as marés e equilibrava os astros. Uma lei única, suprema, seria de agora em diante aplicada a tôdas as manifestações do cosmos. O homem resolvera o problema que já atormentava os filósofos ionianos: conseguira demonstrar a unidade de um mundo do qual só podia ver a diversidade.

Porém começaram, então, as dificuldades de Einstein. Depois de haver recebido com fervor as novas equações einsteinianas, os matemáticos as dissecaram e depois discutiram. Em Ithaca, perto de New York, cêrca de 400 sábios, reunidos para examinar as novas teorias, chamaram-se mùtuamente de "tolos", "fósseis", segundo eram contra ou pró as matemáticas do mestre de Berlim. Einstein foi o primeiro a reconhecer que seus cálculos continham incompatibilidades e modificou-os duas vêzes. Finalmente, recebeu da Universidade de Toronto, um memorando em que se demonstrava que êle se enganara. Êle concordou, numa carta encantadora de simplicidade, voltou a postar-se diante do quadro-negro e recomeçou tudo com zero.

Foram necessários vinte anos (marcados de atribulações políticas) para que Einstein

ressurgisse diante do mundo sábio e profano com suas novas chaves do cosmos. Exibiu-as em fevereiro de 1950 na terceira edição do "Meaning of Relativity". Porém, mais uma vez, suscitou dúvidas. Envelhecendo indomável, Einstein recomeçou seus cálculos, modificou suas equações, recomeçou os tateamentos sublimes aos quais se condenara desde o ano de 1929.

— As dúvidas — disse êle então — estão dissipadas.

Mas, no entanto, faltava uma verificação experimental, cuja impossibilidade atual foi o primeiro a reconhecer. Sua conclusão foi muito prudente: — "Acho — escreveu — que não se justifica a afirmativa a **priori** de que minha teoria não pode tratar do caráter atomístico da energia.

De fato, o átomo é como um menino travêsso, terrível e indisciplinado, contra o qual Einstein esbarrava. Semelhante, em aparência, ao sistema solar, porém muito mais complicado, êsse colosso infinitesimal recusa, teimosamente, submeter-se às leis aceitas pelas galaxias.

Obriga o sábio a lhe conceder um código especial. Não admite a continuidade do universo físico. Impõe a teria brutal dos "quantas", que faz da energia um bombardeio raivoso em vez de um fluido ininterrupto. Conduz as monstruosidades científicas, como essa lei da incerteza, que é a negação indecente do princípio da



casualidade. Diante do átomo, universo anárquico, e do comportamento imprevisível de seus diferentes corpúsculos, os físicos são forçados a abandonar o determinismo e recorrer ao cálculo das probabilidades. Estabelecem **martingales** em vez de procurar leis; cessam de ser legisladores da natureza e transformam-se em jogadores. O átomo conseguiu, dessa forma, introduzir na catedral da Ciência, o escândalo do Acaso!

O espírito prático, poético e religioso de Einstein recusa aceitar êsse descaramento do microcosmos, para cujo advento êle tanto contribuíra. É um dos autores da teoria dos "quantas", mas suporta-a difìcilmente em razão da descontinuidade e, principalmente, do acaso, que lhe parecem ultrajes à harmonia universal. O grande revolucionário é também um grande conservador, que tendo deslocado as bases do conhecimento científico quer restabelecer os mesmos de acôrdo com os princípios da ordem natural e divina.

— Não posso admitir — declarou — que Deus jogue os dados com o cosmos.

Deus faz parte do sistema de Einstein. É um das razões pelas quais não foi êle, jamais, totalmente reconhecido pela ciência soviética, a despeito de tôdas as suas atitudes favoráveis à Rússia. Einstein, que sabia odiar, reclamou o castigo coletivo impiedoso do povo alemão, em represália dos crimes cometidos pelos nazistas contra os judeus. Agiu junto de Roosevelt para que a bomba atômica fôsse construída contra a Alemanha, mas censurou Truman de a ter utilizado contra o Japão, ùnicamente — segundo declarou: "com intenção de evitar a intervenção da Rússia no Extremo-Oriente". Promotor de uma guerra de extermínio contra Hitler, tornou-se gandhista diante de Stalin, pregando a não-violência e a recusa de participar no caminho para o mal — isto é: em primeiro lugar o rearmamento norte-americano.

Mau grado essas manifestações ruidosas, a Rússia ingrata, pelo verbo dos seus sábios de Estado, sempre condenou a relatividade. O acadêmico A. Maximov disse claramente por que, na revista da Marinha Vermelha:

— "Einstein conduziu a física no pantanal do idealismo, e os físicos soviéticos devem imunizar-se contra sua influência, impregnando-se de materialismo, êsse materialismo dos verdadeiros grandes pensadores como Marx, Engels e Stalin. Deus e a Ciência nada têm de comum em Moscou!"

Por seu lado, a Igreja Católica muitas vêzes atacou Einstein:

— "Acobertado por sua teoria do espaço e do tempo — dizia o cardeal O'Connell, arcebispo de Boston — esconde-se nêle o espectro hediondo do ateísmo."

Porém Einstein respondeu:

— "Creio no deus de Spinoza, que se revela na ordem harmoniosa do mundo e não em um deus que intervém nas ações dos homens."

Pouco depois, num grande artigo, publicado no "New York Times", elaborou seu pensamento, tomando como respondentes Demócrito, S. Francisco de Assis e Spinoza, isto é: um pagão, um santo, um herege, que — dizia êle — atingiram, todos três, sob formas diferentes, "o sentido religioso cósmico", que faz reconhecer Deus em tudo. Monsenhor Fulton Sheen, que se tornou, graças à televisão, o apóstolo da América do Norte, declarava, pouco depois, que jamais tinha lido, sôbre a religião, "um papel tão idiota como êsse de Einstein".

O "CAMPO UNIFICADO", RELIGIÃO SEM DOGMA — O debate é tão velho como a filosofia e Einstein não o renovou. Seu Deus é essência. Identifica-se com o universo panteísta, mas não o governa. Seu Deus sem rosto é um princípio ou, quando mais, uma presença. Não implica nenhum dogma nem nenhum outro culto senão a emoção e a estética da inteligência, diante da ordem sublime das coisas.

Todo conflito entre uma tal religião e a ciência é inconcebível, pois que a ciência é o próprio descobrimento de Deus que se confunde com a noção, altamente abstrata do "campo unificado", mas superior da pesquisa cristã, além da influência universal e depositário do poder geral, que dá conta da criação sob tôdas as formas. Einstein reconhece, porém, que êsse deus não está ao alcance de todos. No estágio

UM membro de um Clube Científico-Literário tomou o encargo de explicar as teorias de Einstein. Durante hora e meia falou e falou da relatividade. Ao terminar, um dos ouvintes comentou: "Depois de ouvir esta conferência, penso que você é maior que o próprio Einstein. Segundo as estatísticas só doze pessoas podem entender Einstein. Porém, a você... não há quem entenda!"

interior, como o dos povos primitiviso, Deus — disse êle — é o mêdo. No estágio intermediário, é a providência, deus com figura humana, que pode recompensar e punir. No estágio superior é o deus-princípio, o deus-harmonia dos físicos. Mas, acrescentou: o sentimento religioso conserva um valor constante à medida que eleva o homem acima dos seus interêsses materiais.

O conhecimento dêsse aspecto quase ignorado, de Einstein, é necessário para bem compreender a sua posição e sua significação atuais. A filosofia espiritualista se associara pouco a pouco ao sábio dirigindo todo o seu esfôrço. O mundo que Einstein desejava reconstruir era aquêle cuja lógica e cuja necessidade estava nêle próprio. A síntese suprema que êle perseguia era a dêle próprio, Einstein e do Universo. O tempo era escasso e por isso a angústia o invadia. A impossibilidade de submeter à verificação experimental os resultados de suas imensas investigações matemáticas, impediu que tivesse a única certeza sôbre a qual uma cabeça científica pode repousar.

Havia modificado várias vêzes suas equações, e as modificaria ainda, num esfôrço angustiado em busca de certeza e de abstração.

Mas sabia que seu destino era o de Kepler e que não podia conduzir a sua matemática até a explanação total de sua teoria.

ABANDONADO PELOS DISCÍPULOS — Em Princeton, numa pequena casa de madeira, em Mercer Street, na qual residiu nestes últimos anos a vida de Einstein correu quasse ignorada. A voz enfraquecera um pouco e, embora a enfermidade não mais o largasse, fazia um passeio matinal sem conseguir conquistar a simpatia dos seus vizinhos, que, com suas idéias próprias de habitantes de cidadezinha, não podiam compreender nem aceitar o isolamento anti-social e aparentemente desdenhoso "daquele estrangeiro".

Mas nem por isso as honrarias e as justas homenagens cessaram de acumular-se em redor de sua simplicidade. Fundações científicas com o seu nome continuaram multiplicando-se cada ano e ainda em novembro de 1954 teve que recusar a sucessão do dr. Chaim Weixmann, na presidência de Israel. E não podemos esquecer o julgamento de Bernard Shaw, que fêz de Albert Einstein (com Pitágoras, Aristóteles, Ptolomeu, Copérnico, Galileu, Kepler e Newton) um dos oito "fazedores de mundos", da História. Ao morrer, a glória dêsse explorador da relatividade era mais alta e mais brilhante que jamais.

Mas um fato novo ocorrera. Nos últimos tempos, Einstein viveu só. Os sábios mais



Lendo as ondas emitidas por um dos maiores cérebros do século. O homem deitado, que o leitor vê no clichê, é Albert Einstein, cuja teoria da relatividade revolucionou o mundo científico.

moços ainda o cercavam de uma veneração quase religiosa, mas duvidavam do seu esfôrço.

Sua teoria do tempo unificado, a síntese final, a codificação definitiva das leis da natureza, parecia-lhes (como, por certo, ainda parecem) coisas quiméricas e, talvez, acima de tudo, inúteis. O racionalismo que engendrou essa teoria não é mais do seu tempo. Aceitaram, todos, o princípio da incerteza, formulado pelo físico de Leipzig, Werner Heisenberg e, hereges de um dogma científico, que há tempos curvava tôdas as cabeças, passaram a admitir, sem qualquer escrúpulo de consciência, que não havia na natureza nem continuidade nem determinismo nem causalidade.

Contentam-se com seus **quantas** e com os êxitos que lhes garantem no domínio imenso do átomo seus cálculos de probabilidades. Segundo o próprio Einstein comentou com alguma amargura: "Abandonaram a ambição de alcançar uma descrição completa das situações reais numa só teoria."

Contra todos o velho titã perseverou. Talvez estivesse avançado de um século sôbre nós e talvez — como sòmente os sábios soviéticos ousaram escrever — "tenham lançado a física moderna num beco-sem-saída".

Sua luta solitária não teve apenas um caráter revolucionário, pois que se dedicou a restaurar na ciência princípios que antes dêle pareciam exigidos pela razão. Einstein ensinou a unidade, a continuidade e a certeza... onde seus discípulos se resignam à dualidade, à descontinuidade e ao acaso. O grande Einstein acreditou até o último instante haver atingido a sua meta e declarava que o terrível átomo voltara à harmonia universal, da qual as suas últimas equações eram a expressão ainda não verificáveis.

O tempo e o progresso da ciência matemática darão a resposta final. Mas, de qualquer maneira, mesmo que tenha fracassado, Einstein não poderia ter sido maior!

OBJETIVOS DIFERENTES...



Aí temos o jovem e enérgico Xá da Pérsia e sua belíssima espôsa, a rainha Soraya, durante recente visita a Londres. Depois da recepção oficial, dos banquetes, etc., os reais visitantes tiveram momentos livres, que decidiram aproveitar da melhor forma possível. Assim, enquanto o jovem soberano, muito interessado pela aviação, viajava para Kent, a fim de inspecionar novos modelos de aviões de caça supersônicos, a linda Soraya ficava em Londres escolhendo modelos... de vestidos!



QUEM FOI O PRIMEIRO REI?

NÃO se sabe, com absoluta certeza; porém é provável que esta honra tenha pertencido a Menes, rei do Egito, que, segundo as listas corrigidas de Manetho, começou a reinar uns 2.800 anos antes de Cristo. O nome de Menes (condutor) foi encontrado em inscrições, mas não se conhecem monumentos contemporâneos dêle.

Se esta tradição egípcia é errônea e não houve no Egito nenhum rei anterior a Misraim, do qual se diz "que levantou cidades no Egito e foi o primeiro que tomou o título de rei naquela parte da terra, 2.183 antes de Cristo", então o primeiro rei deve ter sido Nemrod, o grande caçador, filho de Cush e neto de Ham, por que sabemos que fundou um reino de dois mil duzentos e quarenta e cinco anos antes de Cristo, "e o princípio do seu reino foi Babel, Erech e Accad, em Caluch, na terra de Shinar" — segundo diz a Gênese.

A primeira vez que ocorre essa palavra na Bíblia é também na Gênese, num parágrafo em que se lê: "... e ocorreu nos dias de Amraphel, rei de Shinar", o que parece uma confirmação de que Nemrod fundou um reino na terra de Shinar.



ALÍVIO

O pequeno empregado se dirige ao patrão: "Desejava que o senhor me concedesse folga amanhã, para ajudar minha muher na limpeza da casa, pois não temos criada.

— Lamento — disse o patrão. — Mas temos muito trabalho aqui também...

— Oh! Obrigado, senhor! — exclamou o empregado, com sinceridade. — Eu sabia que o senhor não deixaria de me **socorrer**!

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

TEMOS, êste mês, nova série de distrações para os nossos leitores. Naturalmente, não são apresentadas com pretensões de desafio à argúcia de qualquer um, pois não apresentam nem mistérios nem grandes dificuldades. Distraem apenas. E é isso justamente, o que desejamos: proporcionar aos amigos meia hora agradável.





O BÔLO DE PEDRINHO

No dia do seu aniversário, Pedrinho ganhou, entre outras coisas, um bôlo bonito e gostoso. Dêsse bôlo, coube ao aniversariante a quarta parte do total.

O "resto", deixou para quatro de seus amiguinhos, dizendo-lhes:

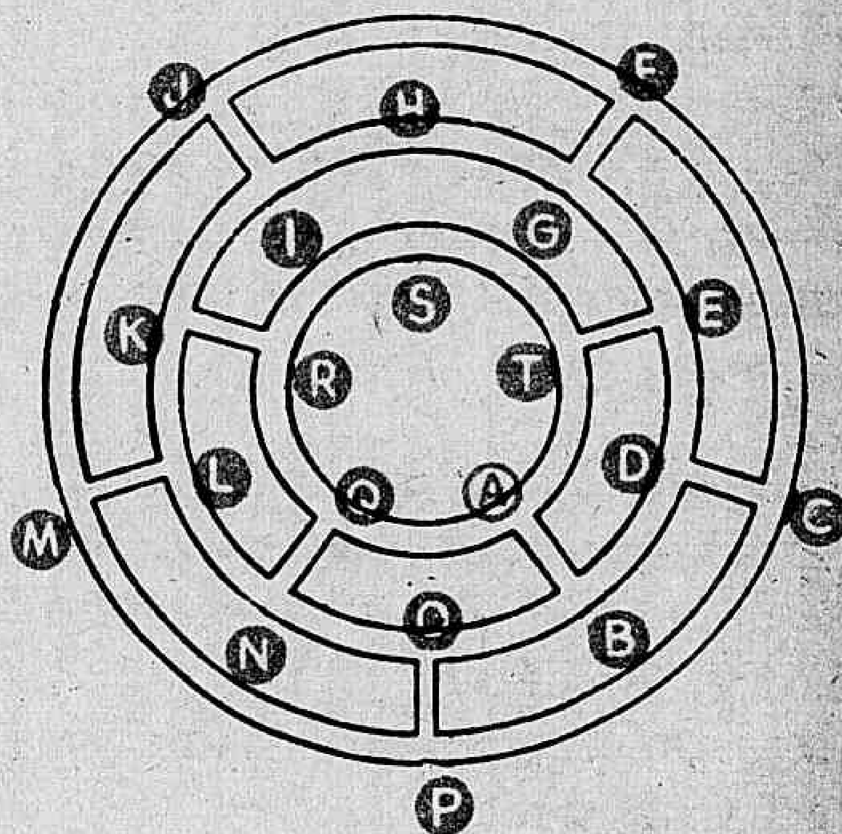
— **Dividam o bôlo exatamente entre vocês.**

Pode o leitor indicar como foi feita a divisão do **resto?**

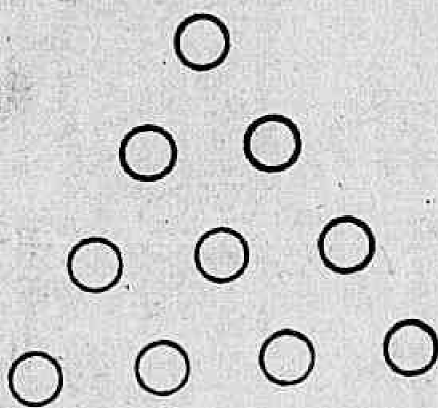
O LABIRINTO DO PSICÓLOGO

Êste diagrama representa um labirinto desenhado por um psicólogo.

Para fins experimentais, desejava saber que percurso deveria seguir um homem inteligente e de boa intuição para, iniciando da letra A, passar por tôdas as demais letras, porém **só uma vez** em cada uma delas.



O TRIANGULO INVERTIDO



Com dez fichas ou botões, formar um triângulo, como o indicado à esquerda.

A seguir, mover só três fichas e inverter o triângulo, de maneira que o vértice superior fique para baixo e a base passe para cima.

RESPONDA DEPRESSA

Já se lembrou de contar, alguma vez, quantas teclas tem um piano? — Quando abrimos o ralo de uma pia e deixamos escorrer a água que nela havia, qual a direção do remoinho que se forma? — Um dos quatro "reis" das cartas do baralho. — Agora, sem olhar para as mãos, responda mais depressa ainda: Quantas articulações tem seu dedo indicador? E o polegar?

(Respostas na página seguinte)

BESSIE PEGOU UM "RATO"...



(EPISÓDIO REAL

FORAM necessários, um capitão da Polícia, um chefe de Polícia, a F.B.I., um gato curioso, um juiz enfêrmo, e um "choque" de 76 homens para levar dois rapazes e duas moças ante a justiça, pelo roubo de dois automóveis, na pequena cidade de Hapeville, Estado de Geórgia.

Tudo começou de manhã, muito cedo, quando o capitão da Polícia, J. P. Dunn, notou a presença de dois automóveis carregados de custosas peles e resolveu deter seus ocupantes.

Na mesma tarde, o chefe da Polícia local, George Pierson, pediu a ajuda da F.B.I., que é um corpo da polícia especializado, e enquanto aguardava o momento de passar seus prisioneiros para os homens dêsse departamento, um dos presos, apoderando-se da pistola de um dos guardas, libertou seu companheiro, com êle fugindo, deixando as duas mulheres nas mãos da polícia.

Os dois fugitivos, procurando escapar aos policiais, penetraram numa grande casa... justamente a residência do juiz Quincy Arnold, enquanto a polícia emitia sinais de alarma geral, o que provocou a mobilização de mais 76 homens.

A êsse tempo, o juiz, que guardava o leito, atacado de forte resfriado, levantou-se para ver que barulho todo era aquêle na rua; mas logo recuou quando uma bala, varanda a vidraça da janela, esburacou a parede do seu dormitório. Correu, então, para a porta de entrada, onde já estava sua espôsa, a qual, ignorando o que se passava, censurava um dos fugitivos com estas palavras:

— O senhor não pode estar matando passarinhos no jardim da minha casa!

O juiz Arnold saiu atrás do invasor, que fugiu, saltando o muro e entrando num automóvel que passava em marcha reduzida. O veículo era conduzido por um ex-policial e ex-campeão de judo, que fàcilmente desarmou o criminoso, entregando-o aos policiais.

Enquanto isso, os 76 homens, mobilizados às pressas, tinham perdido o rastro do segundo larápio. Já se retiravam, desanimados, do jardim da residência do juiz, quando êste, repentinamente, exclamou:

— Observem Bessie, a minha gatinha!

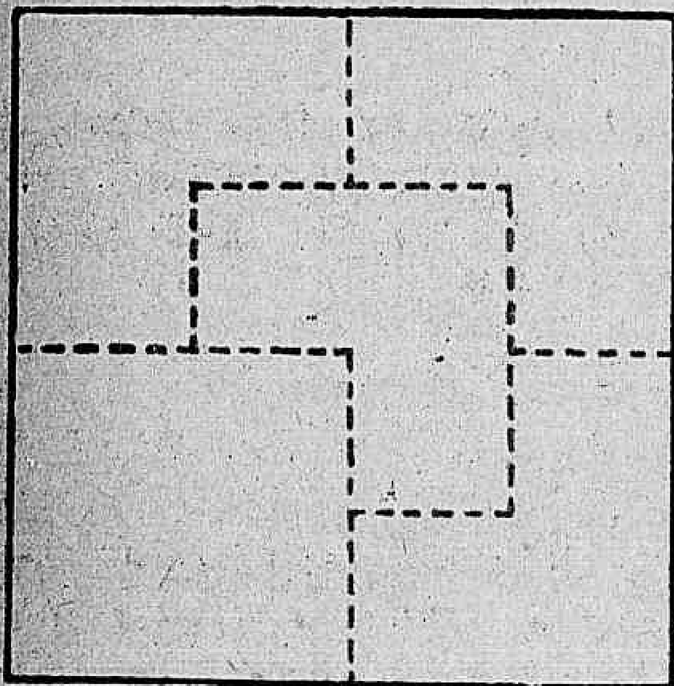
Cento e cinqüenta e dois olhos se voltaram para Bessie, cujo rabinho se mantinha esticado, na horizontal, como fazem os cães passarinheiros. Seguindo a direção indicada por Bessie, os policiais foram descobrir o segundo ladrão, escondido entre cerradas plantas.

Hapeville só ficou tranqüila quando os homens da F.B.I. levaram os quatro cativos para fora de seus limites.

Segundo informam, agora, de Hapeville, a polícia local acaba de tomar uma assinatura de leite, que ofereceu a Bessie, como prêmio da sua excelente ajuda.

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Respostas da página anterior)



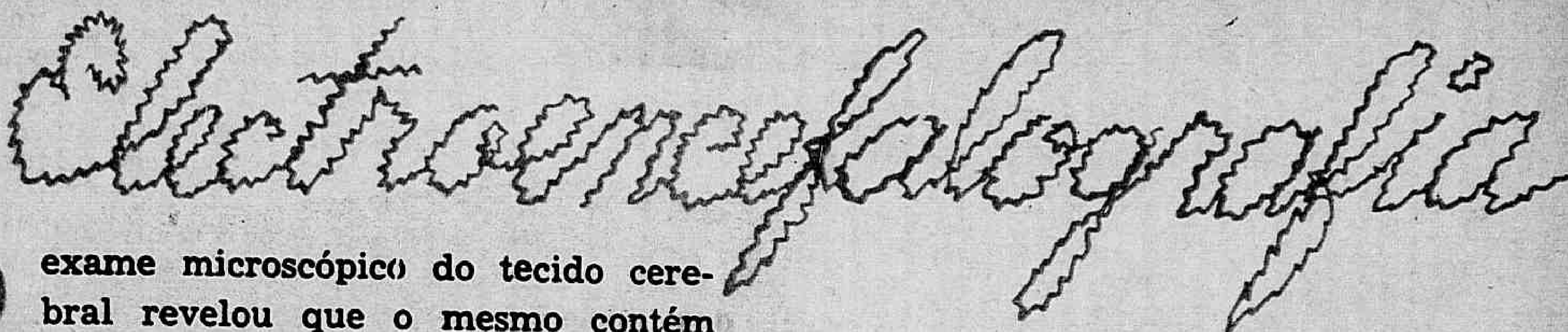
O BÔLO DE PEDRINHO — O resto do bôlo de aniversário de Pedrinho, foi dividido entre os quatro amiguinhos segundo o diagrama à esquerda.

O LABIRINTO DO PSICÓLOGO — O homem, deve passar de A a Q, N, O, P, M, L, K, R, S, T, E, G, H, I, J, F, C, D, B, A.

Também poderia ser feito o seguinte percurso: De A a Q, N, O, P, C, F, G, H, I, J, M, L, K, R, S, T, E, D, B, A.

O TRIANGULO INVERTIDO — Mover as fichas dos dois extremos da linha inferior para a segunda carreira (a contar de cima) e a ficha única da parte superior para a parte inferior da... nova pirâmide.

RESPONDA DEPRESSA — Agora que o leitor já fêz as correspondentes observações e conhece as respostas, divirta-se interrogando seus amigos; é provável que poucos possam responder sem titubear.



O exame microscópico do tecido cerebral revelou que o mesmo contém cêrca de 10% de células nervosas, dispostas em ordens complexas de três dimensões. Estimulado o cérebro elètricamente, a descoberto, os movimentos resultantes e as sensações subjetivas demonstraram a conexão anatômica entre algumas partes do encéfalo e várias regiões do corpo; verificou-se que, embora em inatividade, o cérebro consome enorme quantidade de energia em relação ao seu tamanho. Porém, nos últimos vinte anos, foi possível estudar qualquer aspecto da função cerebral diretamente no sujeito humano intacto.

Sabia-se, desde muito antes, que a comunicação entre as células nervosas individuais se mantinham ao longo das fibras nervosas mediante pequenas descargas electroquímicas, não se acreditando, porém, que a atividade elétrica do encéfalo pudesse tornar-se manifesta (sem ligar eléctrodos diretamente sôbre o tecido nervoso, a descoberto), até que Berger, em 1928, demonstrou que isso era realmente possível.

Chama-se electroencefalografia ou, por abreviação E.E.G., a um registro da atividade elétrica do cérebro, obtido com eléctrodos no pericrânio. Tais registros apresentam uma contínua atividade elétrica de natureza complexa, de acôrdo com o formidável número de células nervosas e a intrincação de suas modalidades de comportamento. Vistas através do crânio, as descargas elétricas são ùnicamente de alguns milionésimos de volts, sendo necessário ampliá-las mediante aparelhos electrônicos especialmente construídos, que as transformam num gráfico contínuo sôbre papel.

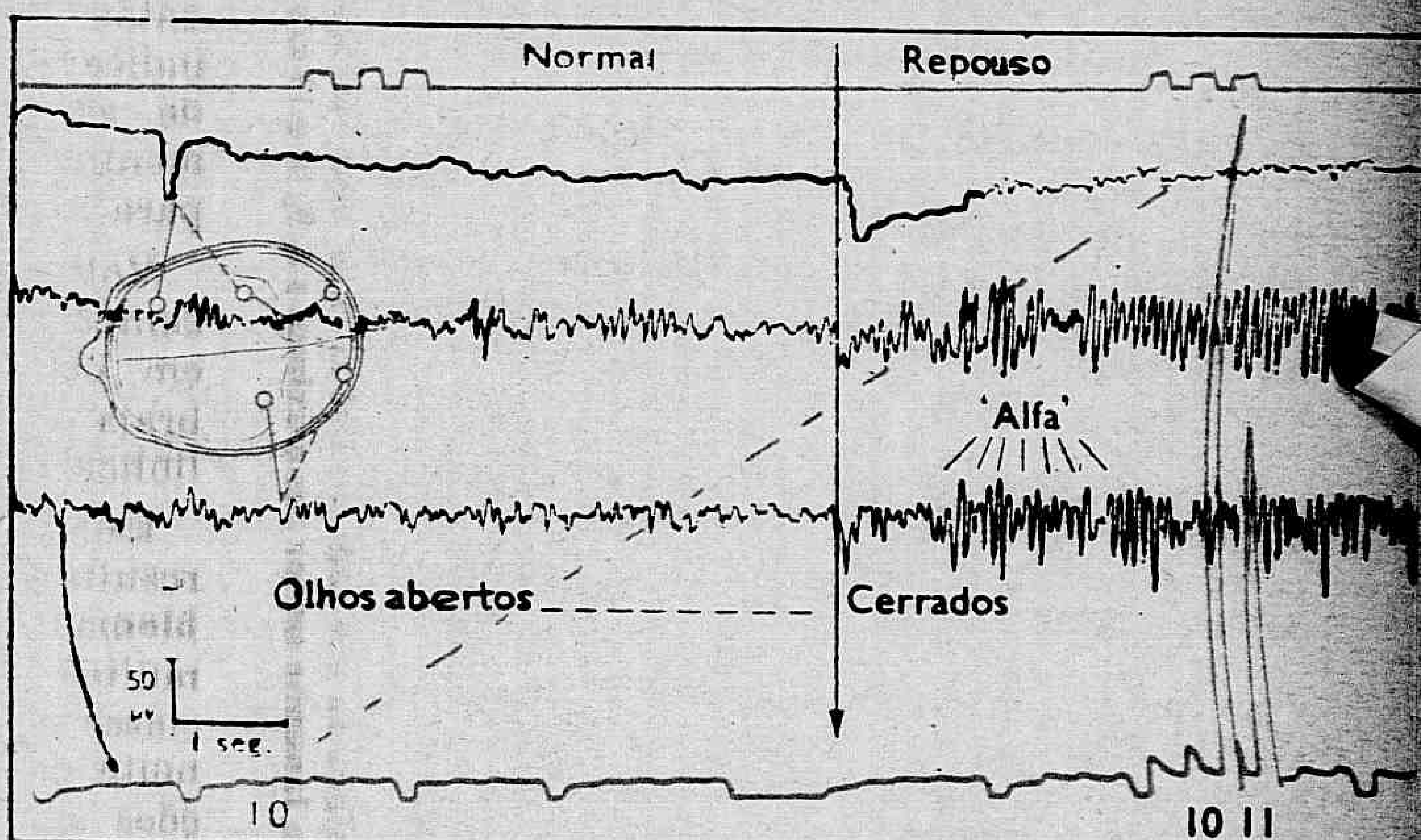


FIG. 1-a — Electroencefalograma de uma pessoa normal, mostrando o efeito de fechar os olhos. Note-se o aumento de atividade alfa a 10 c/s em ambas regiões occipitais e o máximo associado a dez na análise de freqüência. (Em vermelho.)

A possibilidade de estudar o cérebro normal dessa maneira, estimulou tanto o desenvolvimento clínico quanto a consideração teórica da função cerebral em conjunto. Os conceitos atuais podem ser resu-

O CÉREBRO HUMANO É MAIS COMPLEXO QUE QUALQUER OUTRA ESTRUTURA DO UNIVERSO CONHECIDA, E A CIÊNCIA APENAS PODE TENTAR ESCLARECER SUA COMPLEXIDADE. APESAR DISSO, OS MODERNOS TRABALHOS SÔBRE O RADAR E OUTROS INVENTOS ABRIRAM UM CAMINHO CHEIO DE PROMESSAS, PERMITINDO O NASCIMENTO DE UM NOVO RAMO DA CIÊNCIA, A ELECTROENCEFALOGRAFIA. O DOUTOR GREY WALTER, QUE FOI O INICIADOR DÊSTES ESTUDOS DESCREVE PARA NOSSOS LEITORES OS ÚLTIMOS ADIANTAMENTOS.

midos mais concisamente, afirmando-se que **a função geral do cérebro é construir e albergar um modêlo-guia do mundo exterior e ensaiar sôbre êsse modêlo os efeitos das operações que as circunstâncias recomendam como necessárias para a comodidade ou a sobrevivência**. Devemos ter em conta, não obstante, que no homem o sistema puramente nervoso é de todo inadequado para a vida social, devendo suplementar-se com mecanismos externos tais como documentos escritos, leis, etc. O neurofisiólogo emprega, então, a palavra "mente" querendo indicar o modêlo que o indivíduo forma de seu ambiente e o têrmo "pensamento", como um ensaio em miniatura para a ação.

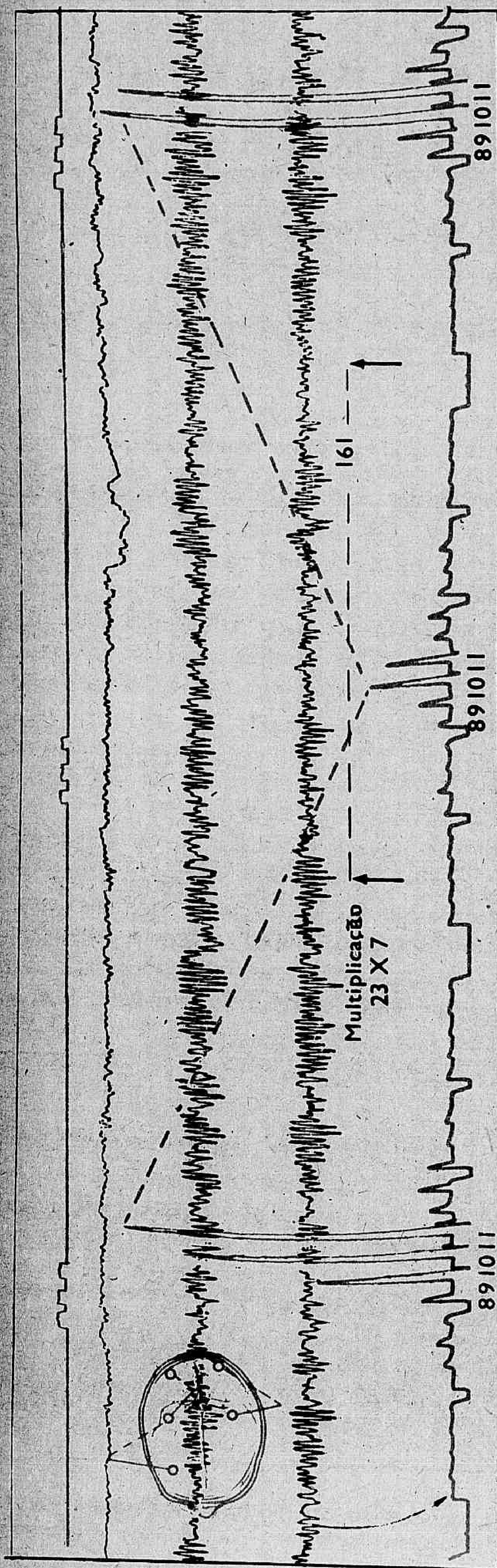


FIGURA 1-b — Electroencefalografia de uma pessoa normal, mostrando o efeito da atividade mental ao fazer uma operação de multiplicar. A atividade Alfa é reduzida e a medida dessa redução vai indicada pelo tamanho menor dos máximos a 8, 9, 10 e 11 c/s na análise.

Voltando aos descobrimentos no campo da electroencefalografia, viu-se em breve que nas enfermidades cerebrais ocorrem visíveis perturbações das linhas gráficas normais.

Esta observação conduziu ao infeliz resultado de **distrair a atenção dos problemas fundamentais**, até o ponto de muitos laboratórios dedicados a esta classe de trabalhos, ficarem, quase da noite para o dia, inundados de informações sôbre epilépticos e enfermos com tumores cerebrais e outras lesões na cabeça.

Os gráficos procedentes de indivíduos normais apresentam uma grande variedade de mudanças elétricas mais ou menos irregulares, em tôdas as regiões do encéfalo, porém em muitos indivíduos, **quando têm os olhos fechados, as descargas se tornam mais rítmicas na região occipital, de onde as impressões visuais se projetam. Tais oscilações regulares são conhecidas com o nome de "ritmos alfa" e têm uma freqüência entre 8 e 13 ciclos por segundo. Mesmo com os olhos fechados alguns ritmos alfa decrescem, de ordinário, quando o indivíduo pensa intensamente**; de outras vêzes ficam **obstruídos**, quando o indivíduo recorda uma imagem visual **brilhante**.

Há, naturalmente, uma grande variedade entre os indivíduos, porém o **gráfico geral** para uma determinada pessoa, é muito constante e quase como uma impressão digital (figura 1).

É digna de notar-se a relação paradóxica inversa entre a proeminência dos

ritmos alfa e o nível da atenção assim como da atividade funcional. Nos bebês há pouca atividade alfa; ocorrem, ùnicamente, oscilações (muito mais lentas) do potencial elétrico, em tôdas as regiões (figura 2). Em crianças um pouco maiores, os ritmos de uns 6 ciclos por segundo são preponderantes até a idade de 7 ou 8 anos (figura 3), porém os ritmos alfa começam a aparecer e o modelo adulto fica, de ordinário, determinado à idade de 12 anos.

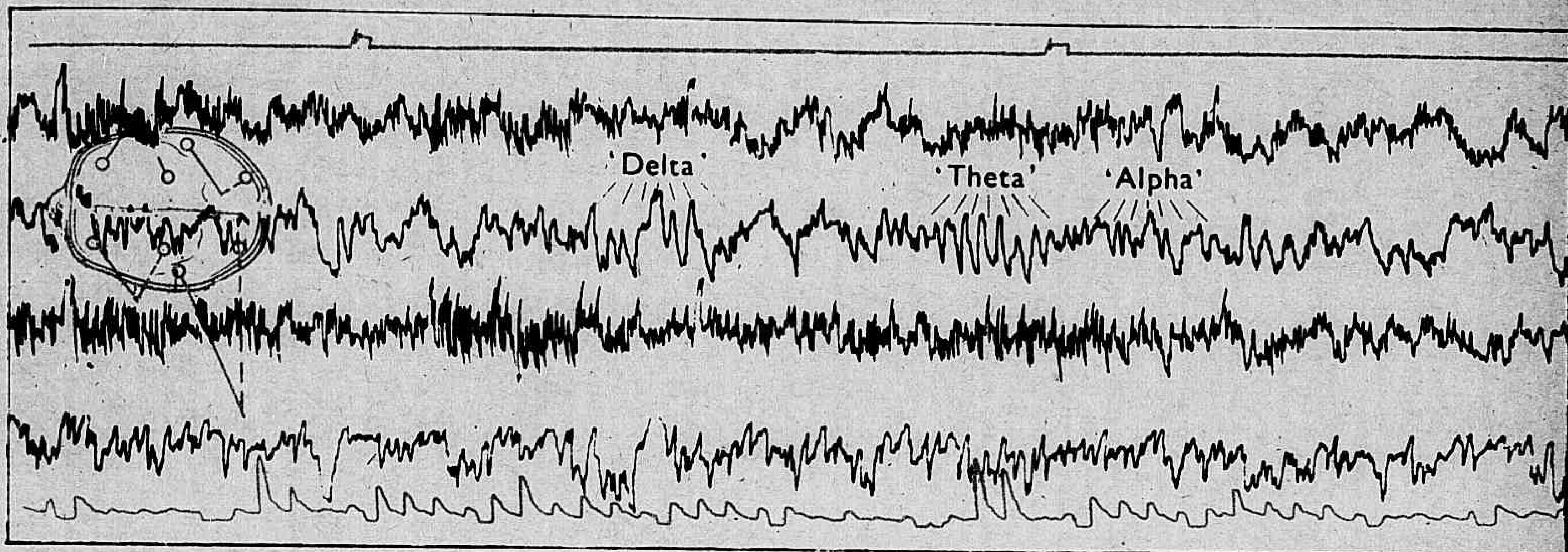


FIGURA 2 — Electroencefalografia de um menino de um ano, mostrando componentes "delta", "theta" e "alfa" procedentes das regiões posteriores, é o que os leitores podem observar no clichê. A análise é das áreas frontais e demonstra a ausêucia de atividade rítmica consistente.

A atividade de seis (6) ciclos por segundo é chamada, algumas vêzes, "ritmo theta" e é, com **freqüência**, mais ampla quando a criança está descontente ou irritada. Procede dos lóbulos temporais do cérebro e das regiões mais profundas, e se encontra em muitos adultos de conduta pueril, sendo também irrascíveis, agressivos e difícil de tratar. Durante o sono os ritmos alfa desaparecem, e então o E.E.G. se faz menos individual. No **sono** profundo, assemelha-se ao registro de uma criança, mas no superficial há, de ordinário, uma atividade intermitente de 14 ciclos por segundo, sendo esta, algumas vêzes, a predominante, até pouco antes do paciente despertar do **sono**. A hipnose ocasiona pequena mudança a não ser que o paciente pertença ao grupo dos que entram em profundo transe, quando os ritmos alfa respondem mais às condições sugeridas do que às reais.

Quando o cérebro sofre lesão ou é afetado por um tumor, as áreas atingidas tendem a desenvolver cargas lentas que se denominam "atividade delta" (figura 4). Embora estejam, geralmente, localizadas ao redor da lesão, estas ondas "delta", lentas

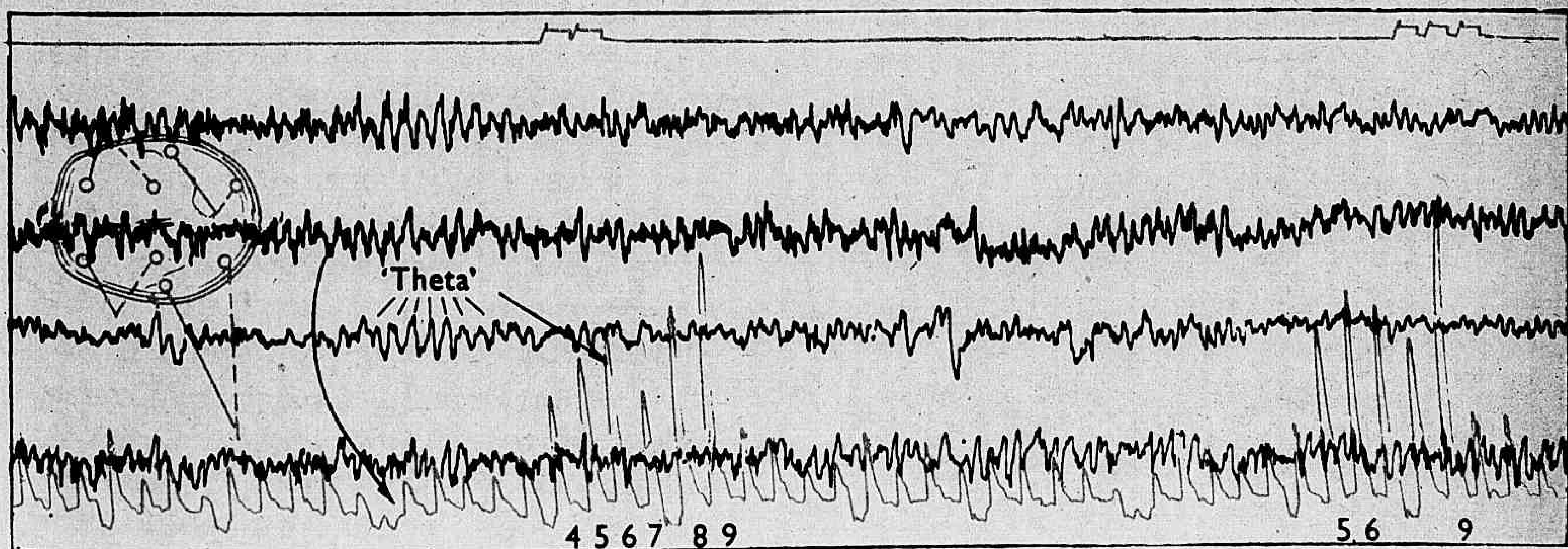


FIGURA 3 — Encefalografia de um menino de 3 anos, mostrando preponderante atividade theta combinada com alfa. Registro igual pode dar-se num adulto com acentuadas tendências agressivas.

e anormais, são semelhantes às encontradas nas crianças durante o **sono** profundo, sugerindo a possibilidade de uma função de assistência aos tecidos nervosos perturbados **para que descansem** de seus esforços, do mesmo modo que a dor obriga a paralisação de um braço quebrado; isto porque o cérebro não pode experimentar a dôr e

realidade, um gráfico do sistema de coordenadas, voltagem e tempo, mas como, inevitàvelmente, existe grande quantidade de grupos celulares ativos, êste gráfico é, quase sempre, extremamente complexo e ofusca a visão, que só pode fixar-se em um ou dois dos seus múltiplos componentes. Construiu-se um instrumento, atualmente

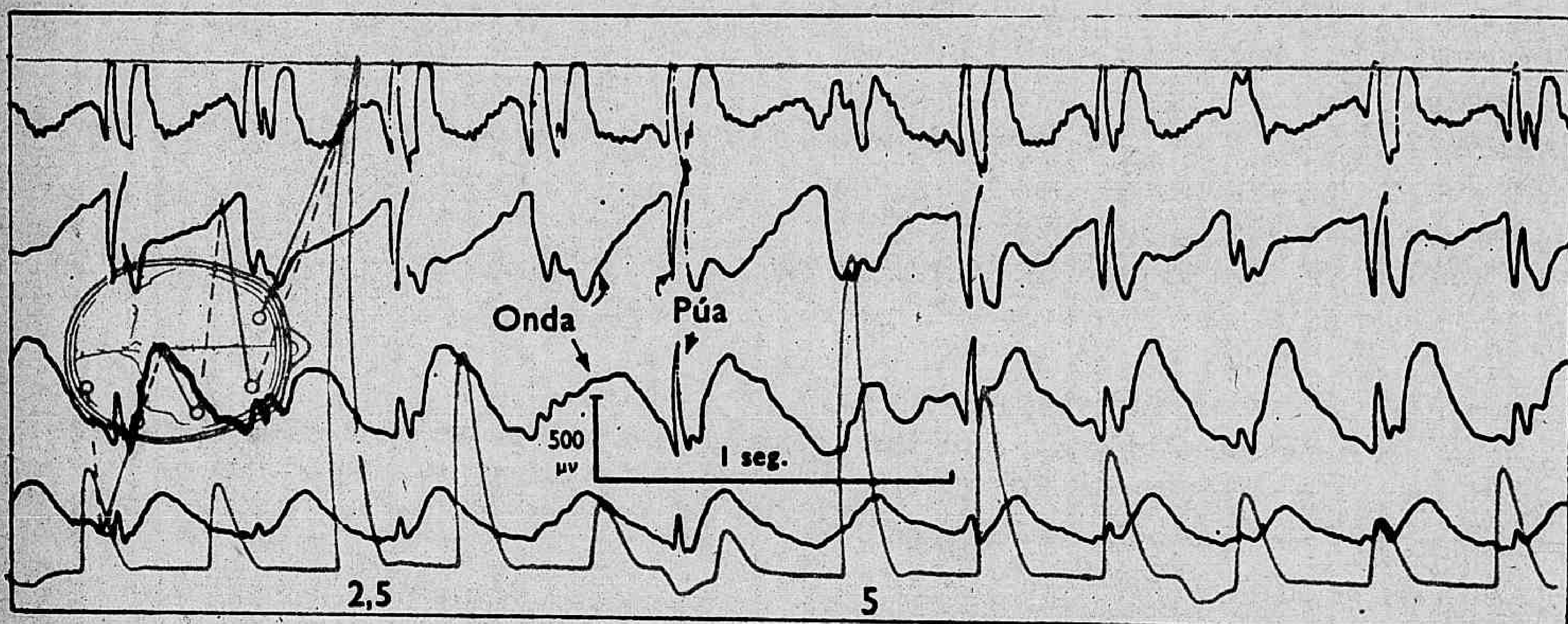


FIGURA 5 — Electroencefalografia tomada durante um ataque epilético menor, mostrando a atividade de "anda e pula", que diagnostica êsse estado. Note-se que a escala do tempo é bem maior que nos outros registros que apresentamos, e que a amplificação foi m u i t o reduzida.

tem limitado poder para curar a si mesmo.

As variações mais extremas do normal se encontram nos epilépticos, particularmente no princípio dos ataques. No ataque ligeiro, por exemplo, quando o paciente fica inconsciente por pouco tempo, todo o **cérebro** gera enormes ondas regulares, lentas, cem vêzes maiores do que qualquer **ritmo normal**, cada uma das quais com uma curta **ponta** que penetra em seu cerne (figura 5). Pode-se considerar um paciente gerando êstes ritmos de onda e **ponta como se fôsse eletrocutado por seu próprio cérebro!**

Nos últimos anos, os recursos técnicos de que dispõe o electrofisiólogo se ampliaram sensìvelmente com a adoção e a adaptação de inventos desenvolvidos durante a guerra para os aparelhos de radar.

E o progresso se fêz em todos os sentidos. Primeiramente no tocante ao desenvolvimento **de flexíveis e cuidadosos métodos** de transformação e apresentação dos dados elétricos; em segundo lugar, no uso do **estímulo controlado** do indivíduo. Pode-se compreender que o registro ordinário é, na

muito utilizado nos laboratórios, que decompõe, automàticamente, as complexas oscilações em seus vários componentes do mesmo modo que o espectroscópio decompõe a luz em suas côres integrantes. Êste analisador transcreve, em cada dez segundos, no registro ordinário um histograma de freqüência correspondente à transformação "Fourier" de mutações primárias. Um matemático levaria alguns dias para realizar o mesmo trabalho.

Há dez anos, êsses inventos eram tidos como coisa de alta importância; porém, dentro de dez anos mais, não passarão de brinquedo para crianças, comparado com o intrincado da função cerebral representada por um E.E.G. Ainda agora não podemos compreender mais de um por cento da informação total contida nos gráficos das figuras. Estamos, pois, como um visitante de Marte, surdo, mudo e que, não tendo qualquer idéia da natureza do som, quisesse compreender nosso idioma olhando para os sulcos de um disco de gramofone!

Outra prova de progresso está no fato de se ter conseguido um mais ativo acesso

ao cérebro, mediante o **emprêgo de estímulos controlados** em lugar de, simplesmente, observar sua atividade **espontânea**. Encontramos certa analogia no funcionamento do radar; êste, em lugar de procurar captar o ruído ou a radiação de um aeroplano, transmite-lhe uma radiopulsação e recolhe os ecos produzidos em relação com o sinal original. No estudo do cérebro, os sinais transmitidos chamam-se **estímulos** e os ecos são as **respostas**, ainda que a semelhança entre o método e o resultado seja bem clara. O ruído de um avião se propaga muito esparsamente, de modo que **não indica a posição de sua origem** e qualquer rádio-sinal emitido pode, deliberada ou inadivertidamente, provocar confusão no observador, mas um avião **não pode deixar de refletir as radiopulsações**. No **cérebro**, as ações espontâneas ou pensamentos iniciados podem ser retardados por um espaço de tempo variável, depois do primeiro sinal elétrico de seu lampejo, e a atividade espontânea é, em geral, excessivamente variada e incontrolável para correlacioná-la com outras variáveis fisiológicas; mas o sistema nervoso central não pode escapar à influência dos estímulos externos em virtude das respostas a êles dadas serem uma de suas funções primordiais; além disso, os estímulos podem ser controlados pelo observador e com freqüências conhecidas.

Utilizando técnicas exatamente parecidas com a do radar, a resposta a um estímulo regular pode ser recolhida em um osciloscópio de raios catódicos, e assim, grande número de respostas sucessivas são exatamente justapostas, enquanto que a atividade espontânea fica indicernível. Êste método foi aproveitado por Dawson no estudo das respostas elétricas ao estimulo dos nervos sensoriais dos membros. Foram obtidos resultados de considerável interêsse geral, empregando-se lampejos rítmicos para a investigação sôbre as características da resposta da curteza visual (2, 3, 4). Quando se utiliza um estímulo rítmico dessa natureza, o analisador de freqüência do estímulo podem ser seguidas através do cérebro mesmo que sejam menores do que as oscilações irregulares do fundo, porque sua uniforme repetição é vista pelo analisador como um máximo de atividade com relação à freqüência única. Está decisivamente comprovado que êste método é poderoso para aplicações clínicas, principalmente quando os gráficos de descanso não oferecem rasgos característicos

(Continua no fim da revista)

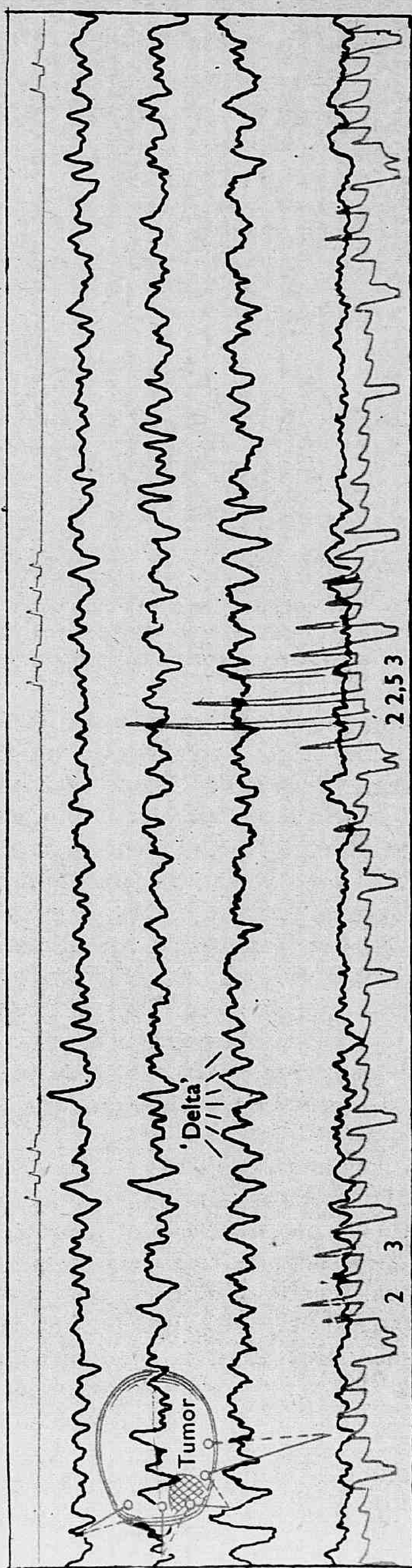
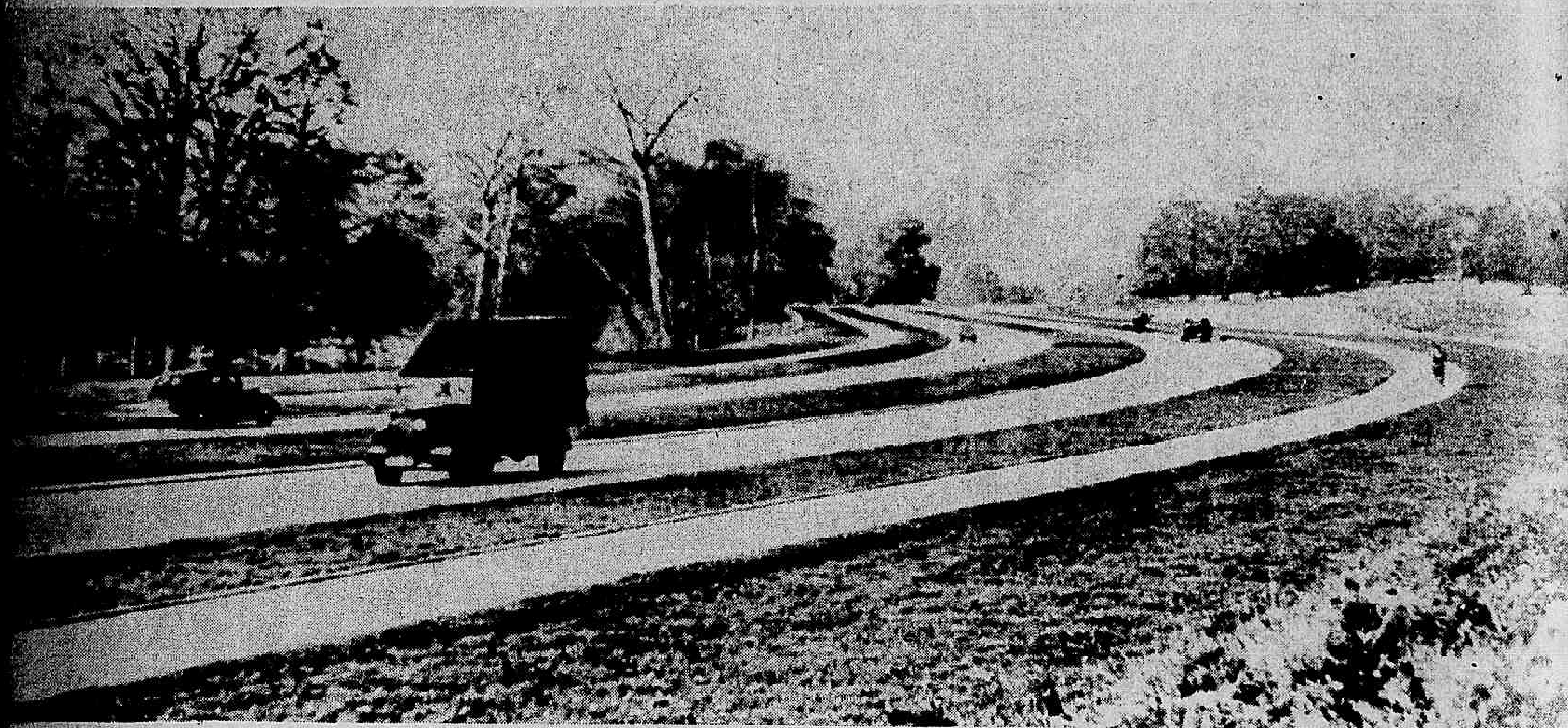


FIGURA 4 — E.E.G. de um paciente com grande tumor na região frontal esquerda, que origina as largas ondas delta retardadas. Note-se as cristas a 2, 2, 3 e 5 da análise entre os canais 2 e 3, mostrando a origem das ondas lentas (atividade delta).

PERCORRENDO O MUNDO: ONDE VIAJAR



LONDRES Excelente exemplo de fusão entre abrir estradas e conservar a paisagem, temos acima com essa auto-estrada londrina, com pista dupla e estradas laterais, para ciclistas. Calcula-se que um eficiente sistema de estradas reduz à metade a perda em vidas humanas.

E PRONTO!

UM soldado pergunta a seu comandante, na Escola de Pára-quedismo:

— E se, ao lançar-me do avião, o pára-quedas não abrir... Que devo fazer?

— Dar parte imediatamente, por escrito, ao comando, contra o chefe do material.

★

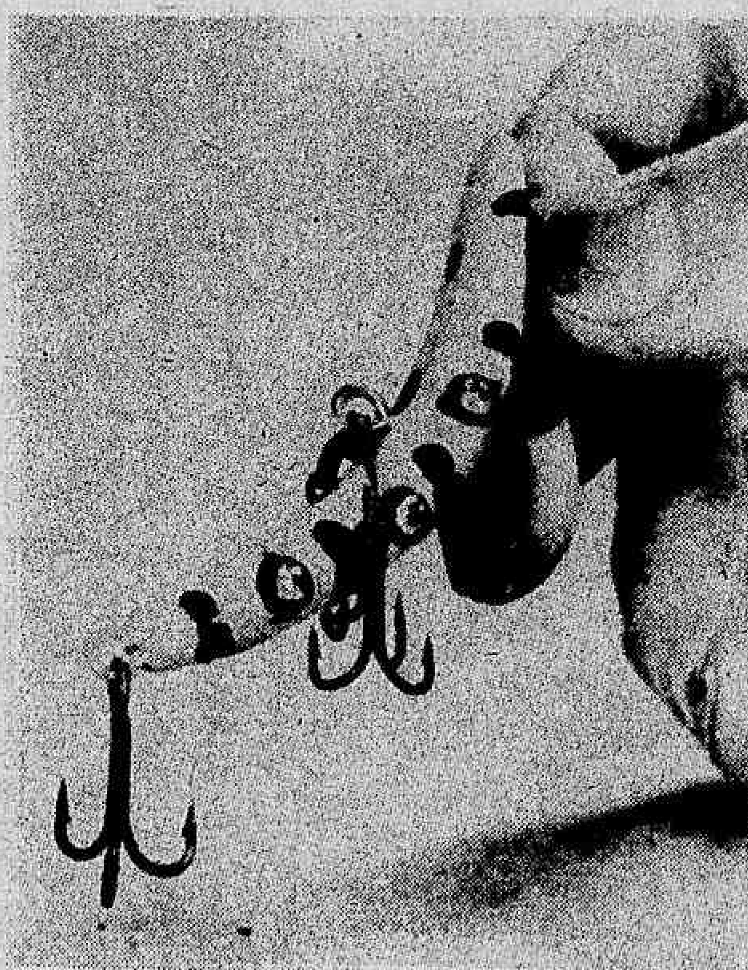
AMOR

EM Glasgow, Escócia, há um túmulo, no cemitério de Barlinine, com o seguinte epitáfio: "Aqui, sob esta lousa, estamos dormindo, minha mulher e eu, costas contra costas, e quando soar a trombeta dos anjos, se ela se levantar, eu não me moverei."

★

A excentricidade é a caricatura da originalidade. — Ch. Guinot

PARA OS PESCADORES:



COMO novas "tentações" para os peixes, os norte-americanos estão usando, agora, êsse tipo de isca-artificial com incrustações de pedras falsas, que produzem grande reflexo sob a água. Na prática tem dado bom resultado, daí a sua grande aceitação.

NÃO PODIA SER

EM uma de suas últimas viagens a New York, sir Thomas Beecham, o grande diretor inglês, estava tomando um banho quando a campainha do seu telefone soou. De muito mau-humor, enrolou-se na toalha e foi atender:

— Quem fala? — perguntou.

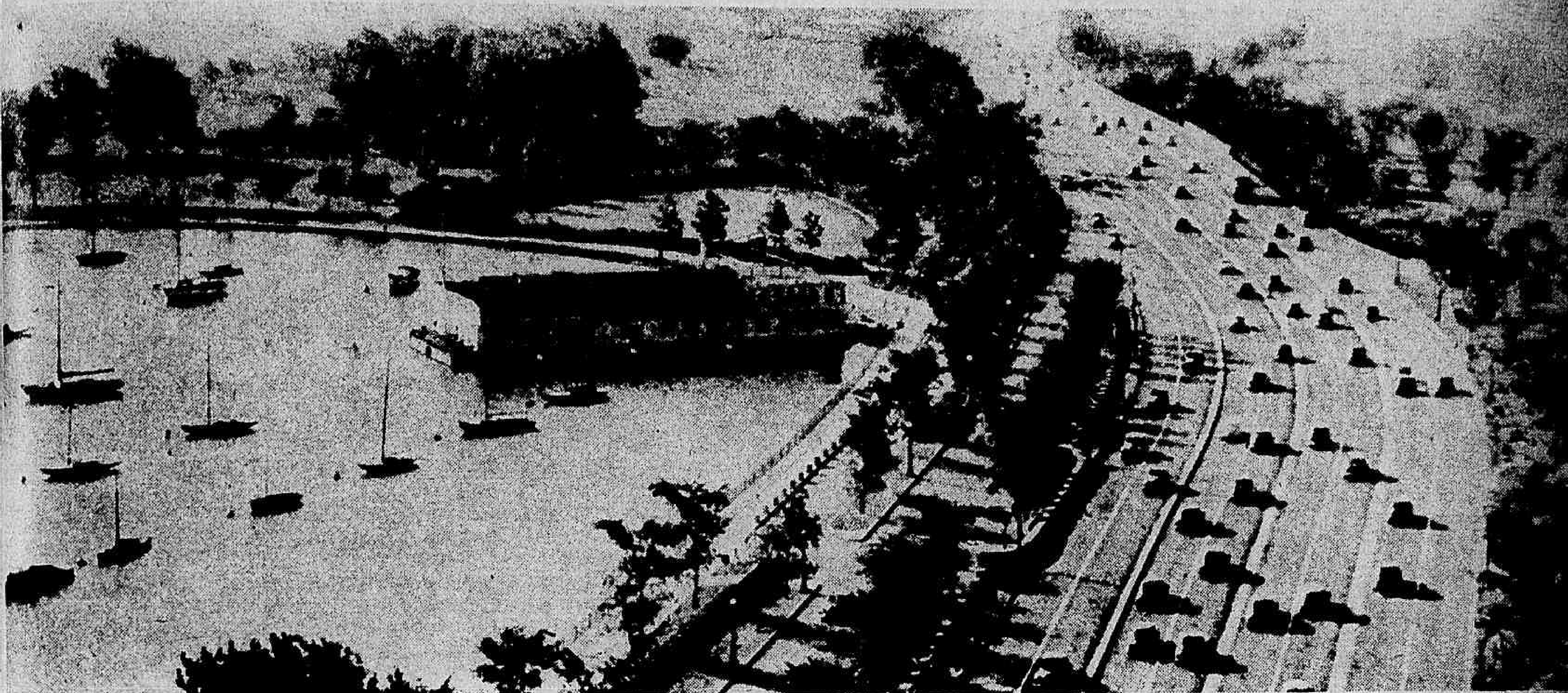
— Sir Thomas — respondeu a voz. — Quem fala é o secretário honorário, em exercício, da Liga Atlântica do Mútuo e Mais Amplo Entendimento dos Povos de Língua Inglêsa.

— Não acredito! — respondeu sir Thomas, batendo o fone.

★

O célebre arquiteto sir Christopher Wren construiu a catedral de S. Carlos, em Londres. Uma inscrição, que recorda o seu nome diz o seguinte: "Se desejais ver seu monumento, olhai em vosso redor."

É CONFORTÁVEL E SEGURO...



CHICAGO Eis a "Lake Shore Drive", em Belmont, nos arredores de Chicago. Essa enorme artéria tem oito pistas, construídas para atender a tôdas as exigências do tráfego, muito variável segundo as horas do dia. Assim, às nove da manhã seis pistas são destinadas ao tráfego direto para a cidade e apenas duas para fora dela. Depois das cinco horas, essa proporção é invertida, atendendo a tôda a elasticidade do tráfego.



NEW YORK Problema básico das grandes artérias de comunicações são os cruzamentos estradais. Eis como isso foi resolvido em Corona (New York), onde ocorre o cruzamento de cinco auto-estradas diferentes.

Um casamento infeliz:

A PROFECIA DO MENDIGO: A UNIÃO DE MILANO OBRENO UM OUTRO ANEL NA FUNESTA CADEIA DE CRIMES, ENCER



O rei Milano IV, da Sérvia, ao tempo do seu casamento com a princesa Natalia Kecsko.

POUCO antes de sua morte, no seu apartamento da rua Johannes, em Viena, o ex-rei da Iugoslávia, Milano Obrenovich escrevia ao Imperador Francisco José as seguintes palavras: **"Às vésperas da morte, peço a Vossa Majestade mandar sepultar os meus restos mortais no território do seu Império e NUNCA, NUNCA naquele abominável país sôbre o qual tive a desventura de reinar."**

Esta sua última vontade foi feita. Em fevereiro de 1901, transportaram seu corpo para o convento de Kruscedol, perto de Karlovitz, onde já repousavam os ossos de Ljubitza, espôsa de Milosc, primeiro príncipe da Iugoslávia.

A rainha Natalia já se havia retirado a uma vida solitária na França e quanto ao seu filho, o rei Alessandro da Iugoslávia, cognominado **O Grande**, êste havia dado ordens a todos os oficiais da Côrte para fuzilarem Milano seu pai, **como qualquer cão danado, se algum dia pretendesse êle penetrar na sua pátria**.

Era, realmente, uma família constituída de inimigos irreconciliáveis. Aliás, o velho rei Milano não podia esperar outra coisa de Alessandro, depois de haver torturado tôda a sua infância e a sua adolescência, sem lhe demonstrar o mínimo respeito e por criar em todos os seus atos divergências insanáveis, que tornavam a vida de sua espôsa um verdadeiro inferno. Essas intrigas de família, infelizmente, vinham de longe.

Exasperada pelos inúmeros atos de infidelidade de Milosc, a princesa Ljubitza assassinara com um tiro de pistola uma das favoritas do marido, o qual, pouco depois, por outros motivos, além do já citado, teve que abdicar. Isso ocorreu em 1839. Mais tarde, em 1867, o príncipe Michele, apaixonando-se sùbitamente por sua prima Çaterina Constantinovich e desejando desposá-la, repudiou sua mulher, a encantadora Giulia Kethély, com a qual casara por amor dez anos antes, mas que, infelizmente para seu marido, era estéril. A ortodoxia grega, porém, não consentia casamento entre primos e, neste caso em particular, até o ministro da guerra Blasgnavatz era pessoalmente contra o enlace, **pois também se apaixonara por Caterina!**

Uma conspiração não tardou a ser urdida e o príncipe Michele foi assassinado.

Apesar de tudo, o povo gostava dos Obrenovich, não se sabe bem por que motivos. Assim, reclamou imediatamente que viesse de Paris, onde estudava, um jovem parente de Michele, o décimo quarto Milano, proclamando-o seu príncipe.

Neste período conturbado teve início o reinado de Milano. Mas, afora as razões políticas, dinásticas e pessoais, que deviam alijar os Obrenovitch do poder, havia uma profecia que era cuidadosamente guardada nos arquivos públicos e na lembrança do povo. Tal predição fôra recolhida, palavra por palavra, da bôca de um mendigo, de nome Mata, indivíduo tido como louco e que fôra prêso sob a acusação de estar espalhando notícias falsas e alarmantes envolvendo a pessoa do rei, que era então Michele. Foi quando ocorreu o assassinato do rei, conforme havia Mata previsto.

Era a profecia que começava a ser cumprida **à risca!** O próprio prefeito de Belgrado foi à prisão entrevistar o profeta e perguntar-lhe o que previa para o futuro. A profecia, em linhas gerais, foi posta nos seguintes têrmos pelo seu autor: — "A Iugoslávia terá à frente um jovem príncipe,

SANGUE! QUANTO SANGUE!

VICH COM NATALIA KECSKO NÃO DEVERIA SER, PARA O TRONO DA SÉRVIA, MAIS QUE RADA COM O MEDONHO ASSASSINATO DO REI ALEXANDRE E DA RAINHA DRAGA.

parente de Michele e, por algum tempo, o país será governado por uma junta de três regentes. Mas, dentro de poucos anos, o mesmo príncipe assumirá o poder de fato. Contrairá, então, um matrimônio infeliz, terá um filho único e surgirão tantas incompreensões e divergências com a mulher que tudo acabará em divórcio. Enquanto isso, o príncipe empreenderá muitas guerras, aumentará o território do seu pais, mas terá que abdicar, após vários anos de angústias; andará pelo estrangeiro e morrerá relativamente jovem. Seu filho, que será o seu sucessor, fará um govêrno ainda mais irrequieto e turbulento, desposará uma plebéia e a sua dinastia findará com êle. Vejo sangue, muito sangue! Enfim, um país estrangeiro invadirá o nosso território e o povo sofrerá como jamais sofreu, até surgir dentre a turba um homem que reunirá os seus compatriotas e sacudirá o jugo estrangeiro, assumindo então o poder."

DESDE os tempos mais remotos que tem havido exemplos de profecias cujos autores parecem, com base na história e na situação de um povo, num dado momento, predizer o que poderá acontecer, às vêzes meio século ou um século depois!

Logo que alcançou a maioridade, o príncipe Milano se casou com Natalia Kecsko, filha de um rico e nobre proprietário da Moldávia, nascida em Florença quinze anos antes. O encontro dos jovens foi combinado pelos ministros de Estado em Viena e pelas



Natalia Kecsko, a infeliz espôsa de Milano IV. Filha de um nobre da Moldávia, sua educação e sua sensibilidade não se conciliavam com as rústicas maneiras de Milano Obrenovich.

damas da Côrte. Uma vez apresentados, a jovem Natalia se apaixonou pelo príncipe perdidamente. O entusiasmo geral cresceu ainda mais quando o Tzar da Rússia, que era padrinho da noiva, anunciou que compareceria pessoalmente à cerimônia nupcial.

Mulher de autêntica beleza, Natalia era riquíssima e culta. Do casamento nasceu-lhe um filho, o herdeiro do trono, que recebeu na pia batismal o nome de Alexandre, em homenagem ao Tzar da Rússia.

A incompreensão e as incompatibilidades entre os cônjuges eram patentes. Ao contrário da espôsa, Milano era grosseiro, primitivo e vulgar. Como a espôsa lhe era superior em educação, em inteligência e em refinamento, êle se lançou, como desforra, a uma série de aventuras amorosas. Apaixonou-se por Artemísia Johannides, uma encantadora e ambiciosa mulher que procurava convencê-lo de que devia divorciar-se de Natalia.

Milano, de fato, propôs o divórcio, mas Natalia não aceitou. O rei, então, declarou que desistiria do divórcio se lhe fôsse entregue, o filho Alexandre, ao que lhe respondeu a rainha:

— Se quiseres o meu filho terás de arrancá-lo dos meus braços à fôrca!

Realmente, não tardou que Alexandre fôsse tirado à fôrça dos braços de sua extremosa mãe. A seguir, Milano voltou a insistir no divórcio e, como o simples fundamento de incompatibilidade de gênios não era suficiente para que a igreja greco-ortodoxa consentisse nesse ato, inventou contra Natalia graves motivos políticos e assim conseguiu a anulação do casamento.



Miguel da Sérvia, assassinado em 10 de julho de 1868 e ao qual Milano sucedeu.

• Alexandre tinha apenas doze anos de idade quando seu pai, desejoso de livrar-se de tôda responsabilidade, a fim de poder levar uma vida mais cômoda e dissipada abdicou e, de joelhos diante do filho, jurou fidelidade ao novo soberano. Sùbitamente, Natalia acorreu ao palácio para se reunir ao filho, que não passava de um prisioneiro sob o olhar vigilante dos três regentes, mas não lhe permitiram ingresso aos aposentos do filho. Nenhum meio de comunicação com o pequeno rei lhe era permitido, nem por meio de carta.

Enfim, uma lei decretou o exílio definitivo de Milano e da ex-rainha. Esta se refugiou na vila de Sachino, perto de Biarritz, onde terminou seus dias cercada por pessoas amigas e fiéis. Enquanto isso, Milano, que para deixar a pátria recebera a quantia de dois milhões de rublos russos, corria volùvelmente de Viena para Paris, de Berlim a Côte d'Azur em companhia das mais fascinantes mulheres da época, assim esquecendo, cada dia mais, a bela Artemísia Johannides.

O fim de Milano foi o que já se viu. Morreu no seu apartamento da rua Johannes, em Viena, tendo escrito ao imperador Francisco José, antes de expirar, aquelas amargas palavras:

"Às vésperas da morte, peço a Vossa Majestade mandar sepultar os meus restos mortais no território do seu Império, e NUNCA, NUNCA naquele abominável país sôbre o qual tive a desventura de reinar."

Alexandre, o último dos Obrenovich, casou-se com a viúva Mascin, que fôra dama da côrte de sua mãe. Seu verdadeiro nome era Draga Lunjevitza!

Esta era a "plebéia", que se casaria com o sucessor de Milano, de acôrdo com a profecia do mendigo Mata, que continuava a cumprir-se à risca. Para maior revolta do povo, Alexandre firmou com seu próprio punho o ato de sua sucessão a favor de Nicodemo Lunjevitza, irmão de Draga.

E êste foi o fim dos Obrenovich previsto pela profecia. De acôrdo com esta surgiu, realmente, dentre a turba, um homem que reuniu os seus compatriotas e restabeleceu a independência da Iugoslávia, assumindo o govêrno.

Êste homem foi Tito.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, **porque êsse desconhecido**, guiando um automóvel **de marca** e **número** ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a guardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela represa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente. Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da represa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente.

George e Nigel notam que Felix se esquiva de Lena Lawson, como se temesse estar a sós com ela. O inspetor e Nigel, em vista do laudo pericial que confirma o envenenamento e sabedores, pela leitura do Diário, que havia veneno para ratos na garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

O cigarro de Nigel caiu-lhe dos lábios. Abaixou-se vivamente para o apanhar. Blount, porém, prosseguiu, sem trair qualquer emoção.

— Tratava-se de... uma visita de amizade?

— Sim. Fui recebido pela mãe de George.

— Interessante! Não sei porque as criadas nada contaram com referência a essa visita, quando as interroguei... — disse o inspetor com um largo sorriso.

— Certamente ignoravam essa minha visita. Subi diretamente ao quarto da sra. Rattery, segundo ela própria me havia recomendado ao solicitar essa visita.

— Encontro secreto, hein? Tratava-se, sem dúvida, de negócios?

— Sim — respondeu Carfax em tom ligeiramente sombrio.

— O assunto tinha qualquer ligação com o inquérito que ora me ocupa?

— Não, apesar de alguém ter o direito de pensar o contrário.

— Isto quem decide sou eu, sr. Carfax. Aconselho-o, porém, a falar com inteira franqueza.

— Sei, sei — disse Carfax com certa impaciência. O pior é que o assunto diz respeito a uma terceira pessoa...

Pensou um instante, antes de acrescentar:

— Prometa-me que tudo ficará entre nós, caso julgue que o assunto está totalmente fora do inquérito...

— Esteja tranqüilo. Tudo está detalhadamente relatado no Diário de Felix Lane

— anunciou Nigel, interrompendo-o. — Já conhecemos os detalhes.

Ao falar observara Carfax atentamente. O sócio de George estava simplesmente perplexo... A menos que representasse uma comédia e fôsse um grande artista, sua surprêsa era real.

— O Diário de Felix Lane? Como podia êle saber...?

Fingindo não notar o olhar zangado de Blount, Nigel prosseguiu:

— Lane notou... Como direi? Notou que Rattery cortejava a sua espôsa, sr. Carfax.

O tom displicente de Nigel era voluntàriamente ofensivo. Esperava excitar a cólera de Carfax e obrigá-la a deixar cair a sua máscara de impassibilidade. Porém, saiu logrado.

— Verifico que os senhores sabem mais do que eu — disse o interrogado sempre imperturbável. — Nessas condições, serei breve, expondo-lhes os fatos, a fim de que não os encarem de maneira errônea. George Rattery cortejava, realmente, a minha espôsa; suas homenagens a lisonjeavam... como ocorre com a maioria das mulheres. George era homem simpático e quase bonito no seu gênero. Não liguei importância a êsse flêrte inocente e não fiz nenhuma censura a Rhoda. A paz de um casal deve repousar sôbre a confiança recíproca dos cônjuges... Esta é a minha opinião, pelo menos...

"Santo Deus!" — pensou Nigel. — "Ou êsse homem é um Don Quixote cego, porém digno de certa admiração, ou não passa de um mentiroso dos mais sutis que já encontrei em minha vida. Resta apenas a possibilidade de Felix haver exagerado, em seu diário, as manobras de Rattery no seu cêrco a Rhoda Carfax.'

Porém Carfax continuava, com os olhos semicerrados, como se desejasse protegê-los de uma luz muito forte:

— Recentemente, George redobrou de atenções com ela, depois de parecer desinteressar-se completamente há coiso de um ano... quando se mostrou muito interessado por sua cunhada, a dar créditos ao que se dizia em tôda a cidade. Desculpem se me faço eco dessas histórias. Aparentemente, a ligação entre Lena e George cessou bruscamente em janeiro último. A partir dessa data êle se voltou novamente para a minha espôsa. Continuei a fechar os olhos, embora George não mais procurasse disfarçar seus sentimentos. Se Rhoda o preferia a mim... Isto é: se não se tratasse de um flêrte passageiro, qualquer cena da minha parte apenas serviria para atormentar a nós ambos, minha espôsa e eu. Infelizmente, a mãe de George se intrometeu para baralhar tudo. Chamou-me, no sábado, a fim de me "esclarecer" sôbre a conduta de Rhoda, a quem acusou de estar tentando George. A seguir, quis saber quais eram as minhas intenções. Declarei que nada faria senão conceder o divórcio a Rhoda, caso ela o solicitasse. A velha senhora, verdadeiro monstro no seu gênero — disse-me, então, coisas intoleráveis, chamando-me marido bobo, insultando Rhoda. Para encurtar, ela me intimou a modificar a atitude de minha mulher, "custasse o que custasse". O caso ficaria assim encerrado e ela vigiaria, a fim de que George, por sua vez, não mais se deixasse tentar. Disse-lhe com grande firmeza que estava decidido a deixar George tentar sua chance junto de minha espôsa e a dar liberdade total e definitiva a Rhoda, à fim de que recomeçasse sua vida com outro marido. A sra. Rattery invocou o escândalo público, a honra da sua família, e outras coisas mais. Enojado, deixei-a no meio de uma frase teatral, e, voltando-lhe as costas, retirei-me.

Carfax se dirigira quase que exclusivamente a Nigel, que inclinara várias vêzes a cabeça, com simpatia, ouvindo-o. Vexado com essa exclusão, Blount resolveu tomar parte, dizendo com voz impregnada de ceticismo:

— Sua narrativa é muito interessante, sr. Carfax. Hmm! Mas deve reconhecer que a sua atitude foi um pouco... A verdade é que fere um pouco a moral burguesa.

— Não há dúvida — respondeu Carfax, com suprema indiferença.

E o senhor saiu diretamente da casa?

O inspetor acentuou a palavra "diretamente". Seus olhos luziam com brilho frio, por trás das espêssas lentes dos óculos.

— A pergunta é engraçada. Acha que fiz, primeiro, um desvio, a fim de adicionar estriquinina ao medicamento?

Blount saltou na cadeira.

— Como sabe que Rattery absorveu veneno em seu tônico?

De pé, firme, Carfax resistiu ao ataque.

— Porque ninguém poderia impedir que as criadas falassem. A criada de quarto dos Rattery confiou à nossa cozinheira que a polícia procurava ativamente uma garrafa de remédio, misteriosamente desaparecida. Sem ter a inteligência de um inspetor de polícia, consegui estabelecer uma ligação. Apenas isto!

Blount declarou, no seu tom mais oficial:

— Vamos procurar comprovar o seu depoimento, sr. Carfax.

Carfax lhe reservava ainda surprêsa — assim como a Nigel. Apenas sorriu e respondeu:

— Talvez eu possa facilitar o seu trabalho, assinalando dois detalhes que por certo não escaparam à sua sagacidade. Primeiro: mesmo que o senhor não compreenda senão imperfeitamente a atitude que adotei em relação a Rattery e minha espôsa, o senhor não pode suspeitar de que eu tenha mentido; a sra. Rattery — refiro-me a mãe de George — confirmará parcialmente meu depoimento. Segundo: o senhor pode pensar que a minha indiferença não era mais, na realidade, que uma excelente máscara para esconder a minha decisão de acabar com a intriga entre George e Rhoda. Mas eu não precisava recorrer ao assassinato para alcançar meu fim, inspetor. Para livrar-me de George era só levá-lo a escolher entre minha espôsa e sua posição de sócio... pois eu era o único proprietário da garagem, não esqueça êste detalhe! Entre o amor e o ganha-pão, é claro, êle não hesitaria!

Tendo assim falado... e desarmado Blount com frieza e simplicidade espantosas, Carfax se recostou em sua poltrona, observando o inspetor com ar risonho. O contra-ataque do inspetor foi repelido em tôda a linha, ficando Carfax com a vitória, o que muito parecia diverti-lo. A única informação suplementar, obtida por Blount, foi a de que Carfax possuía um alibi, aparentemente inatacável para o espaço de tempo decorrido entre sua saída da casa dos Rattery e a hora do crime.

Afastando-se da garagem, Nigel disse:

— O temível inspetor Blount encontrou adversário à altura. E Carfax ficou dono do terreno da luta.

— Momentâneamente, talvez — resmungou Blount. — Você, com certeza, anotou o que Cairnes contou no seu diário? Deve, portanto, estar lembrado de que Carfax andou querendo saber com Felix detalhes sôbre venenos, alegando que desejava acabar com os ratos. Enfim, vamos ver quem vence a batalha.

— Está começando a desviar as suspeitas de Felix?

— Estou alerta a tôdas as possibilidades, sr. Strangeways!

IX

Durante essa visita do inspetor e de Nigel a Carfax, Geórgia e Lena conversavam no jardim dos Rattery. Geórgia viera propor seus serviços a Violeta Rattery, porém esta ganhara competência e autoridade extraordinárias em menos de quarenta e oito horas. Parecia capaz de atender a todos os detalhes da casa e a jurisdição da sra. Rattery se reduzira, para sempre, às quatro paredes do seu próprio dormitório. Lena foi a primeira a comentar a metamorfose operada em sua irmã:

— Não devia comentar, mas a verdade é que não reconheço mais Violeta depois da morte de seu marido. Quem a vê, agora,





— **Algodão? Que quantidade?**
— **Para um Papai Noel.**

jamais poderia suspeitar de que ela foi, durante quinze anos o capacho da casa. "Sim, George. Por favor, George..." E a escrava se transformou em senhora no mesmo dia em que George foi envenenado... Quem sabe se a polícia está desconfiando dela?

— Oh, Lena! — protestou Geórgia. — Nem se deve pensar nisso...

— Por que não? Tôdas as pessoas que se encontravam na casa serão necessàriamente suspeitadas. E Felix fêz tudo o que era possível para acabar na fôrca, embora eu esteja convencida de que êle não teria a coragem... No último momento desistiria de matar.

Após um silêncio, Lena continuou com voz emocionada:

— Eu daria tudo para compreender... Não. Não adianta pensar! Como está passando Phil, hoje?

— Deixei-o com Felix, que o forçava a ler Vergílio. Parecia calmo e satisfeito com a nova ordem de coisas. Porém as crianças são sêres misteriosos! Sem razão aparente, Phil passa da exuberância para o mais completo mutismo.

— Phil... lendo Vergílio? Desisto de entender!

— Felix faz bem, tentando distrair o menino. Assim êle não pensará na morte do pai.

Lena não respondeu. Geórgia olhava as nuvens acima da sua cabeça; um ruído insólito interrompeu suas reflexões. Baixando o olhar, viu Lena que arrancava, nervosamente, tufos de grama.

— Oh, é você! — disse Geórgia. — Pensei que o jardineiro trabalhava na renovação das plantas...

— Sou eu! E você faria o mesmo, se tivesse que suportar... Oh! Não sei como não enlouqueço!

Voltando-se para Geórgia, com os olhos brilhantes e os lábios trêmulos:

— Que tenho, afinal? — exclamou. Sou alguma leprosa? Tornei-me um objeto de repulsa?

— Que idéia, Lena!

— Por que, então, fogem de mim? Felix, Phil... Éramos tão amigos, Phil e eu! No entanto, agora desaparece tão logo me vê. Mas não estou ligando a Phil. Não dou importância a nada, salvo Felix. Por que fui gostar tanto dêle, Senhor? Eu, apaixonada... Até dá vontade de rir! Tendo só que escolher entre vários milhões de homens e ir ao extremo de dar o meu coração ao único homem que nada quer de mim... Salvo como cartão de apresentação para junto de George. Não. Isso não é verdade. Felix me amou. As mulheres podem fingir que amam, os homens não. Éramos tão felizes, mesmo quando comecei a perguntar a mim mesma qual seriam as suas intenções... Não tentei, realmente, saber... Não me interessava saber... Queria ser cega...

Lena era mais bela quando a máscara de linda boneca era arrancada pela verdadeira paixão. Com um gesto espontâneo e suplicante, apoderou-se das mãos de Geórgia.

"Viu, ontem, como êle recusou passear a sós comigo, no jardim? Depois pensei que fôsse por causa do seu diário; que receasse a minha censura por se haver servido de mim, no princípio. Mas êsse segrêdo não nos separa mais, depois de sua plena confissão, e Deus sabe que eu estava pronta a perdoar-lhe! Telefonei para êle, esta manhã, para lhe dizer que o amava, que tudo havia passado e que todo o meu sonho era o de poder estar junto dêle. Sabe o que tive na outra extremidade do fio? Um perfeito cavalheiro, calmo, polido e frio e cuja resposta pode ser assim resumida: "É preferível para você, como para mim, que nos encontremos o menos possível". Aí está! Não compreendo. Você aqui me vê, de joelhos, arrastando-me diante dêsse homem, sem me sentir envergonhada por isso...

— Lamento-a de todo o coração, pobre amiga — murmurou Geórgia. — Mas procure deixar essa questão de amor-próprio de lado; é um sentimento que atrapalha, custa muito caro entreter e o melhor é livrarmo-nos dêle tão cedo como fôr possível.

— Oh! Não dou importância para a minha dignidade pessoal! Felix é o meu único tormento. Pouco importa que êle tenha matado George ou não. Quero apenas que êle não me assassine a fogo lento. Você acredita... que êle venha a ser prêso? É horrível pensar que o podem atirar numa prisão, a qualquer momento,

que eu não posso mais vê-lo e que cada minuto que passa, estando eu longe dêle, é um minuto de felicidade perdida!

A essa altura Lena começou a chorar. Geórgia deixou que ela se acalmasse, depois disse, falando com absoluta calma.

— Por mim, acho que êle é inocente. E o mesmo pensa Nigel. Havemos de o arrancar dêsse mau passo. Mas é preciso que conheçamos tôda a verdade... para o salvar. Felix pode ter uma excelente razão para fugir de você, neste momento. O que você pensa ser dureza não passa, talvez, de um sentimento cavalheiresco mal compreendido... Êle receia comprometê-la e por isso permanece afastado. Mas um e outro fariam muito mal caso procurassem esconder alguma coisa. Seria, também, dedicação mal compreendida, Lena!

A jovem atriz cruzou as mãos sôbre os joelhos e respirou profundamente, mantendo o olhar parado, sondando qualquer coisa irreal à sua frente.

— É tão difícil! — disse finalmente. — Não posso falar sem comprometer alguém... juntamente comigo. Uma pessoa se arrisca à prisão, dissimulando certos fatos à polícia?

— Sim, caso tal atitude possa ser interpretada como cumplicidade. Mas é preciso saber correr certos riscos, Lena. Você sabe alguma coisa a respeito da garrafa de remédio, não é mesmo?

— Promete dizer sòmente ao seu marido e conseguir dêle a promessa de jamais comunicar qualquer informação à polícia?

— Sim.

— Pois vai saber tudo. Calei, porque Phil desempenhou o segundo papel no caso; como sabe, gosto muito do meu sobrinho.

Lena Lawson recordou velhos fatos, começando a falar sôbre um certo jantar na residência da família Rattery, no correr do qual a palestra rolara sôbre o direito de matar, num sentido geral. Felix logo declarou que qualquer indivíduo tinha o direito de livrar a sociedade de certos sêres nefastos, que envenenavam a existência dos que com êle viviam. Na ocasião, Lena acreditara ser aquilo simples frase, mas a lembrança dessa conversação lhe voltou à memória quando George pronunciou o nome de Felix, enquanto rolava pelo tapête, gemendo de dôres. Como a velha sra. Rattery a tivesse mandado apanhar um copo d'água na sala-de-jantar, Lena viu a garrafa do tônico, que ficara sôbre a mesa. George continuava gemendo na sala vizinha; uma ligação entre essa enfermidade fulminante, as palavras de Felix e a garrafa foi feita instantâneamente em seu espírito. Teve a convicção de que Felix tinha envenenado George. "Livrar-se da garrafa, por qualquer preço!", foi o que ela pensou, sem imaginar, um instante sequer, que o seu gesto tornava o tema "suicídio"





— Está tudo muito bem. Mas quero preveni-lo. Se casar com minha filha eu lavarei os pratos e você os enxugará!

impossível. Aproximara-se instintivamente da janela, com a intenção de atirar a garrafa numa moita qualquer, quando viu o nariz de Phil esmagado contra a vidraça. A sra. Rattery a chamou de volta ao salão, nesse instante, Então, abrindo a janela, entregou a garrafa a Phil, dizendo-lhe que a fôsse esconder, sem outra qualquer explicação.

— Não sei onde Phil a escondeu — concluiu Lena. — Foge de mim, sempre que procuro falar-lhe em particular.

— É muito natural — murmurou Geórgia. — Ponha-se no lugar dêle!

— Não compreendo...

— Você lhe dá ordem para esconder uma garrafa e êle a vê num estado de grande excitação. Depois vem a saber que o pai foi envenenado e que a polícia procura o frasco do remédio. Que conclusões, a infeliz criança pode tirar de tudo isso?

Lena lançou um olhar estupefato para Geórgia. Depois desatou a rir, num riso estridente e interminável, que acabou cortado por soluços violentos e novas lágrimas:

— Oh, meu Deus! É formidável! Phil pensa que sou culpada! Eu... Oh! Isso é demais!

Geórgia se levantou bruscamente. Segurou Lena pelos ombros e sacudiu-a brutalmente até que seus cabelos dourados lhe cobriram todo o rosto e o riso louco cessou completamente. Acariciando-lhe os cabelos, Geórgia voltou o olhar para a casa no instante em que numa das janelas do segundo andar aparecia o rosto de uma senhora de idade, de traços duros e aristocráticos. A expressão da bôca, de lábios finos, podia ser uma condenação muda por êsse riso selvagem, explodindo sob a janela de uma câmara mortuária; mas podia exprimir, também, o triunfo de uma divindade saciada... o sorriso impassível de um ídolo de pedra.

X

Geórgia contou essa conversação a Nigel, quando êste voltou para jantar no hotell.

— Tudo se explica — disse êle. — Eu tinha quase certeza de que Lena havia suprimido a garrafa, mas ignorava a razão do seu silêncio, principalmente depois dela haver compreendido que a sua intervenção complicara a situação de Felix em vez de a simplificar. Suponho, assim, que não se trata de um suicídio. Uma conversa com Phil é coisa que se impõe.

— Foi excelente idéia ter retirado o menino daquelal casa! Vi a mãe de George, esta manhã. Ela nos espreitava da janela do segundo andar... Era como se estivesse vendo Jezebel. Ou melhor: lembrava mais um ídolo de pedra como o que encontrei em Bornéo, no coração de uma floresta; espêssa camada de sangue coagulado cobria seus joelhos. Um achado muito interessante.

— Não duvido — respondeu Nigel, com ligeiro estremecimento. — Entre nós, essa matrona começa a me inspirar certas idéias. Se ela não era quase suspeita, agora... Mas não importa! Carfax seria o meu candidato, caso eu estivesse lendo um romance policial.

— O grande Gaboriau disse: "Suspeite do que parece provável e comece por acreditar no que parece impossível."

— Se disse isso, o grande Gaboriau não passava de um imbecil. Êsse é o paradoxo mais fantástico e também o mais detestável que jamais ouvi.

— Por quê? O assassinato é coisa fantástica. Perderíamos nosso tempo se o fôssemos estudar segundos os princípios racionais. Um ser normal não comete um crime... Portanto, todos os assassinos são desequilibrados. Você mesmo! A maior parte do êxito que tem alcançado é devido ao fato de ser um pouco desmiolado...

— O seu tributo tem o mérito de ser espontâneo; mas confesso que passaria melhor sem êle! A propósito, você viu Violeta Rattery esta manhã?

— Ràpidamente, sim...

— Estou tentando saber o que ela pode ter dito a George no correr da cena da semana passada. Sua sogra fazia sombrias alusões, quando conseguimos arrancar Phil das suas garras, ontem, de manhã. Vou precisar de uma aliada feminina para esclarecer êste ponto.

George fêz uma careta.

— Até quando você pretende empregar-me como agente provocador? — perguntou.

— Quando você quer, minha querida, ninguém pode resistir aos seus encantos. Não é justo que aproveitemos?

— A mulher deve viver na cozinha... e é lá que ficarei, de agora em diante!

— Isso é uma rebelião?

— Sim. Por quê?

— Só para saber. A cozinha fica no fundo do corredor, à direita...



Depois do jantar, Nigel levou Phil Rattery para o jardim. O garôto respondeu polidamente em tom distraído às perguntas estudadas de seu companheiro. A palidez do seu rosto, a magreza impressionante de seus braços e pernas, o olhar inquieto que lançava de tempos a tempos sôbre Nigel, deixavam o detetive enregelado, sem poder abordar o tema importante. Mas sentiu uma espécie de desafio na calma que o menino se esforçava por aparentar, nesse seu ar de gravidade misteriosa e acabou por perguntar com um repente involuntário:

— Onde você escondeu a garrafa do remédio, Phil?

O garôto voltou-se, olhando-o bem de frente, com uma expressão agressiva no esfôrço de mostrar inocência. Depois respondeu:

— Mas não escondi a garrafa, senhor.

Nigel ia deixar-se convencer por êsse olhar cândido, quando uma frase de seu amigo, o professor Michael Evans, voltou à sua memória: "Um menino realmente inteligente e hábil fixa sempre seu professor nos olhos, quando mente sôbre assunto importante". Nigel tratou de endurecer o próprio coração:

— Lena afirma que entregou a garrafa a você, para que a escondesse — insistiu.

— Ela disse isso? Então...

O menino hesitou um instante, antes de concluir:

— ...não foi êle quem envenenou meu pai?

— Não, sem dúvida!

A gravidade dolorosa do menino despertou em Nigel o desejo de castigar quem fôsse responsável. Cuidou de não tirar os olhos de Phil, a fim de estar sempre alerta e saber que se dirigia a um pobre menino torturado pela dúvida e não a um adulto que em geral se exprime mais pela bôca.

— Admiro mais ainda você, por haver desejado proteger a sua tia, Phil; mas você pode falar livremente, sem receio de fazer-lhe mal. Pode ter confiança no que estou dizendo.

— Mas... Por que ela me pediu que fôsse esconder a garrafa... se é inocente?

— Não procure entender êsse detalhe, Phil.

— Mas é coisa que está acima de minhas fôrças. Tenho que me interessar. Não sou mais uma criança, sr. Strangeways. Desejo que o senhor me explique a êsse respeito, por favor.

O cérebro vivo, porém inexperiente do menino já trabalhava. Nigel sentia todo o seu grande esfôrço. Decidiu, por isso, revelar-lhe a verdade, sem prever as estranhas conseqüências dessa resolução.

— A coisa é muito embrulhada — começou. — Lena procurava proteger uma certa pessoa.

— Quem?

— Felix.

O rosto de Phil se encheu, repentinamente, de sombras e de sulcos.





— **A árvore dêles deve ser uma beleza!**

— Maldito o que lança a dúvida no espírito de uma criança — murmurou Phil entre dentes e só para êle próprio. Porém já Phil se pendurava ao seu braço:

— Isso é falso, não é mesmo? Sei que não é verdade. Que não pode ser...

— Estou convencido da inocência de Felix.

— Mas, a polícia?

— A polícia é obrigada a suspeitar de todos, conforme você deve saber. E, além do mais, Felix andou fazendo algumas tolices...

— Mas o senhor o protegerá, hein? O senhor não deixará que lhe façam mal, não é mesmo, sr. Strangeways?

— Sim. Havemos de protegê-lo, pode estar certo disso. Não deve ficar preocupado. A primeira coisa a fazer, nesse sentido, é encontrar a garrafa.

— Está em cima do telhado.

— No telhado?

— Sim. Posso mostrar onde está. Venha comigo.

Phil tremia de impaciência. Arrancou Nigel da poltrona e correu na frente dêle até a residência dos Rattery. Tendo colocado uma escada em lugar estratégico, subiu pela mesma, chamando Nigel, para que o seguisse. Nigel passou a cabeça por uma estreita janela do sótão, que dava para o fôrro da casa. Phil estendia o braço, apontando e dizendo:

— Ela está na goteira. Vou apanhá-la.

— Para cair e quebrar o pescoço? Não, senhor! — proibiu Nigel. — Vamos conseguir uma escada mais alta para...

— Não há perigo, sr. Strangeways; posso jurar! Costumo passear pelo telhado. É fácil, desde que tiremos os sapatos. E, para maior segurança, tenho uma boa corda.

— Você andou por cima do telhado, sábado, já noitinha, para esconder a garrafa na goteira?

— Não estava ainda muito escuro. Pensei, primeiro, deixar a garrafa escorregar na ponta de um barbante. Porém essa, do remédio, podia escorregar e chamar a atenção. O senhor vai ver, agora, como é fácil.

Phil já passava em redor de seu corpo magro uma corda que apanhara num velho saco de alpinista.

— Realmente, é um excelente esconderijo — murmurou Nigel. — Como você pensou nisso?

— Um dia em que jogávamos **cricket**, papai e eu, com uma bola de tênis, no jardim, papai atirou a bola sôbre o telhado e ela ficou prêsa na goteira. Então papai subiu ao telhado para a procurar. Mamãe gritava, cheia de susto, jurando que papai ia cair e morrer. Porém, papai era muito ágil e sabia trepar nessas coisas, pois tinha sido bom alpinista. Esta corda lhe prestou bons serviços, mais de uma vez, nos Alpes.

Uma lembrança varou o espírito de Nigel, nesse instante. Mas de maneira incompleta. Sua memória registrava os detalhes mais insignificantes e jamais falhara. Êste eclipse passageiro vinha do temor que Phil lhe causava nesse momento. O menino, esgueirando-se entre duas vigas, conseguiu amarrar a ponta livre da corda numa chaminé. A seguir, subindo para outra viga, como um gato, desapareceu.

— Queira Deus que a corda agüente! — pensou Nigel. — Mas como sou tolo! Êle se mostra assim corajoso porque está bem prêso a uma chaminé. Mas os nós estarão bem dados? Como demora o garôto! É um menino tão estranho... Acho-o capaz de desamarrar-se e saltar do alto do telhado, se cismar que...

Nesse instante ouviu um grito, logo seguido por intolerável silêncio. O coração de Nigel parou. Mas... Deus louvado! Um leve tilintar de vidro quebrado chegou aos seus ouvidos em vez do ruído da queda de um corpo no jardim. Seu alívio, porém, logo foi substituído pela maior irritação, logo que Phil reapareceu, com o rosto e as mãos negras de poeira e limo.

— Garôto desastrado! — exclamou, sem se conter. — Como foi largar a garrafa? Eu devia ter ido procurar uma escada maior, em vez de deixar você fazer esta exibição ridícula.

Phil esboçou um sorriso de desculpa.

— Sinto muito, senhor... A garrafa estava escorregadia, por ter ficado tantos dias ao relento... Escapou de minha mão no momento...

(Continua no próximo número)

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE S.A.

DA leitura do relatório e balanço da Companhia Vale do Rio Doce S. A., relativos ao exercício de 1954, fica-nos a certeza da solidez econômica da grande emprêsa fundada em 1942. Com apenas 12 anos de existência, já pode a grande Companhia apresentar muitos fatôres positivos e auspiciosos.

Assim é que se verifica do seu balanço já haverem sido invertidos, em obras e equipamentos, mais de um bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros, para um capital social de seiscentos e cinqüenta milhões, ou seja, inversões três vêzes maiores que o capital.

Na parte relativa à exportação de minério, temos os seguintes dados comparativos: no ano de 1942, foram exportadas 34 849 tons. de minério de ferro, com uma receita de US$ 189,602.82 e Cr$ 3.484.900,00 em moeda nacional. Essa exportação foi crescendo gradativamente, até alcançar, em 1954, a expressiva quantidade de 1.562.190 toneladas, com uma receita de US$ 20,101.244,25 e Cr$ 658.373.334,40 em moeda nacional.

A Estrada de Ferro Vitória a Minas, de propriedade da Companhia, foi inteiramente remodelada em seu traçado, obedecendo às modernas condições da técnica ferroviária e teve o seu parque de material rodante e de tração quase integralmente substituído, constituindo hoje um fator decisivo de progresso do ubérrimo vale do Rio Doce, considerado um dos mais promissores rincões do solo pátrio. Modernos trens de aço para passageiros foram inaugurados em 1953, transmudando por completo a fisionomia do vale há poucos anos quase abandonado. Como conseqüência lógica dos melhoramentos introduzidos pela Vale do Rio Doce em sua linha férrea — único meio de transporte da zona — novas indústrias ali se localizaram, fazendo nascer cidades e vilas, num autêntico milagre de renovação e vida.

As enormes receitas anuais da Companhia voltam, direta ou indiretamente, para a zona de onde saem e transitam as riquezas minerais que justificaram sua criação.

Nesse período de 12 anos, as vendas de minério já renderam para a Companhia cêrca de 2 bilhões de cruzeiros, que voltaram, indiscutivelmente, para a zona de influência da Vale do Rio Doce e foram despendidos, em grande parte, no pagamento de seus empregados, em número superior a 6.000. Os proventos dessas seis mil famílias proporcionam as necessárias receitas, ao comércio e indústrias da zona onde residem, possibilitando a sua existência e progresso. O restante daquela fabulosa receita, está também no vale do Rio Doce ou na cidade de Itabira, onde se encontram as minas de ferro, na forma de instalações mecânicas custosíssimas, de locomotivas modernas, de trens de aço, de vagões, trilhos, etc. Está na construção de várias centenas de casas e edifícios construídos para residência de empregados, de estações, de armazéns, de escolas, de hospitais, etc. Muitos dêsses cruzeiros foram despendidos em assistência médica e hospitalar, no pagamento dos médicos dedicados à saúde dos empregados da Companhia e de suas famílias; no tratamento das endemias que devastavam o vale, na preparação higiênica de locais de trabalho, na cooperação com o SESP na guerra sem trégua às febres.

Por outro lado, grande parte dessa receita voltou ainda aos Estados e Municípios de Minas e Espírito Santo, na forma de impostos ou de ajuda aos respectivos governos estaduais ou municipais, para obras e serviços de interêsse público. Voltou, também, às populações do interior na forma de auxílios a organizações e entidades particulares para construção ou manutenção de escolas, de orfanatos, de igrejas, de campos de esporte.

Considerando todos êsses aspectos, a importância da Companhia não pode ser confinada apenas ao campo da indústria de extração do minério e do seu comércio, mas no campo vastíssimo de propulsora de uma civilização nova numa pujante parcela da terra brasileira.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Tens uma idéia? As letras emprestam-lhe o corpo formando uma curta palavra, uma frase, ou desenvolvendo-a em páginas dilatadas. O que o pedreiro, com todos os materiais, não pode edificar, fá-lo o sábio *só* com as letras." — COELHO NETO

1. Onde, aonde 2. Seja, sejam 3. Análise sintática 4. Côr, dôr — Deus (concreto ou abstrato?)

Assinada por **Potiguar** (Natal), recebemos carta que nos leva ao exame das questões acima referidas.

1 — **Onde, aonde**. Emprega-se **onde** quando se indica o **lugar em que,** e **aonde** quando se indica o **lugar para o qual**.

"... à sombra do bosque imenso, **onde** tinham nascido." (M. de Macedo).

— **Aonde** vai você?

Onde indica estabilidade; **aonde**, movimento.

Quanto à etimologia, **onde** procede de **unde**; **aonde**, de a + **onde**.

Existiu o advérbio **u** (= **onde**), derivado do latim **ubi**:

Ai flores, ai flores do verde pinho,
se sabedes novas de meu amigo!
Ai Deus, e **u** é?
(D. Dinis)

2. O emprego de **seja** ou **sejam** está em função da análise: o **seja** subentende **isso** (**seja isto**, paralelo a **isto é**); **sejam** subentende **estas cousas** (**sejam estas cousas** = **como sejam**).

3. Análise sintática. O período que nos enviou fica assim dividido:

Ensinem os | que sabem | **o** | que sabem | **aos** | que não sabem.

1.ª oração: **Ensinem os... o... aos.** Principal.
Sujeito: **os**
Objeto direto: **o**
Objeto indireto: **aos**

2.ª oração: **que sabem**. Adjetiva atributiva. Sujeito: **que**.

3.ª oração: **que não sabem**. Adjetiva atributiva. Sujeito: **que**.

4. **Côr** tem acento diferencial: existe **cor**, que aparece na construção **saber de cor**.

Quanto a **dor** (pron. **dôr**), realmente o **Vocabulário Ortográfico** não o acentua, como devera, de vez que existe **dor** (pron. **dór**) — oração dos paises.

Laudelino Freire, no seu **Dicionário da Língua Portuguêsa**, estabelece a diferenciação acima.

5. **Deus** é substantivo concreto para os que acreditam na sua existência; para os que não na admitem, é substantivo abstrato.

O mesmo acontece com relação ao substantivo **alma**.

JOSÉ RICARDO NETO



SAIBA QUE...

SEGUNDO afirma Webster Smith, em "O Mundo do Passado", todos os cones vulcânicos, admiráveis por sua beleza, não são outra coisa senão resíduos acumulados nas erupções, e compostos — da base até o cimo — de lava e cinzas.

Tal é o caso do Fujiyama, considerado um dos cones mais perfeitos do mundo.

Sua consistência é tão leve que a superfície, fendas e paredes de alguns de seus precipícios, cedem à pressão do vento.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1955

1 — SEXTA-FEIRA — Chiang-Kai-Shek não teme qualquer assalto sério dos comunistas contra Formosa, "pois os vermelhos só seguros de completo êxito ousariam atacar". — Vitória dos Conservadores nas eleições municipais londrinas. — Tropas francesas iniciam violenta ofensiva contra os extremismos na Argélia. — No Viet-Nan tropas rebeldes avançam perigosamente sôbre Saigon. — Festejado o primeiro centenário do Regimento Vilagrã Cabrita.

2 — SÁBADO — Calcula-se em cento e setenta o número de mortos no terremoto que sacode as três províncias meridionais das Felipinas. — O Senado norte-americano ratifica os acordos de Paris. — Concedido ao presidente Eisenhower, em votação sem precedentes, plenos poderes para resolver se Matsu e Quemoy são essenciais à segurança de Formosa.

3 — DOMINGO — Revela-se estar "por horas" o pedido de renúncia do "premier" Churchill à rainha Elizabeth II. — Chega a Paris a missão comercial brasileira, chefiada pelo sr. Edmundo Barbosa da Silva, que tratará da renovação do Acôrdo Comercial Franco-Brasileiro. — Terrível incêndio num cinema de Liége, Bélgica, causa a morte de quarenta pessoas. — Após o tremor de terra, surge o balanço dos estragos nas Filipinas: 11.000 pessoas perderam seus lares!

4 — SEGUNDA-FEIRA — Melhora a posição do café brasileiro. — A Inglaterra adere ao Pacto Turco-Iraqueano. — Novos e violentos combates em tôda a fronteira, na região de Gaza. — Fragorosa derrota comunista nas eleições em Viena. S. Paulo assaltada por uma repentina onda de frio, proveniente do Pólo. — Teresina, Piauí, sob violento temporal. — Segundo estatística oficial, a população de New York é, atualmente, de 8.050.000 de pessoas.

5 — TÊRÇA-FEIRA — Como era aguardado, renuncia Winston Churchill ao cargo de primeiro ministro, continuando, porém, como membro da Câmara dos Comuns, tendo sugerido para seu sucessor o senhor Anthony Eden, atual secretário do Foreign Office. — Enforca-se num hotel em Viena o diplomata russo Boris Graukov, que procedia de um país sul-americano, para

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: ....

RUA: ....

CIDADE: ....

ESTADO: ....

atender a um "chamado" de Moscou. — Violento ataque do "Osservatore Romano" à política peronista de perseguição à Igreja Católica na Argentina. — Pratica o suicídio Kao Kang, ex-chefe do govêrno da Mandchúria e que fôra destituído de segunda personalidade da China Comunista.

6 — QUARTA-FEIRA — Sir Anthony Eden é o novo primeiro ministro britânico, substituindo Winston Churchill, ao qual, os partidos rendem, na Câmara dos Comuns, comovedora homenagem. — A Bélgica ratifica os acordos de Paris. — Inaugurada em Nova Delhi, a conferência asiática não governamental, com a presença de 188 delegados de doze países: Ceilão, Índia, Japão, Coréia do Norte, Líbano, Mongólia, Paquistão, Síria, Jordânia, Vietnam do Norte e U.R.S.S. — Exonerados, a pedido, os ministros da Fazenda e da Viação e o presidente do Banco do Brasil. — Nomeado para o Ministério da Fazenda o sr. José Maria Whitaker. — Nomeado o sr. Miguel Seabra Fagundes juiz do Tribunal Superior Eleitoral.

7 — QUINTA-FEIRA — Revela-se que a rainha dissolverá o Parlamento em princípio de maio, a fim de ser cumprida eleição geral em todo o reino da Inglaterra. — Entra hoje no seu 14.º dia a greve dos jornais londrinos. — O arcebispo de Canterbury desmente as notícias sôbre o próximo casamento da princesa Margaret com o coronel Townsend. — A polícia portuguêsa do território de Goa prende a sra. Soudha Joshi, presidente do Congresso Nacional de Goa e mais 45 delegados, acusados de "Resistência passiva". — Leve tremor de terra na zona de San Juan, Argentina.

8 — SEXTA-FEIRA — Câmara e Senado italianos vão eleger novo presidente da República. — Deflagrada nova explosão atômica em Las Vegas, do alto de uma tôrre de




A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de figado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

cem metros de altura. — Ligeiro tremor de terra na região de Saint Louis, Estados Unidos. — Depois de dizer, em sermão, em Las Flores, província de Buenos Aires, que "a perseguição sofrida pela Igreja nos primeiros dias do cristianismo eram insignificantes, em comparação com o que hoje ocorre neste país infelicitado", o padre Antônio Trevissono é prêso pela polícia de Perón.

9 — SÁBADO — Propõe o govêrno soviético ao Supremo Presidium, a anulação dos tratados franco e anglo-soviéticos. — Explodem bombas no centro da capital cubana, sendo efetuadas centenas de prisões. — Mais um bispo católico, monsenhor Stefan Barpas, coadjutor do bispo de Zips, na Eslováquia. — Os jornais governistas de Buenos Aires exigem, em cabeçalhos, a imediata separação da Igreja do Estado.

10 — DOMINGO — O sr. Adial Stevenson, ex-candidato democrata à presidência dos Estados Unidos condena a atitude de Washington querendo defender Matsu e Quemoy, quando se descuidam de defender Formosa. — Em sua exortação de Páscoa o papa Pio XII concita os governantes a proceder a um desarmamento progressivo, a fim de livrar o mundo dos horrores de uma guerra atômica. — Falece em New York o padre Teilhard Chardin, grande geólogo francês. — Avião indiano, que conduzia 12 membros da delegação da China Comunista à conferência de Bandung, é dado como desaparecido.

11 — SEGUNDA-FEIRA — Economistas norte-americanos manifestam sua total confiança na evolução econômica do Brasil, inspirados em relatórios técnico sôbre nossas riquezas minerais. — A Federação dos Cafeicultores da América Central promete apoiar o Brasil e a Colômbia, no sentido de fortalecer a indústria cafeeira. — Prossegue, pertinaz, a campanha peronista contra a Igreja Católica. — Falece nesta capital o ex-deputado Mário Piragibe. — Prepara-se em Londres nova expedição para tentar desvendar o mistério do coronel Fawcett.

12 — TÊRÇA-FEIRA — Proclamada a eficácia da vacina Salk no tratamento da poliomielite, sendo autorizada pelo govêrno norte-americano a fabricação do medicamento. — Chiang-Kai-Shek visita a ilha de Quemoy, que se prepara para enfrentar um ataque da China Comunista. — Diversos magistrados e funcionários judiciais destituídos na Argentina por pertencerem a associações católicas. — Presta juramento oficial o primeiro ministro Anthony Eden. — Fortalecidas as fôrças ocidentais da Europa, com a incorporação das 12 divisões alemães em formação.

13 — QUARTA-FEIRA — Melhoram as perspectivas de ser, finalmente, alcançada a assinatura da paz com a Áustria. — O govêrno de Pequim procura lançar sôbre os ocidentais a responsabilidade da queda de um avião indiano que transportava sua delegação à conferência de Bandung. — Os círculos cafeeiros de New York aborrecidos com a nova política cafeeira do Brasil... — Os países produtores de café aprovam resolução que cria o Escritório Internacional do Café.

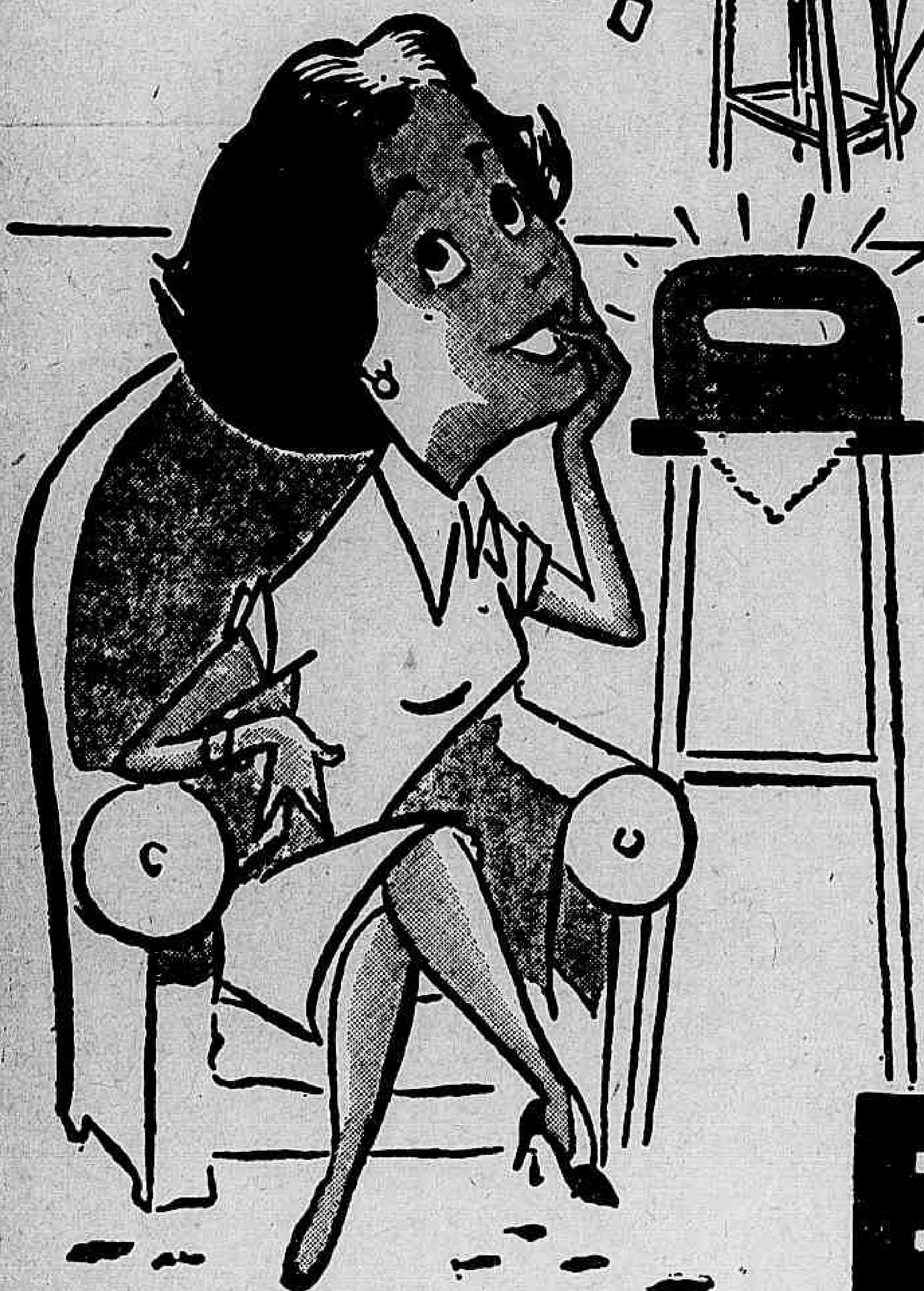
14 — QUINTA-FEIRA — Progridem as negociações para a assinatura do tratado de paz entre a Rússia e a Áustria. — Comemorado, neste hemisfério, o Dia Pan-Amerncano. — Nomeado o general José Bina Machado, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. — Nomeado o sr. Otávio Marcondes Ferraz ministro da Viação. — Empossado na presidência do Banco do Brasil o sr. Alcides Vidigal. — Nomeado o jornalista Prudente de Morais Neto, superintendente das Emprêsas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. — Entrega credenciais o novo embaixador da Argentina. — Os sismógrafos europeus acusam grandes abalos na região da Mongólia Exterior. — Suspenso o ensino religioso e moral em tôdas as escolas argentinas. — Paralisados os aeroportos de Paris em razão da greve de vinte e quatro horas do pessoal de terra.

15 — SEXTA-FEIRA. — Assinado em Moscou acôrdo entre Rússia e Áustria pelo qual os soviéticos retirarão suas tropas do território austríaco até o dia 31 de dezembro próximo. A Rússia promete também

reduzir as indenizações de guerra, enquanto a Áustria compromete-se a não pertencer a qualquer aliança militar. — Convocadas eleições gerais para 26 de maio na Inglaterra, sendo o parlamento dissolvido a seis do mesmo mês. — Empossado na Academia Brasileira de Letras o sr. Luís Viana Filho.

16 — SÁBADO — Mais de 100 pessoas enterradas vivas em uma mina de carvão nas proximidades de Sasebo, ao norte de Kyushu, Japão. — Inaugurada pelo senhor presidente da República a Usina de Cubatão, que recebe o nome de Refinaria Arthur Bernardes. — Militares e jornalistas presos em La Paz, onde o govêrno se vê diante de situação quase caótica. — O "premiér" Nehru exalta o "espírito de resistência" dos goaneses a favor da liberdade. — Enforcado em Ancara ex-oficial da marinha turca, reconhecido culpado de espionagem em favor da Rússia. — Demitidos na Bahia 3.000 funcionários, admitidos irregularmente pelo ex-governador Régis Pacheco.

17 — DOMINGO — Winston Churchill repousa das lutas políticas, pintando na Sicília. — Começa a surgir novo vulcão a 500 quilômetros da capital mexicana, na mesma cadeia a que pertence o Paracutin, tendo, aliás, a mesma formação geológica que êste. — O papa está sofrendo de uma artrose senil no braço direito. Os comunistas chineses estão acumulando poderosas fôrças aéreas na costa diante de Formosa.



18 — SEGUNDA-FEIRA — Com violentos ataques ao colonialismo, ao racismo, ao comunismo, é iniciada a histórica Conferência Afro-Asiática de 29 nações em Bandung e na qual a China Comunista figura como um dos países mais importantes. — Após 4 anos de impasse, voltam à regularidade as relações uruguaio-argentinas, com a volta dos embaixadores dêsses países aos seus respectivos postos. — Companhia sueca de construções elétricas consegue fabricar diamantes artifi-

ciais, pequenos, esperando poder fabricá-los bem maiores e por baixo preço, dentro de ano e meio.

19 — TÊRÇA-FEIRA — Propõe a Rússia aos Estados Unidos, França e Inglaterra a realização de uma Conferência, em Viena, para resolver sôbre o Tratado de Paz com a Áustria. — O marechal Zukov, ministro da Defesa da Rússia envia mensagem de simpatia a Eisenhower, declarando ter a certeza de que "êle recordará nossas garantias comuns sôbre as intenções pacíficas de nossos dois países". — Lisboa em preparativos para receber o presidente Café Filho. — Chega a Casablanca o cruzador Tamandaré, que conduzirá a Portugal o presidente do Brasil. — Na Conferência Afro-Asiática, o primeiro ministro da China Comunista ataca os Estados Unidos e reafirma sua intenção de tomar Formosa aos Nacionalistas. — Anthony Eden, interpelado, anuncia sua intenção de obter um entendimento mais íntimo com a Rússia. — Transmissão do govêrno pelo sr. Café Filho ao sr. Carlos Luz. Pouco depois, o presidente Café Filho parte, em avião, iniciando sua viagem a Portugal. — Comemorado com várias solenidades o Dia do Índio. — Chega a esta capital o "tender" norte-americano "Buxbury Bay".

20 — QUARTA-FEIRA — Eisenhower pede ao Congresso aprovação para um programa de auxílio ao estrangeiro num total de 3 bilhões e 530 milhões de dólares. — O almirante Radford, chefe do E. M. das Fôrças Armadas norte-americanas, afirma que a China continua concentrando fôrças para um ataque geral contra Formosa. — O primeiro ministro da Polônia, numa reunião dos altos dirigentes do govêrno soviético, solicita comando único para as fôrças armadas dos países da Cortina-de-Ferro. — Assume a pasta da Justiça o sr. Prado Kelly.

21 — QUINTA-FEIRA — Propõe o Ceilão, na Conferência Afro-Asiática, seja Formosa submetida a um fidei-comisso. — O delegado do Ceilão ataca de tal forma o comunismo que o delegado da China Comunista abandona a conferência. — Melhoram as conversações franco-tunisianas, objetivando a concessão da autonomia para a Tunísia. — Revela-se que um movimento subversivo irrompido na localidade boliviana de Tolima foi patrocinado pelo comunismo internacional. — Mais um padre prêso pela polícia peronista. — Comemorado em todo o país o Dia de Tiradentes. — Deslocamentos de terra de dois montes, em Jakaeta, Indonésia, em conseqüência de tremor de terra, causam a morte de 400 pessoas e ferimentos em mais de três mil.

22 — SEXTA-FEIRA — Na conferência afro-asiática, o delegado do Ceilão continua atacando o colonianismo comunista na Europa Oriental, provocando verdadeiro furor nos partidários do credo vermelho. — Finalmente, em terras portuguêsas o presidente Café Filho, recebido com homenagens e carinho jamais assistidos em Portugal. — Inaugurada em New York, em Bryant Park, entre as ruas 42 e a Avenida das Américas, a estátua em bronze de José Bonifácio, o Patriarca da Independência do Brasil, presente brasileiro à grande cidade norte-americana.

23 — SÁBADO — A representante da China Vermelha afirma que seu país não deseja a guerra com os Estados Unidos, mas não mencionou Formosa. — Sucedem-se, carinhosas, espontâneas e grandiosas as homenagens ao presidente do Brasil, em Portugal. — Revela-se que o presidente Perón, em vista da reação do público, estaria disposto a recuar em sua campanha anticatólica. — O Japão se dirige formalmente à Rússia, solicitando urgência para a solução do tratado de paz entre os dois países. — Interrompida tôda a circulação do Suez, por haver ali encalhado o transporte de tropas britânico "Empire Fowey", que viajava de Hong-Kong para a Inglaterra, com 1.600 passageiros. — Continuam os terroristas lançando bombas na capital cubana.

24 — DOMINGO — Encerra-se em Bandung a Conferência Afro-Asiática, que, entre outras resoluções, aprovou uma que condena o colonianismo e a exploração dos povos. Condenou também a utilização da energia atômica para fins bélicos. — O presidente do Brasil recebe grandes ho-

menagens em Guimarães e no Pôrto. — O govêrno de Cuba decidido a acabar com o terrorismo comunista "de qualquer forma". — Em cerimônia, desenrolada na base submarina de Groton, no Connecticut, o submarino atômico "Nautilus" é incorporado à esquadra norte-americana. — Anuncia a Congregação dos Ritos que foi ligeiramente encurtada a duração das missas, a pedido do clero de todo o mundo e que a medida entrará em vigor a partir de 1 de janeiro de 1956.

25 — SEGUNDA-FEIRA — O presidente Eisenhower discursa pedindo ao Congresso a aprovação, sem alterações, do programa de reciprocidade comercial "que é essencial para a economia e a paz nossa e de todo o mundo aliado". — Reúnem-se nas Filipinas os chefes militares dos países signatários do Tratado de Defesa do Sudeste da Ásia, a fim de traçar planos de ação em caso de ataque comunista. — Iniciada na Califórnia a construção de um navio mercante a propulsão atômica. — Assina o govêrno argentino contrato com a Standard Oil para exploração do petróleo argentino. — Os Estados Unidos fornecerão óleo de caroço de algodão à Argentina. — Ameaça de guerra civil no Viet-Nan, caso não seja destituído o chefe do govêrno, Ngo Dinh Diem até domingo.

26 — TÊRÇA-FEIRA — Os Estados Unidos dispostos a ouvir as "queixas" comunista em relação a Formosa. — Tenta o suicídio, em Hollywood, a atriz Susan Hayward. — Neo-fascistas provocam distúrbios em diversas cidades italianas, quando se realizavam manifestações comemorando o aniversário da insurreição contra o fascismo e o nazismo. — A ONU estuda as possibilidades de submeter à organização mundial os problemas cafeeiros. — Inaugurado o Festival de Cinema de Cannes.

27 — QUARTA-FEIRA — O abrandamento dos têrmos nos comunicados entre a China e os Estados Unidos indica uma melhoria geral na tensão entre o Leste e o Oeste. — O "Times" critica a inflexibilidade que o govêrno inglês mantém em relação ao pagamento das dívidas brasileiras.

28 — QUINTA-FEIRA — Após duas votações, o Parlamento italiano não consegue dar a nenhum dos candidatos à presidência da República a maioria necessária de dois terços dos votos. — Entrega credenciais o novo embaixador do Paraguai. — A Academia Brasileira de Letras elege o sr. Maurício de Medeiros para a vaga do sr. Celso Vieira. — Instalada a VIII Convenção Nacional da U.D.N. — Deixa Lisboa, num "Constellation" da Panair do Brasil, o presidente Café Filho, chegando a Dacar cêrca de 6 horas depois. — Reintegrado na ala esquerda trabalhista o sr. Aneurin Bevan.

29 — SEXTA-FEIRA — Giovanni Gronchi, presidente da Câmara dos Deputados, é eleito presidente da República italiana, derrotando amplamente o sr. Einaudi, cujo mandato vai agora terminar e que concorreu à reeleição. — Ameaça de greve geral ferroviária na Inglaterra, fato que prejudicará enormemente, caso se confirme, as eleições gerais. — A guerra fria entre a Igreja Católica e o govêrno de Perón, ameaça degenerar em luta acesa nas próximas horas, em tôda a República argentina. Presos o padre de um subúrbio de Buenos Aires, além de diversos padres-militares pertencentes à Ação Católica, acusados de conspirar contra o govêrno. —

30 — A Assembléia Nacional, controlada pelo primeiro ministro Ngo Dinh Diem, depõe o imperador Bao Dai, chefe de Estado do Viet-Nan, que se encontra na Riviera francesa. — Surgem alguns casos de morte entre as crianças submetidas a um determinado tipo de vacina Salk. — Vinte e três pessoas católicas estão prêsas, apontadas como comunistas pela polícia argentina. — Trinta bombardeiros chineses nacionalistas, atacam uma concentração de 12 navios comunistas, afundando quatro dêles e avariando outros quatro. — Entra em erupção o vulcão Pinamukgayan, em Mindano (Filipinas). — A sra. Ida Matarazzo, deputada monarquista, nascida no Brasil, obtém um voto nas eleições do congresso italiano para escolha do presidente da República. — Vitimado por um ataque de paralisia, perde a fala o presidente da Síria, Achen Ataessi. — Encerrada a VII Convenção Nacional da U.D.N., que homologou a candidatura Etelvino Lins à presidência da República.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR
DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXIX — N.º 1 — JUNHO — 1955

DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

SEGUNDO TORNEIO
Abril — Maio — Junho
LOGOGRIFO — 112

Mui bem trajado, com decência
E cuidado, mas sem ostentação
1-8-3-5-6-7-5-11-2-9-10.
Parece um poço d'inocência,
Mas no fundo é belo malan-
[drão.

Diz a todos ser um puritano,
Santarrão, fingindo é qu'ele é.
Faceiro, qual escalabitano —
1-10-3-12-6-7-2-9-10.
Que de Santarém traz a boa-fé.

Vive da **intriga,** do engano —
6-7-2-4-12-4-10.
D'astúcia, do lôgro, da má-fé,
Praticando atos de um insano.

Com **meiguices,** enfatiotado —
6-7-2-9-7-11-2.
A todos conquista em rapa-pé,
Infernal — 4-10-9-2-7 — louco,
[**espevitado.**

Dr. Legnar (Urupés)



CHARADAS SINCOPADAS

Ao caro confrade Asil:
113 — Três (duas) — **Qualquer bebida alcoólica** serve para afogar **paixão.**
Manduca - A.C.C.B. (Salvador)

114 — Três (duas) — Em um **grupo** de malandros há sempre **agitação.**
Antomar — ACCB (Salvador)

115 — Três (duas) — Na época atual até um **namôro escandaloso** provoca **alta de preços** no mercado dos perfumes.
Cysneirense (Viçosa, Minas)

116 — Três (duas) — Pode-se fazer **grande extravagância** com uma única **libra esterlina?**
Fusinho — CEC (Bangu, Rio)

117 — Três (duas) — Tanta **basófia** para tirar o **carpo do côco!**
Jorella (Curitiba)

118 — Três (duas) — Esta **cachaça** não presta, está **escura.**
KTQZ (S. Paulo)

119 — Três (duas) — Notável a **cântara de barro com bico,** mas não resiste a menor **prova** de resistência.
Malba Tantan (Santos)

120 — Três (duas) — Aquêle **trabalhador braçal, vez por outra,** falta ao serviço.
Oarcim (Rio)

121 — Três (duas) — Que caligrafia **notável** sai de ágil **mão!**
Pompeu Júnior (Botucatu)

122 — Três (duas) — Você diz que viu **couro de boi em forma de cêsto que serve de canoa para atravessar rios;** não acredito, isso é **mentira.**
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

123 — Três (duas) — O **inexperiente** embarcou com **pequena porção** de dinheiro.
Sertanejo II (Lavras)

124 — Três (duas) — O rosto **afogueado** lhe dava um aspecto **rude.**
Tartarin (Itajubá)

125 — Três (duas) — Na ocasião das chuvas é **preciso** prevenir-se contra a **enchente.**
Uedath (Niterói)

(Póstumo)
126 — Três (duas) — Nem sempre varro a **bitácula** quando **chego atrasado.**
Zigmar - TEU (B. Horizonte)

127 — Três (duas) — Desta vez a **degola** foi feita mais **suave** que dantes.
Zenor, TEO (Ouro Fino, MG)

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 55,00 Caixa Postal 649 — São Paulo
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

ENIGMAS

— 128 —

Completo com a tua idade,
Sessenta menos um corte.
De ter menos da metade
Há quem diga que eu me
[crismo,
Isso devido ao meu porte
E um pouco de **pedantismo**.

Oarcim (Rio)

— 129 —

Na dificuldade me valho,
Do amigo bem letrado;
Não que eu fuja ao trabalho,
Mas sou muito **descuidado**.

Seamva (Santos)

— 130 —

O quadro do pessoal
Ficou muito resumido
Com o corte, que por sinal,
Há muito era **presumido**.

Bisilva (Manaus)

— 131 —

O homem prêto tem
A origem dos sêres, sim.
Provou ser homem de bem
E não **maldito**, por fim.

Segon (Rio)

— 132 —

A tinta com que é molhada
A pena com que se dão
Lembranças à **namorada**,
É orvalho do coração.

Tonnew (Cascadura)



CHARADAS NOVÍSSIMAS

133 — Duas-duas — **Isto** que vê é de um homem **erudito** e não de um **tolo**.

Antomar, ACCB (Salvador)

134 — Duas-uma — A **jactância** é um defeito que **apenas** o sujeito **vaidoso** possui.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

135 — Uma-duas — Como tem **fôrça de sobra**, **separa** o gado barbatão.

Fiote (Cuiabá)

136 — Duas-uma — **Fui proveitoso** e solidário à um órfão, apresentando a minha **manifestação de sentimento**, servindo-lhe de **testamenteiro**.

Jorela (Curitiba)

137 — Uma-uma — **Ofereça também, além disto**, o teu amor.

KTQZ (S. Paulo)





138 — Uma-duas-uma — **Porque a existência de além túmulo** é o **destino** dos que vão para a **cova**.

Guilherme Tell (Rio)

139 — Duas-uma — O **resto** do pessoal, **valeu?**, vai para a **estiva**.

Segon (Rio)

140 — Duas-uma — Deixe de **bravata**, você não tem **remorso** de ser tão **fanfarrão**?

Paulistinha (Rio)

Ao Dr. Lavrud

141 — Três-duas — Basta de **sermão**! O **queixo** ainda me dói e dizem que êste dentista é de **categoria**!

Eva Dio (Rio)

142 — Duas-uma — Você não tem **vergonha, debaixo** dessa santidade fingindo de **acanhado**?

José Bálsamo (Rio)

143 — Duas-uma — O **indivíduo barrigudo** diz que possui um **título honorífico da índia**, mas o que êle tem é **uma das alcunhas dadas aos negros**.

Iza Abel (Rio)

144 — Duas-uma — **Enganei** o foragido sem nenhum **remorso** denunciando-lhe o **esconderijo**.

Tonnew (Cascadura)

145 — Duas-duas — Certa **vez** encontrei um homem **delicado** e vim a saber depois que era **mestiço de negro e índio**.

Dr. Lavrudinho

146 — Duas-uma — **Coaxa** o **porco**? Esta pertence à **relação** das tuas mentiras.

Guilherme Tell (Rio)



CHARADA ANTIGA — 147

Baila a gentil burguesa, — 2
Faz girar o corpo airoso. — 2
Nos lábios um riso ledo
De quem pensa, com certeza,
Que êste mundo é um mar
[de gôzo
E a vida simples **folguedo**!

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

CHARADAS CASAIS

Ao distinto confrade Conde de la Fere:

148 — Duas — Nesta época de "tubarões" tem-se que lutar com muita **dificuldade** para sustentar a **família**.

Manduca, ACCB (Salvador)

149 — Três — A boa mestra **aprecia** a **regularidade** de expressão de uma composição.

Cysneirense Júnior (Viçosa)

150 — Duas — Durante a revolução tôda a população da cidade se **ajunta** numa **colina pequena e penhascosa**.

Edu G. Monteiro (Cuiabá)

151 — Duas — Num **sítio determinado** vi uma **pequena porção** de líquido Dakin.

Fiote (Cuiabá)

152 — Não **converso** em **local para exercícios ginásticos**.

Heron Silpes (Canavieiras)

153 — Três — Caçador corajoso é o que **caça gato bravo**.

José Coelho Vieira (Maceió)

154 — Três — São as **vizinhas** de meus **parentes**.

Malba Tantan (Santos)

155 — Cinco — Êle ficou **desiludido** ao ver a colega **castigada** com tanto rigor.

Oarcim (Rio)

156 — Três — Nem sempre **rende** bem, para qualquer Prefeitura a cobrança de **impôsto**.

Pompeu Júnior (Botucatu)

157 — Duas — Quem tem **autoridade**, **ordena**.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

158 — Três — Na **abertura** da Câmara Federal será lido o **manifesto** do nosso candidato.

R.A.C.H.A. (Rio)

159 — Três — Quem é apaixonado pelas coisas antigas, **tortura**-se de mais no estudo das **qualidades características das realizações humanas numa época histórica**.

Roama (Iraí — S. Paulo)

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....

RUA .... Nº. .....

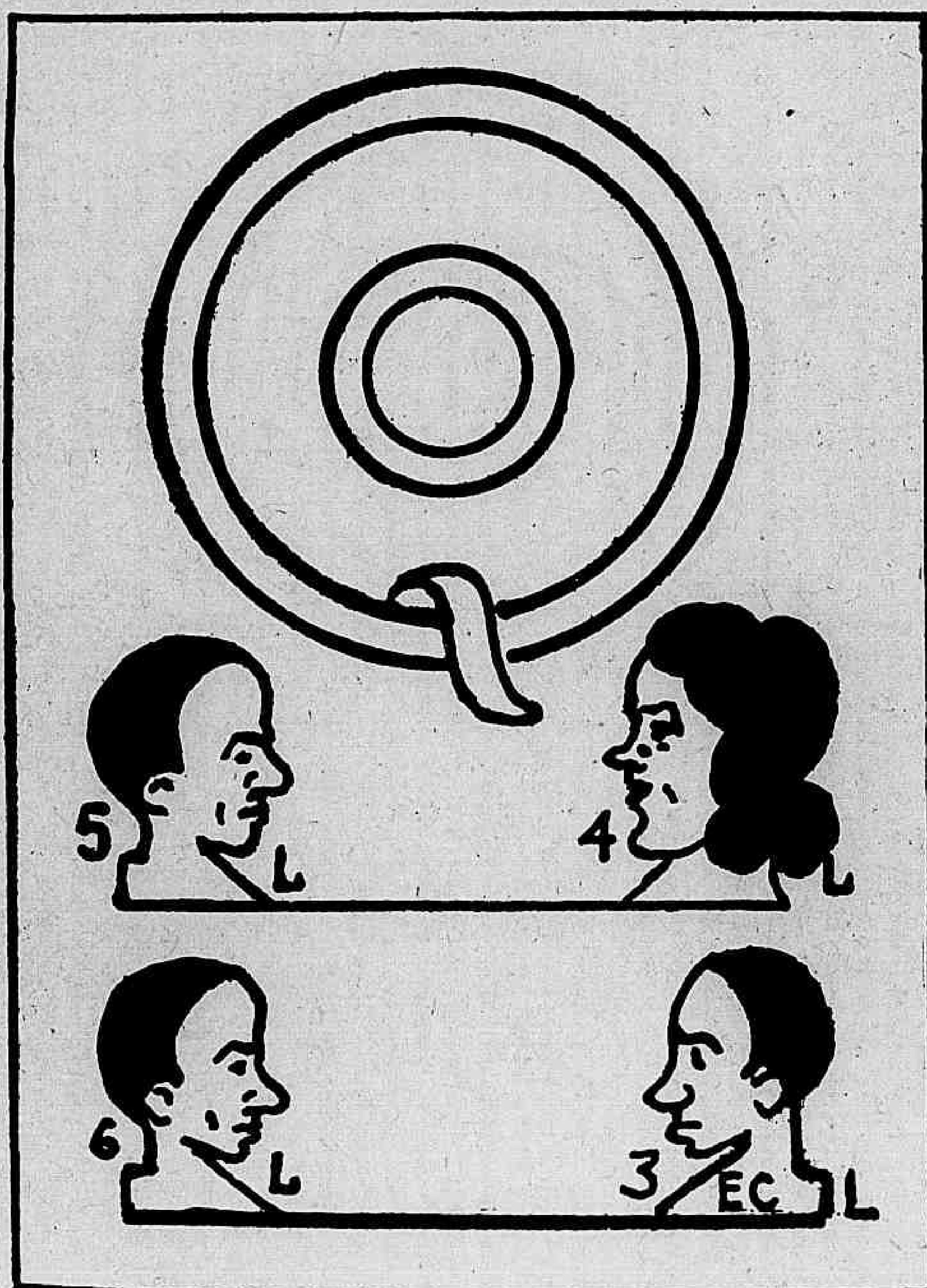
CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ENIGMA PITORESCO — 160

(Lamenza)



Bereco — G.N.C. (Recife)

ENIGMA FIGURADO — 161

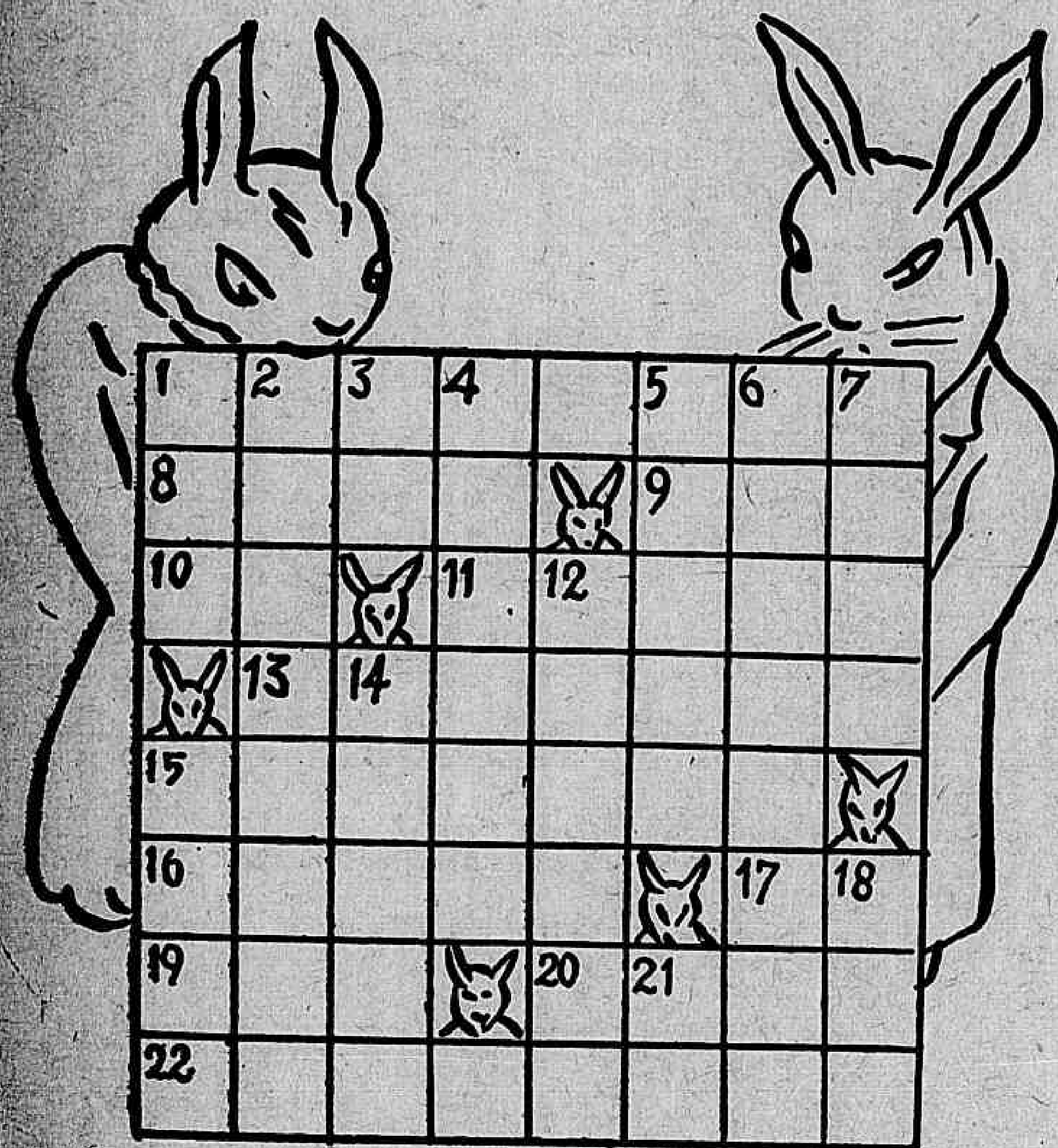
(Lamenza)



Marcus — TEM (B H)

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 5

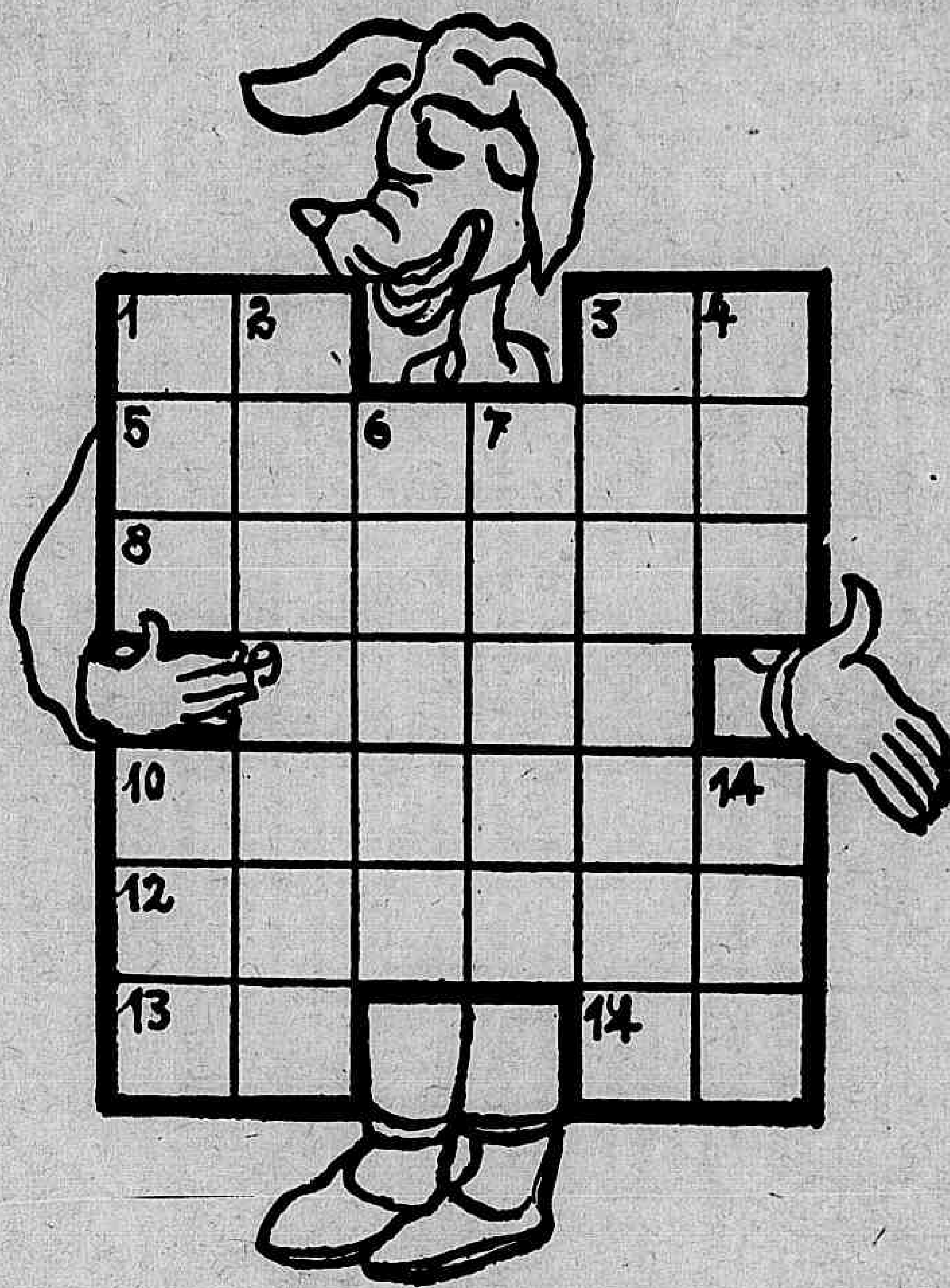


Fusinho — C.E.C. (Bangu)

Horizontais: 1 — Demonstração de uma posição pelo absurdo da contrária; 8 — Ruge; 9 — Árvore da família das Leguminosas; 10 — Luto; 11 — Aterrar, atravessar; 13 — Destramara; 15 — Alugara; 16 — Brilhar; 17 — Pôpa; 19 — Oásis do Saara central; 20 — Arruela; 22 — Fixasse.

Verticais: 1 — Cidade da Índia inglêsa; 2 — Tirar para fora; 3 — Clima; 4 — Cavalo arisco difícil de apanhar; 5 — Correr; 6 — Sumidouro; 7 — Hálito; 12 — Apoio; 14 — Dôr nos rins; 15 — Casaco; 18 — Pronome pessoal; 21 — Artigo, plural.

Problema n. 6



José Coelho Vieira (Maceió)

Horizontais: 1 — Postura; 3 — Pref. designa oposição; 5 — Artífice na Índia portuguêsa; 8 — Soltar grito agudo; 9 — Combinar; 10 — Cotejar; 12 — Pórtico de templo egípcio com forma de duas pirâmides truncadas; 13 — Nome de diversos rios da Europa; 14 — Semelhança.

Verticais: 1 — Cachaça de mau-gôsto; 2 — Designação genérica dos licores doces e aromáticos; 3 — Instrumento musical feito de barro e que tem sons como o da flauta; 4 — Pêso indiano que varia, conforme as regiões, entre 141 e 330 quilos; 6 — Situação; 7 — Refiro-me; 10 — Espécie de peneira; 11 — Multidão.

ALMANAQUE EU SEI TUDO — 1954

Soluções:

1 — Umbamba; 2 — Confete; 3 — Sebite; 4 — Foreiro; 5 Cefeu; 6 — Laverca; 7 — Intrigado; 8 — Espantar; 9 — Hamah; 10 — Caçava; 11 — Mandato; 12 — Galheta; 13 — Mananga; 14 — Piteira; 15 — Instante; 16 — Digito; 17 — Congosta; 18 — Pagará; 19 — Quiete; 20 — Pirose; 21 — Lobrego; 22 — Lesado; 23 — Cedilha; 24 — Poçuca; 25 — Forneiro; 26 — Doutôra; 27 — Chanfreta; 28 — Triplica; 29 — Peteca; 30 Farola; 31 — Bargado; 32 — Losango; 33 — Papata; 34 — Potente; 35 — Perfeito; 36 — Macuta; 37 — Marteiro; 38 — Boquejar; 39 — Pingante; 40 — Xibaro; 41 — Farroupa; 42 — Trafego; 43 — Acêrto; 44 — Capitão; 45 — Pretume; 46 — Cafangoso; 47 — Estropício; 48 — Pirata; 49 — Lojeca; 50 — Compactos; 51 — Gostado; 52 — Encostado; 53 — Provete; 54 — Pia-pouco; 55 — Protótipo; 56 — Pé-duro; 57 — Xarada; 58 — Morredor; 59 — Inventário; 60 — Bombada; 61 — Facear; 62 — Cabloco-lustroso; 63 — Vagueação; 64 — Espanta-lobos; 65 — Sustento; 66 — Paulatino; 67 — Catálogo; 68 — Veniaga; 69 — Cochado; 70 — Escavador; 71 — Butelo; 72 — Baqueta; 73 — Latejo; 74 — Mal-acabado; 75 — Mósca-morta; 76 — Escalafrio; 77 — Entecar; 78 — Cavuca; 79 — Metralha; 80 — Brejeiro; 81 — Descosido; 82 — Chapada; 83 — Vaga; 84 — Esmechado; 85 — Heleno; 86 — Valido; 87 — Flauteia; 88 — Carocha; 89 — Estirada; 90 — Derriça; 91 — Rasco; 92 — Arranco; 93 — Trabalha; 94 — Alinhava; 95 — Fôfo; 96 — Capuchinho; 97 — Saído; 98 — Vaso; 99 — Enfesta; 100 — Propedêutico; 101 — Grita; 102 — Mecânico; 103 — Desenreda; 104 — En-

contro; 105 — Truncado; 106 — Máxima; 107 — Morno; 108 — Desafôgo; 109 — Trava; 110 — Cabresteira; 111 — Tesoura; 112 — Amoroso; 113 — Custódia; 114 — Marombado; 115 — Capela; 116 — Cavalo bom até com o ruído do chicote corre; 117 — Peixe de três dias nem a ti nem a Maria; 118 — Já que estou desenganado, traga-me de carne um bocado; 119 — Dê mas não diga; 120 — Na terra de ratos o gato é general; 121 — O tempo move todos os mundos.

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1 — Iate — Test — Clou — Arua — Ocar — Lael — Seio — Irma — Salema — Calo — Idos — Peasse — Cara — Rena — Éter — Íris — Rode — Nini — Alea — Alar.

Problema n. 2 — Serra — Amarar — Rasara.

Problema n. 6 — Mar — Par — Amarada — Laparos — No — Ar — Cassino — Ociosos — Sia — Oso.

Gentil — Estuca — Atrair — Rena — O — O.

Problema n. 3 — Vê — Sul — Axi — Sal — Rur — Adem — Alarmara.

Problema n. 4 — Fubica — Ulular — Buzina — Ilibar — Canana — Araras.

Problema n. 5 — Atacar — Tarama — Aricas — Cacara — Amarar — Rasará.

Problema n. 6 — Mar — Par — Amarada — Laparos — No — Ar — Cassino — Ociosos — Sia — Oso.

DECIFRADORES

Totalistas: — Alô Tropina, Janota, Julião Riminot, Jomaque, Pompeu Júnior, Seamva, Fiote, Malba Tantan, Cysneirense Júnior, P. Del Debbio, Mr. Triquesse, Sertanejo II, O Sineiro, Nostradamus, Breque, Cantagalo, Tarcisio, Lutercio, Nilva, Plá, Oarcim, Bereco, Plapece, Águia, Yema, Anchieta, Bisilva, Alguém, Édipo, Envergonhado, Jocati, Varetas, Farani, Conde de la Fere, Debrito, Ziul, Gomes Júnior, Gil Virio, R. Said, Asil, (Uma lista sem assinatura), O Janz, Juca

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453

São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja

Tel.: 37-5679

Pirolito, Botucarahy, Dr. Barreto Cardoso, Heron Silpes, Sotnas, Chantecler, Sefton, Cartos, De Souza, Lidaci, Mardel, Paraná, Sinhô, Yvalise, Dopasso, Alvasco, Narciso, Milon, Zico, Mister Ioso, Black Rose, Nomisio Nuno, Mambira da Jiquitaia, Buridan, Ronega, Ecebê, Roama, Cysneirense.

2.º lugar: — Donatilla Borba, Pato, Laranjeirense, Jobair Soares, J. D. Mingo, Assiz.

BRASIL ENIGMISTA

Ueniri (Irineu Vilas-Boas) — teve a gentileza de vir trazer pessoalmente o primeiro número da segunda fase desta conhecida revista.

Pelo adiantado da hora, pois esta seção já estava composta, não podemos dar detalhes.

Podemos afirmar, entretanto, que **Ueniri** apresentou uma revista digna do nosso charadismo.

Se o leitor quer conhecê-la, caso não já a conheça, peça um número à redação, que é: Rua Honório, 1441 — casa II — Rio de Janeiro.

NOTA

Por motivo independente da vontade do diretor desta seção, não foi feita a correção das provas dos meses de abril e maio e assim saíram algumas imperfeições; os trabalhos defeituosos foram contados para todos os decifradores.

Na notícia sôbre a revista "Paraíba Enigmística" saiu como nome do Grêmio — Euclides da Cunha, quando deve ser — Euclides Vilar, e como Presidente de Honra — Dr. Apolônio Vilar e o correto é — Dona Apolônia Vilar.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 1 de maio:

Joaquim Adornelas Pimentel (Itapaci, Go.) — Recebemos e agradecemos.

Polydamas (Niterói) — Recebemos a lista de fevereiro; gratos por tudo.

Antomar (João Pessoa) — O endêrêço da **Tertúlia Edípica** é — Caixa Postal 386 — Lisboa.

Heliotrópio (Pôrto Alegre) — Estamos esperando sua colaboração.

Dropê (Almada — Portugal) — Escrevemos pelo correio.

Envergonhado (Lisboa) — Seguiu carta.

Neo-Rosas (Caruaru) — Muito folgamos com a sua volta; a carta do Carlos Costa foi posta no correio. Não sabemos se é ainda o mesmo endereço.

Andas (Passos — M.G.) — O seu lugar nesta seção é permanente. Gratos pela colaboração.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, Rua Visconde de Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

HOLOCAUSTO

(Continuação da página 10)

O rosto de Vashem ficou rubro, porém êle se aferrou com tôdas as fôrças aos braços da cadeira em que estava sentado. Bem junto dêle, subiu uma voz:

— Vamos, Vashem! Os dentes do Homem Forte podem ser bons, mas os teus braços são melhores do que os dêle...

A isto seguiram-se outras frases insinuantes, uma das quais feriu profundamente o ex-campeão dos ringues. Alguém perguntara, com implicante voz em falsete **se êle estava com mêdo**! Tinha sido chamado de cobarde e aquela palavra queimava como brasa em seu peito! Já se sentia tentado a levantar-se da cadeira e saltar para o picadeiro, quando, repentinamente, avistou Susana. **"Ela bem vale o sacrifício"** — disse para si mesmo, contendo-se. Seguiram-se as vaias e os impropérios por todos os setores do circo. **"Ela vale qualquer coisa... mas terá que compensar-me largamente por me deixar chamar cobarde impunemente."**

Felizmente, a situação foi salva por outro espectador, que se levantou para aceitar o desafio do Homem Forte. Porém, êsse competidor conhecia mal a arte de boxear e ficou logo fora de combate no segundo "round". Vashem respirou, aliviado, quando se viu fora daquelas lonas e longe da companhia dos espectadores.

Depois de tragar um uísque começou a sentir-se melhor e decidiu caminhar lentamente em direção ao "Town Hall". Ali chegando, consultou o relógio e mal conteve um gesto de impaciência ao ver que já passavam das onze. Estêve um bom tempo olhando estùpidamente para o quadrante e acabou proferindo entre dentes, como uma ameaça:

— Se essa mulherzinha está procurando brincar comigo...

Porém não terminou a frase. Naquele justo momento, surgiu Susana ao seu lado, caminhando apressadamente. Logo tomou-lhe a mão, enorme e grosseira, na sua pequena e delicada, apertando-a carinhosamente, enquanto o fitava com olhar profundo e um encantador sorriso punha a mostra dentes perfeitos.

— Essa prova dos trapézios, que você executa é... maravilhosa! — disse Vashem, logo que se instalaram diante da mesa. — Grita sempre, antes de executar o salto? Confesso que me assustou...

— Sim. O público se impressiona e se assusta também...

— Eu mesmo receei, por um instante, que ocorresse algum acidente.

— Oh, não... Estou bem protegida contra acidentes. Em tôda a minha vida, jamais ocorreu um só... Faço tudo com calma e segurança.

E voltou para seu interlocutor um olhar tentador.

— Não sei não, Susana... — corrigiu Vashem, empalidecendo. — Deve compreender a minha situação. Olhe que ser chamado de "cobarde" é mais do que um homem pode suportar. E afirmo que não vou mais tolerar. Prometi não tocar no tal "Homem Forte"... esta noite. Só esta noite! E já cumpri o que prometi!

— Sim... E eu agradeço de todo coração.

— **De todo o coração**, hein? — repetiu Vashem, sarcástico. — Não é bastante! O circo dá a última representação, nesta cidade, no domingo à noite, não é verdade? Pois bem. No sábado, à noite, derrubarei o tal "Homem Forte"! — prometeu Vashem, saboreando antecipadamente o seu grande triunfo.

Os dedos finos de Susana acariciaram as mãos enormes de Vashem.

— Se gosta mesmo de mim... — rogou — deixe-o em paz. Sei de sobra que você pode derrotá-lo... Mas, se quer que continuemos bons amigos, não o desafie. A derrota do "Homem Forte" seria a ruína do nosso circo!

Nada disso! Eu mesmo ocuparei o lugar dêle, querida Susana... E o circo lucrará muito mais comigo!

Porém ela moveu a cabeça, negativamente.

— Em tudo isso deve haver alguma coisa mais do que aquilo que você tem contado... — declarou Vashem, mal-humorado.

— Você está imaginando coisas — respondeu Susana, rindo alegremente. — O "Homem Forte" pediu-me em casamento bem uma dúzia de vêzes, e sempre recusei. Acha que isso é sinal de que o ame? Todos os de nossa profissão somos muito unidos, não importando que, fora do circo, até nos

odiemos. Mas, na pista, a harmonia é completa e, nisso, justamente, está firmado o nosso êxito!

A explicação pareceu satisfazer a Vashem.

— Susana — exclamou, repentinamente. — Se promete ser minha espôsa, deixarei em paz o "Homem Forte".

— Vou pensar — replicou a amazona, rindo.

— Quero a resposta agora mesmo. Sim ou não! Responda!

— Não seja precipitado. Preciso pensar. Darei a resposta sábado, pela manhã.

Vashem pôs em jôgo tôdas as táticas de que se considerava orgulhoso possuidor no terreno das conquistas amorosas. Protestou e implorou; levantou-se da cadeira e tentou beijá-la; porém ela se esquivou com habilidade e firmeza. Finalmente teve que se resignar, aceitando a proposta de Susana.

QUANDO a linda amazona regressou ao acampamento, havia uma luz brilhando no carroção da "Viúva Gorda". Não era possível acreditar que estivesse ocupada com suas orações; apenas espreitava a chegada de Susana, pois não lhe eram desconhecidos os segredos românticos da Rainha do Picadeiro. Sabia por onde soprava o vento e nunca se sentira tão feliz como aquela noite. Mas sabia, conscientemente, o terreno perigoso que pisava. Assim, quando a viu chegar, sorriu silenciosamente, tratando de apagar a luz e meter-se na cama. A cama que fôra construída especialmente para suportar o pêso de uma montanha...

NO dia seguinte, a "Viúva Gorda" procurou Vashem e disse-lhe, sem rodeios, que Susana amava ao Homem Forte e que apenas queria protegê-lo de uma boa surra. Observava o efeito que suas palavras exerciam no espírito do ex-campeão e sentia indizível prazer, êsse gôzo malsão que se apodera de algumas criaturas quando semeiam tragédia. Deixou Vashem qual uma fúria. Oh! Havia movido os títeres com tanto acêrto que esperava uma vitória completa para seus propósitos. Vashem derrubaria o "Homem Forte", sábado à noite. E a orgulhosa Suzana teria, então, que aceitar o amor do estúpido Sansão!

Sábado, pela manhã, Susana escreveu um rápido bilhete a Vashem, anunciando que não podia aceitar sua proposta de casamento e prevenindo-o de que sua resolução era irrevogável. Entregou o bilhete a um menino que rondava o acampamento dos artistas e, em seguida, foi chamar o "Homem Forte", para uma entrevista em seu camarim.

Brown entrou no aposento de Susana visìvelmente emocionado.

— Já sei de tudo! — foi logo dizendo, com violência. — A "gorda" contou que você pretende casar com Vashem... Não me surpreende que você pratique uma tal infâmia! O que desejava saber, ao menos, era... por que fêz isso comigo? Por que zombou do meu amor? Mas não importa! Sei o que devo fazer... Matarei êsse seu apaixonado, quebrando-lhe o pescoço de touro. Nem que seja preciso recorrer ao punhal, liquidarei com êle!

— Lute, meu amigo... Lute! Mas lute corretamente — respondeu Susana.

— Lutar corretamente, depois que você me traiu! Depois que você se vendeu a Vashem! Nunca!

Susana estendeu-lhe os dois braços:

— Pode beijar-me — falou, pela primeira vez, em tom súplice. — Há de perdoar-me, quando souber tudo!

Porém o "Homem Forte" não a beijou. Os ciúmes tinham invadido seu cérebro. Retirou-se do carroção com um praga nos lábios.

SÁBADO, à noite, não havia uma única localidade vazia em todo circo. A cidade inteira sabia que Vashem ia desafiar o "Homem Forte" e, quando o antigo lutador ocupou sua localidade habitual e abriu o pesado roupão, deixando a descoberto a enorme profundidade do seu peito e a espantosa largura dos seus ombros, ouviram-se "Vivas!" estrepitosos.

Vashem se sentia em excelente forma. Certo de ter sido recusado por Susana, certo, acima de tudo, de ter feito papel de tolo, estava decidido a vencer depressa e completamente. Depois, no lugar do "Homem Forte", tinha a certeza de que, vivendo sob a mesma lona do circo, ao lado de Susana, acabaria conquistando o seu

amor. Já se via espôso da **amazona**, ao fim de um ano ou talvez menos tempo.

Vashem não parecia interessado pelo espetáculo, até que apareceu a "Rainha do Picadeiro". Observou todos os seus movimentos com atenção. Viu-a trepar àgilmente por uma corda e instalar-se cômodamente sôbre a barra de um trapézio. Viu-a cair com as mãos sôbre a barra e contemplou seus movimentos lentos, rítmicos, aumentando sempre o balanceio do corpo admirável. Ao chegar ao terceiro trapézio, gritou como sempre fazia. Porém, desta vez, Vashem apenas riu do **estratagema**. Repentinamente, Susana soltou o trapézio e executou o duplo salto mortal. Mas, em vez de cair sôbre a garupa de um cavalo, bateu contra o solo da pista, partindo algumas costelas contra o poste de ferro central. Ali ficou, estendida, exânime.

O "Homem Forte" foi o primeiro a correr para a pista. Tomando Susana em seus braços levou-a para o interior. Os espectadores, horrorizados, homens e mulheres, trataram de abandonar o circo. Sòmente Vashem se deixou ficar, olhando sombriamente para o trapézio, que ainda continuava balançando-se.

Sôbre um colchão, num canto do camarim, Susana, que voltara a si, sorria bravamente. A companhia em pêso estava apinhada em redor dêsse leito improvisado. O palhaço torcia as mãos — forma peculiar de demonstrar sua dor — e a "Viúva Gorda" soltava gritos estridentes. Bantam estava tão nervoso, que perdera a voz.

— Peço, por favor, que se retirem todos, menos Brown... — disse a Amazona, sorrindo ainda. — Não vai ser nenhuma cena romântica, podem crer...

— Brown — disse ela, quando ficou só com o "Homem Forte". — Compreende, agora? Fiz isso porque é a você, só a você que eu ámo. Não queria que você fôsse vencido... Disse que derrotaria Vashem, sem um só golpe, e o derrotei. Venci, porém lutando corretamente, conforme sempre quis que você fizesse...

O "Homem Forte" estava mudo de emoção. Sôbre seu coração caíra um pêso tão esmagador que não havia braço humano, no mundo, capaz de levantá-lo.

— Esta foi minha última representação, meu querido — disse Susana docemente. — Beija-me... continue beijando-me, até que eu não o possa mais sentir... Isto... é amor.

Susana não tornou a falar. Sua alma já procurava outro pouso. E o "Homem Forte" continuou beijando-a... beijando-a ardorosa, desesperadamente, até que os lábios da "Rainha do Picadeiro" perderam tôda sensibilidade.



O BATON

(Continuação da página 18)

— Não sabe por que ela fêz isso, Fred?

— Ignorava tudo, até encontrar sôbre a mesa uma conta dêle — disse, com ar abatido. — Disse, então, a Elinor que eu mesmo podia receitar uma cura de repouso para ela, sem necessidade de passar horas e horas contando coisas e ouvindo tolices dêsse doutorzinho. Ela riu e não ligou grande importância, como fazia geralmente. Falava, falava como se tivesse ficado muito satisfeito por ter encontrado alguém com paciência bastante para o ouvir. Sabia que fizera Elinor muito feliz. Algumas vêzes, ela parecia voluntariosa e independente, mas sempre acabava voltando, submissa e carinhosa. Considerava o veredito do "coroner" um ultrage. **"Sem dúvida, ela caiu! Sempre ficava tonta, quando olhava para baixo, de grande altura!"** Ainda não fizera planos, exceto que Margaret viria para ficar, até êle fechar o casarão. E, como se a simples menção do seu nome agisse màgicamente, Margaret surgiu na biblioteca.

Eu jamais gostara de Margaret Hammond. Era mulher alta, angulosa, mais velha que Fred. Ao entrar, apenas olhou para mim, como se isso fôsse suficiente saudação.

— Resolvi vir esta noite mesmo — declarou. — Não queria que você ficasse só. Amanhã farei o inventário completo da casa. Gostaria de ficar com o retrato de papai, Fred.

Êle estremeceu. Tinha sido uma longa luta a posse do retrato do velho Joe Hammond, desde que Fred se casara. Não que Elinor apreciasse o quadro ou o próprio sôgro, que nem chegara a conhecer pes-

soalmente. Mas, notando que Margaret fazia questão do mesmo, decidiu que o quadro dali não sairia. Olhei para Margaret. Talvez fôsse ela a mais rancorosa inimiga de Elinor. Odiara minha prima desde o dia do casamento; não suportava o gênio alegre de Elinor, nem a sua vida extravagante. Mesmo agora, não podia tirar o olhar da mesa, entulhada de contas a pagar.

— Eu cuidarei disso tudo, para você, Fred — falou a seguir. — Temos que saber a quanto montam tôdas essas despesas...

— Eu mesmo cuidarei dessas coisas — declarou Fred, levantando-se. Ficaram algum tempo enfrentando-se, Fred de costas para a mesa, como se quisesse proteger Elinor dos olhares maldosos de Margaret.

A noite estava quente e por isso caminhei vagarosamente para casa. Havia andado apenas metade do caminho, quando senti que alguém me seguia. Parei e voltei-me. Era apenas uma mocinha, de aspecto agradável. Dirigiu-se a mim, para perguntar:

— Falo com miss Baring, não é mesmo?

— Sim. Quase me matou de susto!

— Perdoe-me. É que eu a vi, durante o inquérito, e um repórter disse qual era o seu nome. Creio que era amiga da senhora Hammond...?

— Ela era minha prima. Por quê?

Ela pareceu tomar uma decisão:

— Porque eu penso que ela foi empurrada para fora da janela — explicou. — Trabalho num escritório, do outro lado da rua e olhava justamente pela janela. Não sabia, é claro, quem ela era...

— Quer dizer... você viu como aquilo aconteceu?

— Não. Mas vi sua prima na janela, talvez meio minuto antes da queda; e ela estava passando o **baton** nos lábios! Quando tornei a olhar... ela estava... estava caída na calçada! Não creio que uma mulher se lembre de passar o **baton** nos lábios, alguns segundos antes de fazer o que ela fêz, não acha?

— Tem razão. Mas tem a certeza de que foi a sra. Hammond que você viu?

— Tenho. Estava com um vestido verde e pude ver os seus cabelos, pois não estava de chapéu. Eu... — não sei explicar por que — fui esta noite ao local do acidente e procurei o **baton** por todos os recantos da calçada. Não pude encontrá-lo, mas tenho a certeza de que ela o tinha numa das mãos, quando caiu!...

De fato, eu notara a falta do **baton** na bôlsa de Elinor. Mas nada dissera a Fred.

— Talvez possamos voltar ao local e, juntas, tentarmos novamente — propús. — Que diz?

Ela aceitou, embora não quisesse dizer como se chamava.

— Pode chamar-me miss Smith. Apenas isso! — disse, sorrindo.

Nunca mais tornei a encontrá-la, e a menos que ela venha a ler estas páginas, provàvelmente nunca saberá que foi ela mesma quem forneceu o primeiro indício que acabou desvendando o mistério. Porque achamos o **baton,** numa fresta de boeiro. Talvez uns dez automóveis tinham passado sôbre êle, pois estava bastante amassado. Mas o monograma de Elinor continuava bem visível sôbre o capeado de ouro.

Miss Smith viu o monograma e respirou, satisfeita.

— Eu tinha mesmo razão! — exclamou. Um minuto depois tomava um ônibus e desaparecia para sempre.

ERA bastante tarde quando fui ao consultório do dr. Barclay, na manhã seguinte. A sala-de-espera estava vazia e assim pude ir até a janela e olhar para baixo. Tentei imaginar que eu ia saltar, e se devia ou não usar o **baton** para os lábios...

Nesse instante, a enfermeira surgiu. Dei-lhe o meu nome e, após curta espera, ela reapareceu, a fim de conduzir-me à sala de consulta.

O médico se ergueu, ao me ver, e eu simplesmente coloquei o **baton** de Elinor sôbre a mesa, bem diante dêle, sentando-me, a seguir, com movimentos tranqüilos.

— Não estou entendendo... — disse êle.

— A sra. Hammond estava na janela da sala-de-espera, justamente passando o **baton** — êsse, que aí está — nos lábios, apenas meio minuto antes de cair!

(Conclui no próximo número)

A VERDADE SÔBRE O HIPNOTISMO

(Continuação da página 34)

O hipnotismo terapêutico teve triunfante aceitação no mundo médico depois das famosas experiências praticadas sôbre os histéricos, por Charcot. Outros médicos seguiram-no. Mais tarde, entre 1880 e 1890 surgiu a famosa "Escola Hipnoterápica", de Nancy. Empregava-se o hipnotismo não só para o tratamento da histeria, como também de diversas outras doenças. O hipnotismo servia ainda como método anestésico, para operações cirúrgicas, como para as amputações, muito comuns naquela época. Desde 1880 que uma infinidade de partos sem dor são levados a efeito, em ótimas condições, nos hospitais franceses; o médico-parteiro regulando por sugestão o trabalho muscular da mão, elimina todo o sofrimento.

Durante certo tempo, todo mundo falava do hipnotismo; da propaganda veio a crença, que fêz muita gente adormecer a uma simples ordem, como acontecia nos salões... Então, tornou-se moda. Mas essa moda, passou, como acontece com as demais. Charlatães e simuladores lançaram o descrédito sôbre êsses métodos. Não obstante isso, a histeria, enfermidade muito comum naquela época, desapareceu ràpidamente, fornecendo assim ao hipnotismo, como ciência, seu melhor terreno para estudos e um verdadeiro campo para aplicações específicas.

MAS DEVEM SER UTILIZADAS COM PRUDÊNCIA — Mas o tratamento não é de todo isento de perigos; pode provocar violentas crises nervosas, espasmos, igualmente violentos, ou então, ao contrário, depressão, melancolia, etc. Certa vez, graves acusações foram feitas a uma equipe da "Salpêtrière" de provocar o recrudescimento da histeria mediante a repetição imprudente de suas experiências.

Atualmente, ainda existe em Paris alguns médicos que praticam curas hipnóticas em grande número de nervosos (convém não confundir o tratamento hipnótico com o tratamento psicanalítico por narco-análise, que consiste no fato de se interrogar o paciente durante o tempo em que esteja sob a influência de uma droga).

Em suma, o hipnotismo se define como uma técnica de abolição momentânea da personalidade mediante a sugestibilidade do paciente. Sua aplicação se restringe a um número limitado de pessoas. É dotado de qualidades anestésicas e terapêuticas. Mas não devemos esquecer que, por outro lado, quando utilizado por escroques e malfeitores, pode dar lugar aos atos mais abusivos.

SE MISS BRASIL DESPERTASSE NO ANO 101.955...

(Continuação da página 54)

Assim, a vida, na côrte de Luís XV (1715-1774), foi caracterizada pelo amor do prazer, da alegria e da frivolidade, que obtiveram todos os favores do soberano.

E todo êsse mundo risonho e despreocupado está admiràvelmente interpretado por Fragonard, no seu maravilhoso quadro **A Perseguição**, um dos seis painéis encomendados por madame Du Barry a seu real amante.

As mulheres pintadas por Fragonard têm o corpo que recorda o da borboleta — epítomo da fragilidade. Onde Rubens viu uma solidez terrena na figura da mulher, Fragonard viu fragilidade airosa, graça aprisionada em cetins brilhantes e rendas macias.

Já estava a figura feminina bem distanciada da **Vênus de Willendorf**, esculturada por um audacioso artista Cro-Magnon, uns vinte mil anos antes de Cristo. Para êste, a mulher era o símbolo da fertilidade e da maternidade. Para êle, a face da Vênus não tinha qualquer importância e por isso mesmo o contôrno que deu à sua cabeça foi apenas aparente.

Da figurinha esculpida, encontrada nas ilhas Cíclades, no Egeu, podemos dizer que é a **mais antiga representação geométrica do ser humano**. É alongada e harmoniosa, com cadeiras e busto largos, pescoço colunar e certa fantasia que não lhe vai mal. O artista desconhecido já se aproximara muito dos modernistas, que fugiram da tradição clássica. Mais, pelo menos, que de outra qualquer forma de arte interpretativa.

Que podemos tirar de tudo isso, senão matéria para muita reflexão?

Porque não podemos deixar de pensar, por exemplo, que, quando os escultores gregos, que criaram a Vênus de Milo ou o

Apolo do Belvedere, terminaram sua obra, devem ter imaginado que haviam fixado para a eternidade os cânones da beleza humana. E vinte e cinco séculos lhes deram inteira razão. Mas... O sábio moderno pensa de maneira bem diversa!

Vamos ouvir os conceitos de um dos mais renomados:

— "Suponhamos — diz Desiré Papp, em seu livro "Comment Finira le Monde", recentemente editado em Paris — que o homem chamado "de Heidelberg", cujos raros fósseis foram encontrados há trinta e seis anos (após um desaparecimento de quase cem mil anos), fôsse por algum milagre restituído à vida.

"O aparecimento, em nossas cidades, dêsse monstro peludo, de ritos satânico, fronte fugidia, sobrecenhos proeminentes, maxilares poderosos, orelhas pontudas, provocaria o pânico. Suponhamos, a seguir, que um de nós (admitamos mesmo que fôsse a própria miss Brasil) adormecesse... para só despertar daqui a cem mil anos. Longe de seduzir o príncipe encantador que a despertasse, Martha Rocha causaria ao pobre cavalheiro andante o mesmo efeito que se nos encontrássemos, repentinamente, em presença de Frankenstein!"

UM DEDINHO CONDENADO — Porque, para o sábio de hoje, não há mais cânones eternos da beleza humana. Para êles — e têm razão de sobra para assim pensar — a estátua humana é **a obra jamais terminada de um escultor maior e mais poderoso que os Fídias, os Miguel-Angelos ou os Rodin: a Natureza!**

Mudamos sempre. No canto interior de nossos olhos está escondida uma pequenina dobra, em forma de crescente... que é o resto de uma pálpebra especial que nossos antepassados possuíram e que possuem ainda hoje os pássaros. Esta pálpebra desapareceu. O que dela ainda resta desaparecerá também, fatalmente, enquanto que o ôlho humano mudará ligeiramente de forma. Nosso pequenino artelho também está condenado e já possui apenas duas falanges. O mesmo ocorre com as nossas três últimas costelas.

AS "PIN-UP" SERÃO CALVAS! — Os macacos e os pretos da África têm 36 dentes. Quanto a nós, temos que nos contentar, já agora, com 32 apenas. E os dentes, chamados "do siso", por imprestáveis, estão em vias de desaparecer. A acreditarmos no biologista Friedenthal, os molares acompanharão os dentes do siso. Dia virá em que o progresso incessante feito pelo homem no domínio da nutrição, terá tornado sua dentição absolutamente inútil. E nenhuma loção capilar conseguirá impedir a nossa futura e total calvície!

O fato de possuirmos ainda tantos cabelos, prova apenas a juventude relativa da raça humana. O que não significa dizer que ela se torna feia.

Ao contrário, é muito provável que a mulher do futuro, com sua bôca pequena e desdentada e seu vasto crânio calvo e luzidio, possa inspirar aos poetas versos tão apaixonados como as belezas dos tempos passados.

Aliás, **mudança** não significa ùnicamente **perda**. O cérebro do homem de Neanderthal era apenas a metade do nosso. O do homem futuro será provàvelmente o dôbro.

MEU PRIMEIRO TIGRE

(Continuação da página 49)

E o mêdo abandonou-me, fazendo a auto confiança retornar ao meu espírito. Então eu sabia como fazê-lo voltar, até atingir a outra extremidade do túnel onde ardia uma das tochas; a sua marcha continuou, sem alteração. Agora havia uma luz muito fôsca, mas o suficiente para visualizar a silhueta do tigre a poucos metros diante de mim. Em dado momento, virou sua enorme cabeça em minha direção, ocasião em que, pela primeira vez, vi seus olhos brilhantes. Poderia ter atirado, só não o fazendo porque notei que a luz que estava por trás do animal, tornava-se mais e mais forte. Era como se alguém caminhasse para mim com uma tocha acesa. Para minha completa surprêsa, Rapunji apareceu na curva do túnel. Difìcilmente saberei quem ficou mais alarmado — se eu ou o tigre.

O grande felino virou-se imediatamente para o nativo. Emitiu um rugido tão forte que abalou as paredes da caverna; e por longo tempo permaneceu imóvel.

Senti, então, que agora havíamos chegado a um beco sem saída. Na posição em que Rapunji se achava tornava-se-me impossível alvejar o tigre, porquanto o meu guia estava exatamente por trás dêste, formando

uma linha reta. Desconhecendo o efeito que pudesse causar no tigre, gritei para que Rapunji caísse rente ao chão. Minhas palavras reboaram pelas paredes da gruta. Rapunji conservou-se imóvel, enquanto a fera, entre mim e êle, executava uma feroz coreografia. Uma vez mais, seus fuzilantes e verdes olhos me fitaram; e lançou-se diretamente contra mim.

Numa emergência como essa o espírito humano age com fantástica rapidez, como se fôsse uma câmara cinematográfica. No momento em que o tigre atacou, uma sucessão de imagens passou-me, velozmente, pela imaginação. Lembrei-me, então, de um excelente método usado pelos caçadores de tigres da Malaia. Em primeiro lugar, encurralam a fera numa caverna; quando ela vê, porém, que não há possibilidade de escapar, a não ser que retorne por onde entrou, investe contra o seu perseguidor. Êste deita-se, de costas, no próprio instante em que o animal se prepara para pular; logo que isto aconteça, o caçador atinge-o, no peito, de uma distância de, aproximadamente, três polegadas.

Todo êsse incrível processo passou-me pela mente, numa fração de segundo. E quando o tigre saltou, eu caí de peito para o ar. Acompanhei com o cano do rifle o movimento do seu enorme corpo que se deslocava. E atirei. A explosão teve uma atroadora ressonância, assemelhando-se ao disparo de um pequeno canhão. Desprendeu-se sôbre mim uma verdadeira chuva de pó e de cascalhos de rocha, despregados pelo rasgo que a bala fêz no teto da caverna. Depois de alguns segundos de absoluto silêncio, levantei-me.

O tigre havia escapado, ileso! Logo a seguir, Rapunji apareceu, com mil desculpas. Disse que se esquecera da escuríssima curva do túnel; e que assim que se lembrou, temeu que não fôsse capaz de ver os olhos do tigre; foi assim que resolveu iluminar-me o caminho.

Nunca pude saber se êle agira como um homem corajoso ou como um louco. O fato é que resmungando comigo mesmo, comecei a voltar, seguido de Rapunji, que conduzia a tocha. Lamentei-me por ter perdido a minha melhor oportunidade.

Lentamente, arrastamo-nos para fora do túnel. A luz do sol deixou-me meio tonto. A mão com que procurei protejer os olhos, parecia a asa de uma ave ferida, de tanto tremer. Reconheci que estava ainda vivo, por mera sorte, essa sorte que acompanha todos os principiantes. Não tínhamos percorrido dez jardas além da bôca do túnel, quando a sorte abandonou-me. O tigre arremeteu de dentro do pinheiral, onde nos aguardava numa emboscada. Desta vez não tive tempo de pensar, reagi instintivamente, confiando nos meus 20 anos de prática de tiro. O rifle disparou exatamente no momento em que o tigre dava o segundo salto. E, antes mesmo de cair no solo, verifiquei que êle tinha sido mortalmente atingido. A bala varou-lhe a garganta, partindo a espinha dorsal. Já não era preciso um novo disparo. Sei perfeitamente que a maioria dos caçadores comete erros. Existe, porém, um que de modo algum pretendo repetir; é confundir um tigre real com um leão! A diferença está na coragem. O leão, por mais feroz que seja, é demasiadamente cauteloso, em comparação com o tigre.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



RESULTADO DO PRIMEIRO CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO, O MELHOR PARA OS MÓVEIS

(PARA A CAPITAL E OS ESTADOS)

Realizado em 31-3-55, às 9.30 da noite na Rádio Vera Cruz, Rio — Programa com sambas e outras coisas animado por Henrique Batista — Prêmios em dinheiro para os consumidores óleo de Cedro para quem vendeu

Cr$ 5.000,00 para D. Maria Ferreira, Rua Mundo Novo, 482 — 100 dúzias de óleo de Cedro para quem vendeu: Armazém Chave de Ouro, na Rua Marquês de Olinda, 94 — Rio.

Cr$ 2.000,00 para D. Cecília Ferreira Sampaio, Rua Joana Rezende, 26, Madureira — 40 dúzias de óleo para quem vendeu: Armazém, Estrada do Camboatá, 3.913 — Rio.

Cr$ 1.000,00 para Jacira Depiere, Rua Barão de Jaguará S/N., Cajobi — 20 dúzias de óleo para quem vendeu: Empório S. Geraldo, Rua 7 de Setembro, 27, Cajobi, Estado de São Paulo.

Cr$ 500,00 para Bermira Severina Pereira, Guapiaçu — 10 dúzias de óleo para quem vendeu: Casa Marques, Rua Palmeiras, 298, Guapiaçu — Estado de São Paulo.

Cr$ 250,00 para Izaura Negrelli Bega, Guapiaçu — 5 dúzias de óleo para quem vendeu: Casa Marques, Rua Palmeiras, 298, Guapiaçu — Estado de São Paulo.

PRÊMIOS DE CR$ 50,00 PARA O CONSUMIDOR E UMA DÚZIA DE ÓLEO PARA O COMERCIANTE QUE VENDEU, NUM TOTAL DE 25 PRÊMIOS DE CR$ 50,00 E 25 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO, CONFORME DISCRIMINAÇÃO ABAIXO:

Suely Cordeiro Magalhães, Av. Bartolomeu Mitre, 770, apto. 201 — Casa Maia, mesma rua e mesmo número, Dist. Federal. Emília d'O. Mello Loba, R. Condessa Belmont, 67 — Mundo das Louças, Av. Marechal Floriano, 11, Dist. Federal. Ademar Trevizan, R. Barão Jaguará — Empório S. Geraldo, R. 7 de Setembro, 27, Cajobi, Est. S. Paulo. Doralice Souza, R. Piratuba, 81 — Armarinho, R. Juarite, 411, Rocha Miranda, Dist. Federal. Alice Gomes da Silva, R. Visc. Rio Branco, 53, aptó. 207 — Lojas Americanas, R. Gonçalves Dias, Dist. Federal. Miguel Viana Pereira, R. Espírito Santo, 62 — Armazém Espírito Santo, mesma rua nº 8, S. Gonçalo, Est. do Rio. Francisco F. Rocha, R Jaboara, 767 — Armazém Estr. Camboatá, 2.700, Ricardo Albuquerque, Dist. Federal. Alayde M. Moura, R. Babilônia, 3, apto. 201 — Lojas Americanas, R. Gonçalves Dias, Rio. Raul Gomes da Silva, R. Professor Garfield de Almeida, 100, Marechal Hermes — Casa Matias, Av. Marechal Floriano, 110, Dist. Federal. Almerinda Seidel, R. Primavera, 19, Cavalcanti — Armazém Sul América, R. Laurindo Filho, 459, Dist. Federal, Eduardo Marques da Costa, Guapiaçu — Casa Marques, R. das Palmeiras, 298, Guapiaçu, Est. de S. Paulo. Antônio Manoel Vale, R. Juarité, 335 — Armarinho mesma rua nº 411, Rocha Miranda, Dist. Federal. Carlos de Carvalho, Rua São Paulo, 19, Cubatão, Est. S. Paulo — Ferreira de Souza & Cia, Rua Augusto Severo, 21, Santos, S. Paulo. Plácido Trevizan, R. Barão Jaguará, 1 — Empório S. Geraldo, R. 7 de Setembro, 27, Cajobi, Est. São Paulo. Elizabeth Souza Barbosa, Maruim Grande, Travessa Olaria, 72 — Armazém Castelo Branco, R. Gal. Castrioto, 245, Niterói, Est. do Rio. Ademar José Trevizan, R. Barão Jaguará, 1 — Empório S. Geraldo, R. 7 de Setembro, 27, Cajobi, Est. São Paulo. Francisco Coelho, Estr. Marechal Rangel, 987, Irajá — R. Vaz Lobo, 786 (Armazém), Irajá, Dist. Federal. Julieta Pereira da Silva, Av. Getúlio Moura, 551 — Armazém Sta. Bárbara, mesma Av. nº 603 Olinda, Est. do Rio. Emília Fonseca, R. Juarité, 335 — Armarinho, R. Juarité, 411, Rocha Miranda, Dist. Federal. Waldeci Neves Gomes, R. Abolição, 287 — Lojas Americanas, Meyer, Dist. Federal. Walter Amaro Gonçalves, R. Barão do Rio Branco, 23 — Casa Comercial R. Vitorino Bacelar, 223, Mafra, Sta. Catarina. Wilson Cardoso, R. Almeida Bastos, 255, Encantado — Armazém Industrial, R. Haddock Lobo, 453, Dist. Federal. Francisco Sales Marques, Av. Rio Branco, 2.542, Juiz de Fora, Minas — Comerciante, R. Halfeld, 35, J. F., Minas. Neuza Tokarski — Armazém Sublime, Caixa Postal, 235, Jandaia do Sul, Est. do Paraná. Raimundo Nonato dos Santos, Rua S. Francisco, 33 — Comprado no Bazar Constantinópolis, Av. Leopoldo Peres, fone 2-609, bairro Educandos, Manaus — Amazonas.

Novos sorteios em 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55. Tôdas as cartas enviadas e que não foram premiadas tomarão parte nos concursos seguintes. Cada pessoa poderá mandar quantas cartas quiser, desde que remeta um rótulo do ÓLEO DE CEDRO em cada carta. As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as que recebemos aqui no Rio. Pedimos a tôdas pessoas, que puderem, comparecerem ao Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias de concurso, às 9½ da noite para fiscalizarem. Nos novos sorteios serão distribuídos os mesmos prêmios.

O concurso é feito da forma seguinte: Tôdas as cartas recebidas até a hora do concurso são colocadas no tablado, onde, depois de bem embaralhadas, vão sendo tiradas, uma a uma, pelo cego Protásio Domingues Assunção, da Associação Aliança dos Cegos, Rua 24 de Maio, 47, Rio, e passadas às mãos do animador do programa que as vai abrindo, lendo-as e colocando-as sôbre a mesa, onde podem ser examinadas pelos interessados. Primeiro os 25 prêmios de Cr$ 50,00, depois os de Cr$ 250,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00, Cr$ 2.000,00 e Cr$ 5.000,00.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao: CONCURSO DE ÓLEO DE CEDRO, AV. RIO BRANCO, 137 — SALA 616 — RIO. Dentro do envelope, num pedaço de papel qualquer, deverá constar:

1º) Nome e endereço de quem remete.

2º) Nome e endereço do local em que foi comprado o ÓLEO DE CEDRO.

NOTAS:

As cartas podem também ser colocadas no Auditório da Rádio no momento do concurso, permitindo ao concorrente acompanhar todos os movimentos de sua carta. Pedimos a todos confiarem cegamente neste concurso no qual a honestidade é a preocupação máxima.

Lendo-se a relação de prêmios, verifica-se que algumas casas foram premiadas mais de uma vez, isto é perfeitamente explicável pelo fato do comerciante inteligente procurar interessar todos os seus fregueses na remessa de cartas, uma vez que êle também recebe prêmio.

Os prêmios maiores foram entregues no dia 14-4-55, às 9½ da noite na Rádio Vera Cruz, os da Capital, prêmios do interior serão remetidos registrados pelo Correio. Prêmios de Cr$ 50,00 serão entregues na Av. Rio Branco, 137 — Sala 616, de 14 às 18 horas, qualquer dia útil.

NEBLINAS DA HISTÓRIA (Cot. da pg. 65)

necessidade podia transformar em lei; provai que o vosso conselho era justificado!"

Perez, é claro, nada provou, nem jamais poderia fazê-lo. Mas conseguiu fugir da prisão, disfarçado, para o ar livre de Aragão, que ainda possuía a sua antiga lei fundamental. Absolvido pelos tribunais daquele país, novamente prêso pela Inquisição, resgatado por um levante popular, reclamado pelos inquisidores e mais uma vez libertado, finalmente refugiou-se em França e por último na Inglaterra, onde após muitas vicissitudes, morreu no exílio e na pobreza. O tirano, fugindo-lhe a vítima, descarregou o seu ódio sôbre a mulher e a família de Perez, e ainda sôbre o povo de Aragão, privando-o da sua liberdade imemorial.

É difícil ler a História de Antônio Perez sem acabar sentindo simpatia por êle e indignação pelo seu real perseguidor. E, contudo, talvez não seja, neste caso, um sentimento justo. Depois de bem pesadas as linhas desta embaralhada meada, parece que Antônio Perez recebeu o castigo que merecia e que Felipe II, em sua maneira perversa, procedeu como devia. Quem parece dobrar o novêlo da história é a princesa de Éboli, desde o início ligada por muitos motivos ao crime. Escreve carta ao rei, adulterando astuciosamente a acusação contra os dois. Ela e Antônio Perez são presos, sendo ela, a princípio, mais severamente tratada que o ministro. A morte do escudeiro delator, mas sem ligação com o crime, tem grave significação no depoimento de Enriquez. Um dos assassinos vai servir na casa da princesa. E o tribunal inquirindo sôbre a conduta de Perez como ministro obriga-o a restituir aos herdeiros de Rui Gomes todos os presentes que o ministro recebera da viúva.

Há uma só explicação para os fatos. As relações culposas entre Antônio e a princesa eram conforme a denúncia. Mas o ministro andava caçando em campo proibido de terrível rival. Em vida do marido, a bela criatura tinha atraído a atenção do rei. Sendo Ruy Gomes bom cortesão, até o fim da vida conservou os favores do seu amo. O segrêdo foi bem guardado, porque a consideração aparente era condição primordial para Felipe II. Mas foi conhecida no círculo da côrte e também por Escovedo, que, ao descobrir a intriga amorosa entre Antônio Perez e a princesa, ameaçou dar conhecimento ao rei. Desde aquêle momento estava resolvida a sua morte. Não se sabe se as primeiras tentativas foram próprias ou a mando do rei. Mas, de qualquer modo, não tardou a concluir que o melhor para livrar-se de Escovedo seria arranjar uma ordem do rei para o matar.

Com êsse fim, levantou suspeitas no ânimo tímido e desconfiado de Felipe II. Tôda a correspondência dos Países Baixos passava por suas mãos e valeu-se delas para êsse fim. As cartas que D. João escrevia a Escovedo, na tranqüilidade de uma amizade segura, eram mostradas ao rei. E Perez, aumentando astuciosamente a significação das mesmas afirmava ao rei que D. João planejava destroná-lo.

Com tudo isso, o destino de Escovedo foi fixado. Pouco depois, pelas acusações da família de Escovedo compreendeu que o crime fôra derivado dos receios da princesa de Éboli e de Perez, de que as suas relações fôssem levadas ao rei. Extremamente vaidoso, intensamente invejoso e soberbo na sua dignidade de soberano, Felipe II teve um momento terrível quando suspeitou que tinha sido enganado por pessoa de sua própria casa e confiança, que se atrevia a ser seu rival e o levara, sobretudo, a ordenar a morte de um inocente. Proceder contra Perez desvendando a verdade, seria amarga humilhação. "O tempo e eu" — costumava dizer. Por isso decidiu castigar Perez e não hesitou pôr de parte a perseguição durante dez anos, até que pôde agir preparando os meios de o condenar sem que viesse à luz a completa e desagradável verdade.

Talvez julgasse que nesta longa e dolorosa vingança procedesse por dever de monarca. Mas aquela cena, na noite da prisão da princesa, denuncia um sentimento, senão reto, pelo menos humano. Haveria, talvez, no fundo do duro coração de Felipe II uma leve e magoada nódoa, causada pela deslealdade dessa mulher? Talvez ela tivesse tido o estranho poder de o ferir? Quem sabe?

"Depois, êle voltou para casa e passeou até as cinco horas da manhã, em grande agitação" — diz a narrativa castelhana.

ELECTROENCEFALOGRAFIA (Cont. da pg. 81)

para a diagnose. Por exemplo, em alguns epilépticos é possível encontrar uma freqüência do lampejo produtor de atividade elétrica no cérebro que se combina com as oscilações já presentes para originar um traçado dignòsticamente anormal e uma saída clínica. Esta observação, em combinação com as conhecidas características do espectro dos gráficos epilépticos, sugeriu a hipótese de que a chamada epilepsia idiopática é devido à sincronização fortuita, por impulsos sensoriais ou motores, de ritmos elétricos não afins. Nos casos de enfermidade orgânica do cérebro, a resposta aos lampejos rítmicos é freqüentemente interrompida próximo ao local da lesão, embora a atividade de repouso pareça normal.

Nos indivíduos normais, está comprovado que os lampejos rítmicos brilhantes provocam peculiares sensações, com determinadas freqüências. Todos os indivíduos descrevem diversos modelos de luz e sombra quando a freqüência do estímulo está entre 7 e 30 c/s, e a maioria vê côres brilhantes e sempre cambiente em contacto com a luz branca. Algumas pessoas descrevem também fortes alucinações e experiências tais como, sonhos de vôos no espaço ou tergiversações na apreensão do tempo psicológico. E o mais interessante é que, sempre que se experimenta uma sensação estranha, alguma parte do encéfalo manifesta, ao mesmo tempo, um exagerado e pouco usual grau de atividade elétrica na mesma freqüência do estímulo ou igual a um múltiplo dela.

De um modo geral, podem ser provocadas perturbações mentais individuais mediante um estímulo fisiológico, aparentemente neutro, quando rítmico e bastante poderoso; êstes estados mentais se acham estritamente relacionados com os fenômenos elétricos naquelas zonas do cérebro que nada têm a ver com a recepção do estímulo visual. É necessário notar que os meninos mal-humorados ou mesmo os adultos de mau-gênio apresentam descargas de uns 6 ciclos por segundo nos lóbulos temporais. E o mais interessante é que quando semelhantes descargas são provocadas em indivíduos normais, por um estímulo rítmico, experimentam sensações de incomodidade e irritabilidade. Pareceria lógico adotar como um postulado a noção de que certos temperamentos e estados anímicos, se encontram associados à atividade elétrica com uma freqüência particular em certos circuitos nervosos, dentro do cérebro, e assim poder-se-ia considerar que a palavra temperamento adquiria um novo significado, como um têrmo estritamente científico para denotar a sintonização e a ressonância dêstes circuitos. Na comprovação de um postulado, os excessos, às vêzes, conduzem ao palácio da sabedoria; torna-se, portanto, indispensável a elaboração de uma completa teoria da relação entre o cérebro e a mente, em têrmos elétricos, antes que a aparição de predições ou conclusões absurdas, indique a inadequação de nossas idéias. De qualquer maneira a introdução do sistema analógico e de têrmos de eletricidade, acelerou o progressou, já que é possível, atualmente, o emprêgo dos métodos da engenharia eletricista no estudo da fisiologia do cérebro. A grande fertilidade da união entre a fisiologia cerebral e a engenharia, sugeriu a muitos a idéia de que o conjunto de tais matérias, assim integradas, merecia ter um nome especial e Wiener (.948) propôs o de "cibernética", derivado de uma palavra grega que significa "pilôto", pôsto que o problema fundamental comum parece ser o modo como os complexos sistemas dinâmicos se autodirigem para seus fins. Existem mesmo prognósticos de que quando êste novo ramo da ciência estiver convenientemente completado e assistido, produzirá sôbre nossa vida e seu meio ambiente efeitos tão grandes quanto as surpreendentes realizações da física nuclear.

Já se fêz até comparações com as grandes máquinas de calcular, porém estas, desde logo, estão muito mais especializadas do que qualquer organismo viável, razão porque sua única função é executar, a grandes velocidades, certos tipos de cálculos. Em contraste com isto, o cérebro realiza inúmeras funções, nenhuma com grande exatidão e velocidade — mas, por outro lado **é capaz de inventar a máquina!** Um cérebro humano, em boas condições, tem mais possibilidades do que qualquer outra estrutura conhecida no úniverso, e não estamos muito longe da verdade quando chamamo-lo "A MÁQUINA UNIVERSAL".

EU SEI TUDO

N.º 457 — Ano XXXIX N.º 1 — Junho — 1955

SUMÁRIO:

Holocausto (conto) 7
A inspiração contra a fronteira passionalista 11
A salvação na planta dos pés 19
Êste mundo atômico 20
Para remodelar um abajur 20
No ano 2.000 20
Na terra dos asnos brancos 20
O baton (conto) 21
A verdade sôbre o hipnotismo 27
A fôrça de um juramento (romance, continuação) 35
Meu primeiro tigre (aventura real - policromia) 43
Para tirar qualquer dúvida 50
Era natural 50
A vantagem é falar 50
É a lei 50
Se miss Brasil despertasse no ano 101.955 51
Moços, que sofrem do coração... Velhos antes do tempo! 55
Meio ácido — Meio doce 56
Felicidade 56
Neblinas da História: Vingança de rival 57
Se não é menor 65
Qual a temperatura? 65
Onde a proteção maior é proteger e dar confôrto ao povo 65
Para o seu banheiro 66
5 HP... Cem quilômetros 66
Disco-voador italiano 66
Anúncio atômico 66
Curiosidades de nossa terra: Cutias plantadoras de babaçu 67
O velho titã Einstein deixou seu testamento 68
Objetivos diferentes 74
Distraia-se com o seu cérebro 75
Alívio 76
Bessie pegou um rato (episódio real) 76
Electroencefalografia 77
Percorrendo o mundo: Onde viajar é confortável e seguro 82
Para os pescadores 82
Episódio real: Um casamento infeliz: Sangue! Quanto Sangue! 84
O diário de Felix Lane 87
Nos domínios da gramática 96
Memento EU SEI TUDO 92
Charadas — Quebra-Cabeças 103

CORRESPONDÊNCIA

I. Machado Brito (Distrito Federal) — Muito curiosas as suas observações. Vamos reunir elementos para justificar o nosso artigo. Com prazer enviaremos resposta por meio de carta, em razão da exiguidade de espaço nesta coluna.

Antônio de Loureiro Gil (Av. Copacabana, 208-A, D. F.) — O medicamento antidepressivo e de ação eficaz ainda não está à venda no Brasil. Os médicos começam agora a receber a literatura sôbre o mesmo. Talvez dentro de 6 meses.

Carlos M. Freitas (S. Paulo) — Queira ler a resposta anterior.

Selma de Castro (Niterói, E. do Rio) — Impossível atender ao seu pedido. Foi tão recente! Não garantimos que encontre todos os números que deseja. Vamos verificar e voltaremos. Combinado?

Airton Medeiros (Recife, Pernamb.) — Não seria mais prático o amigo consultar, inicialmente, um médico? Em caso afirmativo, sim, seria o caso de tentar a viagem. De acôrdo?

A CAPA A concepção de beleza é, por certo, muito elástica. O que agrada a Pedro, leva João a fazer careta. Mas, naturalmente, não há quem possa dizer, com sinceridade, que Miss Brasil seja feia. No entanto, essa é a nossa opinião. Que pensará o homem de 101.955?